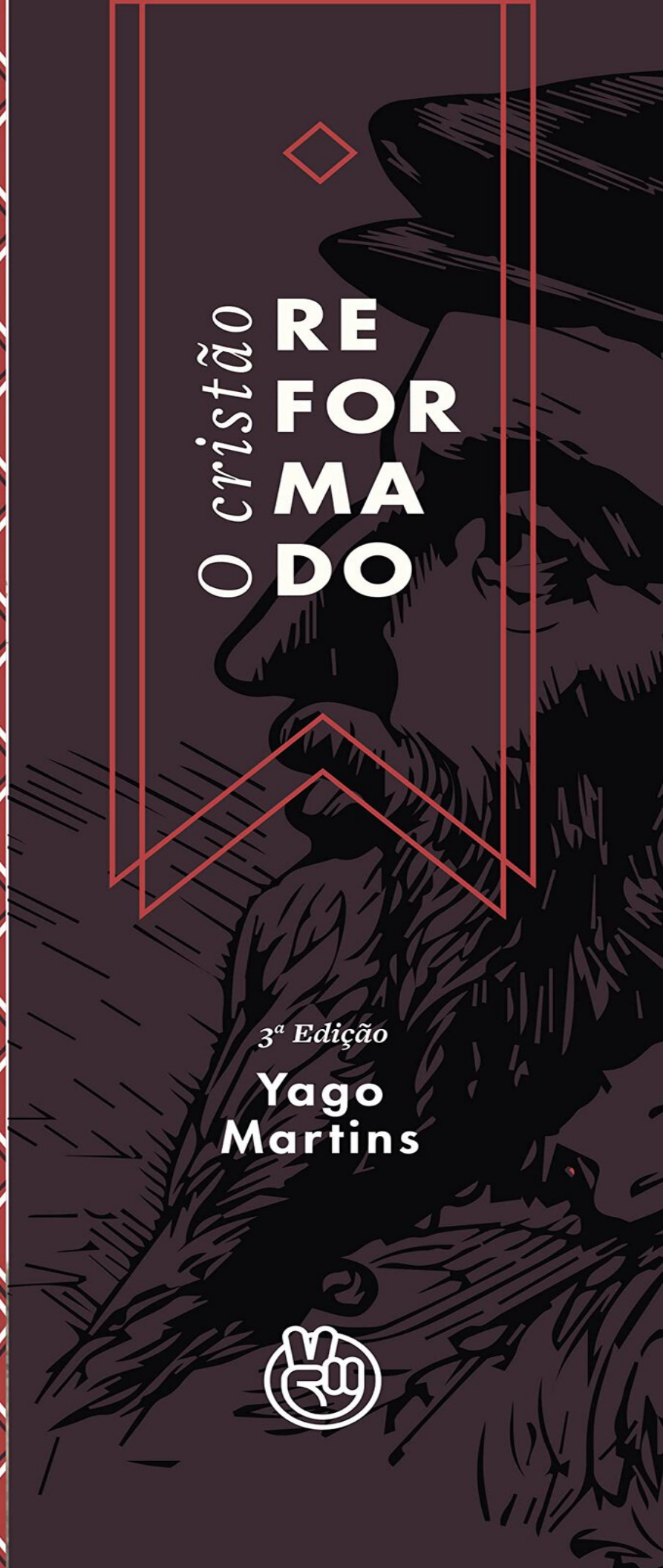
O cristão REFORMADO



3ª Edição

Yago Martins

O cristão reformado: uma introdução bíblica aos pilares do protestantismo
© Yago Martins, 2018

Edição: João Guilherme Anjos
Revisão: Adalberto Nunes
Diagramação: Caio D'art Design
Capa e Projeto Gráfico: Guilherme Gontijo
Transcrições (Cinco Solas da Reforma): Matheus Fernandes
Transcrições (Cinco Pontos do Calvinismo): James Alves

Ficha catalográfica elaborada pela catalogadora Chloé Amon de Sousa Silva Curvelo Silveira, com dados fornecidos pelo editor

M386
Martins, Yago.
O cristão reformado : uma introdução bíblica aos pilares do protestantismo 3ª ed. / Yago Martins. – Fortaleza : Dois Dedos de Teologia, 2022.
328 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-00-42393-8

1. Teólogos – Cristãos protestantes. 2. Teologia protestante. I. Título.

CDD 230.044092

Nenhum trecho desta obra poderá ser reproduzido ou transmitido por quaisquer meios existentes sem autorização prévia, por escrito, da editora.

Todos os direitos reservados e protegidos conforme Lei 9.610/98.

Todos os textos bíblicos citados estão na versão Revista Almeida e Atualizada (ARA)

Aos irmãos da Igreja Batista Maanaim,
que todo dia me ensinam a ser pastor.

NOTA À 3A EDIÇÃO

Passaram-se quase quatro anos desde a primeira publicação deste livro. Não é tanto tempo, mas muito já aconteceu nesse período. Por exemplo, este volume já passou por revisões que resultaram em uma segunda edição, além de terem ocorrido duas reimpressões, aproximando-o da marca de 10 mil exemplares vendidos. Aconteceu, ainda, a criação do selo editorial Dois Dedos de Teologia, por meio do qual tem sido publicado material de autores brasileiros e traduções, ambos cuidadosamente selecionados.

À época do primeiro lançamento, em agosto de 2018, eu destaquei que o canal de YouTube Dois Dedos de Teologia atingia a impressionante marca de 250 mil inscritos. Naquela oportunidade, também exaltei o esforço conjunto para que o canal pudesse acontecer.

O tempo, inexoravelmente, trouxe várias mudanças. Entre elas, o crescimento exponencial do "canal do Yago", que hoje tem mais de 700 mil inscritos, uma equipe relativamente maior e quase mais uma dezena de livros escritos pelo próprio Yago, publicados por diferentes casas editoriais.

Para todos nós, muitos desafios, aprendizados, crescimento e amadurecimento. Durante esse tempo, uma marca importante foi o estabelecimento do braço editorial do Dois Dedos de Teologia, demonstrando que o projeto de Yago Martins é bem maior que um canal de YouTube, trata-se de uma ampla empreitada em torno do ensino do evangelho de Jesus Cristo à igreja brasileira do início do século 21. Eu posso me alegrar por estar ombreado ao autor deste livro não apenas no seu propósito editorial, mas na missão de expandir o Reino de Deus até que ele venha.

Por meio do oferecimento de cursos online e presenciais, curtos e longos, vídeos, livros, palestras, entrevistas, sermões etc., o objetivo sempre foi anunciar a remissão de pecados pelo sangue de Jesus somente. Por isso, tudo que fazemos, inclusive pelo esforço de apresentar mais uma edição deste livro, visa pregar Jesus Cristo, e este crucificado.

O conteúdo desta obra permanece importante, posto que perene. Seus conceitos são historicamente localizados (e podem ser aperfeiçoados ou incrementados), mas as verdades que eles transmitem são eternas. Que nesta leitura você seja impactado pelas maravilhosas mensagens contidas no ensinamento dos cinco solas e dos cinco pontos do calvinismo e, principalmente, envolvido pela maravilhosa graça do evangelho.

João Guilherme Anjos
Páscoa de 2022

APRESENTAÇÃO

Este livro é lançado enquanto o canal de YouTube Dois Dedos de Teologia atinge a marca de 250 mil seguidores. À frente do canal, Yago Martins deixou claro, no vídeo que marca o alcance desse número de seguidores, que o objetivo do conteúdo do canal é anunciar o evangelho de Jesus Cristo e contribuir com a transformação de corações e com o aperfeiçoamento dos santos, sempre por meio da exposição de boa teologia reformada, de forma clara, direta, profunda e sincera. O número não é um fim em si mesmo, é apenas um termômetro.

Yago também deixa claro no vídeo que o canal só existe porque ele é auxiliado pela excelente equipe do Studio Vivo e pelos seus amigos Matheus Fernandes e Guilherme Nunes, além da importante contribuição financeira do que ele chama de patrões, pessoas que se dispõem a pagar certa quantia regularmente para sustentar os gastos do canal.

Muito embora o alcance dos vídeos seja impressionante e o tamanho de um canal de YouTube dedicado a discutir seriamente teologia reformada seja inacreditável, os vídeos não podem preencher o espaço dos livros, pois eles possuem dinâmica própria, bem diferente dos vídeos. Esse espaço, inclusive, já foi preenchido pelo lançamento de um livro com um apanhado de vídeos, cujo nome é o mesmo do canal, lançado pela Editora Concílio.

Desta vez, este lançamento não busca simplesmente disponibilizar em outro meio o conteúdo produzido por Yago e sua equipe no canal Dois Dedos de Teologia (foram gravadas duas séries de vídeos separadas, uma para os cinco solas, outra para os cinco pontos). Este livro possui um mérito específico: preencher a lacuna de bom

material para pesquisa e estudo sobre os cinco solas e os cinco pontos do calvinismo, de forma agrupada, com enfoque exclusivamente bíblico. Explicações históricas e sistemáticas desses assuntos são importantes e necessárias, mas somos muito bem servidos desse material em português. Um material que fosse dedicado a demonstrar com textos bíblicos, de forma exaustiva em sua abrangência, a fundamentação para crer nos pilares do protestantismo nos faltava. Não falta mais.

O leitor tem em mãos um livro que aborda os temas dos cinco solas e dos cinco pontos com uma metodologia simples: buscar na Bíblia todos os fundamentos para cada ponto, abordando, sempre que possível, interpretações contrárias. A forma como Yago faz isso é extremamente didática e profunda. Ele não se furta de abordar os temas sensíveis (como expiação limitada) e não deixa de ir fundo nas origens das principais compreensões da fé reformada (como o Sola Scriptura).

Se você nunca ouviu falar nesses assuntos, este livro será um ótimo guia para conhecer a fé reformada de perto a partir de sua principal fonte, a Bíblia, pois todos os capítulos possuem divisões que facilitam encontrar os versículos do Antigo e do Novo Testamentos. Se você já leu muitos livros sobre o assunto, esta obra irá te auxiliar na organização mental dos textos bíblicos que fundamentam cada ponto ou cada sola, além de oferecer indicações de leitura para aprofundamento.

Este não é apenas um livro para ser lido, é útil para o estudo, sozinho ou em grupo, de modo a se permitir, com um ótimo auxílio, internalizar vários belos versículos da Palavra de Deus em seu coração. Pensando nisso, ao final de cada capítulo, há perguntas para direcionar seus estudos e tirar o máximo proveito do seu conteúdo.

Leia este livro e se deixe encantar pela beleza de uma correta e bem feita exposição das Sagradas Escrituras sob uma perspectiva genuinamente reformada.

João Guilherme Anjos
Editor

PREFÁCIO

Talvez você esteja pensando: "para que eu preciso ler mais um livro sobre os cinco solas da Reforma Protestante?". Se você for como eu, provavelmente não tem muita paciência para mais um livro sobre a Reforma. Eu explico minhas razões: nos últimos seis anos, morei na Alemanha e por lá as igrejas protestantes resolveram fazer uma década de comemorações pelos 500 anos da Reforma (sim, uma década, não um ano!), culminando com uma grande festa em 31 de outubro de 2017. Como estudante de doutorado em Lutero, foi muito enriquecedor ter vivido tudo aquilo. Mas, ao mesmo tempo, saí com uma certa sensação de que muita coisa foi exagerada. Tanto que, às vezes, nem tenho vontade de ler mais obras sobre o assunto.

Mas, então, aparece meu amigo Yago Martins e me presenteia com uma nova leitura das bases da Reforma, apresentando os cinco solas e os cinco pontos do calvinismo. Senti grande alegria ao ler todo este livro, mas em especial o primeiro capítulo. Yago poderia ter feito como a maioria dos teólogos protestantes do último século e iniciado com um belo discurso sobre a graça de Deus. Embora seja correto afirmar que vivemos pela graça do Senhor e que a graça comum de Deus atinge a todos de alguma forma, seria estranho falar da primazia de uma graça que não tem um ponto de partida. Por isso, alguns teólogos decidiram trazer de volta a centralidade de Cristo e começaram suas obras afirmando o somente Cristo como chave de leitura dos cinco solas.

Porém esbarramos em outro problema. De que Cristo estamos falando? Quem é esse Jesus, que serve de chave hermenêutica e ao mesmo tempo desculpa para se dizer qualquer coisa? O Cristo que

anunciamos tem que ser o Cristo das Escrituras do Antigo e Novo Testamentos. Por isso, Yago dá um tiro certeiro ao iniciar seu livro tratando da primazia da Escritura. Ele demonstra não só a partir da própria Escritura, mas também com provas da tradição cristã, que a fonte da revelação que garante a nossa segurança dogmática está na Bíblia. E ele não faz isso apenas colocando o *Sola Scriptura* em seu devido lugar, mas exaltando a primazia da Escritura, recheando todo o livro com citações bíblicas, explicações ricas e didáticas, através de uma linha de raciocínio convidativa.

Até mesmo quanto aos cinco pontos, de onde sempre pode surgir um pouco mais de controvérsia, quem lê as páginas deste livro vai no mínimo concordar que o trabalho foi feito com competência e que os argumentos são muito bons.

Basicamente, isto é o que você vai encontrar neste livro: um retorno à tradição da Reforma Protestante através das Escrituras. Só assim é possível sentirmos a verdadeira brisa fresca da Reforma, que vivificou uma igreja dormente. Só assim escaparemos de nos afogarmos na fumaça dos fogos de artifício dos festejos, que, embora importantes, podem desviar nossa atenção daquilo que é central.

Soli Deo Gloria.

Alexander Stahlhoefer

Pastor luterano em Concórdia/SC, colaborador no site e podcast Bibotalk.com. Estudou teologia na Faculdade Luterana de Teologia em São Bento do Sul/SC (2005-2008), como visitante na Augustana Hochschule em Neuendettelsau Alemanha (2013-2014) e na Friedrich-Alexander Universität em Erlangen, Alemanha (2012-2017), onde concluiu seu doutorado em teologia sistemática

INTRODUÇÃO

Com a comemoração dos 500 anos da Reforma Protestante, começamos uma série de sermões sobre os cinco solas na Igreja Batista Maanaim, em Fortaleza, como toda igreja reformada que se preze. De forma associada, começamos também uma série de aulas sobre os cinco pontos do calvinismo. Durante meus estudos, encontrei uma infinidade de literatura a respeito desses assuntos para me auxiliar na preparação das aulas e dos sermões.

O que mais me chamou a atenção foi que praticamente toda literatura existente em português, escrita por brasileiro ou traduzida, tratava muito aspectos históricos, questões de teologia sistemática, mas pouco material tratando dos textos bíblicos diretamente. O problema disso é que pastores, aqueles que pisam no chão de fábrica, estão muito mais preocupados em serem homens da Escritura do que homens de sistemas e tradições.

Por mais que amemos os sistemas e as tradições, o papel do servo de Deus que se levanta diante de sua igreja é dizer "assim diz o Senhor!". A Segunda Confissão Helvética, em seu primeiro capítulo, diz que a pregação da Palavra de Deus é Palavra de Deus. Se nós queremos defender os padrões da Reforma, devemos defender os padrões da Escritura. Um dos aspectos mais maravilhosos da Reforma Protestante é que ela não é luz, é um holofote que ilumina o verdadeiro objeto de atenção. Ela foi um chamado ao *ad fontes*, às fontes originais, principalmente bíblicas. Respeitar o espírito da Reforma é colocar a Palavra de Deus acima da própria Reforma. Se invertemos a ordem, estamos diminuindo o objetivo da própria Reforma.

Portanto, espero que este livro sirva às igrejas com um recurso que procura focar no texto bíblico, apresentá-lo com pequenas exposições de cada passagem, provando cada ponto tratado. Muitas vezes, teólogos alimentam preconceito com o recurso de utilizar vários textos bíblicos, chamando essa prática de mero uso de textos-prova, como se citar vários textos da Escritura analisando-os brevemente fosse um recurso inferior a um trabalho exegético de uma única passagem. Ainda que essa crítica seja compreensível, a prática de se ter uma visão do todo quanto à mensagem da Palavra de Deus, a partir de vários textos que apresentam ideias simples, sempre fez parte da fé protestante, apesar de ter sido esquecida em muitas comunidades que não foram além do texto-prova, pois sequer chegaram nele.

Muitas igrejas ignoram a mensagem da Reforma transmitida por seus pastores, porque eles não conseguem entregar uma mensagem bíblica que seja recheada de Escritura. O que fizemos foi rechear a mente do servo de Deus leitor deste livro com Escritura.

O objetivo é que seja um material introdutório para cristãos comuns sem preparo teológico formal, que talvez tenham seu primeiro contato com a Reforma Protestante. Para estudiosos e pessoas que já tenham contato com os temas aqui abordados, este material é útil para sistematizar uma série de textos bíblicos e uma série de explicações a questões bastante conhecidas. Mas, principalmente, o objetivo deste trabalho é ser uma introdução à mensagem da Reforma. Se você tem alguma dificuldade de convencer amigos acerca da mensagem dos cinco solas e do calvinismo, minha oração é para que este material seja um recurso de apresentação do que a Bíblia diz sobre esses pontos, os quais são por vezes polêmicos, mas abençoadores para as nossas almas.

Caso você esteja com aquela pulga atrás da orelha porque estamos agregando aos cinco pontos do calvinismo entre os pilares do protestantismo, ao lado dos cinco solas, fazemo-lo por entender que o movimento reformado é um dos pilares do protestantismo, tanto quanto o luteranismo. O objetivo não é, absolutamente, dizer quem é mais protestante que o outro, mas estabelecer os pilares

que foram mais importantes no período de formação e amadurecimento da Reforma Protestante.

Não posso deixar de louvar o excelente trabalho editorial de João Guilherme, que de tanto melhorar o texto poderia ser considerado um coautor de vários trechos. Existem muitos livros compostos de transcrições de sermões, e sem um ótimo trabalho editorial o texto sofre dos problemas comuns da oralidade, como repetições retóricas, estruturas confusas, etc. A equipe do João transformou voz em texto, mantendo os melhores traços da oralidade e evitando seus defeitos. Agradeço também a coordenação do Olavo Bandeira em todo trabalho gráfico.

Por fim, seria injusto não registrar meus agradecimentos ao Studio Vivo, ao Matheus Fernandes e ao Guilherme Nunes por todo o auxílio no canal Dois Dedos de Teologia. Agradeço também ao Matheus Fernandes (de novo) e ao James Alves pelos importantes trabalhos de transcrição e, por fim, agradeço ao meu amigo Pedro Pamplona pela elaboração das perguntas-guia ao final de cada capítulo. A caminhada é mais leve se rodeada de amigos. Obrigado de coração.

Soli Deo Gloria!

Yago Martins
Agosto de 2018
Fortaleza, Ceará

1. SOLA SCRIPTURA

Tudo na Bíblia, nada fora da Bíblia, nada contra a Bíblia

> *"A menos que eu seja convencido pelas Escrituras ou pela clara razão (já que não aceito a autoridade do papa e dos concílios, pois eles se contradizem mutuamente), eu estou preso pelos trechos das Escrituras que eu citei e minha consciência é cativa da Palavra de Deus. Eu não posso e não vou me retratar de nada, pois não é seguro nem certo ir contra a consciência. Que Deus me ajude. Amém."*
>
> Martinho Lutero respondendo a
>
> *Dieta de Worms* (1521)

Um dos grandes princípios da Reforma Protestante é o *Sola Scriptura* (Somente a Escritura), a ideia de que a Bíblia é nossa única regra de fé e prática como cristãos. Ele surgiu em contraposição à doutrina católico-romana, segundo a qual nossa fé é depositada tanto na Escritura quanto no magistério da Igreja e suas interpretações oficiais sobre a Palavra de Deus.

Cabe perguntar: o que a Bíblia diz sobre isso? O *Sola Scriptura* é bíblico? Será que os pais da Igreja acreditavam que eles tinham

autoridade sobre a Escritura? Será que foi a igreja católico-romana que escolheu o cânon bíblico? Como defendemos "somente a Bíblia" se ela manda darmos ouvido à tradição oral? O que a Bíblia tem a dizer sobre isso?

* * *

Existem duas grandes visões a respeito da relação entre a Bíblia e a igreja. Os evangélicos dizem que a Escritura possui uma autoridade *intrínseca*, de forma que a Bíblia é uma autoridade por si só. A igreja não lhe conferiu poder ou mesmo criou o cânon. O texto bíblico é autoritativo por si, uma definição de Deus, revelado como um dado da realidade ao seu povo, que apenas recebeu dos apóstolos os livros inspirados. Deus revelou o texto sagrado ao seu povo, e a Bíblia exerce autoridade sobre a Igreja, nunca o contrário.

Dentro do catolicismo romano, tem-se outro pensamento. A ideia comum é que a igreja compilou a Bíblia, de forma que o magistério católico precederia o próprio cânon dos livros sagrados. Na prática, isso significa que os católicos escolheram e definiram a Escritura, praticamente criando a lista de livros inspirados do Novo Testamento. Você vai ouvir muitos católicos dizendo que foi a igreja que nos deu a Bíblia, acusando evangélicos de serem ingratos por condenarem a Igreja Católica usando a Escritura que a própria Igreja nos teria dado.

Esse tipo de percepção, infelizmente, acaba errando sobre como se deu a formação do Novo Testamento e sobre as expectativas geradas pelos próprios apóstolos acerca de seus textos. Católicos romanos agem como se a ideia de existir um cânon do Novo Testamento – essa reunião de textos escritos pelos apóstolos e pessoas ligadas a eles – fosse algo que o magistério do período pós-apostólico tivesse criado.

Expectativa canônica: o texto da nova aliança

O problema é que, já no Novo Testamento, os apóstolos entendiam que estavam escrevendo uma Bíblia. Eles entendiam que seus escritos representavam a Palavra de Deus e que eles seriam acessados através de uma coleção de textos sagrados. Isso surge

tanto a partir do que eles escreviam quanto do próprio contexto da Escritura, daquilo que o Antigo Testamento lança luz sobre o Novo.

Andreas Köstenberger e Michael Kruger escreveram *A Heresia da Ortodoxia* como uma crítica à tese de Bauer a respeito do Novo Testamento. Talvez seja um dos melhores livros em português acerca da formação do cânon e de como ele se manifestou. Sua segunda parte, chamada *A escolha dos livros: uma investigação da formação do cânon do Novo Testamento,* possui três capítulos discutindo como havia uma expectativa do surgimento de um texto da nova aliança, acarretando novas revelações e registros de Escritura.

Eles argumentam de várias formas, mas dois argumentos são bastante importantes. Em primeiro lugar, toda aliança cobra um contrato escrito. Sabemos pelo Antigo Testamento que Deus fazia alianças com seu povo e que as alianças são uma das grandes estruturas da história bíblica. Temos a antiga aliança, do pacto de Deus com Moisés, e a nova aliança, feita no sangue de Jesus. Os judeus sabiam que toda aliança que era feita reivindicava um texto escrito. Os termos dos pactos eram definidos também de forma escrita. Pense no decálogo, por exemplo. Os dez mandamentos, ou até todo o livro de Deuteronômio, são textos da aliança. O Antigo Testamento representa o registro da aliança de Deus com o homem, explicando a forma como Deus está se relacionando com seus filhos.

Se há uma nova aliança, um novo pacto, isso significa que haveria uma nova Escritura, uma adição de conteúdo a esse texto escrito. Enquanto alguns teóricos dizem que não havia nada que cobrasse a existência de um Novo Testamento, Köstenberger e Kruger argumentavam que a existência da nova aliança cobrava uma nova Escritura.

Em segundo lugar, as obras de redenção no Antigo Testamento eram obras que estavam atreladas ao registro histórico e inspirado por Deus. Toda a história dos judeus e o que Deus estava fazendo no mundo foram registrados justamente pelo seu poder e pelo seu impacto em transformar os judeus. Dessa forma, se há uma redenção que se manifesta em Cristo Jesus, é de se esperar que a vinda do Messias também traga novo registro bíblico sobre a sua

obra e a sua história. Se a sombra do Antigo Testamento se tornou um registro da Palavra de Deus, a expressão concreta em si, que é Cristo, também cobraria um registro histórico daquilo que estaria acontecendo, que também era Palavra de Deus. Se o tipo tinha um registro, o antítipo também deveria tê-lo; se a profecia era registrada como Palavra de Deus, o cumprimento da profecia também deveria ser. A tese de Köstenberger e Kruger, portanto, é de que havia a expectativa de uma nova escritura nesse processo de construção daquilo que Deus estaria fazendo no mundo.

A consciência apostólica

Será que os apóstolos concordavam com isso? Na medida em que lemos o Novo Testamento, percebemos que - quando os apóstolos o escreveram - eles estavam cientes de que escreviam Escritura, Palavra de Deus, não simplesmente cartas comuns.

O que eles escreveram ainda não tinha sido organizado como uma coleção de textos, mas eles sabiam que o acervo de textos apostólicos era Palavra de Deus da mesma forma que a Escritura do Antigo Testamento. Isso significa que eles tinham uma expectativa de que aqueles escritos seriam recebidos como um corpo textual autoritativo sobre a igreja e sobre o povo de Deus. Em 2 Pedro 3.16, encontramos Pedro tratando os escritos de Paulo como Escritura, em equivalência com o Antigo Testamento em peso e autoridade. Ele diz: "a exemplo do que faz em todas as suas cartas, [...] que os ignorantes e inconstantes distorcem, como fazem também com as demais Escrituras, para sua própria destruição".

Para Pedro, o que Paulo escrevia estava adicionado ao corpo de conteúdo escriturístico que outrora era restrito ao Antigo Testamento, que agora recebiam adição daquilo que os apóstolos estavam escrevendo. Pedro diz que Paulo escrevia Palavra de Deus, algo que deveria ser tratado como Escritura, adicionado ao cânon do Antigo Testamento como nova revelação. Já existia uma expectativa para a formação de novos textos da aliança, novo registro da redenção. Essa expectativa era compartilhada por Pedro a respeito do que Paulo escrevia: aquilo era Escritura.

Paulo faz a mesma coisa com os evangelhos quando escreve a Timóteo. Em 1 Timóteo 5.17-18, Paulo está argumentando sobre salário pastoral e a dupla honra que os ministros deveriam receber: "Os presbíteros que governam bem devem ser dignos de honra em dobro, principalmente os que trabalham na pregação e no ensino. Porque a Escritura diz: Não amarres a boca do boi quando ele estiver debulhando; e: O trabalhador é digno do seu salário".

Para embasar sua argumentação, Paulo cita dois textos da Escritura. O primeiro é Deuteronômio 25.4, enquanto o segundo é Lucas 10.7. Paulo está citando o registro do Antigo Testamento como Escritura autoritativa, como seria esperado, mas também cita Lucas como Escritura ao lado de Deuteronômio. Tanto Pedro quanto Paulo interpretavam aquele corpo de escritos em presente formação e registro como Escritura. Eles entendiam que estavam fazendo uma adição ao antigo cânon. Era da expectativa de Paulo e de Pedro que aquelas coisas que estavam sendo produzidas fossem recebidas como Palavra de Deus tanto quanto o Antigo Testamento.

A Igreja Católica não inventou a ideia do cânon da Escritura. Os apóstolos já sabiam o que estavam fazendo quando escreveram suas cartas. O próprio Jesus já havia conferido aos apóstolos autoridade de falar e ensinar em seu nome. Ao ler João 14-16, aprendemos que os apóstolos seriam incumbidos do poder de falar pelo Espírito Santo coisas além daquilo que Jesus falava: "Mas o Consolador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que eu vos tenho dito" (João 14.26). E mais: "Ainda tenho muito que vos dizer; mas não podeis suportá-lo agora. Quando, porém, vier o Espírito da verdade, ele vos conduzirá a toda a verdade. E não falará de si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir" (João 16.12-13).

É por isso que não há qualquer problema ou conflito ao percebermos que Paulo falou coisas que Jesus não disse expressamente. Segundo o próprio Cristo, isso seria Jesus falando por meio de Paulo. O próprio Cristo prometeu que isso aconteceria. É exatamente isso que Paulo afirma em Gálatas: "Mas, irmãos, quero que saibais que o evangelho por mim anunciado não se baseia

nos homens; porque não o recebi de homem algum nem me foi ensinado, mas o recebi por uma revelação de Jesus Cristo" (Gálatas 1.11-12).

Paulo entendia que aquilo que ele fazia era transmitir o evangelho recebido por revelação do próprio Cristo Jesus e assim ele transmitia esse evangelho para o povo de Deus. É por isso que, em 2 Pedro 3.2, o autor pode dizer com muita segurança: "para que vos recordeis das palavras ditas anteriormente pelos santos profetas e do mandamento do Senhor e Salvador, dado por meio de vossos apóstolos". Os apóstolos ensinavam esse mandamento com autoridade de Palavra de Deus, o próprio Cristo falando por meio deles. Em 1 Coríntios 14.37, Paulo diz: "Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor". O próprio Senhor que trazia esses mandamentos por meio do apóstolo Paulo. Em 1 Coríntios 2.13, ele reforça: "Também falamos dessas coisas, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras ensinadas pelo Espírito Santo, comparando coisas espirituais com espirituais". No mesmo sentido, encontramos uma afirmação muito forte em 2 Coríntios 13.3: "visto que exigis uma prova de que Cristo fala por meu intermédio. E ele não é fraco para convosco, antes é poderoso entre vós".

Paulo tinha plena convicção de que Cristo falava através dele. Por isso, o que ele dizia era Palavra de Deus e deveria ser adicionado ao cânon da Escritura. Veja 1 Tessalonicenses 2.13: "Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes". Não resta dúvida de que ele próprio entendia como Palavra de Deus aquilo que transmitia.

Em Hebreus 2.2-4, o autor diz justamente o seguinte: "Se, pois, se tornou firme a palavra falada por meio de anjos, e toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo, como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois

confirmada pelos que a ouviram; dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo, segundo a sua vontade". O autor de Hebreus entende, portanto, que a mensagem da salvação começou a ser transmitida por Jesus e continuou com aqueles que ouviram essa mensagem de salvação, que são justamente os apóstolos e os discípulos ligados ao corpo apostólico. É por isso que Jesus diz em Lucas 10.16: "Quem vos der ouvidos ouve-me a mim; e quem vos rejeitar a mim me rejeita; quem, porém, me rejeitar rejeita aquele que me enviou".

Os apóstolos falam o mandamento do Senhor da parte de Cristo. Aquilo que eles dizem não é somente um ensino comum, não é uma carta que um pastor escreve para outro, um livro do John Piper ou um texto de João Calvino. Aquilo que eles escreveram era continuação da revelação de Deus com peso e autoridade igual à do Antigo Testamento, e isso não é algo que foi definido posteriormente pela igreja, mas que já era a própria expectativa apostólica sobre o que eles escreviam. Tanto é verdade que os apóstolos cobraram que suas cartas fizessem parte da leitura dos cultos. Existia a prática comum no judaísmo de ler publicamente a Torá, o livro da Lei. Paulo ordenou que suas cartas fizessem parte dessa leitura pública. Ele diz isso em 1 Tessalonicenses 5.27 e Colossenses 4.16 ("Conjuro-vos, pelo Senhor, que esta epístola seja lida a todos os irmãos."; "E, uma vez lida esta epístola perante vós, providenciai por que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos de Laodiceia, lede-a igualmente perante vós.") e deixa a entender, em 2 Coríntios 10.9, que a carta seria lida a todos os irmãos no contexto de culto ("para que não pareça ser meu intuito intimidar-vos por meio de cartas.").

O mesmo ocorre com o texto de Apocalipse, que também deveria ser lido nas igrejas como se fosse literatura judaica. Apocalipse 1.3 diz: "Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo". Eles ouviriam, porque seria lido para as igrejas.

Em 1 Timóteo 4.13, Paulo deixa claro que a leitura pública da Escritura fazia parte da vida da igreja. Ele deixa claro, ordenando a

Timóteo: “Até à minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino”.

E ainda que seja a Escritura a ser lida publicamente, Paulo ordena que seus textos também o sejam. E isso não era somente uma leitura informativa. Dentro do contexto em que estamos comentando, existia uma noção de que seus textos eram Escritura, Palavra do Senhor, porque aquilo que os apóstolos e outros homens ligados a eles estavam falando era também produção da Palavra de Deus e deveria ser adicionado ao cânon junto com o Antigo Testamento.

A igreja não construiu, mas recebeu o cânon

Acontece que, quando os apóstolos morreram, os cristãos se esforçaram por reunir esses textos. O interesse da Igreja não era outro senão encontrar aqueles textos que já eram incumbidos de autoridade. O esforço não foi conferir autoridade ou fazer o texto poderoso, foi simplesmente encontrar os textos que já eram autoritativos, Palavra de Deus, e que deveriam ser adicionados ao cânon. A Igreja fez isso através de alguns métodos. Um deles era encontrar os sinais de apostolocidade, da doutrina que era ensinada pelos apóstolos. Quando os apóstolos morreram, a Igreja primitiva nada fez além de catalogar os textos que as comunidades locais percebiam como dotados de sinais de apostolicidade, ou seja, textos que vinham dos apóstolos ou de pessoas intimamente ligadas a eles.

O outro método foi encontrar textos de uso comum na igreja. Isso significa que ninguém poderia chegar com uma carta perdida de Paulo que ninguém conhecia (o termo “apócrifo” significa “oculto”, e faz referência a cartas desconhecidas pretensamente apostólicas). Os textos do cânon deveriam ser textos que já eram comuns e conhecidos pela comunidade.

Esses textos também deveriam ter coerência interna e externa. Não poderia ser um texto sem pé nem cabeça, ou um texto que eles saberiam que foi escrito por gnósticos ou algo do tipo. O interesse da igreja foi unicamente encontrar os textos apostólicos, e não defini-los. Eles não conferiram, mas procuraram o que já tinha

autoridade. E a linguagem dos pais da Igreja era a de um cânon que foi entregue, não de um que foi definido por ela.

Por exemplo, o fragmento muratoriano em I.82 fala de textos que não deveriam ser recebidos pela Igreja Universal. Ele fala de André e outros recebendo o evangelho que João escreveu. As palavras em latim utilizadas por ele indicam "recebimento", e não descrevem algo que foi "concedido". O fragmento usa a palavra *recipumus* ("receber") ao falar sobre os livros que poderiam ser recebidos e *recognis* ("reconhecer") ao falar que André recebeu ou reconheceu o evangelho que João escreveu. No fragmento muratoriano, nessa forma verbal, *recipumus* tem o sentido primário de "retomar" quando é empregado no contexto militar e pode ser entendido no contexto de relações pessoais como "aceitar", no contexto de ideias como "receber" ou também, quando é usado no particípio presente passivo, trazendo a ideia de "comumente aceito, algo que é recebido", e não de algo que é criado.

O próprio Irineu de Lyon, um dos mais famosos pais da igreja, escreveu criticando o herege Marcião e seus seguidores por não reconhecerem alguns livros do Novo Testamento e criticou outros por confessarem as Escrituras, mas ainda assim as perverterem com falsas interpretações (3.12.12). Em Contra as heresias, ele fala em abandonar o evangelho em termos de repelir o livro bíblico e seu espírito profético (3.11.9). E diz ainda das "Escrituras vindo até nós [...] como uma coleção completa que não permite nem adição nem subtração" (4.33.8). Diz que o cânon foi recebido e não criado, porque o cânon, a "vara de medir" da lista de livros inspirados, não foi uma mera definição arbitrária da igreja em escolher, mas uma tentativa de descobrir quais são esses textos originais. E, sendo uma tentativa de descobrir, os textos foram simplesmente recebidos. Eles já estavam lá e já tinham sua autoridade e autoria definidas. Serapião de Antioquia, citado por Eusébio de Cesareia em *História Eclesiástica*, diz: "Por nossa parte, irmãos, recebemos [αποδεχομεθα] tanto Pedro quanto os outros apóstolos como Cristo, mas os pseudoepígrafos escritos em seu nome rejeitamos, como homens de experiência, sabendo que não recebemos tal por tradição" (6.12).

A percepção de Serapião de Antioquia é que os textos deveriam ser rejeitados ou recebidos. Serapião usa a palavra *apodexometha* (αποδεχομεθα) para "receber" os textos de Pedro e dos outros apóstolos de Cristo. Segundo o léxico de Bauer, essa palavra tem o sentido de receber, aceitar ou reconhecer algo. Em nenhum momento, *apodexometha* (αποδεχομεθα) tem o significado de conferir autoridade para algo. Por exemplo, em Atos 24.3, Tertúlio fala "'sempre e em todos os lugares, reconhecemos [αποδεχομεθα] isto com profunda gratidão". Ele está reconhecendo que Félix fez muitas coisas pelo povo. Ele não está conferindo autoridade sobre aquilo que Félix fez nem está fazendo com que Félix faça algo, mas está simplesmente reconhecendo algo que já existe. É justamente essa palavra que Serapião usa para falar do cânon da Escritura. Em suas Miscelâneas, Clemente de Alexandria chega a dizer sobre "os quatro evangelhos que nos foram transmitidos" (3.13.93).

Sabemos que, no período da igreja primitiva, havia cânones em conflito. Alguns criam em determinada lista de livros apostólicos, enquanto outros criam em outras com leves variações. Certos textos de alguns homens da fé, como pais da igreja, e até alguns textos polêmicos e falsos estavam em algumas listas, mas não em outras. Com o tempo, a igreja chegou a um consenso de qual era realmente a lista de livros inspirados do Novo Testamento. Isso não foi um processo de cima para baixo da Igreja Católica como instituição oficial dizendo quais são esses livros e dando para a comunidade.

O que houve foi um processo orgânico de concorrência entre cânones, de adaptação e percepção, de debates para chegar não numa lista arbitrária de livros, mas simplesmente para perceber quais eram os livros apostólicos e, percebendo, receber aquilo que Deus havia falado através dos apóstolos. Não havia necessidade de nenhum magistrado católico romano dotado do poderio de definir à igreja qual era a lista de livros. Isso não foi algo inventado ou criado por alguma igreja. A igreja não escolheu nem deu autoridade, mas encontrou algo que Deus já havia definido, que já era um dado da realidade: os textos que os apóstolos e os homens ligados a eles escreveram.

O único registro fiel da tradição

Mas ainda que os termos sejam colocados dessa forma, algumas pessoas não concordam muito. Há quem argumente que a Bíblia nos manda seguir a tradição, e se nós devemos seguir a tradição, a Escritura não pode ser vista como essa força autoritativa sobre a igreja, maior que as tradições interpretativas da própria igreja e a tradição oral que ela traz com seus concílios, padres e papas falando ao povo de Deus.

Em 1 Coríntios 11.2, por exemplo, Paulo diz: "De fato, eu vos louvo porque, em tudo, vos lembrais de mim e retendes as tradições assim como vo-las entreguei". Os católicos dizem que isso é a tradição oral transmitida pelos apóstolos. 2 Tessalonicenses 2.15 é o texto favorito deles quando tentam falar contra o *Sola Scriptura:* "Assim, pois, irmãos, permanecei firmes e guardai as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa". Paulo está dizendo que havia uma tradição que era transmitida de duas formas, escrita e oral. Com base nisso, eles alegam que o *Sola Scriptura* não é bíblico, porque o que é bíblico é a tradição oral junto com a Escritura.

O que os católicos e outros críticos do *Sola Scriptura* não entendem é que a tradição oral dos apóstolos que deveria ser seguida pelas igrejas por causa de suas pregações só pode ser acessada hoje pela Escritura. A Escritura é o único registro da tradição oral dos apóstolos. Ela está registrada na Bíblia, só na Bíblia. Não temos nenhum outro acesso ao que foi dito, pregado ou ensinado às igrejas senão através da Bíblia. Não existe uma tradição oral que vem de Paulo, Pedro ou de qualquer outro apóstolo, ou mesmo de Jesus, que foi transmitida unicamente de forma oral e que foi transmitida dessa maneira através de uma cúpula de iluminados que decorou e continuou transmitindo oralmente aquela verdade. Nem mesmo os pais da igreja poderiam ser considerados preservadores fiéis da tradição apostólica, considerando que eles viviam em desacordo em muitos assuntos. Da mesma forma, uma sucessão apostólica que vem diretamente de Pedro também não

subsiste, uma vez que os concílios e declarações dos que se dizem descendentes espirituais de Pedro também vivem em contradição.

Tudo que Deus deseja que recebamos daquela tradição oral foi registrado na Bíblia. Não existe outra forma de acessar essa tradição. Hoje, ouvir a tradição oral dos apóstolos é ouvir aquilo que eles escreveram às igrejas para instruir o povo de Deus. Como o que acontece em Isaías 30.8: "Vai, pois, escreve isso numa tabuinha perante eles, escreve-o num livro, para que fique registrado para os dias vindouros, para sempre, perpetuamente". Isaías era um profeta que falava, que ensinava oralmente. A ordem de Deus é que, para permanecer a outras gerações, aquele ensino oral deveria ser escrito. Isso foi o que aconteceu também com a tradição oral dos apóstolos no Novo Testamento: eles escreveram o que foi ensinado oralmente para que nós pudéssemos ter acesso àquilo que Deus quer falar. É justamente por amar a tradição oral que os apóstolos a transmitiam às igrejas em suas cartas. O protestante reformado ama a tradição, mas aquela que é registrada na Escritura.

O livre-exame da Escritura

Você pode concordar com tudo que foi dito até aqui, mas pode ainda achar que precisamos de mais do que temos na Bíblia. Você pode pensar que precisamos da tradição da igreja para interpretar a Escritura. Sem a tradição dos padres e dos papas, sem o magistério da igreja dizendo como vamos entender a Bíblia, não teríamos acesso à correta interpretação do texto bíblico. Assim, não poderíamos acreditar que só a Escritura é o bastante. Afinal, você pode dizer: "Olha só quantas igrejas evangélicas, são várias denominações etc. Como vou acreditar nisso? Está vendo como a ausência de uma interpretação autorizada só gera destruição? Precisamos de alguém que nos diga o bom caminho da interpretação da Escritura".

O problema desse argumento é desconsiderar o que a própria Escritura nos diz sobre nossa possibilidade de interpretá-la. A Bíblia não foi feita para ser interpretada de acordo com a vontade do intérprete – seja o leigo, seja o do magistério. O texto possui um

significado próprio acessível aos intérpretes. Ninguém confere autoridade ou significado ao texto, mas recebe seu significado. Em 2 Pedro 1.20-21, o apóstolo diz: "sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo".

O que ele está dizendo é que a função do intérprete da Escritura não é achar um significado de acordo com a sua vontade, uma interpretação livre e que não é lastreada em nada, mas que a interpretação da Escritura visa encontrar a intenção do autor inspirado. A Escritura não pode ser interpretada de forma particular de acordo com a vontade de uma pessoa, porque quem falou foi Deus e os homens escreveram conduzidos pelo Espírito Santo. Deus é o autor e deseja que aquilo que ele está dizendo no texto seja encontrado. O texto bíblico é um tesouro de significado, e o processo interpretativo é uma busca pela intenção do autor no texto. Para maior aprofundamento no assunto, leia Kevin Vanhoozer, *Há um significado nesse texto?*, no qual o autor explica como o texto deve ser explicado segundo o realismo hermenêutico. Há um significado no texto. O significado não é dado ao texto, mas do texto retiramos o significado. Buscar a intenção do autor é o real processo de busca do significado de qualquer escrito.

Pedro está argumentando que nada na Escritura deve ser interpretado segundo a vontade de pessoas específicas. Isso significa que eu, como intérprete leigo ou não, tendo a Bíblia, não tenho direito de conferir significado ao texto, mas tenho que retirar seu sentido. Isso significa que o corpo de magistério de qualquer igreja não tem autoridade para conceder significado ao que está escrito. Todo intérprete precisa apenas encontrar o significado do que está escrito. Esse é um processo de interpretação que é acessível a qualquer pessoa que queira trabalhar para isso.

Algumas pessoas dizem que homens comuns não podem fazer isso, já que não conseguiriam interpretar os textos com segurança. Porém, quem são os papas, os padres e o magistério da igreja, se

não homens comuns que estão usando os mesmos métodos que todo homem pode usar para a interpretação do texto bíblico? Se eles vão fazer exegese do grego, qualquer cristão capacitado para isso poderá fazer também. Se eles vão orar para que o Espírito Santo lhes revele a verdade, todo crente possui o Espírito e pode orar para que o Espírito Santo lhe revele o significado do texto. Se eles vão comparar com as histórias interpretativas da tradição, todos nós podemos fazer o mesmo, e assim por diante.

O que faz com que homens comuns que simplesmente receberam um cargo eclesiástico sejam tão poderosos para que possam chegar à interpretação oficial, como se eles fossem os únicos que pudessem encontrar o significado do que está escrito? O texto não foi escrito para que eles interpretem de acordo com suas próprias vontades, porque o texto não foi escrito para interpretação particular de homens específicos. O significado está no texto, e encontramos o que está escrito, porque é Deus quem fala conosco pela Escritura. Não são homens que concedem significado ao que está na Bíblia, ele está disponível a todos nós.

O próprio Deus diz, em Deuteronômio 30.11-14, que a sua Palavra não está longe ou escondida de forma que ninguém pode entender, mas que o crente pode compreender o que está no texto. É a doutrina cristã e reformada da *perspicuidade da Escritura*. Deus diz: "Porque este mandamento que, hoje, te ordeno não é demasiado difícil, nem está longe de ti. Não está nos céus, para dizeres: Quem subirá por nós aos céus, que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? Nem está além do mar, para dizeres: Quem passará por nós além do mar que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? Pois esta palavra está mui perto de ti, na tua boca e no teu coração, para a cumprires".

Ninguém precisa ter uma experiência de subida aos céus para entender a Palavra. Ela é simples. Deus está falando para homens simples através da Escritura, e nós podemos ter acesso àquilo que Deus pode nos dizer, porque a Palavra está próxima de nós.

É claro que existem trechos mais complicados e doutrinas mais elevadas, mas elas são poucas. O básico da fé é simples e comum: amar a Deus sobre todas as coisas, amar o próximo como a si

mesmo, adorar a Deus somente, aprender os dez mandamentos, seguir a salvação em Cristo Jesus, ser salvo somente pela fé, encontrar arrependimento de pecados, desejar a vida eterna, viver com a igreja, aguardar o retorno de Cristo etc. Tudo isso é simples, básico e normal, e o homem comum dotado da mínima habilidade de leitura pode entender.

G. K. Chesterton, que ironicamente era católico, disse que os homens chegariam a um estado de humildade intelectual tão profundo (e distorcido) que todos seriam humildes demais para crer na tabuada de multiplicação. Há um tipo distorcido de humildade intelectual que não quer aceitar que podemos entender aquilo que Deus tem a nos dizer na Escritura sem a necessidade última de homens carregados de autoridade eclesiástica que nos digam o que está no Livro. Essa pretensa, mentirosa e demoníaca "humildade" faz com que as pessoas digam que só podem entender a Escritura se alguém mais elevado lhes explicar. É uma perspectiva que só fomenta a mentira, a heresia e a falsidade. Se alguém lhe diz que só é possível retirar seu dinheiro no banco se você lhe conferir sua senha, cartão e o poder de retirar o dinheiro, você sabe que isso é uma fraude. Quando alguém lhe diz que só é possível entender a Escritura se alguém interpretar para você, ele muito provavelmente está querendo ganhar o seu coração e a sua mente para algo que vai de encontro ao que Deus está falando claramente na Escritura.

Neemias 8.8 diz que a Palavra lida e explicada é tudo que se precisa para que o povo entenda a Escritura: "Leram no livro, na Lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia". Em Mateus 9.13, Jesus diz: "Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos; pois não vim chamar justos, e sim pecadores [ao arrependimento]".

Jesus olha para homens comuns e diz: "Vão entender o que significa". O entendimento do significado do texto está disponível aos homens que vão procurar entender o que ele significa. Ele não está dizendo isso para o magistério da igreja, mas para homens comuns. Em Atos 17.11, Paulo afirma que os cristãos da cidade de Bereia "eram mais nobres que os de Tessalônica, pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver

se as coisas eram, de fato, assim". As pessoas de Bereia eram cristãos comuns que examinavam as Escrituras comparando a pregação dos apóstolos com a Palavra. Os cristãos entendiam a Escritura e entendiam que podiam entender a Escritura.

É claro que existem diferentes interpretações da Palavra de Deus que geram muitas denominações evangélicas. Porém, a existência de muitas denominações não quer dizer que o texto não é compreensível. Nem toda denominação e divisão significa discordância naquilo que é central no texto bíblico. Junte assembleianos, presbiterianos, batistas e pessoas das mais variadas igrejas, e elas concordarão em uma fé comum sob vários aspectos. Além disso, dentro da Igreja Católica, também existem muitas interpretações conflitantes. Pense nos pré e pós-conciliares, pense nos cismas, ou então nos conflitos que existem atualmente. Existem muitas diferenças de interpretação dentro do próprio catolicismo, e não há como culpar o *Sola Scriptura* por isso.

A suficiência da Escritura

Você pode dizer: "tudo bem, eu entendo, mas ainda precisamos de algo além da Escritura. Ela não é suficiente. A Escritura nunca declarou ser suficiente para a igreja". Será?

2 Timóteo 3.14-4.5 é um dos textos mais maravilhosos sobre a Escritura, no qual Paulo está instruindo Timóteo a permanecer firme na pregação. Já sabemos que, quando os apóstolos falavam de Escritura, eles adicionavam aquilo que eles estavam dizendo e ensinando a partir de Jesus Cristo em suas cartas. E o próprio Paulo afirma: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2 Timóteo 3.16-17).

Segundo o léxico de Low e Nida, o termo grego *exertismenos* [εξηρτισμένος] significa: "tornar alguém totalmente adequado ou suficiente para algo – tornar suficiente, aparelhar completamente, tornar plenamente qualificado, suficiência". Isso significa que Paulo está dizendo que a Escritura, só a Escritura e nada além dela,

tornaria o homem suficiente, completo, total e ultimamente capacitado para toda a boa obra que envolva fé. Imagine toda boa obra, então o homem não precisaria de nada além da Escritura. Se ela tem essa função de deixar o homem suficiente para toda a boa obra, do que o homem precisa além da Escritura para a sua fé? Do que o homem precisa além da Bíblia para ser cristão e para demonstrar interesse e ser plenamente preparado nas coisas de Deus? Não existe uma tradição para ajudar, não existe um livro do Mórmon, existe unicamente a Bíblia.

Há poucos anos ouvíamos homens falarem que os crentes eram conhecidos como os "homens do livro preto". Isso talvez fosse um jeito jocoso de se referir aos crentes no interior do Ceará e outras regiões do Brasil, mas talvez devêssemos voltar a sermos reconhecidos como os homens do livro da capa preta, como homens da Bíblia, como homens da Escritura que amam profundamente a Palavra de Deus e que estão sujeitos à Palavra, cuja vida está sujeita à revelação de Deus na Palavra do Senhor.

Conclusão e aplicações

Em resumo, o cânon do Novo Testamento era uma expectativa por causa da aliança e da redenção que se manifestava. Os apóstolos entendiam que aquilo que eles estavam escrevendo era Escritura tanto quanto o Antigo Testamento. A igreja primitiva reconheceu que estavam recebendo um cânon, e não usando qualquer autoridade para defini-lo, de forma que tudo que eles fizeram foi procurar esses livros escritos pelos apóstolos. A tradição oral que a comunidade ouvia dos apóstolos na igreja primitiva foi registrada a nós através desses textos bíblicos. Se queremos ouvir a tradição dos apóstolos, ouçamos a Escritura. E não precisamos de uma tradição autoritativa alheia ao texto bíblico, vinda do magistério, porque a Bíblia diz que nós podemos entender o texto. Como o texto está próximo de nós e podemos conferir a Escritura, nós podemos saber o que significa aquilo que está escrito, e o que está escrito é suficiente para nossa vida cristã. É isso que significa a doutrina do

Sola Scriptura, a ideia de que a Bíblia é a nossa única regra de fé e prática na vida cristã.

Para concluir, cinco aplicações para a vida:

1. Os católicos decidiram deliberadamente ser antibíblicos. Se qualquer interpretação da Bíblia precisa ser aprovada pelo magistério da igreja e é possível encontrar provas bíblicas – conforme foi feito acima – de que esse magistério não tem autoridade para dizer o que é o texto bíblico de fato e, mesmo assim, eles continuam dizendo que essa não é uma interpretação autorizada pelo magistério da Igreja, entra-se em um *looping* interpretativo. Ora, os católicos, de fato, não seguem a Escritura. Eles seguem o magistério única e completamente. A Escritura acaba sendo somente uma desculpa, porque a fé católica está depositada, na verdade, nos interesses das suas lideranças interpretando a palavra de Deus. Eu tenho muito carinho pelos meus amigos católicos e os amo profundamente, mas eles não têm a Bíblia em alta conta.
2. A igreja do Senhor Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, conhecida como Igreja dos Mórmons, possui uma nova escritura, que é o livro de Mórmon. Eu já li um pouco, e ele é até relativamente divertido, mas é outro testamento de Jesus Cristo. Esses são textos que não foram reconhecidos pela comunidade apostólica, não têm a autoridade que Jesus prometeu aos apóstolos, não têm o reconhecimento da igreja primitiva. A partir do momento que se tem outro testamento de Jesus, não se tem o *Sola Scriptura,* não se tem amor pelo texto bíblico como entendemos.
3. Reformados, às vezes, podem acabar caindo na tentação de transformar seus credos, confissões e símbolos de fé em adições à Escritura. Um relacionamento correto com os credos históricos é encontrar neles um resumo daquilo que a fé histórica representa da crença da igreja, mas nunca um texto final acabado como se não houvesse nenhuma possibilidade de melhoria, revisão ou progresso. Os próprios reformados entendem bem que os credos são norma normatizada *(norma normata)*, enquanto a Escritura é a norma

normatizadora *(norma normans)*. Os credos e as confissões são uma norma, mas o são como resumo sistemático das crenças históricas e atuais da igreja. É uma autoridade nesse sentido, porque é um resumo daquilo que cremos como igreja, mas são uma norma normatizada pela Escritura. Os credos sempre estão em sujeição à Escritura, nunca o contrário. Erramos nisso quando queremos encerrar debates de pessoas que não seguem a mesma confissão, apontando para o que a confissão diz ou para o que Calvino ou outro reformador disse. Isso é, na prática, amar mais o credo do que o texto bíblico. Os próprios reformadores não gostariam disso. Nenhum crente realmente reformado que queira ser maduro faz isso, mas muitas vezes vira uma prática comum de *reforminions* de internet que abraçaram a Reforma, mas não abraçaram seus princípios.

4. Irmãos pentecostais e neopentecostais podem acabar tendendo para um relacionamento com as profecias de modo a tratar a mensagem revelada atualmente como algo igual ao texto bíblico. Isso não acontece com todos os pentecostais, mas tende a acontecer com todos os neopentecostais. Essa visão da profecia inerrante, última, em que aquilo que o profeta fala às vezes tem o mesmo peso ou até superior à Palavra é desconsiderar que só a Escritura é Palavra de Deus infalível para nossas vidas. Wayne Grudem e D. A. Carson pregam uma visão da profecia muito mais humilde, segundo a qual a profecia não é infalível como no Antigo Testamento. É preciso ter cuidado com a visão de profecia que tende a vê-la como revelação última e final de Deus em peso de igualdade com a Escritura.

5. Todo cristão tende a não viver a vida pela Escritura. Muitas vezes preferimos viver pelas nossas próprias experiências, desejos, elucubrações. Mas se realmente queremos amar a Deus, se queremos realmente ouvir sua voz, devemos nos sujeitar àquilo que a Escritura nos diz e vivermos nossa vida em sujeição à verdade. Não torcemos a Escritura por causa de nosso ideário político, econômico, social, psiquiátrico, moral, mas sujeitamos a nossa própria vida, experiência intelectual e o nosso próprio coração àquilo que a Escritura nos diz.

Isaías 8.20 diz: "À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva". É à Lei e ao testemunho que sujeitamos a nossa vida, é a fala de Deus escrita no papel que rege a nossa experiência de fé.

LEIA MAIS

- *Sola Scriptura*, de Paulo Anglada (Knox Publicações)
- *Uma Glória Peculiar*, de John Piper (Fiel)
- *Teologia da Revelação*, de Timothy Ward (Vida Nova)
- *Autoridade Bíblica Pós-Reforma*, de Kevin Vanhoozer (Vida Nova)
- *O Cânon das Escrituras*, De F. F. Bruce (Hagnos)

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Qual papel a Escritura tem na sua vida? Medite e converse sobre como a palavra de Deus tem sido utilizada por você no dia a dia. Com qual frequência lemos e refletimos nela? Você considera seu relacionamento atual com a Bíblia satisfatório?

2. A revelação bíblica possui uma narrativa formadora de uma cosmovisão cristã. Quais são as narrativas culturais e sociais do nosso tempo que têm competido com a Escritura na formação da nossa visão de mundo? Pense e compartilhe sobre como usamos esses pressupostos para interpretar a bíblia fora da sua própria narrativa.

3. Existe alguma parte da Escritura que você conscientemente tem evitado ou deturpado para aliviar a culpa ou esconder um pecado? Você recorre a outros pensamentos ou materiais contrários para justificar seu comportamento pecaminoso? Seja sincero.

4. Sua teologia tem sido construída com base mais nos credos e confissões históricas ou diretamente da leitura, estudo e reflexão do

texto bíblico? Pense sobre o perigo de ler muitos livros e esquecer a Bíblia.

5. Você, alguma vez, já se recusou a ouvir ou aceitar um conselho ou exortação bíblicos, porque pensou que a pessoa era jovem demais, novo convertido ou inexperiente no assunto? Se sim, reflita em como isso não condiz com o princípio do *Sola Scriptura*.

2. DEPRAVAÇÃO TOTAL

Todos os homens estão separados de Deus

"O homem por sobre quem caiu a praga

Da tristeza do mundo, o homem que é triste

Para todos os séculos existe

E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois, nada há que traga

Consolo à Mágoa, a que só ele assiste.

Quer resistir, e quanto mais resiste

Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga

Sabe que sofre, mas o que não sabe

É que essa mágoa infinda assim, não cabe

Na sua vida, é que essa mágoa infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerme;

E quando esse homem se transforma em verme

É essa mágoa que o acompanha ainda!”

Augusto dos Anjos em *Eterna Mágoa*

Os cinco pontos do calvinismo nada mais são que um jeito elegante de falar sobre cinco doutrinas organizadas pelos discípulos de João Calvino. Consistem na sistematização de verdades bíblicas. São conhecidas como doutrinas da graça, um dos núcleos centrais daquilo que chamamos de teologia reformada.

São eles: depravação total, eleição incondicional, graça irresistível, expiação limitada e perseverança dos santos. Este capítulo trata sobre pecado, livre-arbítrio, capacidade de o homem escolher Deus perante sua vontade pecaminosa. Quero convencê-lo de que você é muito mais pecador do que imagina e que a realidade do homem sem Deus é muito mais entregue ao pecado do que conseguimos conceber.

* * *

O homem nasce bom e a sociedade o corrompe? O homem é uma tábula rasa? Nada disso! Vamos conhecer a realidade miserável do coração do ser humano e como isso explica muita coisa sobre o mundo em que vivemos.

Eu não sei você, mas - na minha infância e no tempo de ensino médio - ouvi muitas teorias a respeito do que é o homem a partir da filosofia de forma geral. Na ciência política, sobre como funciona a natureza do ser humano, temos alguns exemplos. John Locke foi um

filósofo inglês muito famoso, considerado um dos protagonistas do empirismo. Em seu livro *Ensaio sobre o entendimento humano*, publicado em 1690, ele descreve o ser humano como uma tábula rasa; como se a mente do homem, para ele, fosse uma folha em branco. Quando o homem nasce, inicia-se um processo de escrita em sua mente, nessa tábula rasa. E ali é colocada a formação do que era então o indivíduo. Ele escreve isso para se posicionar contra o absolutismo e o direito divino dos reis. Ele também queria se contrapor ao inatismo de René Descartes, entre outros embates.

Jean Jacques Rousseau nasceu oito anos depois do ano em que John Locke morreu. Mas ele também tem uma filosofia muito famosa a respeito do que é o ser humano. Na obra *Do Contrato Social*, de 1762, ele estabelece que o ser humano nasce bom, e a sociedade o corrompe. Aqui, ele está querendo se opor à ideia de transformar direito natural em direito civil, entre outros temas.

O que importa para nós não é a profundidade das ideias desses autores, mas suas filosofias muito populares sobre o que é o ser humano. Por influência desses pensadores, algumas pessoas entendem que o ser humano nasce neutro, nasce uma tábula rasa, uma folha em branco e, à medida que ele vai vivendo as suas experiências de vida, elas vão formando aquilo que o ser humano é afinal. Em síntese, ele é nada mais do que o fruto de sua vivência e da sua construção narrativa. Essa é a perspectiva de Locke. Rousseau tem uma perspectiva ainda mais positiva sobre o ser humano, ou seja, o homem nasce bom e a maldade que surge em seu coração nada mais é que o fruto de experiências sociais e de construções narrativas que levam o indivíduo àquilo que é mal.

Entretanto, essas duas filosofias comuns acabam afetando o pensamento do nosso tempo e são muito comuns no cenário político, por exemplo, quando um criminoso é tratado como mera vítima da sociedade, quando a pobreza vira justificativa para o crime, quando se justifica seus próprios erros pessoais colocando culpa na educação, naquilo que os pais fizeram, em traumas de infância. Tudo isso, em algum nível, acaba sendo relacionado a pensamentos que enxergam os homens como seres rasos e neutros

ou como seres positivos que acabam sendo corrompidos pelo trato social.

A Escritura, por outro lado, apresenta uma antropologia muito mais pessimista e descreve o ser humano em termos muito diferentes. Não um ser neutro ou bom, mas que já nasce dado ao mal e corrompido pelo caminho do pecado. Na teologia, chamamos isso de *depravação total*. O homem está totalmente depravado desde o seu nascimento. O que isso significa? O que é a doutrina da depravação total? Segundo os Cânones de Dort (lembre-se desse nome, pois é um documento que foi escrito justamente para descrever os cinco pontos do calvinismo abordados neste livro), "[...] todos os homens são concebidos em pecado e nascem como filhos da ira, incapazes de qualquer ação que os salve, inclinados para o mal, mortos em pecados e escravos do pecado. Sem a graça do Espírito Santo regenerador, não desejam nem tampouco podem retornar a Deus, corrigir suas naturezas corrompidas ou ao menos estar dispostos para esta correção".

A doutrina da depravação total fala do estado de natureza do ser humano em pecado e de sua incapacidade de encontrar o Senhor, de querer Deus e de se sujeitar à pessoa de Deus. Uma vez que o homem deseja o pecado, ele não deseja a pessoa de Deus. Antes de aprofundarmos a reflexão sobre o que é a depravação total, vejamos primeiramente o que ela não é.

Primeiro, depravação total não significa que os homens são tão maus quanto poderiam ser. Todos os homens poderiam ser muito piores do que se imagina, mas nem sempre o são. Não significa que o nosso estado de maldade está sempre em seu nível último.

Em segundo lugar, não significa que os homens perderam a imagem de Deus. Lemos em Tiago 3.9 que o homem ainda é dotado da imagem do Senhor e, por isso, não deveríamos vilipendiar um ao outro. O homem ainda possui algo da imagem de Deus, mesmo que essa imagem esteja de alguma forma corrompida, quebrada. Em algum nível, ela ainda está lá e ainda deve ser respeitada. O homem ainda é *Imago Dei*.

Logo, isso também significa, em terceiro lugar, que o homem ainda é dotado de alguma capacidade de fazer o bem e de fazer

coisas boas, de criar algum tipo de bondade, apesar do pecado em seu coração.

Em quarto lugar, então, a depravação total não significa que o homem é incapaz de saber discernir o que é o certo e o que é o errado. Muitas vezes, o homem, em nível último, tem essa dificuldade, mas podemos ver em Romanos, capítulos 1 a 3, que ainda existe uma lei escrita no coração dos seres humanos. Ela os leva a fazerem o que é belo, justo e bom. Ainda que o homem esteja corrompido e separado de Deus, ele ainda tem alguma noção do que é bom, certo e justo. Sempre porque possui a imagem de Deus no seu coração.

Em quinto lugar, a depravação total não significa que o homem sempre vai pecar da pior forma possível. Existem gradações de pecaminosidade de cada pessoa. Alguns homens, mesmo corrompidos e pecadores, têm boas famílias, amam suas mulheres, criam bem seus filhos e contribuem com a sociedade. Nem sempre quando eles pecam fazem-no da pior forma possível.

A depravação total significa o que lemos dos Cânones de Dort: fomos concebidos em pecado, nascemos como filhos da ira, nascemos incapazes de qualquer ação que nos salve, nascemos inclinados para o mal, mortos no pecado, escravos do pecado. Sem a graça do Espírito Santo, nós não desejamos Deus nem podemos retornar a Ele, não podemos corrigir as nossas naturezas corrompidas nem estar dispostos à sua correção.

As declarações sobre a miséria humana no Antigo Testamento

Essa descrição da doutrina da depravação total dentro dos Cânones de Dort é uma descrição bíblica e válida? Devemos olhar para a Escritura se queremos estabelecer uma antropologia da natureza e do coração do ser humano.

A verdade é que a Escritura faz uma descrição do homem como alguém mal e corrompido, muito pior do que se possa imaginar. Na narrativa bíblica, o homem foi criado bom e justo, como diz em Gênesis, capítulos 1 e 2. No capítulo 3, é descrita a Queda. O homem se entrega ao caminho do pecado, come do fruto proibido e

cai. Se um teólogo falar da Queda com "Q" maiúsculo, ele está se referindo a esse lapso cósmico, da queda do ser humano no pecado. O homem caiu, por isso ele é corrompido em sua natureza desde o princípio.

Portanto, já nascemos pecadores. Temos exposto que os homens foram criados à imagem de Deus. Agora, convém adicionar que eles nascem sempre à imagem de Adão, ou seja, como descendentes de Adão, nós somos descendentes do homem pecador, somos descendentes do próprio pecado. Já nascemos no pecado e já nascemos com maldade em nossos corações.

Gênesis 6.5 diz: "E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente". Esse é um texto de antes do relato do dilúvio. Nele temos Deus dizendo que a maldade do homem se multiplicava sobre a terra e que a imaginação do coração do homem era má continuamente. O nosso pecado, nossa maldade interior era continuamente entregue ao mal. Lembre-se que, nas descrições bíblicas, o coração geralmente fala daquilo que o homem é interiormente de forma completa. Porém, hoje em dia nós somos mais greco-romanos, costumamos separar mente de coração. O coração é descrito como sede dos sentimentos, e a mente é descrita como a sede do raciocínio; enquanto, para o escritor bíblico, coração fala do interior de forma completa, de seus sentimentos, afeições e pensamento. Então, aqui ele diz que o nosso interior é mal continuamente.

Temos o relato do dilúvio em Gênesis 8 como texto pós-diluviano, trazendo a mesma descrição sobre o homem. Está em Genesis 8.21: "porque a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice". A ideia no hebraico aqui é de que, desde o nascimento, a imaginação do nosso coração é má. A maldade não é simplesmente aprendida, ela faz parte de quem nós somos desde nosso nascimento. Não nascemos como tábulas rasas, não nascemos bons e somos corrompidos pela sociedade. A Bíblia diz que nós já nascemos maus.

Crianças não precisam ser apresentadas à maldade. Basta não corrigir seu filho que ele será uma pessoa má. Não instrua sua

criança no caminho do bem e você vai ter maldade. Cada criancinha, cada bebê fofinho que você tem vontade de apertar e morder, cada bebê que acabou de nascer é uma criança totalmente depravada e é o que temos de mais parecido com um demônio no mundo. A descrição do ser humano deve ser esta: o homem nasce mal e a sociedade o melhora. A educação dos pais nos corrige.

O famoso escritor Ortega y Gasset fala que cada nova geração que nasce é uma invasão de bárbaros na nossa sociedade e precisam ser domesticados. Os bebês que nascem são maus. Se você já trabalhou em berçário de igreja, você sabe do que estou falando. A criança não precisa ser ensinada a fazer o mal, ela já sabe, porque o pecado está no coração do homem desde o seu nascimento. É isso que vemos também no Salmo 51.5, quando Davi diz: "Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe". A formação intrauterina de Davi foi uma formação de pecado, a placenta dele era o pecado. Davi foi concebido no pecado, formado em iniquidade. Ele consegue dizer isso sobre si, porque entende o nível do seu afastamento nato de Deus. Ele ainda afirma no Salmo 58.3: "Alienam-se os ímpios desde a madre; andam errados desde que nasceram, falando mentiras". Você não precisa ensinar uma criança a mentir. Alguns pais dizem: "Pastor, eu não sei onde meu filho aprendeu isso!". Ele não precisa aprender! Ninguém precisa ensinar! Ele tem que ser ensinado a falar a verdade, porque ele já nasce desde o ventre falando mentiras.

O homem sem Deus já é mentiroso desde o nascimento. O homem sem Deus já é especialista no pecado. Se tem uma coisa que criança sabe fazer é pecar, porque todos nós já fomos concebidos nessa realidade pecaminosa. O coração do ser humano, desde o nascimento até a vida adulta, se não houver uma transformação do Espírito Santo, é totalmente depravado, totalmente separado de Deus. Você pode dizer "ah, eu não sou assim, sou uma pessoa boa, faço o bem!". Mas Provérbios 20.9 traz uma pergunta retórica para te confrontar: "Quem poderá dizer: purifiquei o meu coração, limpo estou de meu pecado?". Você pode dizer que está limpo do seu pecado, que purificou a si mesmo? A Bíblia responde que não. O autoaperfeiçoamento não tem poder

nenhum para te transformar. A busca por ser uma pessoa melhor, galgar algo superior, tentar fazer o bem e fazer caridade, fazer boas obras para com isso limpar o carma, lamento dizer, não funciona.

Salomão fala em Eclesiastes 9.3: "Este é o mal que há entre tudo quanto se faz debaixo do sol; a todos sucede o mesmo; e que também o coração dos filhos dos homens está cheio de maldade, e que há desvarios no seu coração enquanto vivem, e depois se vão aos mortos". Esse é o nosso destino manifesto. Não existe bom selvagem. O homem sempre tem esse desvario no seu coração, sempre tem o seu interior cheio de maldade, porque o nosso coração é o nosso maior inimigo. Nosso interior é a maior causa da maldade, dos erros e problemas da sociedade, dos nossos problemas pessoais e da nossa separação de Deus. Nós assinamos contratos para não cairmos em trambiques e não sermos enganados pelos outros em negócios comerciais, mas esquecemos que somos enganados por nós mesmos todos os dias. Nossos corações nos enganam diariamente.

Jeremias 17.9 diz: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?". Sabe quando dizem: "siga seu coração"? É o pior conselho que se pode receber. O seu coração é enganoso, perverso, está ávido por derramar sangue. Como você pode seguir um coração que te separa de Deus, que é mau, perverso, que quer ver a tua separação do divino?

As declarações sobre a miséria humana no Novo Testamento

O próprio Jesus, no evangelho de Marcos 7.21-23, repete essa mesma percepção sobre o coração do homem e diz com profundidade, com exemplos muito claros: "Porque do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as fornicações, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Todos estes males procedem de dentro e contaminam o homem".

Os seus pecados, erros e falhas morais não são culpa das circunstâncias. Você não peca, porque algo externo a você te induziu. A culpa não é da sua mãe, do seu pai ou porque você foi

influenciado pela sociedade. A culpa é sua, sai do teu coração, vem de dentro! Isso é um tapa na cara daqueles que tentam tirar a culpa dos criminosos presentes na nossa sociedade.

Veja, Jesus não está dizendo que os crimes acontecem por influência social, não saem das más condições de vida. Não é a ostentação de quem tem dinheiro ou a desigualdade social. O roubo, o crime e o assassinato saem única e completamente do coração. O coração do indivíduo leva-o ao erro por causa do pecado.

Ideologias de esquerda só interpretam o lapso, a Queda, como algo externo ao indivíduo. Você corrige aquilo que é externo, então o homem é de alguma forma corrigido e transformado. Eu lembro de uma colega minha que dizia que, se o comunismo fosse instaurado, não existiria mais inveja no coração humano. Como se o crime fosse nada mais do que fruto das circunstâncias externas e não de uma maldade que é interior ao coração. Muitos cristãos engolem essa conversa e botam a culpa da criminalidade na desigualdade social, põem a culpa do roubo nas condições do coitadinho, quando Jesus está dizendo que o crime vem de dentro, vem do coração e todo o nosso mal vem de dentro de nós.

Corroborando com as palavras de Jesus, Paulo afirma, em Romanos 3, que não há nenhum justo, nenhum sequer. Não há nenhum homem justo. Não há nenhum homem bom. Não há nenhum homem que realmente esteja limpo diante de Deus, ninguém encontrou a santidade, ninguém é limpo do seu próprio mal e do seu próprio pecado. Ele diz: "Não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus" (3.10-11).

A descrição que é feita por Paulo sobre o homem nesse texto é gravíssima. Tudo que ele fala em Romanos 3.10-18 são citações do Antigo Testamento. Ele quer provar uma teologia da maldade do homem. O homem separado de Cristo não entende as coisas de Deus, não pode buscá-lo, ele não pode entender Deus. Como o homem pecador pode então ser livre para escolher o divino, para escolher o Senhor? Falamos de livre-arbítrio, de uma vontade livre, mas como o homem terá uma vontade livre se não pode e não

consegue buscar a Deus, se ele não tem a capacidade de encontrar o Senhor por causa da maldade do seu coração?

Observe o versículo 12: "Todos se extraviaram, e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só". O texto bíblico ainda continua até o versículo 18: "A sua garganta é um sepulcro aberto; com as suas línguas tratam enganosamente; peçonha de áspides está debaixo de seus lábios; cuja boca está cheia de maldição e amargura. Os seus pés são ligeiros para derramar sangue. Em seus caminhos há destruição e miséria; e não conheceram o caminho da paz. Não há temor de Deus diante de seus olhos".

A descrição do homem é de absoluta miséria, separação de Deus, rejeição ao divino, incapacidade de sujeição às coisas de Deus, incapacidade de entendimento das coisas eternas. A linguagem da Escritura a respeito do homem é uma linguagem de morte.

Ainda em Romanos, capítulo 5, versículo 12: "Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso todos pecaram". Nós encontramos a morte em Adão, porque nós estávamos pecando em Adão, pois ele é o nosso representante federal e, nascendo como descendência de Adão, nascemos também maus em nosso entendimento. Esse pecado que alcançou todos os homens traz também a morte que alcança todos os homens. Estamos espiritualmente mortos diante de Deus e é, por isso, que absolutamente tudo que o ímpio faz é pecado.

Nada fora do pecado

O problema do homem sem Deus não é que ele peca de vez em quando, que ele está fazendo coisas boas e de vez em quando fala um palavrão, geralmente faz o bem, mas é egoísta aqui ou ali, está se comportando bem e de repente é lascivo. Não! A questão é que o homem sem Deus não faz absolutamente nada além de pecar. Até mesmo as coisas boas que ele faz são nada mais que pecado. Ele corrompe até a bondade com o seu coração pecaminoso.

Paulo diz a Tito: "Todas as coisas são puras para os puros, mas nada é puro para os contaminados e infiéis; antes o seu entendimento e consciência estão contaminados" (1.15). Para o homem sem Deus, tudo o que ele faz é impureza, porque ele está contaminado. Você já colocou gaze numa ferida muito profunda? A gaze está branquinha, limpinha, linda, o algodão está limpo e você coloca na ferida, então o algodão vai ficando embebido pelo seu sangue e vai ficando vermelho. Você já pensou em colocar uma fina seda sobre um corpo leproso? Aquela fina seda com o tempo vai ficando contaminada pelo pus que a atravessa. Isaías 64.6 diz que as nossas boas obras são como o trapo da imundícia. As coisas boas que o homem sem Deus faz são para Ele como trapo da imundícia. Sabe o que é o trapo da imundícia? Era um pano que as mulheres usavam para parar o fluxo menstrual. Não existia absorvente naquela época. O absorvente era um simples pano e, diante de Deus, as coisas boas que você faz sem Cristo Jesus para tentar alcançá-lo nada mais são do que absorventes sujos.

Você fez carinha de nojo? Essa é a cara de nojo que Deus faz quando a gente tenta agradá-lo através de uma vida separada de Cristo Jesus. Até o nosso bem é contaminado pelo nosso pecado.

Ora, 1 Coríntios 10.31 diz: "quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus". O que um homem sem Deus faz para a glória de Deus? O que faz um homem sem Cristo para a glória do Senhor? Nada! Romanos 14.23 diz que tudo que não é feito por fé é pecado. O que um homem sem Deus faz por fé? Nada! Então, tudo o que ele faz é um pecado contra o divino, porque ele não faz para a glória de Deus. Jesus mesmo disse em Mateus 22.37: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento". Que homem sem Deus adora o Senhor e entrega toda a alma, coração e entendimento ao Senhor? Nenhum! Então, todo homem sem Deus é um homem que peca em tudo e não está amando a Deus de todo coração em tudo que faz. Ele não está glorificando a Deus, não está fazendo nada por fé. Por isso, tudo é impuro para os contaminados e infiéis. Tudo que o homem sem Deus faz é um pecado contra o Senhor. Como ele vai se autoaperfeiçoar e melhorar para encontrar

Deus? Você é pecador e completamente separado do Senhor se você não tem a pessoa de Cristo Jesus como sua justiça.

Eu morei em frente a um bar até me casar aos 21 anos. Era um bar daqueles risca-faca muito doido. Certa vez, ouvi dois bêbados brigando. Um xingava o outro dizendo: "Seu vagabundo! Marginal!". E o outro, chateado, disse: "Olha, me respeite! Vagabundo é você, porque eu só desci por assalto e tu desceu porque matou fulano!". Você deve saber que "descer" é uma gíria que se refere a cumprir pena por determinado crime. Olha a discussão dos dois. Um chamou o outro de vagabundo, e ele ficou chateado, porque não se achava vagabundo, afinal, o outro era assassino e ele era "só" ladrão. Ouvi aquilo e achei meio absurdo, pois eram dois vagabundos! Ora, é óbvio que existem gradações no nível de vagabundagem, de criminalidade, mas são dois vagabundos e um não quer assumir que é criminoso, porque o outro é mais criminoso que ele!

Nós somos do mesmo jeito. Todos nós somos criminosos diante de Deus, mas uns não querem ser chamados de criminosos, porque existe gente pior. Se comparada a Hitler ou a outro ditador, qualquer pessoa é santa, maravilhosa. Porém, no último dia, você não vai ser comparado a Hitler. No último dia, você será comparado a Cristo Jesus. No último dia, você não vai poder olhar para Deus, bater no peito e dizer: fui melhor que Hitler! No último dia, você vai estar constrangido, porque foi pior que Cristo, e todos os homens são piores que Cristo, por isso, somente na fé e na justiça de Cristo a gente encontra salvação. Às vezes, jovens cristãs querem namorar jovens que não são cristãos. A conversa é sempre aquela: "pastor, ele é uma pessoa legal, uma pessoa boa, mas só tem um defeito: ele não tem Jesus". Imagine essa conversa um pouco diferente: "pastor, quero namorar um rapaz. Ele é legal, trabalhador, endinheirado, e só tem um defeito: ele bate na mãe". Às vezes, esse único defeito é grave o suficiente para corromper a pessoa por completo! Faltar Jesus é defeito bastante para corromper tudo aquilo que a pessoa faz. Às vezes, conhecemos algumas pessoas sobre quem podemos olhar e dizer: "mas que pessoa legal, só falta Jesus". Não é assim que acontece? Mas se só falta Jesus, falta tudo! Se falta Jesus, ela está totalmente entregue a um coração inimigo e

separado de Deus, completamente entregue ao pecado. Essa é a descrição bíblica de uma pessoa que ainda não encontrou Cristo Jesus. Ela tem o coração totalmente depravado, e tudo que ela faz é inimizade contra o Deus vivo.

Como o arbítrio pode ser livre?

Essa é a base para falar contra a doutrina do livre-arbítrio. É muito popular falar livre-arbítrio, mas o que livre-arbítrio significa? A palavra arbítrio significa vontade, então, livre-arbítrio fala de uma vontade livre do homem, é sobre ter a capacidade de fazer uma livre escolha por Deus.

Esta é a definição comumente dada para falar de livre-arbítrio: o homem ter a capacidade de livremente escolher o Senhor, livremente olhar para a pregação do evangelho e fazer uma escolha livre diante de duas possibilidades (rejeição ou aceitação). Em tese, o homem é livre para escolher Deus se ele assim desejar. O problema é que a linguagem da Escritura é outra: o homem nunca quererá Deus, porque seu coração é mal, porque o homem é moralmente incapaz de entender as coisas de Deus. Então, o homem nunca quererá o Senhor.

Eu odeio beterraba. Eu como de tudo, como praticamente tudo se for necessário, até mesmo beterraba, mas eu odeio beterraba. Sou inimigo da beterraba. Quando sinto o cheiro de beterraba, já sinto algo ruim. Talvez existam umas três coisas que eu não como; beterraba é uma delas. Se você me convida para almoçar na sua casa e oferece beterraba ou chocolate, se oferecer cem vezes, cem vezes vou escolher chocolate. Se você oferecer dez mil vezes, dez mil vezes vou escolher chocolate. A minha vontade é livre? Eu tenho a liberdade de escolher o chocolate ou beterraba? Tenho! Nada me impede de escolher beterraba, exceto a minha própria vontade. A minha vontade me leva a odiar beterraba e a amar chocolate, então sempre vou rejeitar beterraba e amar chocolate. O que quero dizer com isso é: a doutrina da depravação total não está querendo dizer que Deus está impedindo o homem de escolhê-lo como se estivesse me impedindo de escolher beterraba. Não! A doutrina da depravação

total quer dizer que o homem odeia tanto Deus, é tão pecador, é tão irado contra o divino, que se mil vezes você oferecer Deus, mil vezes ele vai rejeitá-lo e vai preferir o pecado.

O homem tem um coração inimigo e odiador de Deus. Ele ama o pecado, quer pecar e sempre vai escolher o pecado quando você oferecer a santidade. Isso é muito óbvio. Se o homem é pecador e odeia Deus, é inimigo de Deus, não consegue entender as coisas de Deus, como ele vai escolher o que é justo? Em Jó 14.4, encontramos uma pergunta: "Quem do imundo tirará o puro? Ninguém". Essa é a resposta que Deus dá. Se somos imundos, como vamos tirar o que é puro do imundo? Como eu vou encontrar uma escolha pura se eu tenho um coração imundo diante de Deus?

Jeremias 13.23 diz: "Porventura pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas? Então podereis vós fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal". O homem foi ensinado desde o nascimento, pela sua própria natureza, a ser mau, odiar Deus. Como ele pode escolher o bem se, desde a infância, é condicionado pelo seu próprio coração pecaminoso ao mal? Se eu prefiro o mal, se eu quero mal, como eu vou tirar o bem? Como vou produzir bem na escolha do próprio Deus se meu coração odeia o Senhor desse modo? Como eu vou tirar uma escolha pelo divino, que é a melhor escolha que o homem pode tomar, que é a escolha mais bondosa que alguém pode fazer, se o meu coração é mau desde a infância? É por isso que a Escritura fala constantemente sobre o homem não querer Deus, rejeitar a escolha por Deus. Não é que Deus está segurando um homem pelo pé, é que o homem, dentro da possibilidade de escolher Deus, nunca quer escolher o Senhor.

Em João 5.40, Jesus diz: "E não quereis vir a mim para terdes vida". Esse é o problema do homem, ele não quer ir a Deus para ter vida, não quer exercer sua vontade para o Senhor, para encontrar vida. O homem quer continuar no pecado. Em João 6.44, Jesus também diz: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia". E em João 6.65: "E dizia: Por isso eu vos disse que ninguém pode vir a mim, se por meu Pai não lhe for concedido". Veja só, ninguém pode ir a Deus, ninguém pode! O homem é incapaz de ir a Deus. Aqui Jesus já dá

um *spoiler* do próximo ponto do calvinismo, que é a eleição incondicional. O homem só pode chegar a Deus se for atraído. O homem não pode nem consegue ir a Deus para ter vida. É Jesus quem diz isso. Isso significa que o homem não pode, não consegue fazer qualquer coisa boa sem a própria atuação do Deus vivo conduzindo-o.

João 15.5 diz: "Eu sou a videira, vós os ramos; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer". Sem Deus, o homem não pode dar nenhum fruto de bondade. Sem Deus, o homem não pode fazer nada que seja positivo. Observe! Ele está falando aqui do crente! Sem Deus, o crente não consegue ver nada bom, avalie o homem sem Deus. O homem sem Deus está no mesmo estado de depravação, então como ele vai produzir alguma bondade no próprio coração? Como ele fará uma escolha boa por Deus sem o próprio Cristo gerando isso nele? Cabe enfatizar o final do versículo: "Sem mim nada podeis fazer". O homem não pode fazer nada de bom se não for por Cristo Jesus tocando em seu coração.

2 Coríntios 3.5 diz: "Não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus". A capacidade de Paulo de pensar qualquer coisa boa provinha do Senhor. Como o homem sem Deus vai conseguir produzir uma coisa boa sem uma atuação do próprio Deus? O homem só pode fazer qualquer coisa positiva se o próprio Deus o conduzir, porque, naturalmente, ele é incapaz de fazer. Isso ocorre porque a maldade no coração do homem o torna incapaz de entender e de se submeter às coisas espirituais.

Voltemos brevemente a Romanos no capítulo 8.7-8: "Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus". A inclinação da carne é a inimizade. Essa inclinação não é e não pode ser sujeita à lei. Observe bem o que Paulo está dizendo: não consegue se submeter à lei. A carne está inclinada à separação, então como que ela sai dessa inclinação? Tem como a carne, o homem pecador caído se desinclinar da inimizade contra Deus? Ele não consegue, pois está

inclinado ao que é errado. Ele não está sujeito à lei e não pode nem consegue ser. Como aquele que está na carne pode escolher o Senhor? Seria um ato de agradar a Deus, mas ele não pode fazer, ele não consegue escolher o divino, porque o seu coração não quer.

Em 1 Coríntios 2.14, lemos que "o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente". Como o homem natural, sem Deus, poderá discernir, entender ou escolher aquilo que é divino? De forma nenhuma! Ele não terá essa capacidade. Ele não tem meios para isso e não tem como fazer isso. A mente dele, caída e corrompida, não tem como entender as coisas de Deus. Não importa o quanto você explique, não importa quão maravilhosa seja sua apologética, pois a conversão é um ato espiritual. A conversão não é uma mera escolha, não é um mero cálculo de possibilidades em que o homem friamente, de forma neutra e justa, vai analisar as possibilidades e então escolher aquilo que é mais justo ou mais correto. Não! A salvação não é um mero convencimento da mente, não é um mero ato argumentativo para levar o homem a raciocinar de forma correta. A conversão é um ato sobrenatural e espiritual que, através da pregação do evangelho, da apologética e do ensino sobre Cristo, o Espírito Santo realiza no coração do homem e o transforma internamente, porque um homem, com a sua mente caída, não consegue entender as coisas de Deus. Por isso, o homem morto espiritualmente não pode andar em direção à vida.

Efésios 2.1-3 é um dos textos mais famosos para descrever essa condição do ser humano, não poderíamos deixar de mencioná-lo: "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência; entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também". O homem sem Deus está sujeito à vontade de seus próprios pensamentos, vontades, e inclinações desse mundo caído. O homem sem Deus é servo das forças de satanás, das forças do

diabo, do princípio das potestades do ar. Como um homem nessa situação, morto espiritualmente, pode sair desse caminho para escolher outra coisa? Como o homem servo do diabo, que obedece ao mundo e a seus pensamentos pode escolher Deus se a sua moral e a sua índole são contra o nome do Senhor? Eu não quero adiantar o conteúdo do capítulo sobre eleição incondicional, mas o texto de Efésios 2 deixa claro: "ele vos vivificou, estando vós mortos". Se a linguagem da Escritura diz que o homem é morto, como a gente pode convencê-lo de alguma coisa? Vá a um velório, chegue perto do caixão e tente convencer o morto a sair dali. Tente vender sabão para ver se o morto compra. Ele não compra, não importa o quanto você argumente, ele não vai concordar. Você pode ser um mestre da pregação e da argumentação, mas o morto está morto e é incapaz de vivificar a própria espiritualidade. O homem morto é incapaz de tomar uma escolha consciente e racional pelo Senhor, justamente por causa do seu estado de morte.

Colossenses 2.13 diz: "E, quando vós estáveis mortos nos pecados, e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoando-vos todas as ofensas". Nós estávamos mortos e Deus nos vivificou. Nós encontramos uma vida que é externa a nós, que provém de fora. Quando Cristo grita "Lázaro, vem para fora", é esse grito que transforma e vivifica. Lázaro não tinha como dizer: "hum, vou acordar! Hum, vou voltar dos mortos!", Não! O grito, para que ele voltasse dos mortos, sim, foi o que fez com que Lázaro fosse vivificado. A nossa pregação do evangelho, o nosso convite para os homens ao arrependimento é a força que o Espírito Santo usa para transformá-los. Nós olhamos para o homem morto e dizemos: "viva!", E quando dizemos isso, o Espírito Santo trabalha para que o homem, então, seja vivificado.

Em Ezequiel 37, temos o famoso relato do vale de ossos secos em que ele profetiza sobre um vale cheios de ossos, e esses ossos voltam à vida. Nascem carnes, tendões e o Espírito Santo entra nos corações deles. Nós, quando pregamos, estamos falando a homens mortos, incapazes de voltar à vida, mas o Espírito Santo usa esse poder da pregação para trazer vida a pessoas que estão mortas. Isso é um ato soberano e divino que o homem por si só é incapaz de

produzir. Essa mente incapaz é entenebrecida pelo pecado. Efésios 4.17-19 diz: "E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade da sua mente. Entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração; os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza". A mente do homem está entenebrecida, enegrecida pelo seu próprio pecado. Essa mente não quer escolher e entender as coisas de Deus. O homem é pessoalmente incapaz de compreender aquilo que é divino, não porque é difícil, mas porque ele odeia a mensagem.

Conclusão e aplicações

Paulo, em 2 Timóteo 2.25-26, diz: "Instruindo com mansidão os que resistem, a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade, e tornarem a despertar, desprendendo-se dos laços do diabo, em que à vontade dele estão presos". Os homens estão presos à vontade do diabo. Como o homem sai dessa prisão? Ele foge sozinho e escapa? Não, é através da instrução com mansidão, e Deus dá arrependimento como um ato soberano e divino, porque o homem está preso, amarrado aos laços do diabo, laços esses aos quais ele mesmo se lançou. Então, se o homem está em um estado tão terrível, o que faz com que ele encontre Deus? Todo mundo vai ser condenado no fim das contas então? Não! Existem, pelo menos, quatro explicações teológicas tradicionais para falar como o homem encontra Deus.

A primeira é da escolha livre: o uso do livre-arbítrio relacionado ao pelagianismo (referência a um homem chamado Pelágio). A segunda é da graça preveniente: está relacionada ao arminianismo clássico e ao wesleyanismo. A ideia aqui é de que existe uma graça prévia, ante qualquer coisa, que leva o homem a um estado de conseguir escolher Deus, apesar da depravação total.

Em terceiro lugar, existe a ideia do conhecimento médio, relacionado a um católico chamado Luís de Molina, de onde vem o "molinismo", filosofia que diz que Deus, de alguma forma, prevê os

mundos possíveis e, através do conhecimento médio, escolhe o melhor mundo possível, onde o homem vai poder, de alguma forma, escolher o divino. Geralmente, os molinistas também concordam com algo da graça preveniente.

Em quarto lugar, existe a ideia da eleição incondicional, ligada ao calvinismo, que defendo neste livro.

O problema do livre-arbítrio, do pelagianismo, é que eles são contra tudo aquilo que foi dito ao longo deste capítulo. É uma posição que pode ser condenada como herética, como completamente longe daquilo que é a antropologia bíblica. O homem não está puro, limpo, capaz de escolher o Senhor, mas entregue ao caminho do pecado.

Não podemos falar de uma depravação parcial, de uma queda parcial. O homem está totalmente caído de Deus, o homem é incapaz de querer o Senhor. O pelagianismo está claramente refutado naquilo que expusemos até aqui.

A graça preveniente e o molinismo são duas concepções um pouco mais rebuscadas que geralmente concordam com a depravação total, concordam com cada palavra deste capítulo, mas vão fazer um adendo dizendo que existe uma graça de Deus que se manifesta a todos os homens, tirando eles desse estado de depravação total e trazendo eles, pelo menos, a um ambiente em que lhes é possível tomar essa escolha pelo Senhor. Não há espaço para grandes conversas sobre isso neste livro, mas vale apenas registrar que minha opinião pessoal é que são duas teologias que não possuem qualquer embasamento bíblico. Absolutamente nenhuma teologia escriturística defende essas posições, as quais são nada mais que tentativas sistemáticas de arrumar desculpas para teologias pessoais. Foi um jeito que o arminiano achou de continuar crendo no pecado do homem e na livre escolha. Foi o jeito que os molinistas acharam de conseguir falar de conhecimento médio, de liberdade do homem diante de um Deus soberano. Eu acredito pessoalmente que é uma teologia do remendo.

Por fim, temos a eleição incondicional, que a ideia de que Deus, graciosamente, bondosamente, escolhe alguns homens para tirá-los desse estado. Tira o coração de pedra, traz um coração de carne,

vence a nossa rebelião e nos faz amar e ver a beleza da graça. Deus toca no meu coração e me faz amar beterraba. Deus toca no nosso coração, nos faz odiar o pecado e querer o Senhor.

LEIA MAIS

- *Sociedade Sem Pecado*, de John MacArthur (Cultura Cristã)
- *Pecados Espetaculares*, de John Piper (Cultura Cristã)

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Identifique quais são os grandes pecados da sua vida particular. Quais pecados têm demonstrado ainda a sua depravação total? Quais ainda têm te acompanhado mesmo depois da conversão? Confesse, peça oração e aconselhamento. Lute por santidade.

2. Identifique em grupo quais são os grandes pecados da sociedade brasileira. Quais pecados têm demonstrado com clareza a depravação total do nosso povo? Esses pecados estão presentes na sua vida?

3. Os homens buscarão a Deus por si mesmos? Reflita sobre a necessidade do ide como missão da igreja. Qual a mensagem mais adequada para pecadores totalmente depravados?

4. A descrição bíblica para a situação do pecador é de morte. Quem pode dar vida aos mortos espirituais? Reflita sobre a grande necessidade da oração para a salvação dos pecadores totalmente depravados.

5. Pense na melhor pessoa que você conhece. Aquela mais piedosa que você lembrar. Ela merece a salvação por sua falta de pecado? Alguém mereceria salvação por isso? Agradeça a Deus por sua misericórdia e graça.

3. SOLUS CHRISTUS

Não há salvação fora de Cristo

> *"Uma vez eu estava pregando e um jovem rapaz veio a mim, após o sermão, todo empolgado. Ele disse: 'Você está certo, irmão Paul, Jesus é tudo de que precisamos'. Eu completei: 'Meu jovem, Jesus é tudo o que temos'. Fora dele não há nada. [...] Tudo o que temos é Cristo, nada mais."*
>
> Paul Washer em *O Verdadeiro Evangelho*

Solus Christus diz que *apenas Jesus Cristo é o meio para nossa salvação.* A seguir, portanto, focaremos na pessoa de Jesus e na forma como as Escrituras falam que Cristo é o centro da nossa vida, da nossa salvação, da nossa fé e da nossa esperança.

* * *

Na medida em que lemos as Escrituras, não são poucas as vezes que descobrimos que Jesus é o centro da salvação. A obra salvadora de Deus em nós é fundamentalmente cristã. É através de Cristo que Deus Pai nos transforma, molda e capacita. Fora de Cristo, não existe salvação – fora dele, não existe nada que valha a pena. Ele é o centro normativo em torno de quem toda a salvação funciona.

O centro de todo o evangelho

É por isso que, em 1 Coríntios 2.2, Paulo afirma: "Porque decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado". O centro da doutrina de Paulo era Jesus e sua morte, o centro de seu ensino era aquilo que Jesus fez na cruz, de forma que todo o resto que ele poderia ter dito era nada diante da mensagem da cruz. Se ele tinha o interesse de salvar os indivíduos, ele tinha interesse em não saber nada além de Jesus e sua crucificação.

O centro da mensagem do evangelho é a mensagem da morte e da ressurreição de Jesus. Sabemos que somos salvos pelo evangelho, e o seu centro é aquilo que Jesus fez. Paulo escreve: "Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; por ele também sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão. Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras." (1 Coríntios 15.1-4).

Esse evangelho que foi pregado por Paulo foi recebido pela igreja, no qual ela permaneceu e Paulo a está relembrando. O evangelho de Cristo que foi pregado é recebido, crido, permanecido e rememorado. Esse é o caminho para permanecer firme no caminho de fé. Esse é o evangelho da nossa salvação, e Paulo explica o que isto significa: Jesus morreu segundo as Escrituras, Jesus ressuscitou segundo as Escrituras. Devemos crer nisso para sermos salvos e pregar isso para que as pessoas sejam salvas. Também devemos permanecer nisso para que continuemos no caminho da salvação.

O caminho da fé é aquele de permanência nesse mesmo evangelho. Lutero dizia que o evangelho não é o ABC da fé, mas o alfabeto inteiro da nossa salvação. E esse mesmo evangelho de Jesus deve ser rememorado. É isso que Paulo faz ao pregá-lo novamente à igreja, a fim de que ela seja transformada na sua vida prática. A vida da igreja é uma vida de rememorar a pessoa de Jesus Cristo.

Em 2 Coríntios 5.21, Paulo descreve como a morte de Jesus Cristo nos dá salvação e vida eterna. Ele diz: "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos

justiça de Deus". Esse é um dos meus versículos favoritos na Escritura. Eu tenho um quadro dele escrito à mão por uma jovem da igreja na parede do escritório, de onde leio todos os dias. Nele, aprendemos sobre essa dupla imputação do pecado e da justiça. Na cruz, o Pai julgou seu Filho pecador. Jesus nunca cometeu pecado, nunca errou, nunca fez nada errado contra Deus, mas na cruz, no tribunal do Pai, ele foi considerado culpado porque, ao olhar para Cristo, o Pai não viu seu Filho, viu a mim. Ele viu a igreja, ele viu seu povo e todo o seu pecado. A pecaminosidade do povo de Deus foi jogada sobre Jesus.

Martinho Lutero era um cara que gostava de frases meio polêmicas. Ele dizia que Jesus era o maior pecador de toda a humanidade, porque um homem consegue pecar o suficiente de uma vida, mas no tribunal de Deus na cruz, quando o Pai olhou para o Filho, ele não viu o pecado que um homem pode cometer, mas sim o pecado que todo povo de Deus cometeu jogado numa única pessoa: "Todos os profetas anteviram no Espírito que Cristo, por meio da imputação, tornar-se-ia o maior pecador sobre a face da terra, e também um sacrifício para os pecados de todo o mundo; não seria mais considerado uma pessoa inocente e sem pecado, ou o Filho de Deus na glória, mas um notório pecador, sendo um momento desamparado (Salmo 8) e suportando sobre si os pecados de toda a humanidade."

Ele foi punido, porque o Pai me viu lá. "Aquele que não tinha pecado, Deus o fez pecado" traz a ideia de ser considerado pecador na cruz. Tudo isso para que nós nele fôssemos feitos justiça de Deus. Por isso, hoje, quando o Pai olha para nós, ele não nos vê diretamente, mas através de Cristo. Quando pecamos, temos Jesus como centro da nossa salvação, da nossa esperança, e aquela confiança de que o Pai olha para nós através de quem Cristo é e do que ele fez. A vida perfeita de Jesus é a nossa vida, a prática de perfeição e justiça do Cristo que agora é nossa justiça diante de Deus – não pelas nossas obras, mas por aquilo que Jesus é e por aquilo que ele fez. Quando o Pai olhou para Jesus, ele me viu lá e matou seu Filho por causa disso. Agora ele pode olhar para mim e ver o seu Filho, recebendo-me.

Paulo descreve mais sobre esse assunto em Colossenses 2.13-15 quando diz: "E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdoando todos os nossos delitos; tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz".

Ele cancelou o contrato de dívida. Sabe quando você tem que pagar a conta do mercadinho da esquina anotada em um caderninho, ou então alguma pesada dívida do banco? Deus não virou a vista para o lado, Ele cancelou na cruz. Ele apagou na cruz tudo o que fizemos e o que ainda vamos fazer. Ele cancelou toda nossa dívida. Não há mais nada que devamos a Deus, porque Jesus pagou tudo. E Cristo não só venceu nosso pecado, ele também venceu as autoridades malignas sobre nós. Quando ele fala de autoridades, parece que não são autoridades humanas, mas principalmente as espirituais, isto é, a força do diabo e dos espíritos demoníacos que se colocam contra o Espírito de Deus. Sabemos por Efésios 2.2 que estávamos andando sujeitos ao "príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência", mas agora em Cristo temos segurança. Não precisamos mais ter medo do diabo nem de forças demoníacas, porque cremos que Jesus nos protege, já que ele venceu a força de Satanás contra nós. Essa sujeição mental das forças das trevas é vencida através do poder que nós encontramos em Cristo Jesus.

É por isso que, em Hebreus 9.27-28, o autor diz: "E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo, assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação". Ele está voltando, mas não para fazer tudo de novo, como Roberto Carlos canta pedindo que ele ensine novamente sua mensagem, nem para morrer uma segunda vez, mas para triunfar e trazer salvação aos que o esperam. O cristão tem uma expectativa, ele tem uma fé que

olha para frente. Às vezes, vamos receber um amigo em casa e, no processo de espera, ficamos ansiosos para que essa pessoa chegue logo. Ou a sua filha não chegou em casa ainda, e você vai para o portão esperar. Da mesma forma, o cristão está no portão, ansioso. Ele espera porque sabe que Jesus vem trazer salvação. A esperança dele não está em algo terreno nem em conseguir realizar sonhos humanos. A expectativa do cristão é Jesus. A expectativa do cristão é que Cristo seja o seu Senhor, o seu Rei e o seu Deus. E é justamente porque Cristo Jesus foi entregue por nós que temos confiança absoluta e esperança naquilo que Deus fez, sabendo que ele não entregou ouro, prata ou pedras preciosas para nossa salvação, mas entregou seu próprio Filho. Em 1 Pedro 1.18-21, lemos: "sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós que, por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus".

Não fomos salvos, porque Deus entregou as ruas de ouro. Ele não matou 150 bodes nem entregou mil anjos, mas entregou o próprio Filho, Cristo Jesus, para nossa salvação. O próprio Deus encarnado se doou para nossa vida eterna. Jesus é o centro da nossa esperança e o centro da nossa possibilidade de ter contato com o Pai. Então, não é pelo sacrifício de ovelhas nem pelo esforço humano, mas unicamente por aquilo que Cristo Jesus fez na cruz que nós encontramos o caminho de vida eterna. Ninguém pode dar nada para encontrar Deus. Chegaremos de mãos vazias.

Já ouvi muito isto: "O que você vai mostrar para Deus no seu último dia? Você vai chegar de mãos vazias?". Eu achava que eu precisava mostrar minhas obras ao Senhor quando o encontrasse nos céus. Só depois de entender o *Solus Christus,* eu aprendi que sim, eu vou chegar de mãos vazias. Chegarei sem nada, pois não tenho o que entregar a Cristo Jesus. Chegarei como canta o hino *Rock of Ages:*

"Nada em minhas mãos eu trago
Apenas a tua cruz agarro"

Chegarei de mãos vazias, porque Jesus vai me trazer em suas mãos. Não tenho nada para entregar para Deus para fazer valer a pena a minha vida eterna. Apenas por meio do que Jesus entregou para Deus que eu encontro uma vida de salvação e esperança.

O único meio de salvação

Porém, Jesus não é somente o centro da nossa salvação. Ele é o único meio, a única forma pela qual os homens podem ser salvos. Não existem outras esperanças além de Cristo Jesus. Quando diz, em João 14.6: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim", ele nos mostra que os homens só podem chegar ao Pai por intermédio de Jesus. Os homens só podem chegar até Deus através do único caminho, da única verdade e da única vida, que é Cristo.

Deus não precisava ter dado nenhum meio de salvação, mas deu Cristo Jesus como nosso único salvador. Assim, Pedro fala em Atos 4.12: "'E não há salvação em nenhum outro, porque debaixo do céu não existe nenhum outro nome dado entre os homens pelo qual importa que sejamos salvos". O único nome pelo qual podemos ser salvos é o nome de Cristo Jesus. Paulo diz em 1 Timóteo 2.5: "'Porque há um só Deus e um só Mediador entre Deus e a humanidade, Cristo Jesus, homem". Ele é o único mediador. Ele é o único intermediário e o único caminho.

Enquanto outras teologias que se dizem cristãs criaram intermediários entre o homem e Jesus, Paulo está dizendo que o único caminho necessário e possível para Deus é Jesus Cristo. Ele é nossa única necessidade. Os homens tentam criar intermediações para chegar até Jesus. Eles buscam o profeta certo, um mosteiro na Índia para passar meses fazendo experiências e só então encontrar o caminho para Deus; precisam de homens que foram santos, mas agora estão mortos, aos quais você pede intercessão diante de Jesus para que ele então peça a Deus. Porém, temos um Cristo que é o

único intermediário. Só precisamos chegar a Cristo para chegar a Deus. Não é preciso chegar a nenhum outro intermediário humano, espiritual ou transcendental. O único intermediário é Cristo Jesus, e ele está disponível a todos os homens através da manifestação da sua graça.

Isso significa que devemos estar centrados na comunicação de Cristo. Devemos nos focar em transmitir Cristo para as pessoas à nossa volta, porque ele é o nosso único meio de salvação. Se o homem só pode ser salvo por meio dele, nós precisamos ser urgentes na proclamação da sua mensagem. O homem de Deus não precisa de outra mensagem em sua pregação. Seu sermão não é um *coaching,* seu sermão é Cristo. Já visitei igrejas de pastores famosos do *mainstream* evangélico com o objetivo de conhecer o culto de suas comunidades. A questão não era que o evangelho não era explicado nem que Jesus não era o personagem principal, mas que o nome de Jesus, muitas vezes, não era nem citado. Ele se tornou um mero acessório que não é o centro nem o único caminho para chegar a Deus. Porém, o que Paulo pregou quando esteve diante dos Gálatas? "Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprouve revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, não consultei carne e sangue" (Gálatas 1.15-16). Diante do seu carcereiro, ele diz: "Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa" (Atos 16.31). Aos atenienses: "porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos" (Atos 17.31). Aos Coríntios: "Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado" (1 Coríntios 2.2). Ao povo de Éfeso: "A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo" (Efésios 3.8). Em Cesareia: "Passados alguns dias, vindo Félix com Drusila, sua mulher, que era judia, mandou chamar Paulo e passou a ouvi-lo a respeito da fé em Cristo Jesus" (Atos 24.24).

Paulo não tinha outra mensagem senão a mensagem de Cristo Jesus. Não tinha outra pregação, senão a pregação do evangelho.

Não tinha nada para dizer além do que Cristo disse. Jesus era a única mensagem de Paulo, porque ele sabia que Cristo era a única esperança dos homens.

Romanos 2.12 diz que todo homem é indesculpável diante de Deus. Isto é, todos os homens, por causa daquilo que é revelado na coisa criada – revelação essa que os homens rejeitam -, são indesculpáveis. Tribos antigas, pessoas que não receberam a obra missionária, todas elas são indesculpáveis, porque pecaram diante da Lei de Deus revelada na natureza. "Assim, pois, todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão; e todos os que com lei pecaram mediante lei serão julgados".

Tanto homens que ouviram a pregação do evangelho como aquelas tribos que nunca ouviram, todos eles escolheram o caminho do pecado e todos serão julgados com justiça pelo Senhor. Há quem acredite que podemos ser salvos por meio de Cristo, mas sem pregação da palavra, sem chegar ao conhecimento da verdade por alguém que nos ensine. Porém, Paulo diz que todos os homens pecaram e carecem da glória de Deus, e todos serão punidos com justiça, pois pecaram e não encontraram redenção em Cristo Jesus por meio da pregação do evangelho. O próprio Jesus diz em João 17.20: "Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra". O homem nunca invocará o nome de Jesus se não houver um mensageiro que vá até ele levando a mensagem do evangelho. Romanos 10.13-15a é o texto áureo sobre esse assunto. Paulo elabora um argumento em favor da obra missionária que prega Jesus Cristo: "Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados?". Paulo quer convencer a Igreja de Roma a ajudá-lo a ir pregar o evangelho na Espanha. Ele está justamente chamando atenção para o fato de que ninguém invocará o nome do Senhor Jesus se não ouvir, ninguém ouvirá se não houver pregação e ninguém pregará se não for enviado. É algo completamente indissolúvel. Ninguém pode ser salvo por um Cristo que não foi pregado.

No fim de *Crônicas de Nárnia*, C. S. Lewis comete um triste equívoco em sua analogia cristã. Ele fala de algumas pessoas que serviram outro deus e senhor que não Aslam, mas que também foram salvos, porque tudo o que faziam para sua outra divindade faziam para Aslam sem saber. Isso não está na Escritura. Ninguém serve a Jesus e é salvo por ele sem ter invocado o seu nome através da pregação. Ele é o único meio de salvação. É *Solus Christus*. E esse Cristo só é recebido através da mensagem do evangelho. Em *O que Jesus espera de seus seguidores*, John Piper diz o seguinte: "Jesus não exerce poder legítimo sobre o coração da pessoa diretamente. Ele exerce esse poder por meio de seus seguidores".

A autoridade que Deus exerce sobre os povos, ele escolheu exercer através do seu povo, levando aos outros essa mensagem. Não é uma autoridade que ele escolheu exercer diretamente, senão pela comunicação dessa autoridade através da grande comissão: "Toda autoridade me foi dada. Ide, portanto, e fazei discípulos" (Mateus 28.18-19). Comunicamos essa autoridade de Cristo através da pregação do Evangelho.

Se quisesse, ele poderia salvar os homens sem qualquer comunicação. Porém, ele escolheu salvá-los através da loucura da pregação. Deus enviou indivíduos a irem a outros para levar a mensagem do evangelho. Um dos grandes missiólogos do mundo, David Bosch, diz: "Deus não enviou 'ideias' ou 'verdades eternas' às nações. Ele enviou pessoas, seres históricos".

Até mesmo essa história de islâmicos sonhando com Cristo porque a obra missionária não chega até eles é uma inverdade. Nos diálogos que temos com missionários ao mundo islâmico, muitos deles têm sonhado com Cristo e sido levados até um pregador que pregue o evangelho. Eles sonham com a figura de Jesus, até porque a figura dele é conhecida no mundo islâmico, pois em algum nível o Corão fala de Jesus e, quando eles sonham, vão em busca de um pregador do evangelho que lhes pregue de fato a verdade de Cristo.

Foi isso que aconteceu na Escritura. Em Atos 10, um convertido ao judaísmo recebeu uma revelação de Deus para se encontrar com Pedro. Deus não apareceu a Cornélio e pregou o evangelho, mas o mandou ir ver o pregador. Atos 11.13-14 diz: "E ele nos contou

como vira o anjo em pé em sua casa e que lhe dissera: Envia a Jope e manda chamar Simão, por sobrenome Pedro, o qual te dirá palavras mediante as quais serás salvo, tu e toda a tua casa".

O anjo poderia ter pregado, mas ele apenas o encaminhou ao pregador, pois só a pregação - através dos agentes de Deus no mundo - é que conduz à salvação do ser humano. A pregação pode ser oral, um texto, a Bíblia, qualquer coisa que comunique a mensagem de salvação em Cristo Jesus somente.

O mesmo acontece com Paulo em Atos 9. Jesus aparece diretamente para Paulo, mas ordena que ele vá a um local para encontrar Ananias (Atos 9.5-6), para que ele lhe pregue e ensine a verdade do evangelho. O próprio Cristo move os homens para alguém que ensine sobre o poderoso evangelho salvador. Sem a pregação de Cristo, não há como encontrarmos vida eterna.

A base da vida do cristão

Mas Jesus não é só o centro da nossa salvação nem somente o único. Ele é também toda nossa vida. Ele é a totalidade da nossa existência. Ele é o que faz tudo subsistir. É por isso que lemos em Mateus 7.24-25: "Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha".

Se você firma sua vida no dinheiro, no sexo, no poder, em alguma realização, na fama, nas glórias, nos *likes* do Facebook, na reputação, no crescimento acadêmico, etc., deve saber que tudo isso é loucura! Sua casa tem que ser firmada naquilo que Jesus falou. Sua vida deve estar firmemente posta no que Cristo é e sobre o que ele significa. É por isso que, em Mateus 16.16-18, Jesus responde a Pedro, depois de tê-lo afirmado como o Cristo, o Filho do Deus vivo: "Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela".

Jesus estabelece a sua igreja sobre a declaração de Pedro: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". É sobre essa rocha que Jesus estabelece a igreja de Deus. O próprio Cristo é o fundamento da igreja. Pedro diz, em sua epístola, que somos as pequenas pedras e Cristo é a rocha fundamental sobre a qual toda cristandade e toda a igreja se posiciona. Ele é o fundamento da vida. Ele é o fundamento da igreja.

Por isso, a forma como Paulo argumenta o tempo inteiro em suas epístolas é evocando o que Jesus é e o que ele fez. Ele não busca dar lição de moral nem dizer o que é melhor. Ele evoca quem Jesus é. Em 2 Coríntios 8.9, quando queria que a igreja ofertasse mais, ele diz: "Não vos falo na forma de mandamento, mas para provar, pela diligência de outros, a sinceridade do vosso amor; pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos".

Paulo evoca Jesus para falar da vida prática da igreja. Ele diz: "vocês querem doar mais e serem mais generosos? Olhem para Jesus!". Quando quer que maridos e esposas sejam melhores, ele não dá lição de moral, mas fala para os maridos amarem suas esposas como Cristo amou a Igreja (Efésios 5.25). Jesus é o padrão de uma família melhor! Quando ele estava enfrentando divisão na Igreja de Corinto, ele não fala "onde está o amor, vocês devem se amar!", mas diz, de forma até irônica, perguntando: "Cristo está dividido?" (1 Coríntios 5.25). Cristo não está dividido, ele é uma unidade e, por causa disso, a igreja local deve ser unida. A igreja deve ser uma unidade de amor, de fé e de esperança. Em Cristo Jesus, temos essa unidade. Apesar das divergências e certas discordâncias, há um centro comunitário de ortodoxia a partir daquilo que a Escritura revela como sendo formativo do pensamento cristão. Cristo não está dividido, por isso nós não estamos divididos, porque temos Cristo como nosso centro. É por isso que Robert Traill, ministro irlandês, diz: "A sabedoria fora de Cristo é insensatez que condena; a retidão fora de Cristo é culpa e condenação; a santificação fora de Cristo é imundícia e pecado; a redenção fora de Cristo é servidão e escravatura". Só em Jesus encontramos esperança. Ambrósio de Milão disse: "Cristo é tudo para nós: se

desejares curar as tuas feridas, ele é o médico; se estás angustiado pelo ardor da febre, ele é a fonte; se estás oprimido pela culpa, ele é justiça; se precisas de ajuda, ele é poder; se tens medo da morte, ele é vida; se desejas o paraíso, ele é o caminho; se tens horror às trevas, ele é luz; se estás em busca de comida, ele é o alimento".

Por sua vez, João Calvino escreveu nas Institutas: "Nasceu por nós, viveu por nós, sofreu por nós, morreu por nós e ressuscitou por nós". Aquilo que Cristo fez não foi somente um ato humano passado antigo, não foi somente algo que aconteceu na história, mas foi algo que aconteceu por nós. Havia um alvo, esse alvo era o povo de Deus. Faça parte desse povo. Receba o que Cristo fez em sua vida e você encontrará o caminho de salvação, esperança e vida eterna.

Conclusão e aplicações

Algumas aplicações finais para celebrarmos a grandeza que Cristo significa para nós:

1. Não precisamos de nada além de Cristo para sermos salvos, portanto nós não depositamos nossa esperança em nós mesmos. Nossa esperança de encontrar Deus não está depositada na nossa capacidade de fazer coisas boas, de viver corretamente. Buscamos uma vida correta, porque encontramos fé no Deus que amamos; buscamos uma vida de santificação, porque fomos transformados pelo Deus que nos trouxe a ele. Amamos Cristo Jesus, mas não é nossa capacidade de fazer as coisas certas que nos traz para o Pai. Não olho para minha santificação para me aproximar do Deus vivo, olho para Cristo Jesus, ele é minha esperança até quando eu falho.

2. Não temos valor e propósito em nada além de Cristo Jesus: ele é nossa esperança, ele é nosso motivo, ele é nossa razão. Não temos que achar que nosso valor no mundo é porque somos bonitos, melhores, superiores ou cheios do dinheiro. O nosso valor no mundo é porque Jesus nos ama, porque ele nos quer, porque ele se entregou em nosso lugar e, por isso, somos amados. Você aguenta o ódio dos homens, o desprezo do mundo, a força do diabo, porque Jesus Cristo é tudo e você não precisa de mais nada.

3. Até nossa busca por santificação é uma busca no poder de Cristo: não nos santificamos pela nossa própria força, não lutamos contra o pecado criando artifícios humanos pura e simplesmente para sobreviver nessa batalha contra o mal. Cristo Jesus é a nossa força e a nossa instrumentalização para vencer nossos próprios erros. Paulo usou Jesus para que a igreja vencesse seu próprio pecado. Nós temos que olhar para Jesus constantemente para encontrarmos força para vencer nossa própria miséria moral.

4. Nós nos engajamos com urgência e vigor na proclamação do nome desse Cristo. É a única forma pela qual os homens podem ser salvos. Essa é a nossa mensagem. Por essa causa nos entregamos à obra missionária, investimos em missões. Nós batalhamos para que o nome de Cristo seja proclamado pelo mundo.

LEIA MAIS

- *A Supremacia e Suficiência de Cristo*, de Augustus Nicodemus (Vida Nova)
- *O Verdadeiro Evangelho*, de Paul Washer (Fiel)
- *A Cruz de Cristo*, de John Stott (Editora Vida)

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Em quem você tem colocado sua esperança de redenção? Há alguém além de Cristo? Pense sobre os substitutos de Cristo que podem estar ocupando lugar em sua vida. Ele pode ser um parente próximo, pastor famoso, figura política ou intelectual.
2. Você confia em alguém além de Cristo para sustentar seu relacionamento com Deus? Essa pergunta parece chocante, mas reflita nela. Será que você está se apoiando e confiando na fé de seus pais, líderes ou pastor?
3. Somos seres miméticos, ou seja, estamos sempre imitando alguém em algum nível. Quem você está imitando? Seu padrão é Cristo? Seus referenciais humanos têm Cristo como padrão?

4. Qual o conteúdo do seu evangelismo? Precisamos pregar o Cristo crucificado e ressurreto. Quais as dificuldades você encontra para anunciar Jesus somente como salvador e mediador entre Deus e os homens?

5. Reflita e converse sinceramente sobre as seguintes perguntas: Seu prazer está centralizado em Jesus Cristo? Ele tem sido suficiente para alegrar seu coração? Pense em como dependemos muito de outras pessoas e coisas além de Cristo.

4. EXPIAÇÃO EFICAZ

Jesus morreu apenas pelos salvos

> *A doutrina da expiação definida declara que, na morte de Jesus Cristo, o Deus trino tencionava redimir cada pessoa dada ao Filho pelo Pai no passado eterno e aplicar as metas de seu sacrifício a cada um deles pelo Espírito. A morte de Cristo tinha o propósito de conquistar a salvação somente do povo de Deus.*
>
> David Gibson e Jonathan Gibson
>
> em *Do céu Cristo veio buscá-la*

Ouvimos por aí que Jesus morreu por todo mundo, mas será que isso é algo ensinado na Escritura ou se aprende a partir da cultura ao nosso redor? Neste capítulo falaremos sobre a doutrina da expiação eficaz, da expiação definida ou, como é historicamente conhecida, expiação limitada. Quero mostrar que Jesus não morreu por todo mundo e que, se você for um descrente neste momento, Jesus pode não ter morrido por você. Acompanhe este capítulo para compreender melhor esta doutrina.

* * *

O que é essencial na doutrina da expiação limitada? Deixe-me recorrer novamente aos Cânones de Dort, que explicam bastante a

respeito: "Pois este foi o soberano conselho, a vontade graciosa e o propósito de Deus o Pai, que a eficácia vivificante e salvífica da preciosíssima morte de seu Filho fosse estendida a todos os eleitos. Daria somente a eles a justificação pela fé e por conseguinte os traria infalivelmente à salvação. Isto quer dizer que foi da vontade de Deus que Cristo por meio do sangue na cruz (pelo qual Ele confirmou a nova aliança) redimisse efetivamente de todos os povos, tribos, línguas e nações, todos aqueles e somente aqueles que foram escolhidos desde a eternidade para serem salvos e Lhe foram dados pelo Pai. Deus quis que Cristo lhes desse a fé, que Ele mesmo lhes conquistou com sua morte, junto com outros dons salvíficos do Espírito Santo". A doutrina da expiação eficaz, ou expiação limitada, diz que Jesus morreu na cruz unicamente por aqueles que seriam salvos, que a obra na cruz não visa a um resgate genérico de toda a humanidade, mas que a obra na cruz aconteceu para efetivamente salvar aqueles que seriam salvos. Isso significa que Jesus não levou na cruz os pecados de todo mundo, levou os pecados de seu povo. Resumidamente, essa é a doutrina da expiação eficaz.

O que a expiação eficaz não é? Como temos feito, vamos definir o que não é expiação limitada, pois é bom evitarmos algumas más compreensões a respeito dela. Primeiro, não significa que Deus faz acepção de pessoas. Geralmente é o que se ouve quando a discussão gira em torno de eleição ou expiação, mas sempre que a Escritura fala sobre acepção de pessoas, ela está falando sobre escolher um povo em detrimento de outro no sentido de escolher judeus em detrimento de gentios. Acepção de pessoas significa escolher homens e não mulheres, ricos e não pobres, judeus e não gentios. Acepção de pessoas fala sobre Deus criar esse tipo de padrão, coisa que não encontramos na Bíblia, mas encontramos Deus escolhendo gente de todo povo, tribo, língua e nação. Deus não está escolhendo só um povo, Deus não é tribal e não faz acepção de pessoas, não! Deus escolhe gente de toda a humanidade. Todas as tradições cristãs entendem que Deus escolhe o seu povo e rejeita os ímpios, e essas tradições cristãs não estão dizendo que Deus faz acepção de pessoas.

Isso também não significa, em segundo lugar, que Jesus não se importa com os perdidos. Ainda que na cruz não tenham sido recebidos os pecados de todo mundo, nós temos um Cristo que oferece a sua salvação a todos os homens e que convida todas as pessoas a crer. Nós somos ordenados pelo próprio Cristo a pregar o evangelho a todas as pessoas. Nós temos um Cristo que se coloca à disposição de todo mundo.

Em terceiro lugar, a expiação limitada não significa que nós não devemos oferecer o evangelho a todo mundo. Nós, como cristãos, não sabemos quem são os eleitos, não sabemos quem são as pessoas por quem Cristo morreu. Como cristãos, nós temos que oferecer essa morte a todas as pessoas, porque nós não sabemos a quem ela será aplicada.

Em quarto lugar, também não significa que a obra na cruz não seria poderosa para salvar todo mundo. A obra da cruz e o sangue de Jesus são preciosos, valiosos e poderosos o bastante para salvar mil planetas como a Terra, mil universos se eles existissem. Não é questão de lidar com o valor da cruz, mas é uma questão de lidar com a aplicabilidade e a extensão da obra da cruz. A pergunta é por quem Jesus morreu de fato e quem ele está salvando de fato na cruz. Então, para poder responder biblicamente por quem Cristo morreu, precisamos começar fazendo uma breve teologia da expiação.

Uma teologia da expiação

O que é a expiação e como isso afeta nossa compreensão da realidade? É importante saber disso, porque o Novo Testamento constantemente apresenta o Antigo como sombra e tipo daquilo que encontramos no Novo. Em João 5.39, está escrito: "Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam". Jesus diz que as Escrituras testificam a respeito dele e daquilo que viria no futuro. Como está escrito em Hebreus 10.1: "Porque tendo a lei a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas". O Antigo Testamento representava algo que viria. Em Colossenses 2.16-17, lemos a mesma coisa: "Portanto,

ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, que são sombras das coisas futuras". Ninguém deveria ser julgado pelos padrões do Antigo Testamento, porque eram sombras das coisas futuras.

Vários aspectos do Antigo Testamento vão se concretizar de fato no Novo Testamento, como por exemplo, a expiação no sangue de Jesus. Nos tempos da lei sacerdotal, como os homens tinham seus pecados perdoados? No livro de Levítico, principalmente do capítulo 1 ao 6, é descrito o processo de expiação. Resumidamente, o homem que pecasse iria chegar ao sacerdote e trazer uma oferta, geralmente um cordeiro, e entregá-lo como sacrifício pelo seu pecado; o sacerdote ia orar por aquele que pecou e pelo cordeiro, e o pecado seria transferido de quem pecou para o animal. Quando o animal fosse morto, o pecado morreria junto com ele. Dessa forma, o pecado foi expiado. Deus passou por cima desse pecado, porque ele foi lançado no animal, e o animal foi morto, levando o pecado consigo. O homem, então, estaria limpo do pecado que cometeu. O termo expiação vem do hebraico *kippurim*, derivado de *kaphar*, que significa "cobrir". Não é que o sangue ou sacrifícios de animais perdoasse de fato, mas - quando um judeu fazia isso - ele estava olhando para um sacrifício futuro pelos seus pecados, que era justamente o sacrifício do Messias. Assim como nós hoje somos salvos olhando para o sacrifício que já aconteceu, um judeu era salvo olhando para um sacrifício que aconteceria.

Em Levítico 4.27-29, vemos uma descrição detalhada de como isso funciona. Ou seja, na linguagem de Myer Pearlman, "Expiar o pecado é ocultar o pecado da vista de Deus de modo que o pecador perca seu poder de provocar a ira divina".

O próprio Antigo Testamento estabelece que Cristo Jesus, o Messias que viria, seria esse cordeiro imolado que levaria os nossos pecados. Lemos isso principalmente em Isaías 53.4-12, onde fala que ele levou os nossos pecados, que ele foi ferido pelas nossas dores e levou as nossas transgressões, que através de suas pisaduras fomos sarados e que ele recebeu o nosso castigo. Diz ainda que o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós e,

como um cordeiro, foi levado ao matadouro. Diz o verso 12: "mas ele levou sobre si o pecado de muitos".

O Novo Testamento apresenta Jesus como o cordeiro que leva o nosso pecado, assim como os cordeiros do sacrifício do Antigo Testamento. Em João 1.29, João Batista declara justamente isso quando encontra Jesus: "Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!". Jesus era o cordeiro que seria imolado, que levaria sobre si o pecado e, quando morto, o pecado morreria com ele. Em Hebreus 7.26-27, novamente Jesus é estabelecido como cordeiro à semelhança do Antigo Testamento "[...] santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores [...] que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu". Temos um Jesus que é, ao mesmo tempo, o sacerdote e a oferta. Ele é aquele que sacrifica a oferta, mas é, ao mesmo tempo, a própria oferta que morre em nosso lugar, sendo comparado aqui com aquilo que o sacerdote fazia sacrificando o cordeiro e a oferta pelo pecado do povo de Deus.

Em 1 Pedro 1.18-20, está muito mais claro: "Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com precioso sangue, como de um cordeiro sem defeito e sem mancha, o sangue de Cristo, o qual, na verdade, foi conhecido ainda antes da fundação do mundo, mas manifesto no fim dos tempos por amor de vós". Cristo foi o nosso cordeiro imolado pelos nossos pecados em referência àquilo que acontecia no Antigo Testamento. Aqui, Jesus cumpriu aquilo que o cordeiro apontava no Antigo Testamento.

Em 1 Pedro 2.24, lemos: "carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados". Ou seja, como explica Robert Lethan no livro *A obra de Cristo*: "[...] o caráter vicário do sistema sacrificial do Antigo Testamento era plenamente evidente. Uma pessoa peca e é culpada; um animal morre e a pessoa fica livre porque esse animal é morto em seu lugar. Nós também pecamos e estamos sob o juízo de Deus. Cristo toma o nosso lugar e morre em

nosso favor (vicariamente), recebendo o nosso pecado e suas consequências, e assim somos libertados". O evento para o qual o cordeiro apontava no Antigo Testamento é o que se encontra em Cristo no Novo Testamento. O cordeiro do Antigo Testamento recebia o pecado, era morto, o pecado morria com ele e o homem era livre da ira de Deus. Jesus, no Novo Testamento, recebe o pecado, é morto, o pecado morre com Jesus e o homem é livre da ira de Deus.

Muito legal, muito bonito, mas fica uma pergunta complicada que precisa ser respondida. Cristo realmente limpou o pecado com o derramamento do seu sangue? Se ele fez isso por todo mundo, então não existe mais condenação? Se o cordeiro levou sobre si o pecado de todo mundo e todo mundo foi limpo do seu pecado, tendo sido pago na cruz de Jesus, então ninguém mais no planeta Terra deveria ser culpabilizado pelo seu pecado?

Ora, se Jesus morreu por todo mundo, então não existe mais ninguém que esteja no caminho da condenação. Esse é o problema que a ideia de uma salvação por todo o mundo, de uma expiação ilimitada, não consegue resolver. Se Jesus morreu por todos, todos devem ser salvos. A resposta que as pessoas geralmente dão é que Jesus não veio para salvar na cruz, veio para conceder uma possibilidade de salvação. Ele não veio para fornecer nada, veio simplesmente abrir a porta e cabe a você entrar ou não. Quando lemos na Escritura o que Jesus veio fazer na cruz, percebemos que ele não veio abrir uma possibilidade de salvação, veio para efetivamente salvar. Mateus 1.21 diz: "E dará à luz um filho e chamarás o seu nome JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados".

Lucas 19.10 diz ainda: "Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido". 1 Timóteo 1.15 diz que Jesus veio ao mundo para salvar pecadores. O objetivo de Jesus na cruz não é abrir uma possibilidade, não é abrir uma porta, não é nos tornar salváveis, mas é efetivamente consumar a salvação. A obra de Jesus na cruz é indivisível, é uma redenção consumada e aplicada. Ele não simplesmente consuma a redenção e espera que ela seja aplicada através da nossa boa escolha e vontade. Ele mesmo consuma e

aplica a redenção. A aplicação da redenção faz parte da obra da cruz. É muito bonito o que é dito em Tito 3.4-7: "ele nos salvou pelo lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós generosamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador. Ele o fez a fim de que, justificados por sua graça, nos tornemos seus herdeiros, tendo a esperança da vida eterna". Por que Jesus fez o que fez na cruz? Por que derramou seu sangue? Por que ele nos entregou seu Espírito? Ele fez isso para nos tornarmos herdeiros e termos esperança de vida eterna. A obra na cruz não tem só a função de abrir a possibilidade, ela também inclui a aplicação daquilo que Jesus veio comprar para nós.

Por quem Cristo morreu?

Então, a pergunta que fica realmente é: por quem Cristo morreu? Por quem foi a obra de Cristo na cruz? Se pararmos para prestar atenção, vamos encontrar pelo menos cinco respostas. Não cinco respostas bíblicas, mas cinco respostas dentro das possibilidades da realidade.

Primeiro, Jesus morreu por ninguém. Segundo, Jesus morreu por todos os pecados de todos os homens. Terceiro, Jesus morreu por todos os pecados de alguns homens. Quarto, Jesus morreu por alguns pecados de todos os homens. Quinto, Jesus morreu por alguns pecados de alguns homens.

A primeira possibilidade pode ser descartada logo, porque é ateísmo, é ignorar tudo que a Escritura fala a respeito de Jesus. Ele morreu pelos nossos pecados, morreu para salvar as pessoas. Dizer que ele morreu por ninguém é descrer na Escritura. As possibilidades quatro e cinco também podem ser descartadas logo. Se Jesus tinha morrido apenas por alguns pecados, então ninguém está realmente salvo. O salmo 143.2 diz: "Mas não leves o teu servo a julgamento, pois ninguém é justo diante de ti". O Salmo 130.3 diz: "Se tu, Soberano Senhor, registrasses os pecados, quem escaparia?". Se nós chegássemos diante de Deus com algum pecado ainda a ser limpo, nenhum de nós encontraria a salvação, porque o salário do pecado sempre será a morte. Qualquer falha moral diante de Deus é

digna de punição. Somos salvos, porque temos resgate no nome de Jesus e unicamente por isso. Logo, retornamos à questão central aqui: Jesus morreu por todos os pecados de todos os homens ou por todos os pecados de alguns homens? Esse é o cerne da questão que temos tratado.

Se Jesus morreu por todos os pecados de todos os homens, por que não são todos salvos? Por que não encontram todos a vida eterna? A resposta muitas vezes é que a incredulidade impede. Os homens não se apropriam daquilo que Jesus fez na cruz, porque são incrédulos. O problema é que, se Jesus morreu por todos os pecados de todos os homens, Jesus também morreu pela incredulidade desses homens. A incredulidade é um pecado e como pecado também teria sido expiada na cruz. Se Jesus morreu por todo mundo, Jesus morreu para perdoar a incredulidade de todo mundo. Se Jesus não morreu pela incredulidade, então Jesus morreu só por alguns pecados de todos os homens, não por todos os pecados de todos os homens. Isso significaria que a incredulidade não é um pecado perdoado na cruz e que cabe ao homem expiar a si mesmo da incredulidade. Isso é completamente absurdo dentro de qualquer teologia da expiação. No livro *Do céu Cristo veio buscá-la*, Garry Willians diz o seguinte: "Se Deus pune todo pecado, então Cristo teria morrido pelo pecado de incredulidade, e se ele fez isso por todos, sem exceção, então todos, sem exceção, seriam salvos. [...] ou universalismo, ou expiação definida". Nesse mesmo artigo, Garry Willians lida com o problema da dupla punição. Se a inconsistente expiação geral fosse verdadeira, a ira de Deus pelo pecado de alguns homens teria sido derramada em Cristo em vão. Além disso, uma vez derramada sobre Jesus, ela não poderia ser derramada novamente sobre o pecador, uma vez que Cristo já bebeu desse cálice de punição, enquanto o Cristo da expiação definida é o Cristo que vê o fruto do seu penoso trabalho e fica satisfeito, não é o Cristo que sofre por pessoas que serão condenadas afinal. Garry Willians, mais uma vez, prezado leitor, diz o seguinte: "[...] quando Deus deu sua resposta a um pecado, então ela foi dada. O pagamento a Deus não pode ser exigido duas vezes; a punição de Deus não pode ser infligida duas vezes. O sangue de Cristo já deu

uma resposta aos pecados de seu povo, inclusive seus pecados de incredulidade. Nada mais resta a ser feito. O sofrimento pessoal, físico e espiritual de Cristo não pode ser desfeito. Porque o sofrimento foi suportado e não pode ser substituído, ele deve entrar em vigor. Cristo *já* morreu".

Ou seja, o problema da dupla punição é uma questão teológica muito séria. Se alguém paga uma dívida sua e você tenta pagar essa dívida novamente, aquele que recebe o pagamento não seria uma pessoa justa. Não aceitar um duplo pagamento por qualquer coisa é um ato comum de honestidade. Por isso, dizer que Deus, Senhor sobre céus e terra, permite que um pecado seja pago em Cristo Jesus e depois seja pago pela pessoa que cometeu o pecado, ou dizer que no inferno estão sofrendo pessoas que tiveram seu pecado pago por Cristo Jesus não é uma boa teologia da expiação.

Cristo morreu pelo seu povo

Quando lemos por quem Cristo morreu, encontramos a Escritura dizendo várias vezes que Cristo morreu pelo seu povo e que a igreja foi o alvo da expiação de Jesus.

Veja, por exemplo, João 6.37-40, no qual Jesus diz: "Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora. Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia. Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia". Você percebe a especificidade desta obra de Jesus? Percebe que ele veio para pegar aquele que foi dado pelo Pai para que nenhum se perca? Ele veio para que todo aquele que crê no filho o encontre e seja salvo por ele, e encontre, então, a vida eterna. Jesus não veio para trazer uma obra geral sobre toda a humanidade, ele veio para, de forma específica, encontrar aqueles que foram dados por Deus.

Encontramos a mesma ideia em João 10.11, 15, 26-28: "Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas [...] Assim

como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai, e dou a minha vida pelas ovelhas [...] Mas vós não credes porque não sois das minhas ovelhas, como já vo-lo tenho dito. As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu as conheço, e elas me seguem; e dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão". O pastor não morre pelos lobos, morre unicamente pelas ovelhas. As ovelhas são encontradas pelo sacrifício do pastor, não os lobos. Os lobos não acreditavam no pastor, porque não eram ovelhas. Não é o contrário. A ideia não é que eles não eram ovelhas porque não acreditavam, mas que eles não acreditavam porque não eram ovelhas.

É interessante observarmos, em João 17.6-9; 19-21, a oração sacerdotal de Jesus, em que ele ora especificamente pelo seu povo e ignora, em sua oração, o mundo que o rejeita: "Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste; eram teus, e tu mos deste, e guardaram a tua palavra. Agora já têm conhecido que tudo quanto me deste provém de ti; porque lhes dei as palavras que tu me deste; e eles as receberam, e têm verdadeiramente conhecido que saí de ti, e creram que me enviaste. Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus [...] E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade. E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim; para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste".

Temos um Jesus que ora pelo seu povo, por aqueles que creram. Jesus tem os que creem como dados por Deus. Ele diz, oro por eles e não oro pelo mundo, mas por esses e por aqueles que crerão. Jesus não ora por todo mundo de forma genérica, mas intercede pela igreja e se importa de forma especial com ela, porque veio em uma obra para a igreja. Não vemos isso apenas no evangelho de João. Vemos também em Atos: "Olhai, pois, por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue" (20.28). Quem foi resgatado com o sangue de Jesus?

Resposta: a igreja de Deus. Não foi um resgate genérico por todo mundo, mas um resgate eficaz pela igreja. Paulo também constrói uma teologia da expiação extremamente restrita. Veja Romanos 3.21-26: "Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus".

A obra na cruz também aconteceu para pagar os pecados daqueles do Antigo Testamento que pecaram, mas eles ainda não haviam sido expiados pela obra de Cristo. Deus passou por cima dos pecados deles por causa daquilo que aconteceria, mas, a partir do momento que Jesus é encarnado e morre, ele o faz pelos pecados daqueles que são da nova aliança, mas também morre pelos pecados daqueles que são da antiga aliança; ele vem para propiciar os pecados dos salvos. Ele não morreu por todo mundo do Antigo Testamento, mas por aqueles que foram perdoados. Ele vem para ser justificador daqueles que têm fé. A obra dele foi para os que creem, não para todo mundo. Em Romanos 5.7-10, Paulo diz o mesmo: "Porque apenas alguém morrerá por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém ouse morrer. Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo, muito mais agora, tendo sido justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, tendo sido já reconciliados, seremos salvos pela sua vida". Ele morreu por nós enquanto ainda éramos pecadores e porque ele morreu por nós, seremos salvos da ira. O mundo não será salvo da ira, mas nós seremos, porque, sendo inimigos, fomos reconciliados por Deus através da morte de seu filho. É a morte de Cristo que nos reconcilia e porque ele morreu por nós somos reconciliados. Nós não participamos dessa reconciliação através do nosso próprio esforço de receber a morte genérica, mas porque ele morreu, e ele mesmo nos reconcilia aplicando essa redenção.

Em Romanos 8.30-34, esse aspecto específico da morte de Cristo também se manifesta: "E aos que predestinou a estes também

chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou. Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas? Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem é que condena? Pois é Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós".

Existe uma unidade completa naquilo que Jesus faz por nós na cruz. Ele predestinou, chamou, justificou, glorificou. Tudo é unido numa única obra que provém dele. Nenhum predestinado deixa de ser chamado, nenhum chamado deixa de ser justificado, nenhum justificado deixa de ser glorificado. Paulo pergunta: "se ele não poupou o próprio Filho, como ele não nos dará junto com o Filho o resto da salvação? Se ele matou o próprio Jesus por nós, então como ele não nos daria a permanência na fé, como ele não nos daria continuidade da vida de salvação?". Isso significa que a salvação é um todo completo. Se ele entregou o Filho que é o maior, o mais valioso, como ele negaria a aplicação da obra do Filho a nós? Aquele que morreu é quem garante que receberemos a aplicação da sua morte. Porque foi uma morte feita especificamente por nós.

Em 1 Coríntios 15.3, lemos: "Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras". Veja também Gálatas 1.3-4: "Graça e paz da parte de Deus Pai e do nosso Senhor Jesus Cristo, o qual se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de Deus, nosso Pai". Ele se entregou, e essa obra de entrega nos livra do século mal. Foi o objetivo da morte, foi para isso que a morte aconteceu. Gálatas 3.13 diz: "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro". Foi por nós que ele foi amaldiçoado, não de forma genérica por todo mundo. Veja, ainda, Efésios 1.3: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo".

O que Jesus fez na cruz já nos abençoa com tudo que é possível de sermos abençoados em Deus. Ele nos abençoou. Essas bênçãos são disponíveis a nós e não a qualquer pessoa do mundo. É disponível àqueles que receberam a obra de Jesus. Efésios 5.25 diz: "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela". Olha que aplicação interessante. Se a nossa obra em dedicação às nossas esposas é baseada na obra de Jesus em dedicação e sacrifício à igreja, eu como marido tenho uma excelente desculpa, porque Jesus não se sacrificou unicamente pela sua noiva, mas se entregou por todo mundo, e eu como marido posso me sacrificar não só pela minha mulher, mas de forma igual por todas as mulheres do planeta. A aplicação de Paulo ao casamento faz sentido, porque temos um Jesus que se entrega unicamente à sua noiva e morre unicamente por ela, a igreja. É por isso que o homem se dedica exclusivamente à sua própria mulher e se entrega a ela de forma especial. Tito 2.14: "O qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras". Em 1 João 3.5, está escrito que ele se manifestou para tirar os nossos pecados. Em 1 João 4.10, está escrito que ele foi enviado para propiciação dos nossos pecados. Apocalipse 1.5 diz que, em seu sangue, ele nos salvou dos nossos pecados. Há um longo testemunho na Escritura afirmando que ele morreu por nós, pela sua igreja, pelo seu povo. Não foi uma morte genérica por toda a humanidade, mas uma morte específica pela sua igreja.

"Mundo" e "Todos" – Resgatando o contexto judaico

Por que nós muitas vezes perdemos isso de vista quando lemos a Escritura? Perdemos porque interpretamos errado o modo como o Novo Testamento usa duas palavras. Hoje, no contexto brasileiro do século 21, no ocidente, nós usamos essas palavras de forma diferente. São as palavras *mundo* e *todos*. No grego, a palavra *kosmos* é usada para se referir a mundo, e a palavra *panta* ou *pasa* é usada para se referir a "todos" no Novo Testamento. O problema é que perdemos o contexto intimamente judaico em que essas

palavras aparecem. A relação entre judeus e gentios na Bíblia é algo muito sério, que muitas vezes não percebemos.

Gostamos de ver na Bíblia aplicações pessoais o tempo todo, mas Deus está falando muito frequentemente sobre a relação entre povos. Pense nas parábolas do evangelho de Mateus, por exemplo: sobre remendo novo em roupa velha e vinho novo em odres velhos (Mt 9.16,17), sobre os trabalhadores na vinha (Mt 20.1-16), sobre o filho pródigo (Mt 21.28-32), sobre os lavradores (Mt 21.33-44), sobre o banquete de casamento (Mt 22.2-14), entre várias outras. Todas essas parábolas falam do relacionamento entre judeus e gentios. São parábolas que nas pregações aplicamos à vida da pessoa como se fosse sobre isso. Essas parábolas são sobre povos se relacionando. Muitas vezes vemos a Bíblia falando sobre o mundo e interpretamos que essa expressão sempre significa "todas as pessoas", mas dentro de um contexto de relação entre judeus e gentios, muitas vezes, o uso da palavra "mundo" significa unicamente o contexto dos gentios.

A Bíblia fala de um mundo para falar dos gentios entrando na aliança em contraposição com a tribo, o povo de Israel. Ora, no Novo Testamento a palavra mundo é usada de muitas formas diferentes. Seja para falar do universo material, habitável (Jó 34.13; Mateus 13.38; Atos 17.24; Efésios 1.4), seja para falar de todas as pessoas sem exceção (Romanos 6.36), seja para todas as pessoas sem diferença (João 7.4), para falar de muitos homens (Mateus 18.7), para a maioria dos homens (Romanos 1.8), para falar do império romano especificamente (Lucas 2.1), para falar exclusivamente de homens bons (João 14.7) ou exclusivamente de homens maus (João 6.33), para falar sobre o mundo como um sistema corrupto (Gálatas 6.14), para falar sobre a condição humana (João 18.36) e para falar sobre o reino de satanás (João 14.30).

A palavra *kosmos* possui um campo semântico muito vasto. É uma palavra com muitos significados possíveis. Por exemplo, em Lucas 2.1, é usada para falar exclusivamente sobre o império romano. Em 1 João 1.20, é para falar sobre aqueles que não creram. Em João 8.26, é para falar sobre certos judeus. Em João 12.19, para falar sobre muitas pessoas. Em 1 João 5.19, é para falar sobre

aqueles que estão sob a influência do maligno. Os versículos que falam sobre Jesus ter morrido por todo mundo geralmente estão se referindo a quê? É preciso olhar com cuidado para cada texto para saber o que se está dizendo. Em uma análise mais aprofundada, percebemos que o campo semântico de mundo, quando usado no contexto do sacrifício da morte de Jesus, quase sempre está se referindo aos gentios em contraposição ao povo judeu.

O mesmo acontece no uso da palavra *todos*. Quando lemos todos na Escritura, muitas vezes interpretamos que ele está falando de todos sem exceção, cabeça por cabeça, mas é muito comum que a palavra todos seja usada para se referir a todos sem distinção, que significa não excluir nenhum tipo de gente, não a todos sem exceção, ou seja, sem excluir ninguém. Isso acontece muito frequentemente na Bíblia. Em Lucas 11.42, por exemplo, ou em Mateus 23.23, que é o texto paralelo, Jesus diz que os fariseus davam o dízimo de todas as hortaliças. No original grego, tem-se "todas as hortaliças", e nossas Bíblias traduzem como "todo tipo de hortaliça" ou "toda espécie de hortaliças". Nenhuma Bíblia traduz como se os fariseus pegassem todas as hortaliças do planeta Terra sem exceção e dessem o dízimo de todas elas. Isso é impossível! Agora, o texto está falando que eles davam o dízimo de toda espécie de hortaliças, ou seja, não todas sem exceção, mas todas sem distinção. Como sabemos disso? No texto de Lucas 11.42, Jesus está falando sobre espécies de hortaliças; eles dão o dízimo do endro, do cominho, da hortelã e de toda hortaliça. Ele está descrevendo tipos e usa "toda". Nós entendemos que não é todas sem exceção, mas todas sem distinção.

Em Atos 10.12, o mesmo acontece no relato da visão de Pedro com o lençol que desce trazendo animais impuros. O texto diz, nas nossas traduções em português, que havia todo tipo de animal impuro, mas no grego não tem "tipo", tem todos os animais impuros. Quer dizer que todos os animais impuros do mundo desceram no lençol? Não, mas toda espécie e todo tipo de animal impuro desceu ali. Atos 2.17 é outro texto perfeito para exemplificar o que estamos defendendo. O Espírito Santo desce, as pessoas falam em línguas, Pedro prega aos judeus dizendo que aquilo era o cumprimento de

Joel 2 e que essa profecia se referia ao Espírito Santo sendo derramado sobre toda carne. A palavra carne significa pessoa, ser humano. *Carne e sangue* é usado na Escritura para falar de tudo aquilo que é humano. Admitindo-se que *panta* transmite a ideia de todos sem exceção, o Espírito Santo desceria sobre toda carne, ou seja, sobre todos os seres humanos, sobre todas as pessoas. Foi isso que aconteceu em Atos 2? Não, o que aconteceu foi que o Espírito Santo desceu sobre gentios, sobre não judeus. Ou seja, o Espírito Santo estava descendo sobre toda a carne? Não toda a carne sem exceção, mas toda a carne sem distinção, todo tipo de gente. Não foram todas as pessoas do mundo que receberam o Espírito Santo, mas todas as pessoas indistintamente receberam o Espírito Santo. Ou seja, o Espírito Santo estava descendo sobre gentios, não mais apenas sobre judeus.

É por causa da má compreensão dessas duas palavras que muitas vezes lemos de forma errada certos versículos que parecem indicar que Jesus morreu por todo mundo. Podemos até perguntar: se Jesus morreu por todo o mundo, por todos, por que a Escritura fala constantemente que ele morreu por muitos? Se ele morreu por todos, falar de muitos não faz sentido. Se eu tenho todos de algo no mundo, porque vou dizer que eu tenho muitos de algo no mundo? Constantemente a Bíblia fala sobre Jesus morrer por muitos. Isaías 53.11 diz que ele justificará a muitos; Mateus 20.28 diz que ele veio em resgate de muitos; Mateus 26.28 diz que o seu sangue foi derramado por muitos.

João 11 é um texto maravilhoso para falar sobre a relação que há entre Jesus morrer especificamente pelo seu povo em contraste de todas as pessoas. Os versos 50 a 52 dizem assim: "'Não percebeis que vos é melhor que morra um homem pelo povo, e que não pereça toda a nação'. Ele não disse isso de si mesmo, mas, sendo o sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus morreria pela nação judaica, e não somente por aquela nação, mas também pelos filhos de Deus que estão espalhados, para reuni-los num povo". Veja o que acontece aqui. Jesus veio para morrer pelo povo judeu, mas não apenas pelo povo judeu, por todas as pessoas, por todo mundo? Não! Mas por todos os filhos de Deus que estão espalhados pelo

mundo. Aqui era o momento perfeito para João estender o que seria o sacrifício de Cristo. Ele não veio morrer só pelo povo judeu, mas por todo mundo, mas ele não diz isso. Ele não veio morrer só pelo povo judeu, mas por todos os filhos dele que estão espalhados pelo mundo.

Apocalipse 5.9-10 tem o mesmo sentimento: "[...] e eles cantavam um cântico novo: 'Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto, e com teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação. Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra'". Ele morreu para pessoas de todas as raças, tribos, classes sociais, cores, sexos.

Os versículos "arminianos"

Se você chegou até aqui na leitura, deve estar sentindo falta de alguns versículos que embasam os argumentos de quem defende a expiação ilimitada. Para que nossa argumentação seja mais completa, vamos dedicar as últimas páginas deste capítulo a esses versículos.

Tentarei ser o mais honesto e fiel ao texto possível e abordar todos os versículos que geralmente são usados para defender a ideia de expiação ilimitada, a ideia de que Jesus morreu por todo mundo. É importantíssimo que, antes de ler este trecho, você leia o que já dissemos sobre expiação limitada, onde há uma defesa proposicional e uma explicação muito clara, bem longa.

Simplesmente citar uma penca de versículos que fala o contrário não ajuda em nada. Isso pode fazer parecer que a Bíblia se contradiz. Precisamos mostrar alguns versículos, mas também precisamos dizer como outros veículos estão sendo mal interpretados, senão tudo que podemos conseguir é dizer que a Bíblia se contradiz. Nós não acreditamos que a Bíblia se contradiz, portanto, acreditamos que um dos dois lados está interpretando alguns versículos de forma errada. A pergunta é: qual lado do debate interpreta os versículos do outro lado da melhor maneira, da forma que seja mais coerente? Eu acredito que a ideia da expiação

limitada interpreta os versículos que aparentemente falam de uma salvação universal de forma muito mais coerente do que o contrário. A tentativa de assumir uma expiação ilimitada e lidar com os textos e com a teologia da expiação é muito mais problemática, é muito menos convincente.

O primeiro verso que geralmente se usa é João 3.16: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". Já vimos que a palavra "mundo" pode ter muitos significados. João gosta muito de utilizar "mundo" se referindo aos gentios ou ao mundo como um ambiente caído. Há um amor de Deus que se manifesta a todo mundo, isso pode significar os gentios como pode significar o mundo caído, mas isso não é central no debate, porque ainda que haja um amor de Deus que se manifesta por todo mundo, o filho foi entregue para que todo aquele que nele crê não pereça. Então, ainda que a motivação da entrega do filho tenha sido um amor geral por todo o mundo, o que não é, ainda assim esse filho foi entregue para aqueles que creem, foi entregue para que todo aquele que nele crê não pereça. Então, o objetivo da entrega é o resgate dos que creem para que encontrem a vida eterna. Portanto, João 3.16 não está falando de uma expiação ilimitada.

Romanos 5.17.19 também é um texto muito usado para defender a ideia de expiação ilimitada: "Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo. Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida. Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos". Em Adão foram mortos todos os homens no seu pecado; em Jesus então seriam vivificados todos os homens. Mas veja, o contexto de Romanos é inteiramente, ou quase inteiramente, um debate muito sério entre a relação entre judeus e gentios. Em Romanos, dos capítulos 1 a 3, o

que encontramos, a partir do versículo 18, é Paulo argumentando que judeus, gentios, romanos e gregos, todos caíram no pecado. A discussão é sobre pessoas indistintas, não pessoas sem exceção.

Ainda dentro do contexto maior em que o capítulo 5 está inserido e vai ser extremamente desenvolvido em Romanos 9 a 11, temos a mesma ideia. Paulo desenvolve a ideia de judeus e gentios sendo mortos no pecado de Adão e os mesmos sendo vivificados em Cristo Jesus, tanto que, no começo do verso 17 citado acima, ele começa a falar que todos caíram em Adão e todos foram salvos em Jesus, mas depois passa para "muitos". Muitos caíram em Adão, muitos foram salvos em Jesus. Temos um paralelismo aqui. *todos* que é usado por Paulo está em paralelo com o *muitos*, o que significa que ele não está falando de todos sem exceção, mas de todos sem distinção. Paulo quer chamar atenção para a queda de todos em Adão, toda raça, toda etnia, todo povo, todo grupo, de forma que são vivificadas em Cristo Jesus pessoas de todo povo, toda etnia e toda raça. Paulo está chamando a atenção para a relação entre judeus e gentios. Romanos 5 não parece estar defendendo a expiação ilimitada.

O capítulo 2 da primeira carta de Paulo a Timóteo é o queridinho dos arminianos. O texto diz assim: "Exorto, pois, antes de tudo, que se façam súplicas, orações, intercessões, e ações de graças por todos os homens, pelos reis, e por todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranquila e sossegada, em toda a piedade e honestidade. Pois isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade. [...] Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual se entregou a si mesmo como resgate por todos. Esse foi o testemunho dado em seu próprio tempo. Para isso fui designado pregador e apóstolo, mestre da verdadeira fé aos gentios". O que Paulo está falando aqui quando diz que Jesus morreu por todos, que é o salvador, e que deseja que todos os homens sejam salvos? O todos aqui está falando de todos sem exceção ou de todos sem distinção? Veja, primeiro ele fala sobre fazer súplicas por todos os homens. Como você ora por todas as

pessoas do mundo sem exceção? Não tem como orar por sete bilhões de pessoas. Paulo está falando sobre orar por todas as pessoas sem distinção. A palavra *todos* aparece no começo do capítulo nesse sentido de todos sem distinção, por isso ele diz: orem pelos reis e por todos que estão instituídos de autoridade. Paulo parece estar preocupado com uma oração também por aqueles que estão sobre o povo e as escalas de gradação de pessoas que são autoridades civis. Orem por todos os homens, por aqueles que estão investidos de autoridade, porque Deus deseja que todos sejam salvos. *Todos sejam salvos*, então, no contexto de 1 Timóteo, fala sobre todos sem distinção, de salvação também de reis, salvação também de pessoas que estão no contexto de autoridade.

Mais à frente, Paulo diz que se entregou por todos, porque ele é pregador da fé aos gentios. Parece que todos aqui está se referindo à questão de tipos de homens, por isso ele evoca os gentios no texto. Não simplesmente salvação para o povo judeu, mas também salvação para o povo gentio, porque Jesus se entregou por todos sem distinção. 1 Timóteo 2 parece também não estar falando sobre expiação ilimitada.

Ainda na mesma carta, no capítulo 4, há um texto um pouco polêmico para algumas pessoas: "Pois para isto é que trabalhamos e lutamos, porque temos posto a nossa esperança no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, especialmente dos que creem" (1 Timóteo 4.10). Eita! Ele é "o salvador de todos os homens, especialmente dos que creem"!. É curioso, a palavra *especialmente* aqui tem uma função curiosa. O especialmente é um qualificativo que intensifica o significado de salvação, intensifica aquilo que vem posposto e diminui a ênfase naquilo daquilo que é anteposto. Quando diz que é o salvador de todos os homens, especialmente dos que creem, significa que quem crê encontra salvação, como entendemos, realmente, o significado semântico normal de salvação. Ele vem para salvar e salvar aqueles que creem, mas ele também é o salvador de todos os homens, mas salvador em um sentido menor, porque se o especialmente vem para intensificar o significado de salvador para aqueles que creem, então diminui o significado de salvador para aqueles que não creem. Isso significa que Deus é

potencialmente salvador de todos os tipos de pessoas, mas a salvação alcança apenas os fiéis. Ele está disposto, aberto para todas as pessoas, pois ele é o salvador de todos os homens. Já vimos que, no contexto de 1 Timóteo, ele usa todos no sentido de todos sem distinção. Esse texto também não parece estar falando de expiação ilimitada com efeitos limitados ou algo assim, como colocam Mark Driscoll e Gerry Breshears; ele não está falando que a obra na cruz foi por todo mundo, mas que ela está disponível, é potencialmente a todos os tipos de pessoas, mas é especialmente para aqueles que creem. A palavra *especialmente* aqui é importante para entender o que o texto quer dizer.

Tito 2.9-11 e 14 também é um texto muito famoso: "Exorta os servos a que sejam submissos a seus senhores em tudo, sendo-lhes agradáveis, não os contradizendo nem defraudando, antes mostrando perfeita lealdade, para que em tudo sejam ornamento da doutrina de Deus nosso Salvador. Porque a graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos os homens. [...] Ele se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras". Aqui, Paulo diz que a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, trazendo salvação a todos os homens. Se a graça de Deus traz salvação a todos os homens, então todos os homens são salvos, mas não é disso que o texto está falando. No mesmo trecho, no verso 2, ele fala de homens mais velhos, de mulheres mais velhas; nos versos 3 e 4, sobre mulheres mais jovens; nos versos 4 e 5, sobre homens mais jovens; no verso 6, sobre os senhores e os escravos; nos versos 9 a 11, fala que a graça de Deus se fez salvadora a todos os homens. Todos sem exceção? Não! O contexto está falando sobre tipos de homens, tipo de seres humanos, está falando de pessoas sem distinção, para mulheres mais velhas, homens mais velhos, para jovens, escravos, líderes, ele está falando sobre os tipos de pessoa, por isso no final, no verso 14, ele diz: "Ele se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu". A carta de Tito chama atenção para a especificidade da obra da salvação, porque ele acabou de falar da parte mais genérica, de

todos os povos, de todos os tipos de pessoas, todos sem distinção recebendo a salvação. Tito 2 não parece defender a ideia de expiação ilimitada.

Hebreus 2.9, 16 e 3.3 também são muito usados para tentar defender a expiação ilimitada. Diz o texto: "vemos, porém, aquele que foi feito um pouco menor que os anjos, Jesus, coroado de glória e honra, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos. [...] Pois, na verdade, não presta auxílio aos anjos, mas sim à descendência de Abraão. [...] Pois ele é tido por digno de tanto maior glória do que Moisés, quanto maior honra do que a casa tem aquele que a edificou". Aqui, novamente, *todos* pode estar relacionado com todos sem exceção ou com todos sem distinção. Percebemos, na estrutura do argumento de Hebreus, que o autor fala de povos, da descendência de Abraão, o povo judeu, e do povo gentio que adentra nessa descendência pela fé; ele fala sobre Moisés como representante do povo judeu. Então parece que o autor de Hebreus está se referindo à relação judaica e gentílica com muita frequência. Podemos ver isso como base para interpretar todos como todos sem distinção também. Hebreus 2 não parece se referir a uma expiação ilimitada.

O texto favorito de muitos arminianos que acreditam numa expiação ilimitada é 2 Pedro 2.1. Diz o texto: "No passado surgiram falsos profetas no meio do povo, como também surgirão entre vocês falsos mestres. Estes introduzirão secretamente heresias destruidoras, chegando a negar o Soberano que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição". Ou seja, eles estão negando o soberano que os resgatou. Então se eles foram resgatados pelo soberano e o estão negando, significa que receberam do resgate do Senhor e não se arrependeram, trazendo sobre si mesmos destruição. Então, Jesus morreu por pessoas que se perdem nesse contexto. Talvez esse seja o texto mais forte para defender a expiação ilimitada. Admito, é um texto um tanto difícil nesse sentido, mas alguns aspectos deixam ele um tanto confuso, um tanto dúbio. Embora dê uma boa luz para interpretarmos o que Pedro está querendo dizer.

Primeiro, ele começa falando sobre o passado dizendo: "No passado surgiram falsos profetas no meio do povo". Que povo? Do povo judeu. Que passado é esse? É o período do Antigo Testamento da história do povo judeu. O passado traz a ideia de evocar acontecimentos antigos que aconteceram dentro do povo de Israel. Depois que ele faz isso, começa a desenvolver esse passado e fala sobre momentos em que havia um remanescente fiel no meio de um povo perdido. Por exemplo, no verso 4, ele fala de anjos caídos; no verso 5, sobre Noé; nos versos 6 e 7, sobre Ló. Ele está falando de passado e está estabelecendo a ideia de pessoas que foram fiéis no meio de um povo ímpio.

Wayne Grudem apresenta a seguinte ideia: o que Pedro está fazendo aqui é uma alusão ao livro do Êxodo, em que ele compara os falsos profetas que se levantaram na igreja com os falsos profetas que se levantaram no meio do povo de Israel. E a ideia é que, no Antigo Testamento, mesmo com os falsos mestres, toda a nação era considerada resgatada, ainda que não fosse o resgate para a salvação. Era um povo escolhido, mas que, dentro desse povo escolhido, havia os eleitos que realmente seriam salvos. Vemos que, por meio da libertação do povo no Egito, Deus resgatou a nação de Israel e a fez pertencê-lo por direito como seu povo particular. Por isso, Deuteronômio 32.6 fala de todo o povo sendo resgatado. Talvez Pedro esteja aludindo a isso. Diz o texto de Deteuronômio: "É assim que recompensas ao Senhor, povo louco e ignorante? Não é ele teu pai, que te adquiriu, te fez e te estabeleceu?". O termo traduzido como "adquiriu" é o mesmo para falar de resgate. Deus resgatou a nação, adquiriu a nação, mas - dentro desses adquiridos - havia aqueles que eram realmente salvos. Visto que, em 2 Pedro, o autor está comparando os falsos mestres da igreja com os falsos mestres do Antigo Testamento que se manifestaram no meio da nação de Israel, o resgate não tem um sentido salvífico, de resgate no sentido do Antigo Testamento, resgate do povo de forma geral.

Em segundo lugar, não fica claro o que Pedro realmente quer dizer quando se refere ao resgate dos falsos mestres. Em 1 Coríntios 6.20, por exemplo, entre outros versículos, usa o resgate como referência à morte de Jesus, mas isso nem sempre acontece. John

Owen apontou no clássico *The death of death in the death of Christ*, traduzido em português como *Por quem Cristo morreu?*, que a palavra usada para resgate também pode ser usada no sentido de libertação, o que não indica, necessariamente, que eles foram comprados pelos sangue de Cristo. Geralmente, quando a palavra resgate aparece na Escritura, é em um contexto salvífico muito sério que apresenta Jesus como aquele que salva, e isso não está aparecendo nesse texto.

Por fim, em terceiro lugar, a questão é definida pelo modo como Pedro estabelece aquele que é o agente da salvação. Sempre é Jesus que aparece como um agente de resgate salvífico na Escritura, mas aqui ele fala de um soberano que resgata, o "soberano Senhor". Pedro diz que ele foi o agente de resgate dos falsos mestres, mas geralmente o resgate está relacionado a Jesus, e "soberano Senhor" nesse contexto está falando de Deus Pai diretamente. A palavra grega que é usada aqui para soberano Senhor [δεσπότην] nunca é usada para falar de Jesus Cristo, o que está de alguma forma relacionada com Deuteronômio quando Deus Pai é quem resgata Israel.

É importante lembrar que a expiação foi feita por Jesus, não por Deus Pai. Temos que lembrar da economia da trindade. Não foi o Espírito Santo que morreu na cruz, não foi Deus Pai que morreu na cruz, mas foi Cristo que fez a expiação, foi Cristo que fez o resgate. É complicado falar de Deus Pai como aquele que é o resgatador, o agente do resgate, se foi o próprio Cristo que foi o agente e não Deus Pai. Então, essas três ambiguidades acabam apresentando de alguma forma a ideia de que há uma interpretação também muito natural ao texto, de que esse resgate que o texto refere é uma alusão veterotestamentária ao que acontecia com o povo de forma geral e com aqueles que eram ímpios no meio do povo que deveria ser salvo, não por um resgate salvífico que veio para trazer uma expiação direta sobre a vida daquele que é um descrente.

Esse é um texto problemático, mas é complicado usá-lo para quebrar toda uma teologia da expiação. Claro que esse é um texto da Escritura, é palavra de Deus e deve ser enfrentado. Talvez você não encare essa como a leitura mais natural, mas você vai

concordar, pelo menos, que é uma leitura possível, ainda que não seja a leitura mais simples, parece-me ser aquilo que o autor quer passar quando monta a estrutura argumentativa. Se você não se convenceu, acredite ao menos que é uma leitura possível da passagem, e é uma leitura possível extremamente compatível com a doutrina da expiação limitada.

Em 2 Pedro 3.9, vemos que: "Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento". Alguns argumentam que, se Deus não quer que ninguém pereça, então ele deveria ter morrido por todo mundo, mas o texto está falando sobre a igreja. "Ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça". Nenhum quem? Nenhum de vocês, nenhum dos membros da igreja, nenhum dos salvos pereça, mas que todos eles cheguem à vida de arrependimento. O texto se refere àqueles que hão de encontrar a salvação e não necessariamente de todo mundo. 2 Pedro 3 também não parece defender uma expiação ilimitada.

Então, chegamos em 1 João 2.2, a última passagem que iremos abordar. Diz o texto: "E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo". Ele está falando que Jesus não veio só propiciar os pecados de nós, a igreja, mas de todo mundo. Será que é isso? Não! João não está falando aqui simplesmente para cristãos, mas está falando especificamente para cristãos judeus. Você pode ver isso no texto inteiro. Na abertura do versículo, ele fala que nós vimos com nossos olhos e nossas mãos apalparam. Ele está relacionando o seu público com aquilo que foi visto, e quem viu Jesus foi fundamentalmente o povo judeu. Paulo nunca poderia começar suas cartas dizendo uma coisa desse tipo, pois seus interlocutores não viram Jesus.

1 João 2.7 diz: "Amados, não vos escrevo mandamento novo, senão mandamento antigo, o qual, desde o princípio, [...]". Quem tem mandamento antigo, desde o princípio? O povo judeu, que tem o Antigo Testamento. Princípio aqui se refere a isso. Ele continua no verso 13: "Pais, eu vos escrevo, porque conheceis aquele que existe desde o princípio." Ele só pode falar isso ao povo judeu. A

argumentação de João aqui é inteiramente voltada ao público judaico. Nesse contexto, ele diz que Cristo é a propiciação não apenas pelos nossos pecados, mas pelos pecados de todo mundo. O mundo quem? O mundo gentílico, o povo gentio é usado como *mundo* aqui.

Isso fica muito mais claro se fizermos faz uma comparação entre 1 João 2.2 e João 11.50-52. Em 1 João 2.2, ele diz que Cristo é a propiciação pelos nossos pecados, não somente pelos nossos, mas também pelos de todo mundo. João 11.50 diz: "e não somente por aquela nação, mas também pelos filhos de Deus que estão espalhados, para reuni-los num povo". Não somente por nós, mas pelo mundo todo. Não somente pelos judeus, mas pelos que são salvos entre todos os povos. João não parece estar fazendo aqui uma relação entre salvos e ímpios, mas judeus e gentios. O texto de 1 João 2 não parece estar defendendo uma expiação ilimitada.

Conclusão e aplicações

A morte dele foi pelo mundo, mas pelo mundo de forma indistinta, por todos, mas por todos de forma indistinta. Não por cada indivíduo, mas de todas as raças, de todos os povos e de todas as etnias. E nisso encontramos a grandeza do poder da cruz. Na ilustração de Lorraine Boettner, a cruz de Cristo é uma ponte que atravessa o rio do pecado. Para o calvinista, a ponte é estreita, é uma ponte pela qual não passa todo mundo, mas uma ponte que vai até o final do rio. Toda a salvação está concluída na obra de Cristo, e não tenho que fazer mais nada para receber essa salvação. Ela já é consumada e aplicada na minha vida.

Para o arminiano, essa ponte é larga, passa o planeta inteiro, mas só vai até parte do rio. Não atravessa todo o rio, porque existe um momento em que você tem que dar um salto e nadar para vencer e encontrar a salvação em Jesus por sua própria força, por seu próprio assentimento de fé, pela sua própria capacidade de tomar uma boa decisão. Olhando dessa forma, quem coloca mais limitações na expiação de Jesus? Os calvinistas creem em uma limitação da expiação apenas na extensão, mas não no seu poder, enquanto os

arminianos não creem em limitação da extensão, mas por isso precisam crer em uma limitação de eficácia, numa limitação de poder da obra cruz. Para ser disponível a todos os homens, o sacrifício tem que ser eficiente para ninguém. Nós, porém, cremos em um sacrifício eficiente, não cremos que ele foi por todos os homens.

Disse Michael Horton: "A todos que creem em Cristo, declaramos com as Escrituras que já estão salvos da ira de Deus, da morte e do inferno. Sua salvação não é potencial, mas real. Não são salváveis, mas salvos", de fato. Charles Spurgeon, o famoso pregador batista, amado por todo mundo, diz a mesma coisa: "Afirmamos que Cristo morreu para assegurar a salvação de uma tão grande quantidade de pessoas que ninguém é capaz de enumerar, pessoas que mediante a morte de Cristo não somente podem ser salvas, mas são salvas, têm de ser salvas; e não existe a possibilidade de, por meio de qualquer casualidade, elas serem outra coisa, exceto pessoas salvas".

A doutrina da expiação eficaz, da expiação limitada, é a doutrina do poder na cruz de Cristo. Quando Jesus morreu na cruz, ele morreu pensando em você. Se Jesus morreu na cruz, ele morreu olhando para cada um daqueles que são membros do seu povo. Ele não fez uma abertura geral para todo mundo, mas ele efetivamente te pôs para dentro. Essa doutrina que, acima de tudo, tem que nos dar força e esperança na nossa salvação, nos leva a nos alegrarmos em Deus.

LEIA MAIS

- *Do Céu Cristo Veio Buscá-La*, de David Gibson e Jonathan Gibson (Fiel)
- *Por Quem Cristo Morreu?*, John Owen (PES)

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Pense sobre a seguinte questão: enxergamos a obra da cruz como uma perfeita possibilidade de salvação ou como um ato

perfeito de salvação? A descrição bíblica da cruz se encaixa melhor em qual dessas visões?

2. Pense sobre o termo "limitada". O que ele quer dizer sobre a expiação? Estaria ele limitando o poder ou a extensão da obra da cruz? Existe algum outro termo que poderia explicar melhor essa doutrina?

3. Para refletir teologicamente: qual a relação entre a eleição e a expiação? Por que Cristo morreria por todos para abrir uma possibilidade a todos e não para garantir de uma vez por todas a salvação de seus eleitos?

4. Você acha que existe algum pecado que não pode ser expiado pela cruz de Cristo? O que dizer do suicídio? Você cometeu algum pecado que acha imperdoável? Pense no poder perfeito da cruz para expiar esses pecados.

5. A sua segurança de salvação está na cruz de Cristo ou na sua fé que torna a obra da cruz eficaz? Reflita sobre a relação entre a cruz de Cristo e a fé do cristão.

5. SOLA FIDE

Pela fé somente, independente de obras

> *"Eu não sou o único nem o primeiro a dizer que somente a fé torna o homem justo. Houve Ambrósio, Agostinho e muitos outros que disseram isso antes de mim. E se um homem vai ler e entender São Paulo, ele terá que dizer a mesma coisa, e ele não pode dizer nada além disso. As palavras de Paulo são muito fortes - elas não permitem obras, absolutamente nenhuma! Agora, se não é obras, deve ser a fé sozinha."*
>
> Martinho Lutero em *An*
>
> *Open Letter on Translating (1530)*

Você já ouviu falar na justificação pela fé somente? É a doutrina de que o homem é salvo unicamente pela fé, sem qualquer participação de obras humanas. Muitos teólogos dizem que este é o artigo sobre o qual a igreja fica de pé ou cai: se o homem é justificado pela fé somente ou pela fé adicionada de obras. Aprendemos na Escritura que a fé é nosso único meio de salvação, mas como lidar com Tiago 2, que fala da justificação pelas obras? A ideia de ser salvo pela fé não nos leva a uma vida de libertinagem? E

as cobranças bíblicas por boas obras? Nosso objetivo é ver como a Bíblia responde essas perguntas.

* * *

As pessoas geralmente não sabem do que estão falando quando usam a palavra *fé*. Muitos falam sobre ter fé no futuro ou fé no amanhã, mas o que realmente a palavra fé quer dizer na Escritura? Ela quer dizer basicamente crença, confiança em algo ou em alguém. Quando a Escritura utiliza a palavra *fé*, ela geralmente está se referindo a essa entrega em confiança a Deus, em acreditar naquilo que ele diz e naquilo que ele fez. Fé também aparece na Escritura como um corpo de doutrina e de pensamento: quando Judas fala em defender a fé que foi entregue de uma vez por todas aos santos, ele a usa em termos de defender a sã doutrina. O domínio semântico das três palavras que aparecem para fé no grego, como *pistis* (πιστις), *pistéuo* (πιστευω) e *pisté* (πιστη), está relacionado à ideia de você ter fé diretamente na pessoa de Jesus Cristo, ser um crente em Cristo Jesus. Isso significa que fé não é pensamento positivo, não é achar que tudo irá correr bem no futuro ou que Deus vai fazer acontecer. Fé é confiança no Deus vivo. Crer em Jesus é crer em sua obra para ser salvo.

Salvação pela fé no Antigo Testamento

Ainda que fé esteja relacionada constantemente a Cristo, a ideia de ser salvo pela fé somente já era prenunciada no Antigo Testamento das mais variadas formas. Quando um homem depositava seu pecado sobre o cordeiro que então seria morto e, sendo sacrificado, teria o pecado apagado, o que acontecia ali não era que Deus aceitava o sangue de animais como objeto para a salvação das pessoas, eles estavam prenunciando pela fé fisicamente o que aconteceria no futuro: a vinda de um Messias que viria e limparia os pecados dos homens.

Vemos isso claramente em Romanos 3, quando fala que Deus sacrificou Jesus para pagar os pecados que foram anteriormente cometidos, porque Deus havia deixado impunes os pecados do Antigo Testamento. Esses pecados haviam sido perdoados sem nenhum sacrifício correspondente àquele pecado. Já que o que

acontecia com o sacrifício de bodes e carneiros no altar não era o perdão de fato, havia uma impunidade do pecado no Antigo Testamento. Apenas quando Jesus aparece é que ele recebe a punição dos pecados de todo esse povo que havia crido no Messias que viria. Assim, em Cristo, Deus se mostra justo e justificador (Romanos 3.26).

Deus nos justifica, mas não simplesmente colocando o pecado debaixo do tapete. Ele pune os pecados em seu filho. Não é como deixar um criminoso escapar impune, isso é injustiça. É por essa razão que, no Salmo 103.10, o salmista diz: "Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui conforme as nossas iniquidades". Ele não trata o homem de acordo com o modo que vive. Ele não trata o homem de acordo com os pecados que comete, mesmo no Antigo Testamento. Por mais que eles devessem cumprir a Lei, ela tinha a função de mostrar que eles eram incapazes de viver por ela. Paulo diz isso constantemente. A Lei era um jeito de mostrar o pecado (Romanos 7.5) e de evidenciar o pecado do povo que ia tentar cumpri-la, mas não conseguia. O povo tentaria viver de acordo com a Lei do Antigo Testamento, mas fracassaria nesse processo. Isso era uma forma de mostrar para os homens que eles não conseguiam ser salvos e deveriam olhar para o Messias que viria. Se nós hoje somos salvos pela fé em um ato passado, que foi a morte de Jesus, os judeus seriam salvos por um ato futuro que seria a vinda e a morte do Messias prometido.

Salvação pela fé nos evangelhos

Quando entramos no relato dos evangelhos, encontramos o mesmo padrão se estabelecendo. Jesus constantemente ensinando uma salvação pela fé, uma salvação que se manifestaria unicamente pela confiança naquilo que ele faria posteriormente na cruz. Ele constantemente diz que a fé é o instrumento de salvação. Pense, por exemplo, nas pessoas que chegam até ele e são curadas. Esses momentos de cura também são usados por Jesus para falar de pecado. Lembre-se do caso em que os quatro amigos colocam o aleijado diante de Jesus pelo telhado, quando Jesus perdoa os

pecados daquela pessoa (Marcos 2.4-5). Os ouvintes que lá estavam ficaram assustados. Jesus pergunta: "O que é mais fácil? Curar ou perdoar pecado?", e então o cura. Ora, se ele consegue curar uma pessoa que está aleijada, não poderiam os pecados ser perdoados? Os momentos de cura eram muitas vezes utilizados para manifestar a grandeza e a deidade do Filho de Deus, e isso geralmente vinha atrelado à ideia de perdão de pecado.

Encontramos várias vezes, no evangelho de Mateus, a fé como instrumento de salvação das pessoas. Em Mateus 9.22, vemos: "Coragem, filha, você foi salva porque teve fé", ou mesmo em Mateus 15.28, quando ele diz, "Mulher, que grande fé você tem! Que seja feito como você quer". Em Lucas isso aparece com uma frequência muito grande (Lucas 7, 8, 17 e 18). Constantemente há trechos dizendo algo no mesmo sentido.

Não apenas nos evangelhos sinóticos. No evangelho de João, também encontramos uma ideia de justificação pela fé, de uma salvação que vem através de um ato único e simples de fé em Cristo Jesus. Em João 7.38, o próprio Jesus diz: "Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva". Ele se referia ao Espírito que haveriam de receber os que nele cressem, pois o Espírito, até aquele momento não tinha sido dado, afinal, Jesus ainda não havia sido glorificado.

Esse rio de água viva não viria de outra forma a não ser pela fé. Crer em Jesus, por si só, fornecia um rio de água viva. Não é "crer + alguma coisa", mas unicamente crença. Aquele que crê, recebe. Você creu, você recebeu do Espírito Santo que é esse rio de água viva, não existe nada mais sendo cobrado por Jesus que fé.

Salvação pela fé na teologia de Paulo

Isso também é uma verdade profundamente paulina. Paulo foi o maior pregador da justificação pela fé na Escritura. Cremos que Paulo falou da parte de Deus e, escrevendo aos Romanos, ele fez um grande tratado sobre o evangelho da justiça de Deus, ensinando como a fé é o instrumento da nossa salvação. Romanos 1.16-17 talvez seja o texto mais famoso, porque foi usado por Lutero na

Reforma Protestante para defender a justificação pela fé somente. Paulo diz: "Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé".

Por que Paulo não tinha vergonha do evangelho? Primeiro porque esse evangelho é poderoso. É o poder de Deus! É o poder de Deus para salvação de quem? A salvação de todo aquele que crê! Não é aquele que crê e faz algumas coisas, nem aquele que é digno segundo suas obras. É segundo aquele que crê, ele salva quem crê. Primeiro o judeu e também o grego. Essa justiça que vem de Deus, esse ato que provém do Senhor de conceder justiça, revela-se no evangelho de fé em fé, pois como está escrito, "o justo viverá pela fé". Essa é uma verdade do Antigo Testamento. Já foi falado que a justificação pela fé existia no Antigo Testamento. Especificamente, quem diz isso é Habacuque (2.4), o bisavô da Reforma, que tem Lutero como pai e Paulo como avô. O Apóstolo utiliza o profeta para dizer que a vida do justo será através da fé, que o poder do evangelho se manifesta de fé em fé, de forma que ele é poderoso para a salvação de quem crê. É muito impactante o modo como Paulo desenvolve logo no começo da carta aos Romanos que a fé é o instrumento para a salvação, e a fé somente. O modo como ele descreve a fé tão central e profundamente exclui qualquer outro elemento para encontrar a salvação que é contida no evangelho de Deus.

É por isso que ele diz: "Concluímos, pois, que o ser humano é justificado pela fé, independentemente das obras da lei" (Romanos 3.28). O homem não tem que cumprir obras da lei para ser salvo. Seguir os mandamentos do Antigo Testamento, agir de acordo com padrões pré-estabelecidos não é uma coisa instrumental para nossa salvação. O homem é salvo pela fé e pela fé somente. Pela fé independentemente de obras. Independentemente de seguir ou não a Lei. Tanto que Abraão, conhecido como o pai da fé, é citado por Paulo ainda em Romanos, quando é dito: "Pois que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça. Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como

dívida. Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça" (Romanos 4.3-5).

Observe a grandeza do que Paulo está discutindo a partir de Abraão. O patriarca creu, teve um ato de fé, e esta fé lhe foi imputada como justiça. Abraão foi considerado justo, porque creu, e a fé é descrita aqui como ato de não trabalho. Por isso, ele diz que Deus atribui justiça independentemente das obras (Romanos 4.6).

Permita-me deixar isso bem claro. A fé é definida como *não trabalho*. Paulo diz "ao que não trabalha, porém crê". A fé que é atribuída como justiça se manifesta como um ato de não trabalho. A fé é o oposto de obras, o oposto de trabalho. Se há alguma participação de obras na nossa salvação, então ela não é uma salvação pela fé.

E isso está diretamente relacionado com o que Cristo fez na cruz. Romanos 5.19 diz: "porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos". Adão pecou, por isso, muitos foram considerados pecadores, e porque Jesus foi santo muitos recebem da justiça que há nele.

A justiça do homem que é salvo é completamente recebida da justiça de outro, e isso é alcançado unicamente através da fé. Tanto que, quando Paulo fala do relacionamento entre judeus e gentios em Romanos 11, ele diz que foi pela queda dos judeus que nós encontramos salvação. Veja o verso 6: "E, se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça". Se somos salvos através da graça de Deus, isso não está relacionado com nossas obras em resposta à graça. Se houvesse alguma fagulha de obra no alcance da graça, ela não seria graça, já não seria favor imerecido. Se houvesse dois centavos que precisássemos pagar, já não seria graça, já teríamos recebido algo através de algum esforço pessoal. Porque não existir nenhum fator de obras na nossa salvação é o motivo da graça ser graça. Se houve obras, já não seria mais graça, não seria a salvação que encontramos na Escritura.

Ele continua no verso 20 dizendo: "pela sua incredulidade foram quebrados, e tu estás em pé pela fé. Então não te ensoberbeças, mas teme". Foi porque os judeus foram incrédulos – a palavra grega

é até interessante, porque é a ideia de ausência de fé – que caíram e foi porque tivemos fé que permanecemos em Cristo. Não existe nenhum outro elemento além da fé, no caso, como meio de encontrar salvação ou como meio de quebrar a aliança firmada em Deus. E é muito interessante que a fé aqui é um instrumento para fomentar humildade. Se nós somos salvos unicamente por um ato de fé e confiança por aquilo que Jesus fez, então não existe espaço para soberba. Não existe espaço para nos acharmos melhores ou superiores. Se alcanço Deus através de algum esforço meu, então posso me sentir "por cima da carne seca", mas se o ato de ser salvo é unicamente por ter fé naquilo que recebi, então não tenho que me sentir melhor que os outros. Tenho que temer por ficar diante de um Deus que salva sem que eu compre nada dele – só recebo pela fé.

Quando Paulo está diante dos gálatas, tem que lidar com uma heresia chamada "Jesus +". Que heresia era essa? Que a salvação para o povo da Galácia se dava por meio de Jesus mais alguma coisa. No caso deles, era um tipo de Jesus + judaísmo. Curioso notar que essa é a única carta de Paulo que não possui nenhum elogio no começo. Normalmente, Paulo começa dando ação de graças por algo, um elogio aqui e ali, depois vem a exortação. Mas quando escreve aos gálatas, já começa com o pé na porta. Ele fala "me surpreende que vocês passaram rapidamente para outro evangelho" (Gálatas 1.6). Eles estavam em outro evangelho, abandonaram o cristianismo e inventaram outra coisa através do Jesus +.

Em Gálatas 2, versos 16 em diante, Paulo diz o seguinte: "sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Jesus Cristo, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois por obras da lei ninguém será justificado". Há quem argumente que Paulo está criticando apenas a ideia de ser salvo e justificado pelas obras da lei, e não por obras de forma geral. Se isso fosse verdade, ele poderia ter argumentado que "não somos salvos por obras da Lei, mas por obras de outro tipo". Até mesmo ajudaria Paulo a não ser mal compreendido, mas ele não argumenta dessa forma. Ele não se engaja em seguir o Antigo Testamento.

Paulo poderia dizer que "existem obras e fé que se reúnem e..." ou "existem obras que são fruto da fé que...", mas ele não está nem aí para isso. Paulo diz que é "unicamente pela fé" e pronto. A fé, e a fé somente, é o instrumento para a salvação do homem. E Paulo deixa isso claro quando escreve aos Gálatas e trata o Jesus + – e aqui podemos falar de Jesus + Obras, que é um problema muito parecido – como uma grave heresia que separa as pessoas do verdadeiro Evangelho. Adicionar elementos à fé em Jesus como cobrança para salvação te separa da verdadeira fé.

Quando escreve aos efésios, Paulo é ainda mais enfático e chega a dizer: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (Efésios 2.8-9). E aqui ele não está nem lidando com uma questão judaica. Se fosse por obras, haveria espaço para alguém se gloriar ou se sentir superior, mas não é por obras, é unicamente pela fé. Ele não diz: "sois salvos mediante fé e obras". Ele diz "salvos mediante a fé e *não* por obras". E o mais interessante é que ele diz que até essa fé não vem de nós. Ou seja, até a fé que recebemos não vem de nós, mas é concedida. Até a fé que é gerada no nosso coração é passiva, pois Deus nos dá fé. Ele gera fé em nós. Não criamos nem geramos fé, não atuamos para ter fé, recebemos uma fé que vem de Deus. Deus nos dá fé nele.

Escrevendo a carta aos Filipenses, Paulo testemunha: "Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé" (3.8-9). Quando temos fé em Deus, fé em Jesus, recebemos essa santa justiça. Daí que vem a famosa frase de Lutero em latim, *Simul justus et peccator*, que significa "simultaneamente justo e pecador". É a ideia de que, por mais que o homem seja pecador, e Deus sabe que o homem é pecador, ele também é ao mesmo tempo plena e completamente santo. Não em nível de transformação moral última na qual já não mais peca. Em 1 João 1.10, lemos que "Se dissermos que não cometemos pecado,

fazemos dele um mentiroso, e a sua palavra não está em nós". O pecado ainda faz parte de quem somos, infelizmente, e isso só mudará quando chegarmos nos céus, mas na nossa posição diante de Deus já somos plenamente justos. Meu texto favorito para falar sobre isso, e talvez o favorito em toda a Escritura, é 2 Coríntios 5.21, que diz: "Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós, para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus". Aquele que não viu pecado, Cristo Jesus, o próprio Deus o fez pecado para que fôssemos feitos justiça. A ideia de *fazer pecado* e *fazer justiça* traz a ideia de *considerar pecador* e *considerar justo*.

Jesus nunca pecou, mas na cruz foi considerado culpado. Quando o Pai olhou para Jesus, ele não viu simplesmente a vida santa do seu Filho, mas viu o meu pecado nele, viu o pecado do seu povo nele. Jesus foi feito pecador na cruz para o Pai ver sua própria santidade ao olhar para nós, uma vez que cremos pela fé no que ele fez. Ele não vê só mais o meu pecado, ele vê a vida perfeita de Jesus, de forma que agora eu sou tratado como se fosse plenamente santo, porque Jesus foi tratado como se fosse pecador. Jesus morreu na cruz e sofreu a ira de Deus que deveria ser minha para que agora eu recebesse o amor, o carinho e a graça do Deus vivo como se eu fosse o próprio Cristo. Martinho Lutero coloca nas seguintes palavras: "Somos verdadeiramente e totalmente pecadores, com respeito a nós mesmos e ao nosso primeiro nascimento. Inversamente, já que Cristo nos foi dado, somos santos e justos totalmente. Então, de diferentes aspectos, somos considerados justos e pecadores ao mesmo tempo".

Há alguns anos escrevi uma poesia sobre essa doutrina que me toca profundamente. Eu tive que colocá-la no papel e agora compartilho com você:

O cordeiro imolado
Recebia o pecado
De quem era arrependido;
Assim foi com nosso amado,
O Santo Cristo, o adorado,
Pelo Grande Deus, moído.

Para sermos perdoados,
Deus foi amaldiçoado
Com a cruz de agonia;
O Deus-Filho, sem pecado,
Entregou seu próprio lado
E foi ferido em covardia.

Sobre ele, aquela ira,
Que nos tinha em sua mira
Foi lançada com furor;
Sobre nós, a alegria
Que só Cristo merecia
É imputada por amor.

"E os textos sobre obras?"

Você pode estar se perguntando: "E Tiago 2? Tiago não está dizendo que a salvação é pelas obras também?". Afinal, diz: "Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?" (Tiago 2.14). E diz ainda: "Queres, pois, ficar certo, ó homem insensato, de que a fé sem as obras é inoperante? [...] Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente" (Tiago 2.20,24).

O primeiro problema de pensar que isso é um xeque-mate contra os protestantes é que simplesmente arremessar Tiago 2 causará um problema muito maior, quer seja católico ou protestante. Você terá que lidar com o problema da Escritura se contradizendo, pois, se Tiago diz uma coisa e Paulo outra, então peguemos a Bíblia e queimemos. Se temos contradição na Escritura, então não vale a pena seguir esse objeto de fé. Se você só arremessa Tiago, você tem um problema, porque você tem que lidar com Paulo. O que os católicos às vezes tentam fazer é conciliar Tiago e Paulo como se fossem uma coisa só. Mas os textos teoricamente são irreconciliáveis. Se um defende justificação pelas obras e outro defende justificação pela fé, não dá para conciliar isso de forma alguma. Não há como pegar os dois textos e, em um método quase

hegeliano, pegar uma tese, uma antítese e criar uma síntese de teologia dialética ou de qualquer outra coisa que você queira fazer.

O que muitos católicos estão dispostos a fazer é sacrificar Paulo por Tiago. Como estão muito apegados ao que Tiago diz, querem fazer todo tipo de ginástica exegética em Paulo para fazê-lo dizer o que nunca disse. Por outro lado, há muito evangélico que quer sacrificar Tiago por Paulo. O que também não deve acontecer. Se você quer sacrificar um pelo outro, teremos uma Escritura retalhada. Porém, eu até entendo, pois há um peso argumentativo muito maior em Paulo, em Jesus, no Antigo Testamento, sobre justificação unicamente pela fé, e há apenas Tiago em apenas um capítulo se opondo a essa miríade de outros textos. Se fôssemos sacrificar alguém, Tiago estaria em desvantagem, porque em sua carta está a uma única passagem contra todo um enorme escopo de revelação.

Entretanto, esse raciocínio até seria compreensível, mas não seria possível concordar com ele pelo simples fato de Tiago não estar contra Paulo. Tiago simplesmente não está discutindo a mesma coisa que Paulo.

Enquanto Paulo discute como encontramos salvação e seu argumento é "pela fé", Tiago está discutindo como encontramos fé, e a resposta é "pelas obras". O que Tiago quer saber é como identificar a fé verdadeira e a fé falsa. Não há como fazer um exame de sangue e encontrar células de fé no sangue de alguém. Ele argumenta, portanto, que encontramos fé de verdade através das obras. Ele está preocupado com a prova, a declaração da fé. "Você declara que tem fé, mas não tem obras". Ou seja, esse tipo de fé declarada é uma salvífica? Ele está discutindo o tipo de salvação ou o tipo de fé? Ele diz mais: "Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta" (Tiago 2.15-17).

Você acredita que exista uma fé morta? Claro que não! A fé morta não é fé. É uma fé falsa, mentirosa. Na verdade, é ausência de fé. Aquilo que Tiago chama de fé morta é uma que só existe nos lábios,

mas não existe na vida. É uma fé que não pode salvar. É a fé que é dita, mas não é vivida. E ele acrescenta, para não restar qualquer dúvida: "Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé" (Tiago 2.18).

Novamente ele fala de perceber uma fé através da declaração. Como perceber se há fé de verdade? No caso de alguém declarar que tem fé, mas não tem obras para demonstrar que essa fé existe, então essa fé é morta e não pode salvá-lo. Essa fé não existe verdadeiramente! Entretanto, se existem obras, mostra-se a fé que é real. Tiago está discutindo como identificar a fé real no coração da pessoa e não como uma pessoa pode ser salva. No final ele ainda afirma: "Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta" (Tiago 2.26).

A fé morta é a ausência de fé. A fé morta é a fé mentirosa. A fé que existe é a fé que se move, é a fé que age e dá frutos. Todo protestante deve acreditar e concordar que, ainda que sejamos salvos pela fé, ela gera obras no coração do crente. Ninguém só diz que é salvo e acabou. Uma vez que você é salvo, você é transformado. E essa fé vira obra, vira caridade, vira santificação. Uma fé que é declarada na boca, mas não gera frutos de obras, é uma que não existe e que não pode salvar ninguém. É isso que Tiago está dizendo.

Romanistas constantemente deturpam Tiago 2 para fazê-lo dizer o que não diz. As obras estão contidas dentro da fé, não é uma adição: fé + obras = salvação. Mas é uma fé que opera em obras que salva. E isso é justificação pela fé somente em Tiago (fé + salvação = obras). Ele não está criticando Paulo, mas está complementando e evitando que algumas pessoas achem que ser salvo pela fé somente significa viver absolutamente sem obras, sem caridade, sem amor ao próximo. De forma nenhuma! Aquele que é salvo pela fé somente vive em conformidade com a fé que professa nos lábios. A vida prova a fé que é interior. As obras são o teste da fé.

Por isso Tiago diz que ninguém vai ser salvo só por fé. Ninguém é salvo por uma fé isolada de obras, porque essa fé sem obras não

salva, é uma fé falsa. Se existe fé de verdade, as obras a acompanharão, mas não são as obras que salvam.

Muitas pessoas tentam nos confundir dizendo o que Tiago não nos diz. Ele ficaria muito triste ao ver que as pessoas estão usando o texto dele contra os de Paulo. Por isso o puritano Thomas Manton diz: "Pela justiça da fé somos quitados do pecado e pela justiça das obras somos quitados da hipocrisia".

Outro texto que é objeto de controvérsia e constantemente mal interpretado está em Apocalipse 20.12-13: "Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras". Esse texto relata a visão de João do grande dia do Juízo Final quando, conforme está escrito, os mortos serão julgados segundo as suas obras.

Qualquer interpretação desses versículos que seja incoerente com a justificação pela fé somente, sem a necessidade de obras, estará incorreta, pois admitir que aqui se exige obras para a salvação, repito, é admitir que a Bíblia entra em contradição. Como sabemos que o texto sagrado, inspirado por Deus, não erra, precisamos buscar a melhor interpretação, que seja mais coerente com o conjunto da palavra de Deus. Da mesma forma como fizemos com a carta de Tiago.

Durante a defesa da interpretação de Tiago no sentido de que ele não está falando das obras como requisito salvífico, mas como demonstração pública de uma fé genuína, já deixamos claro que não somente é certo pensar em fé mais obras, como é justo exigi-las. Sendo Deus absolutamente justo, não deixaria de, no dia do Juízo, exigir as obras dos que dizem ter fé. Portanto, na esteira de tudo que foi argumentado neste capítulo, é no mínimo ingênuo pensar um Deus gracioso cobrará obras ao lado da fé para julgar os mortos. Não, não e não! O que o texto está dizendo é que se exigirá dos que dizem ter fé: "cadê sua fé, mostre-me suas obras, por elas julgarei se suas palavras são verdadeiras". Nenhuma fé genuína é

desacompanhada de obras. Para usar as palavras de Tiago, se não houver obras, tal fé é morta. A justificação é mediante a fé somente, mas a obra salvífica nunca será desacompanhada de uma regeneração que gera frutos, frutos que se revelam em obras. Essas obras poderão, sim, ser cobradas no Juízo Final.

Conclusão e aplicações

Gostaria de terminar com algumas aplicações práticas do *sola fide* para sua vida.

1. Não existe nada que você possa fazer para ser salvo. Não há nada que possa ser feito para que Deus queira salvar você. Você é salvo pelo que Jesus fez e concluiu, por aquilo que ele entregou na cruz. Foi ele que pagou a salvação! E você é salvo unicamente por essa confiança.

2. Não existe o que você possa fazer para que Deus te ame mais ou menos. O relacionamento de Deus com você é conquistado por Cristo, e por Cristo somente. Não importa se você está bem ou mal. Se você está vivendo uma vida espiritual perfeita ou está lutando contra os pecados que te assolam. Você tem um Deus gracioso e amoroso, porque a obra da cruz não tem altos e baixos, a obra da cruz é suficiente para você.

3. As suas obras são fruto do seu relacionamento com Deus, e não os meios para esse relacionamento. Porque você tem essa fé e confiança em Cristo Jesus é que você se move em direção ao outro, para mostrar essa fé interior. Porém, não são essas obras que compram o relacionamento com Deus.

4. Não somos salvos pela força da nossa fé, mas pela força daquele em quem a depositamos. Não somos salvos, porque temos uma fé poderosa. Até mesmo a fé raquítica que luta é uma fé que salva. Não somos salvos pela maturidade da nossa confiança, mas pela fé. Somos salvos por aquele que recebe a nossa fé. J. C. Ryle, no livro *Santidade*, chega a dizer: "A fé forte traz o céu para sua

alma, mas mesmo a fé fraca leva sua alma para o céu". Ainda que tua fé não seja uma daquelas mais poderosas, você ainda fica dúbio no teu próprio coração, se é fé genuína, é uma que leva a tua alma para o céu. Mas o fortalecimento dessa fé, dessa confiança e dessa maturidade em Jesus pode trazer o céu para tua alma. E isso é algo a ser desejado e buscado.

5. Em último lugar, nada é por mérito. Nada na vida cristã é porque merecemos. Agostinho chegava a descrever até mesmo os galardões que receberemos nos céus: "São os seus [de Deus] próprios dons que Deus coroa, e não os seus [do homem] méritos – pelo menos, seus méritos são de si mesmo, não dele. Se, todavia, eles são dons próprios do homem, são maus, e Deus não os coroará; mas se são bons, são dons de Deus, porque todo dom bom e perfeito vem do Pai das Luzes, como diz o apóstolo Tiago (Tiago 1.17)". Ou seja, eles nada mais são do que a premiação de Deus dos seus próprios dons e nós recebendo nos céus a recompensa de Deus por aquilo que Deus atuou em nós. Tudo é dado. Tudo é por graça. Tudo é recebido. Tudo é por fé – e por fé somente.

LEIA MAIS

- *Justificação Pela Fé Somente*, de Don Kistler (Cultura Cristã)
- *Somente Pela Fé*, de Thomas R. Schreiner (Cultura Cristã)

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Pense na seguinte frase: "A fé em si não salva. A fé em Cristo salva". Qual o principal objeto da sua fé? Em quem ou no que você tem confiado a sua salvação? Por vezes podemos confiar em nossas obras e principalmente em nossa própria fé.
2. Biblicamente, o que realmente significa fé? Muitos dizem crer em Jesus e creem de alguma forma inadequada. Reflita nesse capítulo e compare a fé bíblica com a sua fé em Jesus. Como você crê nele?
3. Se somente a fé é suficiente, por que às vezes encontramos pregações do evangelho que exigem outras coisas para salvação?

Pense em como você tem evangelizado e ensinado sobre vir a Jesus. Se estamos exigindo alguma obra antes da conversão, estamos sendo legalistas.

4. Julgue a sua fé como exercício de avaliação pessoal e piedade. Em grupo, converse sobre as boas obras de sua vida que dão testemunho da sua fé. Elas existem? Quais são elas? Aponte também essas obras nas outras pessoas do grupo numa conversa aberta e sincera.

5. Também em grupo, converse sobre as más obras de sua vida que dão testemunho contra a sua fé. Elas existem? Quais são elas? Aponte também essas obras nas outras pessoas do grupo numa conversa aberta e sincera.

6. ELEIÇÃO INCONDICIONAL

Predestinados antes da fundação do mundo

"Quando te vi amei-te já muito antes.
Tornei a achar-te quando te encontrei.
Nasci pra ti antes de haver o mundo.
Não há cousa feliz ou hora alegre
Que eu tenha tido pela vida fora,
Que o não fosse porque te previa,
Porque dormias nela tu futuro."

Fernando Pessoa

Você já ouviu falar de eleição incondicional, de predestinação, de que Deus desde antes da fundação do mundo tem seus escolhidos? Faz sentido falar em um Deus bom que escolhe uns para a salvação e outros para a perdição? Neste capítulo, iremos mostrar o que a Bíblia tem a dizer a respeito da eleição incondicional, o segundo dos cinco pontos do calvinismo.

* * *

O que é a doutrina da eleição incondicional? Novamente, temos uma ótima definição a partir dos Cânones de Dort. Lá nós vemos o seguinte: "Deus dá nesta vida a fé a alguns enquanto não dá a fé a outros. Isto procede do eterno decreto de Deus. [...] De acordo com este decreto, Ele graciosamente quebranta os corações dos eleitos, por duros que sejam, e os inclina a crer. Pelo mesmo decreto, entretanto, segundo seu justo juízo, Ele deixa os não-eleitos em sua própria maldade e dureza. E aqui especialmente nos é manifesta a profunda, misericordiosa e ao mesmo tempo justa distinção entre os homens que estão na mesma condição de perdição. Este é o decreto da eleição e reprovação revelado na Palavra de Deus". Ou seja, a doutrina da eleição fala que Deus deu fé a alguns, enquanto não deu a mesma fé a outros e que isso procede de um decreto eterno da parte do Senhor, que de forma graciosa quebranta os corações de seus filhos. Por esse mesmo decreto, os não-eleitos permanecem no caminho que escolheram, o caminho da perdição.

Os Cânones de Dort continuam dizendo o seguinte: "Esta eleição é o imutável propósito de Deus, pelo qual Ele, antes da fundação do mundo, escolheu um número grande e definido de pessoas para a salvação, por graça pura. Estas são escolhidas de acordo com o soberano bom propósito de sua vontade, dentre todo o gênero humano, decaído pela sua própria culpa de sua integridade original para o pecado e a perdição. Os eleitos não são melhores ou mais dignos que os outros, porém, envolvidos na mesma miséria dos demais. São escolhidos em Cristo, quem Deus constituiu, desde a eternidade, como Mediador e Cabeça de todos os eleitos e fundamento da salvação. E, para salvá-los por Cristo, Deus decidiu dá-los a Ele e efetivamente chamá-los e atraí-los à sua comunhão por meio da sua Palavra e seu Espírito. Em outras palavras, Ele decidiu dar-lhes verdadeira fé em Cristo, justificá-los, santificá-los, e depois, tendo-os guardado poderosamente na comunhão de seu Filho, glorificá-los finalmente".

Deus fez isso para demonstrar sua misericórdia e para o louvor da riqueza de sua gloriosa graça. Então essa eleição é um propósito imutável que, desde antes da fundação do mundo, Deus organizou para escolher um número enorme de pessoas, dentre todo o gênero

humano, que caíram por sua própria culpa. Os eleitos não são melhores que os ímpios, não são pessoas que Deus escolheu, porque achou melhores ou superiores aos outros, mas gente que foi escolhida em Cristo Jesus pelo Deus vivo, com o intuito de mostrar a grandeza e a graça desse Senhor. É assim que historicamente essa doutrina tem sido definida. Antes, porém, de continuarmos a estudar biblicamente a eleição incondicional, é bom a gente observar o que ela não é, para evitar alguns mal entendidos bastante comuns.

Primeiro, a eleição incondicional não significa que os homens são robôs que não são dotados de vontade ou que são meras marionetes do divino. O homem é dotado de personalidade, de volição, possui uma autoconsciência e responsabilidade naquilo que faz. Essa doutrina significa apenas que o homem não deseja escolher Deus, que o homem não quer Deus, mas Ele vem e vence a nossa vontade maligna e nos atrai. Não significa que somos grandes marionetes na mão do ventríloquo.

Em segundo lugar, não significa que Deus é injusto ou mal, que pune alguém injustamente ou algo parecido. No capítulo sobre depravação total, estabelecemos que todos os homens escolheram estar longe de Deus e que o Senhor, por misericórdia, tira alguns desse estado de maldade. Isso não torna Deus mau, porque Ele está agindo misericordiosamente ao convencer pessoas que não o querem a querê-lo. Ninguém será punido injustamente, ninguém vai para o inferno contra a própria vontade. Todos os homens escolheram o mal, e Deus venceu a escolha de alguns homens trazendo-lhes para o caminho da luz. Isso não torna Deus mau, isso mostra como Deus é misericordioso com seus filhos. As pessoas que estão com ele não o fazem, porque simplesmente foram melhores que as outras, estão com ele porque Deus é misericordioso em trazê-las para si.

Em terceiro lugar, a doutrina da eleição incondicional não significa que Deus está trazendo os homens à força ou impedindo alguém de vir até ele. O cristão que é eleito também não quer Deus, então o que Deus faz não é nos trazer amarrados, ele transforma nossa vontade para que então nós o queiramos. Da mesma forma, um homem ímpio não está no estado de querer Deus e é impedido de

chegar até ele. Não! O homem sem Deus escolheu estar sem Deus e, porque ele assim o escolheu, Deus permite que ele continue o seu próprio caminho.

Em quarto lugar, essa doutrina não significa que não devemos pregar o evangelho. Nós temos um Senhor que usa meios para os seus fins. O mesmo Deus que determinou a salvação do seu povo na eternidade passada é o Deus que nos ordena ao evangelismo e à pregação do evangelho. Deus deseja usar seu povo para a salvação de seus eleitos, nós participamos do evangelismo como participantes no propósito eterno de Deus de trazer seus filhos para perto de si.

Em último lugar, não significa que o homem não deve escolher Deus. Quando convidamos o homem à fé e ao arrependimento, o que estamos fazendo é convidando-o a escolher o Senhor, mas nós sabemos que essa pregação é o instrumento que Deus usa para que aqueles que foram eleitos sejam salvos pelo poder do Espírito Santo. Quando chamamos o homem ao arrependimento, quando chamamos o homem a crer e escolher o Caminho, nós fazemos isso na esperança de que Jesus também os têm escolhido na eternidade passada.

Eu posso dizer que escolhi Deus, não é errado dizer isso, mas em certo sentido nós não escolhemos. Nós o escolhemos, porque ele nos escolheu primeiro. O famoso teólogo R. C. Sproul, falecido em 2017, tem uma ilustração muito boa para falar sobre como funciona a questão da eleição. Ele diz o seguinte: "A teologia reformada não ensina que Deus traz os eleitos chutando e gritando, contra suas vontades, para dentro de seu reino. Ensina que Deus opera de tal modo nos corações dos eleitos que os faz dispostos e felizes de vir a Cristo. Eles vêm a Cristo porque querem. Querem porque Deus já criou em seus corações um desejo por Cristo. Do mesmo modo os réprobos não querem abraçar Cristo sinceramente. Não têm nenhum desejo por Cristo e estão fugindo dele".

Predestinação no Antigo Testamento

Apesar de termos boas citações até aqui, o que diz a Escritura? O que a Bíblia tem a nos dizer sobre eleição incondicional? Existe uma

miríade de textos bíblicos que mostram o nosso Senhor como aquele que é soberano sobre a salvação. Ele não é servo do homem, mas Deus, e possui um livre-arbítrio que ele usa da forma como bem entender, de modo que ele tem autonomia para escolher sobre quem ele vai exercer misericórdia ou não.

Êxodo 33.18-19 relata um Deus que é soberano no seu exercício de misericórdia: "Então ele disse: Rogo-te que me mostres a tua glória. Porém ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti, e proclamarei o nome do SENHOR diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem eu me compadecer". Deus Jeová está nos dizendo que a sua misericórdia é soberana, e ele escolhe sobre quem exercê-la. Costumamos pensar em um Deus que está refém do ser humano e é refém de manifestar misericórdia e salvação a cada homem do universo. Se ele não o faz, é um Deus mau, cruel ou ruim. Isso, contudo, não faz o menor sentido. Se Deus é soberano, tem liberdade de exercer sua misericórdia sobre quem ele quiser e de exercer a ausência de misericórdia contra quem ele quiser.

Se Deus fosse obrigado a se compadecer de homens malignos, cruéis, inimigos dele, Deus não seria livre e soberano, e o homem seria uma figura muito bondosa. Nós olhamos para os seres humanos como se todos eles fossem dignos e merecedores de salvação, mas todos nós merecemos a ira de Deus, e ele escolheu restringir a sua ira de alguns homens. Esse Deus que é soberano sobre a sua misericórdia decidiu manifestar sua salvação sobre alguns homens.

O Salmo 65.4 diz: "Bem-aventurado aquele a quem tu escolhes, e fazes chegar a ti, para que habite em teus átrios; nós seremos fartos da bondade da tua casa e do teu santo templo". Os bem-aventurados, abençoados, felizes em Deus, são aqueles que Deus escolhe! E quando Deus escolhe, ele o faz para "habitar nos átrios". Essa é uma linguagem salvacional. Como os homens chegam à salvação e aos átrios de Deus? Através da escolha que Deus faz, ele escolhe um homem para fazê-lo chegar até ele. O homem só chega até Deus, porque o próprio Deus o escolheu.

Jeremias 1.5 é no mesmo sentido: "Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saísses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta". Alguns podem dizer que essa separação é só para o ministério, mas é muito complicado falar de uma manifestação desse jaez só para o ministério. Primeiro, porque nem todo o texto fala de ministério quando se refere a uma predestinação passada. Ademais, se o homem vai ser predestinado ao ministério, existe um espaço que o livre-arbítrio não se manifesta na vida dele, e ele não terá escolha de rejeitar Deus, pois o Senhor já o separou para o ministério no ventre da mãe. Logo, ele não teria, ao longo da vida, a escolha de rejeitar o ministério ou de rejeitar a salvação. Uma vez que o homem é determinado e predestinado para o ministério, então ele está predestinado para tudo aquilo que vem antes do ministério, incluindo a salvação. A divisão que os arminianos fazem para dizer que a destinação é só para a atuação ministerial exclui o fato de que o homem perderia a capacidade de fugir da salvação e do próprio ministério. Dividir essas duas coisas não se justifica teologicamente, e Jeremias 1.5 fala de um profeta que foi separado por Deus antes de nascer para ser um salvo que levaria essa mensagem.

Antes de nascer, Deus já havia escolhido Jeremias para a sua atuação como uma pessoa que foi salva por Cristo, e isso só funciona porque Deus tem autonomia e autoridade sobre os corações dos homens. Diz Provérbios 21.1: "Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR, que o inclina a todo o seu querer". Ezequiel 11.19-20 fala que o processo de salvação não é simplesmente um ato de convencimento intelectual do homem caído, fazendo-o acreditar em uma série de verdades; é também um ato miraculoso de Deus transformando o interior do coração do homem, um coração que outrora seria incapaz de crer. Diz o texto: "E lhes darei um só coração, e um espírito novo porei dentro deles; e tirarei da sua carne o coração de pedra, e lhes darei um coração de carne; para que andem nos meus estatutos, e guardem os meus juízos, e os cumpram; e eles me serão por povo, e eu lhes serei por Deus". Como eles seriam o povo de Deus? Como eles estariam sujeitos a Deus? Quando o Senhor, não eles próprios, mas o Senhor

trocasse o coração. Eles não poderiam trocar o próprio coração, eles não poderiam entregar um coração de pedra a Deus, mas o Senhor teria que, antes de qualquer coisa, ir lá e arrancar um coração negativo, coração maligno, que o rejeitava, e colocar no lugar um coração de carne, um coração que agora poderia sentir sobre as coisas de Deus.

Sem a iniciativa divina, nenhum deles poderia ter um coração que creria, porque Deus é quem move os corações de acordo com sua vontade. Em Ezequiel 36.26-28, está expressa a mesma ideia: "E dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis. E habitareis na terra que eu dei a vossos Pais e vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus". Essa troca de coração que Deus faz inclui o derramamento do Espírito dentro do coração daquele que recebe essa iniciativa divina na transformação do interior do homem. Essa é uma verdade do Antigo Testamento, mas também é uma verdade dos evangelhos.

Predestinação nos evangelhos

Jesus fala sobre trazer as pessoas para a vida eterna. Em Mateus 11.27, está registrado justamente isso: "Todas as coisas me foram entregues por meu Pai, e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar". Quem conhece o Pai? Só conhece o Pai aquele a quem o Filho quer revelar. Isso significa que Filho quer e tem autonomia de revelar o Pai a algumas pessoas, enquanto há outras pessoas a quem o Filho não revela o Pai. Ninguém pode conhecer o Pai senão aqueles a quem o Filho deliberadamente apresenta o Pai. O ato de salvação é justamente um recebimento sobrenatural de algo que o Filho está dando ao indivíduo. O homem não tem livre acesso ao Pai, por causa da maldade do seu próprio coração; então o Filho revela soberanamente a algumas pessoas sobre esse Pai. É o que encontramos, por exemplo, em Mateus 16.16-17: "E Simão

Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus".

Como Pedro percebeu e encontrou a revelação de que Jesus é o Cristo? Jesus diz que não foi nada humano. As palavras carne e sangue na escritura falam daquilo que é puramente humano. Não foi nada humano que convenceu Pedro daquilo. Não foi nenhuma capacidade humana, mas foi o próprio Pai nos céus que revelou aquilo a Pedro. E só pode ter mesma percepção sobre quem é Jesus, como Deus e Messias, quem o Pai revelar ao seu coração. Se o Pai não tivesse feito essa revelação ao coração de Pedro, ele não teria crido em Cristo como Deus vivo. Isso significa que a revelação do Cristo só pode ser alcançada através de uma revelação *a priori* de Deus. É quando Deus revela aos nossos corações quem é Jesus que nós podemos crer nele. Nada que é humano pode nos revelar sobre quem é o Filho de Deus. Só o próprio Deus pode trazer essa verdade para os nossos corações. "Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos", como diz Mateus 22.14.

Todos os homens são chamados ao evangelho através de uma chamada geral que se dá pela pregação da igreja e pela revelação na natureza, como lemos em Romanos. O homem está sempre sendo chamado à conversão e ao arrependimento, mas poucos são realmente escolhidos para o caminho do discipulado pelo Deus vivo.

Sabemos, graças a Deus, que esses poucos são homens de toda tribo, povo, língua e nação de toda a história do mundo, mas - em comparação com aqueles que estão ouvindo a mensagem do evangelho e não estão crendo - poucos têm sido escolhidos para o caminho de salvação. E não é por menos que o povo de Deus é tratado como um povo escolhido, povo eleito por Deus. Nós não somos aqueles que escolheram, nós não somos tratados como aqueles que fizeram uma boa decisão; somos tratados na Escritura como aqueles que foram previamente escolhidos por Deus. O termo "eleitos" descreve quem é a igreja. Quando lemos Mateus 24.31, que diz: "E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de

uma a outra extremidade dos céus", não resta dúvida. O texto poderia ser: "aqueles que me escolheram", mas a Escritura não usa esse tipo de expressão para descrever quem é o povo de Deus. Aqueles que serão separados são os escolhidos por Deus, os eleitos, os separados, os que desde antes da fundação do mundo ele quis para si, de forma que é por causa desses eleitos que Deus move a história, para sua salvação.

Lemos em Marcos 13.20: "E, se o Senhor não abreviasse aqueles dias, nenhuma carne se salvaria; mas, por causa dos eleitos que escolheu, abreviou aqueles dias". Deus montou a história do mundo de determinada forma para alcançar a salvação de seus eleitos, e é por causa dos eleitos que Deus escolheu abreviar os dias de tribulação aqui. Os eleitos serão escolhidos, porque Deus moveu a história para encontrá-los e preservá-los.

Esses eleitos são descritos como eleitos que Ele escolheu. A palavra "eleito" já traz a ideia de alguém que foi escolhido, foi elegido por Deus para alguma coisa, mas Jesus quer deixar muito claro que a condição de eleito não é por escolha própria, mas porque Deus escolheu. Falar que Deus simplesmente previu o futuro e escolheu os seus eleitos baseando-se na escolha que eles fariam não é só desconsiderar todo o capítulo sobre a depravação total e sobre a maldade do coração humano que não deseja Deus, mas é também ignorar as descrições da Escritura sobre quem é o povo de Deus. O texto poderia dizer "os eleitos que o escolheram", mas não é isso que o texto quer dizer. O texto bíblico não tem a mínima vontade de colocar a vontade humana e a vontade divina em concurso numa sinergia como ela faz em outros momentos (sobre a possibilidade de concurso entre a ação de Deus e a ação humana, confira o Apêndice). Quando o assunto é salvação, temos outra dinâmica, temos a vontade de Deus se manifestando sobre a vontade do homem. Não é um sinergismo, é monergismo, é um ato monocrático de Deus, é apenas o Senhor agindo para nossa salvação. Somente quando ele age, quando ele nos escolhe, quando ele nos elege, nós fazemos alguma coisa por ele. O evangelho do apóstolo João é certamente o evangelho que mais fala sobre a soberania de Deus na salvação. Tenho certeza de que João Calvino

foi um homem muito joanino no processo de estabelecimento dessa doutrina.

Lemos em João 5.21: "Pois, assim como o Pai ressuscita os mortos, e os vivifica, assim também o Filho vivifica aqueles que quer". Por que João precisa dizer isso? Por que João simplesmente não diz que o Filho vivifica e pronto? João poderia dizer que Deus vivifica aqueles que o escolhem de volta, mas não. Por que João tem que deixar claro que aqueles que são vivificados são aqueles que o Filho quer vivificar? Essa linguagem é muito exclusivista, é como se ele não quisesse vivificar os outros e ponto. João deixou isso muito claro, e ele não tem a intenção de confundir seus leitores. Ele está estabelecendo teologia da salvação e dizendo que cada um que foi encontrado por Deus o foi, porque ele quis e acabou. Há uma vontade soberana do Filho que concede salvação aos seus eleitos.

Em João 6.37, 44-45, 65-66, fica muito claro o estabelecimento da doutrina aqui defendida: "Todo que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora [...] Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia. Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu vem a mim [...] E dizia: Por isso eu vos disse que ninguém pode vir a mim, se por meu Pai não lhe for concedido. Desde então muitos dos seus discípulos tornaram para trás, e já não andavam com ele". Todo aquele que o Pai dá vem a ele. O texto não está dizendo que aquele que vem a ele então será dado pelo Pai; pelo contrário, o Pai dá, só então a pessoa vem até Jesus. A ação divina é prévia, anterior à ida do indivíduo. E aquele que chega até ele, de maneira alguma, será lançado fora. Ninguém que foi dado pelo Pai a Cristo deixa de ir ao Pai ou é rejeitado pelo Filho, de forma que ninguém pode ir até ele se o Pai não o dá. Aqui a linguagem é ainda mais exclusiva. Quem vai até Jesus foi dado pelo Pai. Quem não vai até Jesus é aquele que não foi dado pelo Pai a Cristo, ponto.

João 15 não poderia ser mais explícito: "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo

conceda". Você não escolheu Jesus! Foi Jesus que escolheu você. "Vocês não me escolheram, eu vos escolhi". Jesus está deixando bem claro esse aspecto soberano de sua escolha. O homem não o escolheu, foi Deus que escolheu o homem para chegar até ele, e esse processo inclui chegar, ser nomeado, dar fruto, ter orações respondidas, toda a nossa salvação, tudo que encontramos no relacionamento com Cristo nos foi dado anteriormente pelo Deus bondoso que nos predestinou desde antes da fundação do mundo, de forma que antes de qualquer participação humana há um ato soberano único do divino em nos escolher. Essa é uma verdade do Antigo Testamento, dos evangelhos e também dos apóstolos e da vida da igreja.

Predestinação na ação missionária de Atos

Em Atos, vemos uma série de relatos missionários em que Lucas, o autor do livro, descreve a soberania de Deus na salvação, naquilo que a igreja estava fazendo em sua obra missionária. A doutrina da eleição é uma doutrina profundamente evangelística, porque move a igreja a entender o que Deus está fazendo no evangelismo. Atos 13.48 é um texto claríssimo: "E os gentios, ouvindo isto, alegraram-se, e glorificavam a palavra do Senhor; e creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna". Quem creu? Essa é a pergunta que fazemos ao texto. Creram apenas aqueles que estavam ordenados para a vida eterna, ou seja, aqueles que não estavam ordenados para a vida eterna não creram e não creram porque não estavam ordenados. Eles não se ordenaram para a vida eterna, eles não escolheram essa ordenação. Não! Eles creram porque estava ordenados. Se você quiser ser honesto com esse texto, você não pode dizer, de forma alguma, que eles creram e porque creram foram ordenados, porque Deus viu previamente que eles iam crer e por isso os ordenou. A causa, o motivo da crença, foi uma ordenação prévia que os alcançou. Lemos o mesmo em Atos 16.14. Acerca de Lídia, Lucas relata o seguinte: "E uma certa mulher, chamada Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, e que servia a Deus, nos ouvia, e o Senhor lhe abriu o coração para que

estivesse atenta ao que Paulo dizia". Por que essa mulher estava atenta às coisas que Paulo falava? O que dava a essa mulher condição de prestar atenção? Era uma mulher religiosa, ela servia a Deus, diz o texto.

Em Atos, isso está muito próximo de pessoas que estão de alguma forma em comunidade com os judeus, ainda que não haja uma salvação real no coração delas por ora. Essa mulher estava ouvindo com atenção aquilo que Paulo dizia por causa de um exercício pessoal de vontade? Não! Foi somente porque o próprio Senhor tocou no coração dela para isso. Foi um ato de iniciativa de Deus de mover o coração dela à atenção para a palavra. Se o Senhor não tivesse movido seu coração, ela não teria dado atenção à palavra, não creria no evangelho. Ela só creu, porque houve um Deus que, antes de ela exercer qualquer vontade positiva, tocou em seu coração, tornando possível sua atitude. Isso é misericórdia, meu amigo. É graça de Deus trazendo gente que não o quer, que o rejeita, a um caminho de compreensão da Escritura para além de suas próprias capacidades. Mas se tudo isso não fosse poderoso bastante, a carta de Paulo aos Romanos é certamente o grande texto da eleição incondicional, tão comumente rejeitada por pessoas de outras correntes teológicas. Como dizia John Piper, é um tigre devorando a argumentação arminiana.

Predestinação em Paulo

Em Romanos 8, temos a declaração de que a salvação é uma completude entregue por Deus, que nos é dada junto com o Filho. Romanos 8.28-29 diz "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos". Veja, quem são os predestinados? São aqueles que Deus conheceu. A linguagem bíblica para conhecer, você sabe, refere a um relacionamento íntimo, um relacionamento entre duas pessoas. "Conhecer" pode, inclusive, servir para uma linguagem sexual na

Escritura. Aqui fala que Deus conheceu algumas pessoas e que esse conhecimento fala do estabelecimento de uma relação. Todos aqueles que Deus conheceu, Deus predestinou. Se isso fosse só um conhecimento de saber da existência de todos os homens, então Deus predestinou todos os homens para a vida eterna? Sabemos que não, senão todos os homens seriam salvos e veríamos um tipo de universalismo. É interessante que o universalismo é uma tentativa de algumas pessoas de fugir da doutrina da eleição incondicional, da ideia de que aqueles que ele conheceu previamente, ele também predestinou para serem à imagem de Jesus. Deus estabelece um conhecimento relacional com algumas pessoas e as predestina para a vida eterna.

Por que Paulo diz essa frase? Porque ele está tentando embasar uma coisa que acabou de dizer: as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus. Mas quem ama a Deus? Aqueles que são chamados segundo o seu propósito. Só ama a Deus aquele que foi previamente chamado segundo seu propósito e vontade. Por quê? Porque Deus conheceu e predestinou algumas pessoas. Isso é completo, aquele que Deus predestina vai chegar à salvação!

Paulo continua em Romanos 8.30: "E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou". No grego o tempo não é passado, é o que chamamos de aoristo. Ele é impossível de ser traduzido para o português. Mas podemos afirmar, basicamente, que o autor não quer chamar atenção se o evento foi no passado ou no futuro; ele chama a atenção para a ação em si. Aquele que é conhecido, é predestinado, é chamado e é glorificado por Deus no processo salvacional.

Paulo faz algumas perguntas nos versos 31 e 32: "Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?". Se Deus chegou a sacrificar o próprio Filho para nossa salvação, como ele mesmo não garantiria a chegada até essa salvação e a permanência nela? O que Paulo está perguntando é como Deus poderia nos dar o que é de maior e de mais precioso,

que é a morte do seu próprio Filho, e não nos dar também a aplicação dessa salvação soberanamente em nossos corações, que é algo muito menos sacrificial que matar o próprio Deus encarnado na cruz. Se Deus chegou a jogar sua ira sobre o seu próprio Filho para nossa salvação, como também não nos daria como garantia a aplicação dessa redenção que há em Cristo Jesus? A doutrina da predestinação fala justamente de Deus fazendo valer a morte do seu filho em nosso lugar e fazendo isso ser uma verdade para nós. Apesar da clareza de Romanos 8, Romanos 9 certamente é o grande texto para tratar do assunto.

Paulo está, no fim de Romanos 8, argumentando que nada pode nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus (estudamos mais esse aspecto no capítulo sobre perseverança dos santos), mas ele começa o capítulo 9 continuando a argumentação do capítulo 8, aplicando-a ao povo judeu. Se nada pode nos separar do amor de Deus, por que os judeus foram então separados desse amor? Como Deus abriria a aliança aos gentios, rejeitando a eleição que fez com o povo de Israel separando-os de Deus, se nada poderá nos separar?

Paulo resolve essa argumentação dizendo que nem todo judeu é realmente judeu, nem todo israelita é realmente de Israel, nem todo descendente terreno de Abraão é um descendente espiritual, e que havia um povo que era visível, mas havia também um povo remanescente dentro desse povo que era espiritual, que dentro da grande comunidade física havia uma comunidade transcendental e que esses não seriam separados do amor de Deus nunca, porque receberam um amor real do Senhor. Paulo começa a falar sobre a doutrina da predestinação para os que são os remanescentes. Paulo está dentro do debate maior sobre os gentios e os israelitas. Há quem use isso como argumento para dizer que Paulo não está falando da eleição de pessoas, mas da eleição de Israel e dos gentios, mas isso é perder o ponto do que Paulo está dizendo no começo. Ele está falando daqueles de dentro da comunidade maior de Israel, que são israelitas de verdade, está falando da eleição dos homens dentro dessa comunidade maior; ele ainda não está

tratando da eleição de gentios e judeus, que será abordada mais à frente nos capítulos 9, 10 e 11 da carta.

Veja o que ele diz nos versos 11 a 13 de Romanos 9: "E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama), já fora dito a ela: O mais velho será servo do mais moço. Como está escrito: Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú". O que Paulo está dizendo é que, antes de Jacó ou Esaú terem nascido, Deus já havia feito uma escolha sobre eles, que Jacó seria amado e Esaú seria odiado por Deus. Ainda que muitos arminianos tentem aplicar isso apenas à eleição de gentios e de judeus, é uma verdade que se aplica aos indivíduos Jacó e Esaú. E se é uma verdade para eles no Antigo Testamento, então pode ser verdade sobre indivíduos também.

Você não tem como transformar Romanos 9 numa mera eleição nacional, na eleição de povos e não eleição de indivíduos, já que a base argumentativa de Paulo é a eleição de dois indivíduos antes de qualquer um dos dois fazer bem ou mal, conforme deixa claro o texto.

Deus já o havia escolhido. Por quê? Para que seus propósitos, segundo a eleição, segundo aquele que chama e não por causa das obras, ficassem firmes. É o que o texto está dizendo. Deus age escolhendo previamente para que o seu propósito eterno se manifeste, não a vontade das obras dos indivíduos.

O texto continua dizendo nos versos 14 a 16: "Que diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum! Pois ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão. Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia". A eleição do homem não acontece por quem quer nem por quem corre, mas pelo exercício soberano da misericórdia de Deus a todos os homens. Não depende de quem corre. Não depende de quem quer. Depende do soberano exercício da sua misericórdia. Ele está falando de Jacó e Esaú, dois indivíduos, e aplicando isso à eleição de indivíduos; então ele faz referência a Faraó e o usa como um exemplo da vontade soberana de Deus em

endurecer os corações (confira o Apêndice para uma análise mais aprofundada da ação divina endurecendo o coração de Faraó). Ao relatar o endurecimento do coração de Faraó por parte de Deus para exercer a sua vontade sobre os homens, Paulo encerra o argumento dizendo no verso 18: "Logo, tem ele misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz".

Deus é soberano e acabou. Então o homem faz a velha pergunta a Deus, conforme os versos 19 a 24: "Tu, porém, me dirás: De que se queixa ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade? Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra? Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?". Observe o final da passagem. Ele não está falando dos judeus e dos gentios como povos, está falando de pessoas que foram chamadas dentre os judeus ou dentre os gentios. Pessoas de dentro da comunidade judaica e pessoas de dentro da comunidade gentílica. Ele está falando de indivíduos que são chamados dentro dessas comunidades.

A partir de então, Paulo começa a falar um pouco mais sobre os grupos, mas aqui ele está falando de pessoas que são eleitas, separadas e escolhidas como vasos de honra e de desonra, tanto que Paulo está falando de Faraó, que é um indivíduo. Não adianta tentar levar esse versículo a uma eleição de grupos, pois ele está falando também de pessoas e lida com esta pergunta: mas não é injustiça da parte de Deus? Como pode Deus então revelar a sua vontade dessa forma? Quem pode resistir à vontade de Deus? Paulo trata essa pergunta como tola e responde de outra forma. Paulo não entra na questão da justiça ou injustiça. Paulo não está lidando com a questão do exercício da vontade. O apóstolo diz simplesmente que

Deus é Deus, e ele faz o que quiser. Deus escolheu separar uns para misericórdia, outros para ira e acabou. Ele é o oleiro e faz o que quiser com o barro.

Deus manda o homem calar a boca e simplesmente estabelece a sua soberania. Talvez você não consiga entender todos os meandros e as questões filosóficas envolvendo a bondade e soberania de Deus, a liberdade do homem, a soberania de Deus e as condenações que caem sobre nós, porque Deus organiza a história dessa forma. Mas temos a confiança de que ele é soberano e, porque ele é o criador, o dono, ele pode fazer o que quiser. E o que importa aqui é que ele tem uma massa e separa parte dela para fazer vasos de honra e a outra parte para vasos de desonra. É Deus quem diz isso através da pena de Paulo como homem inspirado, refletindo ao partir do Antigo Testamento e das próprias palavras de Jesus.

Paulo não toca nesse assunto apenas em Romanos. Aborda a questão também em outras epístolas, como por exemplo em 1 Coríntios 1.26-29: "Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus". Veja, ele está falando aqui de um chamamento eterno, um chamamento eficaz no coração do indivíduo, e Deus não chamou muitos ricos, mas chamou muitos pobres. Deus não chamou muitos sábios segundo os padrões humanos, mas gente simples. Ele não está dizendo que os ricos não escolhem nem que o problema é que os ricos não fazem boa escolha e os pobres fazem. Ele está dizendo que os pequenos foram escolhidos e, dentre os ricos e grandes, foram poucos os escolhidos. Aqui era o momento perfeito para Paulo colocar a responsabilidade naquele que escolhe e nem neste momento ele faz isso. Paulo coloca a responsabilidade sobre o Deus que escolheu e rejeitou.

Por que muitos pobres, pequenos e frágeis são salvos, enquanto poucos ricos, poderosos e reis segundo o mundo o são? Porque Deus escolheu os fracos, os frágeis, os loucos, os pobres, a fim de humilhar os que não são. Se o homem tivesse o simples poder de escolher Deus e se o homem chegasse a Deus simplesmente por uma volição, uma capacidade de escolha, como Deus poderia escolher os fracos e não os fortes para que cressem? O exercício do livre-arbítrio poderia montar a história de outra forma, de uma maneira que os ricos poderiam crer e os pobres não, mas Deus escolheu e montou a história dessa forma. Então, é Deus quem tem o poder de mover os corações de acordo com a sua vontade e mover a história da redenção de acordo com seu querer.

Em Efésios 1.4-7,11, Paulo repete: "assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado, no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, [...] nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade". Essa eleição se dá não por causa daquilo que Deus viu no homem, mas segundo o beneplácito de sua vontade, segundo o conselho de sua vontade.

Paulo poderia muito bem qualificar a predestinação como fruto de algo que Deus viu o homem fazer, mas o que ele está dizendo é que essa eleição acontece baseada unicamente na livre vontade de Deus. Segundo a vontade do Senhor é que somos eleitos. Deus não viu nada em você para te eleger, mas, segundo a sua vontade, baseado unicamente nele, escolheu salvá-lo e só. Não existe nenhuma participação de observação prévia de Deus sobre o ser humano para isso. Por isso que Efésios 2 fala de um Deus que opera em nós tanto o querer quanto o efetuar, segundo a sua boa vontade. A operação dele em nós, nossa santificação, nosso crescimento, nossa salvação, só se dá, porque ele opera em nós o querer e o agir. Nosso trabalho de santificação e de aproximação de

Deus todos os dias é o próprio Deus operando em nós. Se Deus não atuasse em nós, seríamos incapazes de agir de acordo com a sua vontade. É engraçado, pois lembro de uma música do Toque no Altar em que, na ministração, o vocalista cantava: "Se até o desejo de Te adorar vem de Ti". Foi o meu primeiro contato com eleição incondicional nos meus tempos de neopentecostalismo. A vontade de adorar a Deus vem de Deus. Isso é maravilhoso.

Em 2 Tessalonicenses 2.12-14, Paulo continua no mesmo tema: "a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça". Veja, Paulo está colocando sobre aqueles que não creram a responsabilidade de não terem crido. Eles não creram na verdade. Paulo está falando sobre a responsabilidade humana, mas ele continua: "Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade, para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo".

Paulo coloca a responsabilidade de não crer sobre o descrente e a responsabilidade de crer sobre o Deus, que salva o crente, porque aquele que não creu, não creu porque Deus deixou que ele continuasse fazendo suas próprias escolhas, descrendo e rejeitando a salvação, enquanto aquele que creu, creu porque o Senhor soberanamente agiu no coração do descrente e fez com que ele o escolhesse. Paulo fala de responsabilidade do descrente e fala de responsabilidade divina sobre o crente. Paulo poderia ter mantido a mesma linha argumentativa: eles não creram na verdade, mas vocês creram, eles agiram mal, vocês agiram bem, mas não! Paulo diz: eles agiram mal, mas Deus agiu bem em vocês, porque a salvação é um ato soberano de iniciativa divina.

Em 2 Timóteo 1.9, Paulo fala de uma graça eterna que nos alcança: "que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos". Ou seja, a graça que nós recebemos é uma obra de Deus em nós; foi dada eternamente e não levou em conta as nossas

obras, nossas boas escolhas, mas levou em conta apenas a nossa santa vocação em Cristo Jesus.

A eleição dos perdidos

Dito tudo isso, podemos refletir um pouco sobre a eleição dos perdidos, afinal, Deus também elege o homem pecador, ou seja, Deus elege quem é descrente para a perdição. Deus os escolheu para a condenação. Lemos isso, por exemplo, em Provérbios 16.4, quando diz: "O SENHOR fez todas as coisas para determinados fins e até o perverso, para o dia da calamidade". Deus fez tudo para cumprir sua vontade, incluindo trazer a condenação sobre o homem mau. Deus fez o homem mau com o propósito de manifestar a sua ira e a sua glória também na condenação daqueles que merecem a condenação. Lemos isso em Romanos 9.22-23: "Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão".

Deus preparou os vasos da ira para a perdição. Não são pessoas que estão fora do plano de Deus, que é também levar as pessoas para a condenação eterna, para manifestar a sua ira eternamente numa fumaça que exala a justa condenação de Deus a homens maus. É o que lemos em 1 Pedro 2.6-9: "Pois isso está na Escritura: Eis que ponho em Sião uma pedra angular, eleita e preciosa; e quem nela crer não será, de modo algum, envergonhado. Para vós outros, portanto, os que credes, é a preciosidade; mas, para os descrentes, a pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular e: Pedra de tropeço e rocha de ofensa. São estes os que tropeçam na palavra, sendo desobedientes, para o que também foram postos. Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz".

Os desobedientes já foram destinados à condenação eterna; são homens que tropeçam na palavra, na pedra de escândalo que é Cristo Jesus, e Deus já os separou para isso, desde a eternidade, enquanto nós somos geração eleita. Existem duas eleições acontecendo aqui, a eleição dos ímpios para o mal e a eleição dos crentes para a vida. E isso se dá, porque esses homens não têm o seu nome escrito no livro da vida do cordeiro. Lemos em Apocalipse 17.8: "a besta que viste, era e não é, está para emergir do abismo e caminha para a destruição. E aqueles que habitam sobre a terra, cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida desde a fundação do mundo, se admirarão, vendo a besta que era e não é, mas aparecerá".

Por que esses homens irão se admirar com a besta? Porque seus nomes não estão escritos no livro da vida, porque eles não foram separados eternamente em um livro, o livro daqueles que foram salvos pelo Deus vivo. Isso pode assustar você, chocar, mas é para chocar e assustar mesmo! Deus é amor, mas Deus não é o Papai Noel. Deus tem uma ira justa contra aqueles que já foram separados desde antes da fundação do mundo para a perdição. Costumamos falar de uma dupla predestinação, ou seja, uma predestinação para vida e uma predestinação para a morte. Porém, essas duas predestinações acontecem de formas distintas. Quando a gente sabe que a predestinação para a vida acontece em Deus, de modo a mover a nossa vontade a ele de forma sobrenatural, a predestinação para ira acontece unicamente com Deus deixando o homem seguir o curso do seu caminho. É a linguagem de Romanos 1: Deus os abandonou em seus próprios pensamentos, Deus os entregou às suas próprias vontades.

A eleição dos perdidos não deriva de Deus ativamente impedir que esses homens se convertam, mas de Deus deixando eles continuarem em seus próprios caminhos de ofensa, de rebelião e de fuga de Deus. Deus não os está prendendo no caminho da ira, mas deixando-os no caminho da ira, e essa deixada foi predestinada desde antes da fundação do mundo.

Mera presciência?

Alguns ainda tentam insistir na ideia de presciência, de que Deus simplesmente previu a nossa escolha e por isso nos escolheu, mas isso não só contradiz tudo aquilo que foi dito até aqui, mas contradiz, ainda, Mateus 11.20-24, no qual temos um caso em que Deus viu que uma nação poderia crer se ele agisse, mas ele não agiu no sentido de levá-la a crer. Diz o texto: "Passou, então, Jesus a increpar as cidades nas quais ele operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido: Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza. E, contudo, vos digo: no Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras. Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no Dia do Juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo".

Deus poderia ter salvo Tiro, Sidom e Gomorra, mas Deus não fez porque não quis. Ele poderia ter operado milagres, ele poderia ter feito, em Cafarnaum, os mesmos sinais que ele fez em Corazim e Betsaida, mas ele preferiu não operar esses sinais lá, e as pessoas foram condenadas. Deus poderia tê-los salvado se quisesse. Deus apenas não quis, porque ele foi soberano sobre a sua misericórdia. Se a salvação fosse simplesmente um ato de Deus ver a escolha das pessoas e mover para que as pessoas cressem voluntariamente, e assim ele escolher, ele poderia ter feito isso com essas cidades do Antigo Testamento, mas ele escolheu não o fazer.

Agora, um texto que geralmente é base para algumas pessoas com relação à presciência de Deus, onde diz: "Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos que são forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo, graça e paz vos sejam multiplicadas". Por uma interpretação apressada, é possível mesmo pensar que fomos eleitos segundo a presciência, logo, a eleição se dá através de Deus prever aquilo que faríamos, a escolha que

tomaríamos. Mas, analisando mais profundamente, é disso mesmo que esse texto está falando? Eu tenho plena certeza que não. Primeiro, porque um texto não pode contradizer todo o resto da Escritura. Obviamente, haveríamos de lidar com muitos textos para fazer esse texto significar isso, mas o próprio texto não tem esse significado pura e simplesmente.

Primeiro, nós fomos eleitos segundo a presciência, e a palavra usada no grego é κατὰ, que traz a ideia de um relacionamento. Não necessariamente a presciência no texto é a base dessa eleição, mas há uma relação de acordo com a presciência. Alguns tentam argumentar que a presciência é o fundamento dessa eleição, e somos eleitos por causa da presciência, mas não é isso que κατὰ significa. Gera um acordo, não gera necessariamente uma relação de fundação.

Em segundo lugar, o texto não fala que essa eleição baseada no pré-conhecimento se dá por causa de alguma resposta futura, mas para uma resposta futura. Somos eleitos de acordo com a presciência, em santificação no Espírito para a obediência e para aspersão no sangue de Jesus. Não somos eleitos, porque obedeceríamos; mas somos eleitos para obedecer. Então, como a presciência prevê obediência futura se nós fomos eleitos para essa obediência? Isso não faria nenhum sentido.

Em terceiro lugar, a preposição κατὰ, que vem antes de *presciência* no grego, está modificando não simplesmente a eleição, mas também as coisas que vêm antes de eleição, que seria todo o primeiro verso, ou seja, a ideia de que nós somos estrangeiros e peregrinos, eleitos segundo a presciência. Não só a eleição seria segundo a presciência, mas o nosso aspecto de estrangeiros no mundo, de peregrinos no mundo, também seria segundo a presciência.

Então, falar de uma mera eleição pela presciência seria usar de forma errada a preposição grega κατὰ, na tentativa de restringir demais essa relação, para tentar fazer parecer que Pedro está falando exclusivamente de eleição. Ou seja, o que ele está querendo dizer é: "Olha, o que vocês estão passando aqui como estrangeiros, como peregrinos, não é algo que fugiu do plano da vontade de

Deus, mas está de acordo com aquilo que Deus já previu antes de qualquer coisa, está segundo a presciência e visão eterna de Deus sobre todas as coisas".

Em quarto lugar, está o significado da palavra pré-conhecimento. Tentamos aplicar um conceito teológico numa palavra que aparece aqui de forma um tanto equivocada. Perceba que em 1 Pedro 1 praticamente não tem quebra de pensamento e ele usa a mesma palavra pré-conhecimento no verso 20, no sentido de dizer que tudo o que aconteceu com Jesus já era esperado, que a morte de Jesus, o sofrimento, não foi uma surpresa, mas que era esperado por Deus antes de todas as coisas. Cria uma relação no verso 20 entre conhecido e revelado, dentro de uma relação de conhecimento desde antes da fundação do mundo. Aqui, pré-conhecimento traz a ideia de algo que é prévio, no objetivo de trazer conforto aos irmãos que estão passando por dificuldade, ou seja, aquilo que eles estavam passando agora já estava dentro dos planos de Deus. Não apenas no pré-conhecimento relacionado a eles, mas também no pré-conhecimento do sacrifício de Jesus Cristo. Ou seja, se não importarmos um significado teológico formal para pré-conhecimento e olharmos para a palavra simplesmente no seu uso pragmático pelo autor, dentro de 1 Pedro 1, o verso 20 fala de um pré-conhecimento de Deus em sinônimo com a percepção eterna de Deus como algo que não escapou do seu plano. Isso sendo percebido também no verso 2 de 1 Pedro 1, temos a mesma ideia de sermos eleitos e sermos peregrinos de acordo com um plano eterno de Deus e de nada disso acontecer fora de sua vontade.

Isso significa, então, que 1 Pedro 1.1-2 não é um bom texto para falar que a nossa eleição se deu simplesmente, porque Deus previu que seríamos eleitos.

Conclusão e aplicações

Existem dois textos bíblicos que não são sobre eleição incondicional, mas são ótimas ilustrações daquilo que estamos dizendo aqui e da bondade de Deus nesse processo. Uma é a história de Ló, a outra história é de Ezequiel. A de Ló está em

Gênesis 19; ela é engraçada. Dois anjos chegam até a cidade de Sodoma e Gomorra e mandaram Ló sair dali, mas ele fica enrolando, vai chamar os parentes, mas eles não acreditam. Por três vezes, os anjos dizem para Ló: "saia desta cidade, Deus vai destruir tudo, você vai morrer". Por três vezes, ele dá uma desculpa e não sai. Então os anjos dizem: "Levanta-te, toma tua mulher e tuas duas filhas, que aqui se encontram, para que não pereças no castigo da cidade". O que o texto diz? "Como, porém, se demorasse, pegaram-no os homens pela mão, a ele, a sua mulher e as duas filhas, sendo-lhe o SENHOR misericordioso, e o tiraram, e o puseram fora da cidade". O que Deus fez aqui? Ló não estava exercendo a sua vontade para obedecer ao chamado, para fugir da ira que viria contra a cidade, da destruição futura que viria. Ao invés de respeitar a vontade de Ló, os anjos pegaram-no pela mão e o tiraram à força, porque Deus foi misericordioso.

Claro que a nossa salvação não acontece com Deus nos pegando à força, mas a misericórdia de Deus foi muito maior do que o respeitar da vontade de Ló. Sempre ouço assim por aí: Deus é muito educado, Ele respeita sua vontade e não vai agir se você não permitir. Aqui Deus está agindo sobre Ló sem sua permissão, fazendo o bem, sendo misericordioso com Ló, contra a sua vontade, para que ele não fosse condenado. É o que Deus faz conosco muitas vezes. Ao invés de nos pegar pela força, nós temos um Deus que transforma nossa vontade e nos faz querê-lo, porque ele é misericordioso, ele nos tira da cidade da destruição para que possamos ser poupados e permaneçamos com vida, vida nele.

Outra história que me chama muito a atenção é a de Ezequiel 37, quando Ezequiel está diante do vale de ossos secos. Deus coloca Ezequiel em um vale que é geralmente onde acontecem as batalhas e guerras. Existem vários ossos secos. Eram soldados que morreram em batalha e estavam lá, já sem carne, sem tendões e músculos. Apenas ossos já secos pelo tempo. Deus faz uma pergunta a Ezequiel: "você acha que esses ossos podem voltar à vida?". Ezequiel responde: "Só tu sabes, Senhor". Deus ordena a Ezequiel que pregue, que ele fale com os ossos e ordene que eles se levantem. Ezequiel obedece e então os ossos se levantam, surgem

carne, tendões e músculos, e os ossos se transformam em pessoas. Deus ordena que Ezequiel mande o Espírito Santo entrar ali e então os ossos recebem o Espírito, transformando-se em um grande exército. É uma visão que Deus dá a Ezequiel, profética, que representa muito do que é a pregação do evangelho. Você está diante de homens mortos, ossos secos, pessoas que não têm vida. Como você vai argumentar com um cadáver espiritual para que ele creia? Como você tenta argumentar com alguém que está morto, como você argumenta com o defunto para que ele viva? Você pode usar o melhor argumento do mundo e ainda assim é incapaz de trazê-lo à vida eterna, mas pregamos o evangelho a homens mortos em pecado, incapazes de crer, porque cremos que é essa pregação que Deus vai usar para salvar o homem pecador.

A doutrina da eleição incondicional é a única forma de responder à seguinte pergunta: "por que oramos pedindo para que Deus salve alguém especificamente?". Você já fez uma oração assim: "Deus, salva o meu pai, salva meu amigo, converte fulano e sicrano"? Se Deus não tivesse o poder de inclinar o coração das pessoas e trocar os corações de pedra por corações de carne, orar para que Deus salve, transforme o coração, mude a vida de alguém, não seria uma oração válida. Deus olharia para nós e diria: "desculpe, ele tem que exercer a escolha dele. Desculpe, eu não tenho poder nenhum contra o livre-arbítrio dele. Desculpe, eu não tenho autonomia de trocar seu coração e incliná-lo a mim". Nós só oramos para que alguém seja salvo, porque nós cremos que Deus tem o poder de salvar e de transformar, e porque ele é soberano sobre os corações.

LEIA MAIS

- *Eleição*, de Charles Spurgeon (Fiel)
- *Evangelização e Soberania de Deus*, de J. I. Packer (Cultura Cristã)
- *A Justificação de Deus*, de John Piper (Cultura Cristã)

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. A Bíblia fala sobre a escolha de pecadores para a salvação em diversos textos. Você tem dificuldade com essa doutrina? Como você tem reagido aos textos sobre ela que encontra nas Escrituras?

2. Pense sobre a relação entre escolha divina e depravação total humana. Deus nos escolheria por algo bom em nós? A fé deu origem à eleição ou a eleição deu origem à fé? Reflita sobre isso.

3. Você pensa na eleição como algo que tira a necessidade do evangelismo? Pense na relação entre a soberania de Deus e a pregação do evangelho. Nós conhecemos os eleitos? Qual missão recebemos de Deus? Qual meio de alcançar os eleitos que ele escolheu?

4. Você pensa na eleição como algo que tira a necessidade da oração? Pense na relação da oração pelos perdidos e a soberania de Deus. Como ambos caminham juntos na Bíblia? Comece uma conversa sobre esse assunto e busque se aprofundar na questão posteriormente.

5. Você, como um cristão genuíno, se acha melhor do que outras pessoas não cristãs? Você vive como se estivesse numa posição pessoal superior aos perdidos? Pense nessa possível altivez de espírito e reflita no fato de Deus ter nos escolhido incondicionalmente.

7. SOLA GRATIA

De mãos vazias diante de Deus

> *"Que imensa é a graça de Deus! Quem poderá medir sua extensão? Quem poderá imaginar sua profundidade? Como os demais atributos divinos, ela é infinita. [...] A graça é a primeira e última causa movedora da salvação; e a fé, por mais essencial que seja, é apenas parte importante do mecanismo utilizado pela graça. Somos salvos 'mediante a fé', mas 'pela graça'. [...] a fé é apenas um canal ou aqueduto, não a própria fonte. [...] Nossa vida é achada quando olhamos para Jesus, não quando olhamos para a nossa fé"*
>
> Charles Spurgeon em *All of Grace (1894)*

Há como nos sentirmos melhores diante de Deus com base naquilo que fazemos? Se a salvação pela fé está em contraposição à salvação pelas obras, a salvação pela graça está em contraposição à salvação pelo mérito. É a doutrina de que chegaremos de mãos vazias diante de Deus no último dia, e que não podemos ganhar pontos para nossa salvação. Não temos como conquistar nada em nossa salvação ou mesmo na vida cristã, e é isso que veremos neste capítulo.

* * *

Antes de tudo, a pergunta que temos que responder é: "o que é graça?". Costumamos ouvir que graça é favor imerecido, o que traz a ideia fundamental de presente ou dom, de algo bom que lhe é dado sem você merecer. É aquilo de bom que você recebe sem fazer por onde. É o oposto de mérito, ou seja, fazer por merecer. Enquanto misericórdia é não receber algo de ruim que é merecido: quando merecemos o inferno e Deus não nos leva para lá, ele está agindo com misericórdia. Graça é o bem que não merecemos, mas recebemos: nós não merecemos o céu, mas Deus nos dá o céu por graça. Deus nos livra do inferno por misericórdia e nos dá o céu por graça. Graça é o bem que não merecemos e, ainda assim, Deus nos dá.

Em termos bíblicos, graça pode ser definida como dom gratuito. Encontramos esse termo aparecendo no livro de Romanos de forma bastante enfática para falar sobre o *sola gratia* e descrever o que graça significa. A referência é Romanos 5.15: "Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos!".

O dom gratuito de Deus, o dom pela graça e a graça de Deus são a mesma coisa. Graça é o dom gratuito, é o presente concedido sem absolutamente nenhum pagamento de nossa parte. Essa graça é justamente a pessoa de Jesus Cristo que veio morrer por nós e nos limpar do nosso pecado. Somos salvos por graça, e isso significa que somos salvos sem merecer, sem mérito, sem pagar por isso. Recebemos gratuitamente por meio da pessoa de Jesus Cristo. Como diz em Romanos 3.24: "sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus". Paulo diz que é gratuitamente pela graça. Paulo está sendo redundante para deixar claro que a salvação é gratuitamente pela graça. Não pagamos para ter salvação, não existe nenhum mérito pessoal, nós não fazemos por onde, porque é entregue, é de graça. Você não precisa mostrar serviço para ser aceito por Deus.

Escuto muita gente dizer assim: "Quando eu largar o cigarro, eu vou para Deus", "Quando eu fizer isso, quando eu vencer aquilo", "quando eu deixar tal coisa, aí eu vou para igreja, eu procuro Deus,

aí então eu quero saber das coisas da fé". Essas são posturas típicas de quem não entende que não há mérito. Nunca seremos pessoas boas o bastante para sermos aceitos por Deus. Por nunca sermos bons o bastante, tudo acontece unicamente através da graça de Jesus Cristo nos alcançando. A ideia de "obedeça e você será aceito" não faz sentido numa perspectiva cristã, considerando que nós recebemos as coisas sem absolutamente mérito nenhum diante de Deus. O amor dele por nós como seus filhos é fixo e provém unicamente dele. Quando erramos, quando pecamos ou falhamos, nós ofendemos o Deus vivo, mas nós não deixamos de receber aquilo que Deus nos deu de forma gratuita sem nenhum mérito da nossa parte. Quando nossos méritos faltam, apenas somos lembrados que mérito nunca tivemos e que não buscamos santificação para aumentar nossos pontos com Deus. Tudo nos foi dado gratuitamente. A graça é um absurdo.

O homem sem Deus não entende a graça. Pessoas de correntes do cristianismo que creem em salvação pelas obras ou por mérito pessoal absolutamente não entendem o que é a graça. A graça é esse absurdo que provém de Deus. Ele te dá a salvação sem esperar absolutamente nada em troca. Ele te transforma, te muda, e você devolve a Deus uma vida de oração, de santificação e de arrependimento, uma vida que é vivida em Jesus, mas isso não é para pagar a salvação, é o efeito da salvação na tua vida. Porque a salvação mesmo você recebeu sem nada em troca.

A fé direciona para a graça, a graça direciona para a fé

Por isso este *sola* está intimamente relacionado ao *sola fide*: a salvação pela fé somente. Temos uma fé que direciona para a graça e uma graça que direciona para a fé. Muitos textos que falam sobre o *sola fide* também são textos que fundamentam o *sola gratia*: salvação pela graça somente. Tanto que a própria salvação é descrita como um ato de ver a graça. Em Atos 11.21-23, há uma longa descrição sobre a salvação do povo: "A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor. A notícia a respeito deles chegou aos ouvidos da igreja que estava em

Jerusalém; e enviaram Barnabé até Antioquia. Tendo ele chegado e, vendo a graça de Deus, alegrou-se e exortava a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor". O grande número que se converteu foi visto como graça de Deus. Foi a graça que fez com que as pessoas se convertessem. Foi justamente a atuação de entregar o que as pessoas não mereciam, pois mérito nenhum elas possuíam para um tão grande número de pessoas encontrar salvação em Cristo. Por isso vemos esta pregação em Atos 15.11: "Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram".

A partir do que estamos expondo, você ainda acredita que algum mérito pessoal seu pode afetar o desenvolvimento da sua salvação e o seu encontro com Deus, ou que você precisa fazer por merecer a vida eterna? Você ainda acredita que, no último dia, poderá bater no peito e dizer: "eu consegui, eu conquistei"? Você nunca merece nada nem nunca poderá pagar o preço necessário. Cristo pagou. Somente ele é valioso o suficiente para pagar, e você não tem mérito nenhum para conseguir. Você tem que dizer: "creio que serei salvo pela graça, e pela graça somente". Tanto que Romanos 5.2 diz: "pelo qual obtivemos também acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus". É a fé que te faz participante da graça da salvação. E há firmeza nessa fé e nessa graça. Nós permanecemos na fé permanecendo na graça. E aqui graça e salvação são tratadas quase como sinônimas. Ser salvo e encontrar graça, permanecer na salvação e permanecer na graça são sinônimos na teologia paulina e em todo o resto da Escritura.

Nas citações de Romanos acima, a graça é o oposto de obras. Ela nos é dada gratuitamente. Em Romanos 11.6, Paulo desenvolve esse raciocínio dizendo: "E, se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça". É preciso ler esse texto com cuidado. Isso é Deus falando através da pena de seu apóstolo. Se é pela graça, não é pelas obras. Se a salvação é pela graça, não existe participação de obras. Paulo diz em letras garrafais: NÃO É PELAS OBRAS. Se fosse pelas obras, Paulo diria que já não seria graça. Então acreditar em qualquer participação de obras no processo de salvação é acreditar que a salvação não é pela graça. Se você

acredita que há graça na salvação, essa graça definitivamente exclui obras. Essas duas coisas não podem habitar juntas na salvação. Se as obras são instrumento para a salvação e não mero fruto – como foi abordado no capítulo sobre *sola fide* –, então não existe graça na salvação. Já não é de graça, já não é imerecido. Se há algum serviço que é feito como meio para pagar aquilo que é recebido pela salvação, então não é pela graça. Tentar fazer uma ginástica exegética para justificar isso é ir contra o que Paulo está afirmando com clareza no livro de Romanos.

Isso é tão profundo, belo e incrível que Paulo, escrevendo aos efésios, diz que todas as bênçãos do mundo espiritual, todas as bênçãos que já poderíamos receber no nosso relacionamento com Deus nos foram dadas e estão disponíveis no mundo espiritual. Não existe nada no meu relacionamento de fé com Deus que eu tenha que conquistar. Já me foi dado, tenho somente que receber aquilo que Deus já me deu. Independentemente do meu mérito. Efésios 1.3-7 é uma grande oração: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado, no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça".

Ou seja, no mundo espiritual, já temos eleição, redenção, predestinação; já fomos feitos santos e irrepreensíveis nele. Encontramos remissão das ofensas para o louvor de sua graça. Deus quer que sua graça, isso que ele nos dá gratuitamente, seja louvada para sempre. E nós, então, encontramos o caminho dessa salvação, encontramos purificação, redenção. Ele diz "pela qual", a graça no caso, "nos fez agradáveis a si" e diz que "encontramos a remissão das ofensas segundo as riquezas da sua graça". Foi através da graça que ficamos puros diante dele. Você não comprou nem fez por

merecer, mas pela graça Ele nos deu o que não merecemos: redenção, remissão e purificação dos nossos pecados.

Quando você vence uma prática que ofende a Deus, de alguma forma, o que está acontecendo é que Deus está te dando algo que você não merecia. Você não conquistou a santificação, ela também é um processo de graça, de receber aquilo que Deus já te deu através do calvário. Tanto que, no capítulo seguinte de Efésios, Paulo desenvolve ainda mais o tema da salvação pela graça. Em Efésios 2.4-9, ele diz: "Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, – pela graça sois salvos, e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus; para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus. Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie".

Ele nos deu vida enquanto estávamos mortos; a graça foi o que nos salvou. Ele te trouxe para viver com Cristo Jesus, para mostrar eternamente como ele é gracioso. A sua salvação será eternamente um argumento para mostrar a grandeza da graça. Deus está te salvando para mostrar para o mundo pela eternidade como ele é gracioso e como ele entrega o que não merecemos. A fé e a graça estão intimamente ligadas e em oposição às obras e à glória que advém delas. Enquanto a justificação pela fé vem em oposição à justificação pelas obras, a justificação pela graça vem em contraste à justificação pelo mérito, pela glória. Três vezes em Efésios 2, Paulo coloca que somos salvos pela graça e que isso não vem de nós, mas é dado por Deus.

Não satisfeito, em Efésios 3.1-7, Paulo desenvolve a entrada dos gentios na aliança como uma ação da graça de Deus: "Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Cristo Jesus, por amor de vós, gentios, se é que tendes ouvido a respeito da dispensação da graça de Deus a mim confiada para vós outros; pois, segundo uma revelação, me foi dado conhecer o mistério, conforme escrevi há pouco, resumidamente; pelo que, quando ledes, podeis

compreender o meu discernimento do mistério de Cristo, o qual, em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como, agora, foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito, a saber, que os gentios são coerdeiros, membros do mesmo corpo e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho; do qual fui constituído ministro conforme o dom da graça de Deus a mim concedida segundo a força operante do seu poder".

Paulo fala que houve uma dispensação da graça que foi dada a ele que é justamente a pregação e a proclamação dessa mensagem da salvação dos gentios. Ou seja, Deus não é tribal, não está restrito aos judeus, mas está interessado na salvação de gente de todo povo, tribo, língua e nação. É uma dispensação da graça que é dada a Paulo para transmitir a mensagem da graça aos gentios. Até mesmo esse ministério de pregação aos gentios veio a Paulo unicamente pela atuação da graça de Deus. Paulo não conquistou isso, pelo que diz em Gálatas 2.21: "Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão".

Se há alguma justiça própria que procede da nossa atuação da lei, da obediência aos princípios que nos são dados pela Escritura - seja no Antigo Testamento, seja da Lei de Cristo – isso aniquila a graça que se manifestaria na salvação. Se a salvação é pela graça, então não podemos aniquilá-la achando que há justiça proveniente da Lei. Aquilo que as religiões de glória pregam, aquilo que a salvação pelas obras prega é justamente a aniquilação da graça. Você aniquila a graça quando acredita nesse tipo de mensagem. Em Tito 3.7, Paulo direciona: "a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna".

Porque somos justificados pela graça, temos esperança do que receberemos, sendo justificados unicamente pela graça de Deus. E em 1 Timóteo 1.14, Paulo diz: "Transbordou, porém, a graça de nosso Senhor com a fé e o amor que há em Cristo Jesus". A graça de Deus é manifestada principalmente em termos recebido Cristo Jesus e em ele nos ter dado Cristo Jesus. É porque recebemos Cristo que vivemos pela graça. Ele é o maior presente, ele é o maior dom que poderíamos ter recebido da parte de Deus. Por isso que é dito

em Hebreus 4.16: “Portanto, aproximemo-nos do trono da graça com confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça para ajuda em momento oportuno”.

Deus tem um trono de graça e é a esse trono de graça que nos aproximamos em oração quando nos aproximamos pela fé em Deus. Quando você olha para Deus, o que imagina? Um Deus que está te cobrando alguma coisa? Um Deus que te demanda entregar sacrifícios? Deus está assentado em um trono de graça e oferece gratuitamente a salvação; oferece gratuitamente a vida eterna e o relacionamento com Cristo Jesus. Você só precisa se aproximar do trono de graça.

A vida cristã como uma vida de graça

Não podemos nos gabar de nada, porque tudo recebemos desse trono de favor imerecido. A salvação é inteira e completamente trabalho da graça. Tudo nos é dado sem absolutamente nenhum mérito pessoal. Mas não só a salvação. Todo restante da vida cristã também é um trabalho da graça de Deus que é independente de nossos méritos e capacidades. Todo trabalho que fazemos para Deus é fruto da graça dele em nossas vidas. Paulo diz em 1 Coríntios 4.7: “Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?”.

Paulo entende que o caminho da humildade não é o caminho de se diminuir, de você acreditar que é menor do que realmente é. Paulo pergunta: “quem te faz sobressair?”. Ele não nega que algumas pessoas se sobressaem, mas está deixando claro que o motivo de alguns se sobressaírem com algum tipo de habilidade maior que as outras é porque lhe foi dado, foi um trabalho da graça. Então não podemos nos comportar como se não tivéssemos recebido, como se não fosse dado. O caminho da humildade é reconhecer que todo e qualquer dom ou habilidade que tenhamos tem origem única e completamente em Deus. Se você tem uma habilidade, dom ou capacidade diferente das outras pessoas, não é mérito seu, não é glória sua, foi Deus que te deu. Foi Deus que deu

sua inteligência, suas habilidades, seus recursos, Deus te deu tudo. Tudo que você tem para entregar a Deus de volta em adoração é graça que ele mesmo entregou para sua vida. Por isso Paulo, em 1 Coríntios 15.10, diz que todo trabalho dele foi um trabalho de atuação da graça. Veja: "Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo".

O trabalho de Paulo foi um trabalho de atuação da graça. Ela não é uma coisa inútil que vem e te deixa inerte sem fazer nada. Ela te move para o trabalho, e a atuação de Paulo como apóstolo foi o de uma graça que trabalhou com ele. Paulo trabalhou, "mas não eu", ele diz, "mas a graça de Deus comigo". Foi o favor imerecido de Deus que levou Paulo ao esforço do trabalho. Ele não está tentando comprar a salvação através das suas obras, mas está respondendo, por meio do seu esforço, a salvação que recebeu de graça, a qual trabalha com ele nesse esforço evangelístico.

Paulo interpreta que até a própria generosidade com a obra missionária no reino de Deus é um trabalho de atuação da graça. Em 2 Coríntios 8.1-3, ele diz: "Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia; porque, no meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade. Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários". Paulo não está dizendo que a graça foi manifestada na igreja que recebeu o dinheiro, ao contrário, está dizendo que a graça foi manifestada na igreja que doou. A igreja, mesmo pobre, foi generosa com outra que estava ainda mais pobre. Então a graça de Deus foi dada à igreja da Macedônia no fato de eles, sendo pobres, manifestarem generosidade. A generosidade no coração, a oferta financeira a outras igrejas, veio como uma atuação da graça dentro do coração dos irmãos da Macedônia. Até mesmo a generosidade é uma atuação da graça de Deus na vida do cristão. Até mesmo o trabalho da fé é um trabalho de fortificação da fé. Em 1 Coríntios 15.57, Paulo declara: "Graças a Deus, que nos dá a vitória por

intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo". E em 2 Timóteo 2.1: "Tu, pois, filho meu, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus".

Nosso trabalho de santificação e de busca por Deus é de fortificação na graça desse mesmo Deus. Nossa santificação é nada mais que nos aproximarmos do trono de graça que nos é dado em Cristo Jesus. Nós não nos santificamos pelo esforço pessoal de criar métodos ou meios para fugir de certos ambientes de pecado. Tudo isso é importante, mas, antes de qualquer coisa, a luta por santificação é uma luta por encontrar favor imerecido na mão do Deus que é gracioso e que nos fornece tudo aquilo que precisamos para a santidade. É um processo de fortificação na graça de Deus. Os dons que exercemos na igreja e na vida comum são frutos e obras da graça. Em Efésios 4.7, 11 e 12, Paulo diz que "a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo. [...]E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo".

É uma graça que é dada na medida do dom de Cristo. Alguém ser pastor, mestre ou servir na igreja nos mais variados dons e ministérios também é algo que é recebido, não é conquistado por mérito. É Deus quem entrega segundo a medida do dom que é encontrado em Cristo Jesus. E esses mesmos dons e ministérios são nada mais que comunicação da graça. Além de Paulo, vemos Pedro afirmando no mesmo sentido, em 1 Pedro 4.10: "Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus". O pregador do evangelho é um despenseiro da graça. Ele é alguém que, de certa forma, está lançando semente de graça no coração das pessoas. O dom que você recebeu como pregador, ministro do evangelho ou evangelista é o dom de transmitir dessa mesma graça que você recebeu. Você está sendo um comunicador desse amor imerecido na vida das pessoas que ouvem a atuação do seu ministério. Ser um ministro de Deus é ser um comunicador da sua graça.

É por isso que o pecado no livro de Hebreus chega a ser descrito como uma privação da graça. Pecar é fugir da graça, é fugir do favor

imerecido. O autor diz: "atentando, diligentemente, por que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus; nem haja alguma raiz de amargura que, brotando, vos perturbe, e, por meio dela, muitos sejam contaminados" (Hebreus 12.15).

Deixar-se amargurar no coração, por exemplo, é privar-se da graça, é ser contaminado por um pecado que existe, porque você está fugindo da bondade de Deus. Pecar é fugir do presente ofertado. Pecar é fugir da coisa boa que Deus quer te dar. Pecar é fugir do bem maravilhoso e de graça que Deus está fornecendo para você todos os dias. Em resumo: tudo já nos foi dado. Tudo nos está disponível. Da entrada à permanência e propagação da fé. Tudo já nos foi dado em Cristo Jesus, isso é dito em Efésios 1. E, em Romanos 8, Paulo desenvolve essa ideia de que todas as bênçãos espirituais já nos foram dadas. Já temos a salvação por completo daquele "que não poupou o seu próprio Filho, mas por todos nós o entregou". Se ele fez isso, "será que não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?" (Romanos 8.32). E não temos mérito algum. Desde a entrada até a permanência na fé, nada é por mérito nosso. Não merecemos nenhum "parabéns", nenhum "obrigado", porque tudo foi fruto da atuação da maravilhosa graça, esse som que escutamos da voz de Deus nos entregando aquilo que não merecíamos. Tudo é por meio da graça, através da graça e para o louvor da graça de Deus.

Os alertas da graça

Porém, não podemos fugir dos alertas da graça. Ela nos alerta de muitas formas. Em Romanos 6.1-2, Paulo faz a seguinte pergunta: "Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?".

Não é porque a graça oferece sem cobrar nada de volta que ela te faz ser a mesma pessoa. Quando nós a encontramos, somos transformados por ela e não mais nos entregamos ao pecado, colocando isso na conta da graça. Muitos críticos do calvinismo – sejam eles arminianos ou católicos – acabam argumentando que, se

é pela graça, se é pela fé somente, posso fazer o que quiser e não importa a forma como vivo. Isso é uma mentira. O próprio Paulo prevê esse argumento contra o que está ensinando e responde: "de forma nenhuma!". Somos transformados pela graça. A graça nos é dada de forma gratuita. Não cobra um pagamento de volta nem quer uma contra dádiva, mas ela nos transforma, não permite que continuemos as mesmas pessoas. Então a graça nos muda, por isso, não vivemos mais a mesma vida que vivíamos antes de encontrá-la. Permaneceremos no pecado para que a graça abunde? De forma nenhuma! No verso 15, ainda do mesmo capítulo, Paulo pergunta: "E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum!".

Porque nós fomos encontrados por Jesus Cristo e não pecaremos por causa da graça. Não é a Lei ou uma vida de obras que vai nos fazer viver uma vida em santidade. Conheço muitas pessoas que vivem em um contexto religioso de salvação pelas obras, que vivem a vida do jeito que querem, pecam como querem, porque "sabem" que basta fazer outras obras para compensar o pecado. Entretanto, aquele que sabe que é salvo pela fé somente não se entrega ao pecado, porque não há nada que possa ser feito para pagar de volta o dom gratuito de Deus. E sabe que uma vida de santificação precisa ser a resposta a essa graça que o transformou. Por isso Atos 13.43 relata sobre Paulo e Barnabé: "Despedida a sinagoga, muitos dos judeus e dos prosélitos piedosos seguiram Paulo e Barnabé, e estes, falando-lhes, os persuadiam a perseverar na graça de Deus". Ou seja, somos exortados a permanecer na graça, a nunca largar a graça. A Escritura nos faz permanecer na graça nos convidando a permanecer sempre nela. A graça nos alerta contra a deixarmos.

Um último alerta do apóstolo Paulo: "E nós, na qualidade de cooperadores com ele, também vos exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus" (2 Coríntios 6.1). Não podemos receber a graça de Deus de forma inútil. Deus nos dá a graça. Como receberemos a de forma inútil, abandonando a oferta da graça? Como abandonaremos uma vida de santificação que é fruto de encontrar a graça? Somos exortados a não receber a graça de forma

inútil. A graça te transforma, e isso significa que você aceita os alertas da graça na sua vida.

Conclusão e aplicações

Então, para concluir, quero dar quatro evidências de que você abandonou o *sola gratia* na sua vida.

1. Você ainda acha que merece bênçãos especiais quando faz tudo certo diante de Deus: quando não peca, quando faz coisas legais como devolver o troco errado ou ajudar a velhinha a atravessar a rua e acha que Deus tem que te dar algo a mais, um presente extra. Você pensa que as coisas boas aconteceram, porque você agiu bem e que, por isso, você está bem e tem mérito diante de Deus para que ele te devolva o que você fez de bem. Esse sentimento é contra a salvação pela graça.

2. Você acha que Deus vai te punir, porque você fez coisas erradas. Você pensa que as coisas na sua vida darão errado, porque pecou de alguma forma, seja gritar com o marido, seja não devolver o troco etc. Diante de qualquer pecado cometido, você já espera Deus vir e fazer você perder o emprego, ou bater o carro, ou perder o marido, porque você agiu de forma errada. Você espera que Deus te trate como você o trata. Esse é um sentimento contra a graça. É claro que Deus pode nos punir, claro que ele pode vir com a vara da correção e instrução dos filhos a quem ama, mas não podemos achar que há uma relação diretamente proporcional entre o nosso tratamento com Deus e o tratamento que ele tem conosco. Nós, enquanto filhos, estamos sempre abertos à punição, porque pecamos de muitas formas. Porém, não podemos achar que, porque erramos aqui e ali, um pecado específico vai fazer Deus nos punir nesta vida. Isso também é um sentimento de orgulho, porque se você fizer as coisas certas, você vai achar que Deus vai te recompensar por isso, e quando as coisas começam a ir mal com você fazendo tudo certo, você começa a achar que Deus não está te dando o que você merece. Você não merece nada, tudo é dado de graça.

3. Você se sente espiritualmente superior às outras pessoas quando você anda bem e se sente espiritualmente inferior quando vai mal. O seu relacionamento com as pessoas depende de suas obras e, se não está vivendo uma vida muito boa, você falta os cultos de oração, comete certos erros na sua vida de santidade, então as outras pessoas são melhores que você. Mas quando está tudo bem, quando você oferta mais, ora mais, faz tudo bonitinho, sua saia é maior que a saia das outras, então você se sente espiritualmente superior às outras pessoas. Você não está entendendo ainda que você não tem mérito diante de Deus e que não tem como comprar nada da sua salvação. Você não tem como estar acima das outras pessoas com base no que faz ou deixa de fazer.

4. Você abandonou o *sola gratia* quando olha mais para você do que para Jesus. Quando você está mais preocupado com sua temperatura espiritual do que com aquilo que com Jesus te entregou no calvário. Quando sua felicidade depende mais de fazer coisas certas do que a capacidade de olhar para o que Jesus fez para a sua salvação: o fato de Ele ter levado o seu pecado quando suportou a ira de Deus para que você encontrasse vida eterna diante do soberano e salvador.

Será que essas coisas estão na sua vida? Talvez esse seja o momento de você se aproximar do trono da graça pedindo perdão em arrependimento e fé diante de Cristo Jesus. Não é por menos que existem tantas despedidas bíblicas centradas na graça. Eu não poderia encerrar de forma diferente, senão lembrando de Efésios 6.24 (“A graça seja com todos os que amam sinceramente a nosso Senhor Jesus Cristo”) e lembrando que é o próprio Deus de toda graça de 1 Pedro 5.10 que nos diz em João 1.16 que, “todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça”. Então, como diz Apocalipse 22.21: “A graça do Senhor Jesus esteja com todos. Amém”.

LEIA MAIS

- *Sola Gratia*, de R. C. Sproul (Cultura Cristã)

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Reflita sobre a beleza do cristianismo gracioso. O que você já ouviu de outras religiões sobre exigências para a salvação? Ore e agradeça a Deus pela graça salvadora e soberana.
2. Ainda pensando em outras religiões ou deturpações do evangelho e nas obras que nossa sociedade mais exige para conexão com Deus e salvação, como podemos anunciar as boas novas da graça para esse contexto? Pense em formas de contextualização e aplicação dessa verdade da graça somente.
3. Seu relacionamento pessoal com Deus depende somente da graça ou dos seus atos de santidade? Sobre isso, pense em como você tem se orgulhado e barganhado com Deus. Você acha que merece bênçãos especiais? Você age como se as coisas boas que acontecem fossem sempre fruto do seu bom comportamento?
4. Seu relacionamento pessoal com Deus depende somente da graça e dos seus pecados? Sobre isso, pense em como você tem se afastado de Deus e da igreja por causa de pecados mais sujos, principalmente sexuais, como pornografia e masturbação. Você deixa de orar, ler a palavra ou ir ao culto por conta disso?
5. Você alguma vez já pensou que poderia pecar e pecou, porque confiou que a graça de Deus te perdoaria? Seja sincero e converse com um amigo de confiança sobre como isso pode ser uma grande demonstração de um coração não regenerado. Busque a regeneração.

8. GRAÇA IRRESISTÍVEL

Atraídos pelo chamado eficaz

"Pela Cruz, me chamou
Gentilmente me atraiu e eu
sem palavras me aproximo
Quebrantado por seu amor."

Banda Vineyard, em *Quebrantado*

Como o homem pode resistir à atuação de Deus? Neste capítulo, trataremos da doutrina da graça irresistível. Essa é a doutrina que declara: se Deus escolheu um homem para a salvação, essa salvação o encontrará em algum momento. É a doutrina que diz que ninguém pode resistir ao chamado especial de Deus para sempre. Você precisa lembrar bem do capítulo sobre eleição incondicional para entender como a eleição não pode ser resistida por ninguém, pelo menos não para sempre. Será que tem como um homem escolhido por Deus fugir da eleição? Quais os versículos que falam de pessoas resistindo ao Espírito Santo?

* * *

Novamente, recorremos aos Cânones de Dort para começar este capítulo; portanto, encontramos nesse documento a seguinte afirmativa sobre a graça irresistível: "Ele faz com que ouçam o

Evangelho mediante a pregação e poderosamente ilumina suas mentes pelo Espírito Santo de tal modo que possam entender corretamente e discernir as coisas do Espírito de Deus. Mas pela operação eficaz do mesmo Espírito regenerador, Deus também penetra até os recantos mais íntimos do homem. [...] Consequentemente todos aqueles em cujos corações Deus opera desta maneira maravilhosa são, certamente, infalivelmente e efetivamente regenerados e de fato passam a crer". A ideia é que todos os que são alvos da graça são alcançados por ela em algum momento. Todos aqueles que Deus intenta salvar serão salvos, e eles não têm como fugir para sempre da salvação. A doutrina da graça irresistível ou do chamado eficaz, como alguns gostam de chamar, é justamente a doutrina que diz que a pessoa, uma vez escolhida e eleita, será salva incondicionalmente. Essa doutrina está muito próxima da doutrina da eleição incondicional, da ideia de que Deus é quem escolhe seus eleitos e os traz à fé.

O que a doutrina da graça irresistível não significa? Não significa que Deus traz o homem à força. Nós descrevemos isso também no capítulo sobre eleição. A ideia é que Deus adiciona qualidades à vontade, como dizem os Cânones de Dort; por isso o homem não é trazido amarrado a Deus contra o próprio querer. Ele é trazido pelo poder divino de transformar o nosso interesse. Nós vamos a Deus, andamos até Deus, escolhemos Deus, porque a sua graça antes de tudo nos recebe.

Também não significa que não devemos responder a esse chamado.

Porque ele atua na vontade e é do interesse de Deus que a gente ouça o chamado à fé, e esse próprio chamado à fé opere fé em nossos corações. Nós pregamos o evangelho, porque acreditamos que a pregação da graça vai ser o instrumento de atuação da própria graça nas vidas das pessoas. O que é esperado então é que nós respondamos ao chamado da graça. Há um exercício de vontade em rejeitar Deus e é o chamado da graça que atua em nossos corações mudando a nossa vontade para que possamos fazer um exercício de vontade de escolher Deus, mas unicamente quando a graça nos transforma para isso.

Por fim, não significa que o homem eleito por Deus não pode resistir à graça por algum tempo. A doutrina da graça irresistível significa que o homem não pode resistir a Deus para sempre, não que ele não vai resistir por um tempo. Poucos de nós converteram na primeira vez que o evangelho foi pregado, poucos de nós converteram no primeiro momento em que alguém transmitiu a mensagem transformadora do evangelho. A maioria de nós encontrou Jesus depois de resistir à graça por bastante tempo. O falecido teólogo reformado R. C. Sproul coloca nos seguintes termos: "A doutrina da graça irresistível não significa que toda influência do Espírito Santo não pode ser resistida. Significa que o Espírito Santo pode sobrepujar toda resistência e tornar sua influência irresistível". O Espírito Santo é poderoso e soberano para ganhar de nós nessa batalha para que nós, na luta contra o chamado de Deus, percamos para ganhar vida.

Para entendermos isso, temos que estabelecer uma teologia da soberania e entender como a Escritura descreve a soberania de Deus absoluta e final sobre todas as coisas; entender, como disse João Calvino nas Institutas, como Deus move a vontade por meio de sua soberania. Diz assim o reformador de Genebra: "Deus move a vontade, não da maneira como por muitos séculos se ensinou e se creu – que seja de nossa escolha em seguida obedecer ou resistir à operação de Deus –, ao contrário, dispondo-a eficazmente". Ou seja, a vontade vai responder a Deus quando ele a dispõe de forma eficaz até si, e não temos o poder de resistir ou obedecer a vontade de Deus, como se fosse algo simples, independente de nossa má natureza. Calvino continua: "Logo, é necessário que se repudie tal afirmação tantas vezes repetida por Crisóstomo: 'Aquele a quem Deus atrai, atrai querendo', com que insinua que o Senhor apenas espera, de mão estendida, se porventura nos agrade sermos ajudados por seu auxílio". Calvino está dizendo que Deus não está de mão estendida esperando que peguemos na mão dele ou não; Deus está efetivamente nos trazendo para si, dispondo a nossa vontade até ele, e isso é irresistível, o homem não pode resistir pelo resto da vida.

Para provar, precisamos verificar versos na Escritura que falam de uma soberania geral e outros que falam de uma soberania específica. Por soberania geral, quero lidar com os textos bíblicos que falam de Deus soberano sobre tudo. A soberania específica é sobre o processo de entregar a salvação, um ato soberano a partir da atuação do Deus vivo, de forma que o homem não tem como resistir para sempre. Para ter contato com esse tema de forma mais detalhada, veja o Apêndice sobre soberania de Deus e responsabilidade do homem.

Soberania geral: o Deus que controla tudo

Lembre-se do caso de José, quando ele foi vendido para o Egito. Em Gênesis 50.20, o texto diz que foram os irmãos que enviaram José para o Egito, mas que o Deus vivo foi soberano em usar o ato dos irmãos para sua glória. Até mesmo um ato dos irmãos de vender José para o Egito foi Deus guiando a história para aquilo. Diz o texto: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida". Os irmãos agiram, mas Deus agiu através da ação dos irmãos, porque a ação dos homens está debaixo do controle de Deus de uma forma que os homens ainda permanecem atuantes e responsáveis por aquilo que fazem. Daniel 4.35b diz: "ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão". Deus é o controlador soberano final sobre tudo, de forma que ele usa os seres humanos de acordo com a sua vontade. Ele opera com os moradores da terra, e ninguém pode deter sua mão, ninguém pode impedi-lo. Se Deus tem desejo de fazer algo, ele fará e acabou. Se há algo que faz parte da intenção de Deus, ele vai cumprir a sua intenção, porque não há quem possa deter-lhe a mão. Ninguém ganha na guerra de braço com o Senhor. Por isso que Jó diz: "Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado". Nenhum dos planos de Deus pode ser impedido, porque ele é mais forte que todos. Quem pode impedir a vontade de Deus? Quem pode impedir o agir de Deus se ele desejar se manifestar de determinada forma? Ninguém! O coração do

homem não é forte o bastante para impedi-lo. Os planos dos homens não são fortes o bastante para impedir Deus. Isaías 43.13 diz: "Ainda antes que houvesse dia, eu era; e ninguém há que possa fazer escapar das minhas mãos; agindo eu, quem o impedirá?". Se Deus deseja agir de determinada forma para fazer alguma coisa, quem pode impedi-lo? Quem pode escapar das mãos de Deus se ele deseja fazer alguma coisa com o ser humano? Você acha que é seguro acreditar que o coração do homem pode resistir à atuação de Deus? Três capítulos à frente, em Isaías 46.9-10, ele diz mais: "Lembrai-vos das coisas passadas da antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade". Nós temos um Deus que faz toda a sua vontade. Por acaso existe algo da vontade de Deus que pode não se cumprir no mundo? Não! Porque nós temos um Senhor que alega que fará tudo aquilo que é a sua vontade. Como ele poderia ser impedido de concretizar sua vontade a respeito da salvação do ser humano? Os seres humanos não são nada diante dele. Nenhum ser humano chega aos pés de Deus. O coração do homem não pode resistir a uma atuação sobrenatural de Deus sobre ele. Quem pode impedir a mão de Deus, quem pode segurar o braço do Senhor e dizer: "O que você pensa que está fazendo?"? Deus é mais poderoso que todos.

Nesse resumo da soberania geral, temos bem declarado que Deus é um Deus que não pode ser impedido em nada e que tudo o que ele tenta fazer, ele pode. Tudo que fizer parte de sua vontade se concretizará e ponto. E isso inclui o coração e a salvação do ser humano se ele intenta trazer a salvação sobre alguém.

Soberania específica: o Deus que vence os corações

Temos, ainda, outras passagens bíblicas que falam de uma soberania específica diretamente relacionada com o coração do indivíduo, diretamente relacionada com a salvação que ele quer trazer sobre os seus eleitos. Deuteronômio 30.6 fala de um Deus

que é quem toma a atitude de transformar o coração de alguém ("O SENHOR, teu Deus, circuncidará o teu coração e o coração de tua descendência, para amares o SENHOR, teu Deus, de todo o coração e de toda a tua alma, para que vivas"). Ezequiel 36.26-27 vai no mesmo sentido: "Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis".

É Deus quem dá um novo coração, é Deus quem dá um novo espírito para que, a partir disso, o homem o obedeça, creia e ande nos estatutos do Senhor. Como andar nos estatutos de Deus, ou crer, ou obedecer pode ser um pré-requisito para receber um novo coração, se a pessoa só pode fazer isso depois de receber este novo coração a partir da atuação divina? O ato sobrenatural de transformação do coração é um ato que tem como iniciativa o agir do Deus vivo. O homem de coração de pedra não tem como escolher o divino, porque o seu coração é contrário a Deus. Deus toma a iniciativa de transformar o coração, de forma que apenas o coração de carne pode realmente escolher o Senhor. Como um homem poderá resistir a esse transplante de coração se é a iniciativa divina que o transforma para querer o Senhor? É bom sempre lembrar que a salvação não é um mero assentimento intelectual, não é um mero conforto emocional, não é uma mera transformação volitiva; é um ato espiritual que muda quem o homem é por dentro, e esse ato de mudança interior é uma prerrogativa divina. O homem sempre resistiria se pudesse, e ele resiste sempre que pode, até que há o momento em que Deus transforma o coração do perdido, e sempre que a palavra de Deus vem para se manifestar, ela cumpre o seu propósito.

Isaías 55.10-11 diz o seguinte: "Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei". Como Deus pode trazer uma palavra de salvação para alguém e ela não se cumprir? Como

Deus pode agir para salvar uma pessoa e fracassar se está escrito que a palavra não voltará para Deus vazia e cumprirá o seu propósito para o qual foi enviada? Não está de acordo com a própria natureza de Deus que ele descreva um objetivo com a sua voz e esse objetivo não se constitua. É impossível que ele diga "haja luz" e não haja luz na Terra. É impossível que sua voz venha para trazer salvação e a salvação não alcance o indivíduo em nível último, porque ele é o Senhor poderoso cujas palavras têm poder. A palavra de Deus prosperará naquilo para o qual ela foi enviada. Se a palavra de Deus foi enviada para a salvação, haverá salvação, e o homem não poderá resistir a isso para sempre.

No Novo Testamento, encontramos essa soberania específica aplicada muito mais comumente à ideia da salvação, sobre como Deus toma a iniciativa de quebrar as barreiras do homem e trazê-lo ao caminho da fé. Em Mateus 11.25-27, Jesus ora dizendo: "Por aquele tempo, exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar". O conhecimento de Deus provém de uma revelação que é prerrogativa da vontade do Filho, é a vontade do Filho e não a vontade do homem que é colocada em pauta na revelação de Deus. Deus ocultou essas coisas aos sábios e quis revelá-las aos pequenos, porque assim o aprouve. É a vontade de Deus que é colocada em pauta e é uma prerrogativa divina trazer soberanamente esse conhecimento àqueles que são escolhidos. Acho interessante o termo revelação utilizado aqui, pois revelação fala de algo que é recebido. Não se encontra revelação, mas a recebe. Uma vez que algo é revelado a você, não tem como "desouvir". Costumamos brincar falando que gostaríamos de "desver" algo, mas não tem como algo ser "desrevelado". Uma vez que o Filho revela o Pai a alguém, não tem como esse alguém resistir à revelação, porque ela já foi recebida e não pode ser "desrecebida"; ela transformará para sempre aquele que a recebeu,

porque uma vez que ela é recebida, quem a recebeu é transformado em outra pessoa.

Como está escrito em João 1.12-13: "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus". Os termos sangue e carne sempre são usados na Escritura para falar de coisas humanas em contraste com coisas espirituais. Aqui diz que o homem que é nascido de Deus, o homem que encontrou o caminho do Senhor, não é alguém que nasceu pela vontade da carne e do sangue, pela vontade humana, é alguém que nasceu pela vontade de Deus, do Deus vivo. Foi exatamente a vontade de Deus que trouxe a essa pessoa o nascimento espiritual, transformador, de forma que agora ela entre em um novo relacionamento de filiação que não pode ser desfeito, ao qual ela não pode resistir, porque até o seu nascimento foi da vontade do Senhor. Ninguém pediu para nascer, você não escolheu nascer e não tem como você resistir ao seu nascimento. Você pode até fazê-lo por um tempo, mas a faca te arranca na cesárea. Você nasceu, e o nascimento é prerrogativa divina. Você não tem como resistir ao nascimento que acontece pela vontade do Senhor.

Em João 3.3-8, no famoso diálogo entre Jesus e Nicodemos, temos Jesus falando do que era necessário para que o homem nascesse de novo. Nicodemos não entende e pergunta se precisaria entrar de novo no ventre da mãe. Jesus trata ele como um tapado, mesmo sendo mestre em Israel, e explica que esse nascimento da água e do Espírito era um novo nascimento espiritual. Jesus diz: "Necessário vos é nascer de novo. O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito". Jesus está dizendo que a salvação aqui se dá de forma sobrenatural e soberana na mão de Deus. Ninguém consegue descobrir de onde vem nem para onde vai o vento, ninguém consegue olhar para o vento e saber o seu caminho. Da mesma forma, aquele que é salvo, que encontra Jesus, encontra essa salvação por prerrogativa divina. Não sabemos quem será salvo, não conhecemos os eleitos, não sabemos quem são

essas pessoas. Você não sabe quem vai nascer de novo nem de onde vem esse novo nascimento. Você só sabe que Deus opera isso na sua vida, porque, assim como o vento que caminha soberanamente debaixo da vontade de Deus, aquele que encontra salvação é quem tem sido guiado de acordo com a vontade do Senhor.

João 5.21 deixa claro que o interesse de Deus em conceder um novo nascimento ao homem se dá de acordo com a sua vontade e ninguém pode impedir: "Pois assim como o Pai ressuscita e vivifica os mortos, assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer". Quem Deus quer vivificar, ele vivifica e acabou. Se ele tem vontade de trazer vida sobre alguém, ele trará, e a pessoa não tem como resistir. É por isso que, no verso 25 do mesmo capítulo, Jesus diz: "Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão". Há um processo em que a conversão é tratada como um ato de voltar dos mortos. O homem morto tem como resistir à ressurreição? Quando Jesus ressuscitou Lázaro e disse "vem para fora", você acha que Lázaro tinha meios para impedir sua própria ressurreição? Como um morto, ele não tinha como exercer vontade para vida, mas ele também não tinha como resistir a um chamado sobrenatural à vida.

Nós cremos, de acordo com 1 Coríntios 15, que haverá um momento em que os mortos ressuscitarão, tanto os ímpios como os justos, os justos para a justiça eterna e os ímpios para a condenação eterna. Você morto vai conseguir resistir à ressurreição? Claro que não! Uma vez que nós estamos espiritualmente mortos, nós não temos meios para resistir ao chamado ressuscitador; o Deus vivo nos ressuscita, e nós não temos força de vontade para impedir isso. Por isso, em João 6, fica claro que todo aquele que é eleito será salvo por Deus no último dia. "Todo aquele que o Pai me dá virá a mim e quem vem a mim de maneira nenhuma eu lançarei fora". Nenhum daqueles que foram dados a Cristo pelo Pai poderá deixar de ir até Jesus. Encontramos isso com clareza em Atos 16, quando fala sobre a mulher chamada Lídia, que era vendedora de púrpura da cidade de Tiatira. Diz o texto: que "ela servia a Deus e nos ouvia,

e o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia". O Senhor lhe abriu o coração para que ela estivesse atenta à mensagem do evangelho. Foi o próprio Deus que abriu o coração dela.

Como vamos acreditar que Deus não pode vencer um coração obstinado se ele tem a prerrogativa de conseguir abrir corações de acordo com a sua vontade? Esse é o Deus de Provérbios que pode ter o coração dos reis debaixo de suas mãos, porque ele pode mover esses corações de acordo com a sua vontade por qualquer caminho. Deus é soberano sobre os corações dos homens e pode abrir os corações para que eles ouçam e sejam atentos à mensagem do evangelho.

Romanos 8.29 se refere a um cordão indivisível em que todo o processo de salvação começa e termina em alcançar alguém. Veja: "Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos". Aqueles que entram no relacionamento com Deus são predestinados para algo específico, para que entrem nesse propósito, para que sejam conforme a imagem do Filho. O texto continua: "E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (v. 30). Perceba que há todo um cordão indivisível de predestinação, chamado, justificação e glorificação. Esse todo indivisível é um cordão que não se quebra. Todos aqueles que começam a caminhada terminam, porque todos os predestinados são chamados, justificados e glorificados. É por isso que ele continua perguntando: "Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas?". Paulo está dizendo que se Deus chegou ao ponto de matar o próprio Filho para a nossa salvação, como ele não pensa na aplicação disso? Como ele entrega aquilo que tem de mais valioso, o sangue do seu Filho, e não pensa na aplicação disso em nossas vidas? Pensar que ele entrega o seu próprio Filho, mas isso está sujeito à nossa resistência ou não, é como desenvolver uma grande tecnologia, mas não pensar no frete necessário para transportá-la. Deus entrega o

Filho e nos dá juntamente com ele todas as outras coisas: predestinação, chamado, justificação e glorificação. Ele não só nos entregou o Filho, mas todo o processo de aplicação da obra com ele.

Em Gálatas 1.15-16, Paulo fala que foi separado por Deus como ministro desde o ventre de sua mãe: "Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprouve revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, não consultei carne e sangue". Havia como Paulo rejeitar o chamado de ser pregador ou havia como Paulo rejeitar o chamado da salvação que logo se manifestaria se ele não quisesse? O plano de Deus se frustraria? O Deus que separou Paulo desde o início não conseguiria concretizar seu plano, porque Paulo resistiu à graça? Óbvio que não! Filipenses 1.9 diz: "Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele". Deus concedeu ao povo de Filipos algo que eles não têm como resistir, não tinha como eles fugirem do sofrimento, nem fugirem da dor e da dificuldade, da mesma forma como eles não tinham como fugir de Cristo, porque foi concedido, foi dado pelo próprio Deus e eles não tinham como resistir àquilo que Deus deu. Por isso, no capítulo seguinte, Paulo diz: "Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade". Ou seja, o nosso querer, a nossa vontade por Deus, o nosso efetuar de santificação, tudo vem do próprio Deus e é o próprio Deus quem dá isso a nós Não é algo conquistado ou encontrado pela força, mas é algo que Deus entrega. O mesmo Deus que oferece é o Deus que opera a vontade de querer, porque ele é soberano sobre os nossos corações.

O apossar do Espírito

Isso é tão interessante que podemos até rememorar o que acontece no Antigo Testamento, algumas vezes, na linguagem de que o Espírito Santo se apossa do homem para esta ou aquela atitude. Em Juízes 14.19, falando sobre Sansão, diz: "Então o Espírito do Senhor tão poderosamente se apossou dele" e fez com que Sansão tivesse poder para várias coisas, seja para matar vários

homens ou partir um leão ao meio com as próprias mãos. O mesmo aconteceu com Davi em 1 Samuel 16.13: "[...] desde aquele dia em diante o Espírito do Senhor se apoderou de Davi [...]". Em Ezequiel 2.2, o profeta diz que o Espírito Santo se apossou dele e o pôs de pé. Ele foi movido para uma atitude através de uma posse, do apoderamento do Espírito. Esses não são textos sobre salvação, são textos que mostram até mesmo o poder do Espírito Santo tomando conta de alguém e movendo-o a certas atitudes que ele normalmente não tomaria, tão poderoso é o poder de Deus trabalhando no ser humano, tão poderoso é o Espírito Santo agindo em alguém.

Conclusão e aplicações

Você ainda pode estar se perguntando: "e a resistência à graça? Quais os versículos bíblicos que falam das pessoas resistindo à graça de Deus?". Você pode estar se lembrando de Isaías 65, em que Deus diz: "[...] porque chamei, e não respondestes, falei e não me ouvistes, mas fizestes o que era mal aos meus olhos e escondestes aquilo em que eu não tinha prazer".; ou de Mateus 23.37, quando Jesus lamenta que queria juntar os Filhos de Jerusalém como a ave junta os seus filhotes e eles não quiseram, e por isso não aconteceu. Talvez se lembre de Atos 7.51: "Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo[...]".

Como podemos acreditar em uma graça que é irresistível se esses textos falam dos homens resistindo à fé? Entendemos que a graça irresistível significa que os homens não resistirão para sempre. Esses textos mostram pessoas que estão num estado de rebelião, que pode ser vencido pelo Deus vivo. Os filhos de Jerusalém serão unidos no futuro, como é dito em Romanos 9 a 11 a respeito do futuro de Israel em conversão ao Cristo vivo. Os homens que estão resistindo à graça estão num estado que todos nós já estivemos e, se for da intenção de Deus salvar esses homens, então a graça vai vencer. Essas passagens não têm peso nenhum para contradizer as outras passagens da Escritura que mostram um Deus soberano nos

corações. John Piper resume muito bem esse raciocínio quando diz: "A doutrina da graça irresistível não significa que toda influência do Espírito Santo não pode ser resistida. Significa que o Espírito Santo pode sobrepujar toda resistência e tornar sua influência irresistível". Resumindo ainda mais: "A graça é resistível… até não ser mais".

LEIA MAIS

- *Deus É Soberano*, de A. W. Pink (Fiel)

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Para refletir teologicamente: Quem dá o primeiro passo na salvação individual, Deus ou o homem? Como alguém totalmente depravado poderia caminhar para a graça sem que a graça o alcance primeiro?
2. Você tem confiado e dependido muito de algum método humano para gerar decisões por Cristo? Nossa forma de evangelizar tem criado mecanismo para manipular ou gerar mais decisões? Pense em como essas práticas refletem uma descrença no poder soberano da graça de Deus.
3. Você duvida da conversão de alguém? Você conhece alguém tão pecador que acha que ele dificilmente seria salvo? Em outras palavras, você acha que algum pecado pode ser mais forte que a graça de Deus? Seja sincero e converse com amigos sobre quão pecaminoso é esse pensamento.
4. Compartilhe com um grupo de amigos como Deus venceu a sua dureza e como você foi alcançado pela sua poderosa graça. Conte seu breve testemunho e ouça os outros. O que Deus fez com você por meio da graça?
5. Quem você gostaria de ver salvo? Compartilhe com seu grupo sobre pessoas que você gostaria de ver alcançadas por essa graça irresistível de Deus. Ore por essas pessoas e seja encorajado a falar do evangelho a elas, confiando na graça de Deus.

9. PERSEVERANÇA DOS SANTOS

Uma vez salvo, salvo para sempre

Eu sei que vou te amar

Por toda a minha vida eu vou te amar

Em cada despedida eu vou te amar

Desesperadamente, eu sei que vou te amar

E cada verso meu será

Pra te dizer que eu sei que vou te amar

Por toda minha vida

Vinícius de Moraes

É possível perder a salvação? Uma vez salvo, salvo para sempre? Neste capítulo, vamos refletir sobre a doutrina da perseverança dos santos. Se uma vez salvo, salvo para sempre, então é possível se desviar à vontade? Se o crente não perde a salvação, então pode

pecar à vontade? E aqueles que se desviaram, tudo bem para eles? Como funciona isso?

* * *

Segundo os Cânones de Dort, a perseverança dos santos significa que o poder de Deus, pelo qual ele confirma e preserva os verdadeiros crentes da graça, é tão grande que isso não pode ser vencido pela carne, de forma que esse Deus, que é rico em misericórdia, não retira de nós o seu Espírito Santo. Ele não permite que o crente cometa o pecado que leva à morte e nos renova efetivamente ao arrependimento. Uma vez que nós encontramos a salvação, encontramos também uma força que provém de Deus para permanecer sempre na fé. Uma vez salvos, permanecemos sempre salvos, não porque faremos o que quisermos e continuaremos salvos, mas porque não faremos mais o que queremos, nossas vontades serão transformadas, nossa vida será transformada e viveremos aquilo que Deus espera de nós. A salvação, uma vez entregue, nunca nos é retirada. Uma vez que fomos salvos, nunca voltaremos para o caminho de lama.

O que a perseverança dos santos não significa? Primeiramente, essa doutrina não significa que podemos pecar à vontade. Não é a ideia de que sou salvo apesar de tudo; é a ideia de que eu sou salvo, porque fui transformado para ter uma vida de santidade e fé, evidenciada por obras de fé. Uma vida vivida na fé é uma vida vivida na santidade. Uma vez que nós encontramos fé em Cristo Jesus, somos transformados para não mais pecar. Uma vez que fomos salvos, nós nos comportamos como salvos. Então, o verdadeiro crente não vai pecar à vontade, porque quem peca à vontade nunca foi crente e quem é crente mudas seus atos, suas atitudes, vive no caminho de Deus.

Essa doutrina também não fala que existe crente desviado, aquela ideia de que um crente pode ir para o mundo, pecar à vontade, fazer o que quiser e depois voltar; a ideia de que a pessoa era da igreja, parou de ir para a igreja, entregou-se ao mundão, mas continua sendo crente e só está desviado. Isso também não existe. Sim, o

crente poderá pecar, fazer algumas bobagens de vez em quando. Infelizmente, nós ainda pecamos. E o crente pode entrar em estados às vezes demorados de confusão mental. Isso, porém, não significa que o homem que está no mundo vivendo qualquer vida, se for à igreja estará necessariamente justificado como salvo pela sua vida pecaminosa. A ideia de um crente desviado é completamente estranha à Escritura.

Também não significa que nós não devemos lutar contra o pecado. Uma vez que somos salvos, Deus tem interesse que a gente batalhe contra nossa carne, o que é uma característica da salvação. Aquele que é realmente salvo batalha contra as más obras que muitas vezes se levantam contra Deus, e o modo como o Senhor vai nos manter na fé é nos fazendo lutar contra as coisas que querem nos tirar da fé. A luta contra o pecado é necessária para permanecermos no caminho da fé, porque Deus nos preserva, nos leva a lutar contra o pecado.

Por fim, não significa que nós somos melhores que os outros porque encontramos salvação. Porque Deus nos mantém na fé, somos o supra sumo da quintessência da cocada preta. Nós perseveramos na fé, porque Deus nos preserva. Por isso alguns até chamam esse ponto de doutrina da preservação dos santos, afinal, nós perseveramos, porque Deus nos preserva. É interessante que essa doutrina é uma conclusão lógica dos outros pontos do calvinismo. Se você leu os outros quatro capítulos sobre os pontos do calvinismo, você entende como tudo aquilo deságua na perseverança dos santos. Richard Belcher diz o seguinte: "Se o homem é totalmente depravado e não pode fazer nada para ajudar a si mesmo no que diz respeito às coisas espirituais; se Deus é absolutamente soberano na questão da eleição, fundamentada tão-somente em sua própria vontade; se a morte de Cristo realizou-se em favor dos eleitos, assegurando-lhes a salvação; e se Deus chama os eleitos de maneira irresistível, conclui-se que Deus assegurará a salvação final destes eleitos, ou seja, eles perseverarão até o fim". Se você acredita nos outros quatro pontos do calvinismo, você vai ser levado a acreditar nesse ponto com certeza. Não é nada mais

que a conclusão dos pontos passados. Não são apenas ideias criadas pelas nossas cabeças; é uma doutrina bíblica.

A perseverança dos santos no Antigo Testamento

A Bíblia fala constantemente sobre o crente perseverando e sobre a ideia de que, uma vez que fomos salvos, somos eternamente salvos. Observe Jeremias 31.3: "De longe se me deixou ver o SENHOR, dizendo: Com amor eterno eu te amei; por isso, com benignidade te atraí". Deus nos ama com amor eterno que tem como fruto uma atração de nós para Deus. Se o amor de Deus que nos atrai é eterno, e aqui está falando não do amor geral que Deus tem pela coisa criada, mas do amor que ele tem pelos seus filhos, como esse amor eterno pode se converter em uma salvação, em uma atração que não é eterna?

Em Jeremias 32.40, o Senhor afirma: "Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim". Como o crente pode perder a salvação se Deus colocou em nós um temor que tem por objetivo fazer com que nunca nos apartemos dele? Não é um temor conquistado, mas recebido, que Deus nos deu. Dizer que o crente pode perder a salvação é dizer que Deus não está cumprindo aquilo que prometeu fazer através de seu temor. Ele prometeu depositar isso em nós, e o objetivo disso é que nunca nos apartemos dele. Deus cumpre aquilo que promete fazer em nós. A obra da salvação inclui a perseverança. Veja como o texto de Ezequiel 11.19-20 também se aplica aqui: "Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne; para que andem nos meus estatutos, e guardem os meus juízos, e os executem; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus". Olha o que Deus está dizendo em Ezequiel: ele vai dar um só coração, ele vai dar um espírito novo, ele vai tirar o coração de pedra e vai dar um coração de carne com o objetivo de que andemos em seus estatutos, e guardemos os seus juízos, e os cumpramos; e nós seremos seu povo, e Ele nos será por Deus. O Senhor nos transforma de uma

maneira tal que agora não temos como escapar dele. Ele tirou o coração de pedra e nos deu um coração de carne, nos deu um novo espírito para cumprirmos seus estatutos. Nós obedecemos a Deus, porque Ele nos transformou para isso, é fruto da obra da salvação. Como podemos fugir da salvação se uma vez que ela nos encontrou, ela nos transforma de forma tão profunda por dentro? Isso significa que aquele que abandona Deus é alguém que nunca o conheceu de verdade.

A perseverança dos santos nos evangelhos

Em Mateus 7.22-23, os homens olham para Deus e dizem: "Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade". A resposta de Deus não foi: "Ah, vocês se apartaram de mim. Ah eu conhecia vocês, mas vocês se desviaram". A resposta de Deus é: "Nunca vos conheci!". Aquele que é condenado é porque nunca foi conhecido por Deus, não é porque tinha o conhecimento e depois foi desprezado, não é porque tinha conhecimento de Deus e depois preferiu outros conhecimentos, mas é porque nunca foi conhecido por Deus! O condenado é alguém que nunca encontrou a salvação de verdade. Não é alguém que encontrou e depois largou; é alguém que nunca foi conhecido, porque se uma vez fosse conhecido, se entrasse num caminho de erro e de pecado, Deus o traria de volta. É o que diz em Mateus 18 e em seu paralelo de Lucas 15, na parábola da ovelha ou da dracma perdida, e até mesmo do filho pródigo. Diz Mateus 18.12-14: "Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas, e uma delas se extraviar, não deixará ele nos montes as noventa e nove, indo procurar a que se extraviou? E, se porventura a encontra, em verdade vos digo que maior prazer sentirá por causa desta do que pelas noventa e nove que não se extraviaram. Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes pequeninos". A parábola nos ensina que, se um crente se perde, Deus vai em busca. Nós não temos a missão de encontrá-lo

pelo nosso próprio esforço, mas Deus é quem nos busca como ovelhas amadas e deposita a alegria dele, a alegria dos céus nesse encontro.

A doutrina da perseverança nos coloca, ovelhas desgarradas, esperando que o grande pastor venha e nos traga de volta. Deus repreende o filho a quem ele ama. Se Deus nos ama, quando pecamos Ele nos repreende. Ele vem como bom pastor e nos traz de volta para o seu aprisco. O próprio Jesus ora por nós para que continuemos na fé, conforme vemos em Lucas 22.32: "Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos". Nesse texto, Jesus orou por Pedro para que sua fé continuasse firme. Será que o Pai se negará a atender uma oração de Jesus? Será que o Pai negará algo que o Filho está pedindo quando o Filho pede para que a fé de Pedro permaneça? Significa que o Filho tem o poder e que o Pai tem o poder de fazer com que a fé dele permaneça. Jesus não oraria pelo impossível, não oraria por aquilo que Deus não pode operar no coração de alguém.

Se no fim fosse apenas uma questão de nós permanecemos firmes na fé, de que adiantaria orar pedindo a Deus que confirme alguém na fé, que Deus nos mantenha na fé, que Deus mantenha um ente querido no caminho dele? No fim, Deus diria: "não me diz respeito, não é da minha responsabilidade, eu não posso fazer nada, depende dele e não de mim, porque não tenho poder para fazê-lo permanecer na fé. Eu tenho que respeitar o livre arbítrio".

Jesus orou para que a fé permanecesse, para que Pedro continuasse crente, porque Deus é quem nos mantém no caminho da fé. Nenhum evangelho é mais focado na ideia da perseverança dos santos do que o evangelho de João. Ele mostra muito sobre o efeito eterno das coisas que recebemos de Deus. Por exemplo, em João 3.36, está escrito: "Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus". Uma vez que cremos nele, recebemos uma vida que já se manifesta eterna. Se nós podemos descrer e perder essa vida eterna, ela não era tão eterna assim. Se eu recebo algo que é vitalício e eu perco isso antes de

morrer, então não era vitalício. Se o que é eterno acaba, então não era eterno. Se eu já recebi uma vida eterna, como diz o texto, e minha descrença fizesse com que eu perdesse essa vida eterna, ela não era eterna, se eu perdi essa vida, eu morrerei. É porque permanecemos firmes que essa vida de fato é eterna. Uma vez recebida, ela não pode ser perdida. Não é possível descrer, porque permaneceremos crentes no caminho de Deus.

João 5.24 diz: "Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida". Se passamos do estado de morte para a vida porque cremos, como nós podemos voltar o estado de morte? Isso acontece porque, quando conhecemos Jesus, nós provamos dele, nós bebemos dele e não voltamos a sentir a fome e a sede do mundo. Isso está em João 6.35-39. Primeiro Jesus afirma: "Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede". Uma vez que provamos Jesus, nunca mais teremos sede ou fome de novo. Nós permaneceremos saciados naquele que nos alimenta, Cristo. Uma vez que comemos dele, que é eterno, nós não voltamos ao estado anterior, permanecemos satisfeitos. Por isso Jesus continua: "Porém eu já vos disse que, embora me tenhais visto, não credes. Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora. Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou. E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia". Perceba a profundidade e beleza do texto bíblico. O Mestre está falando justamente de perseverança na fé. Deus não vai lançar fora nenhum que foi dado a Cristo; ele veio para cumprir a vontade do Pai, e a vontade do Pai é que nenhum se perca.

Jesus cumpriu realmente a vontade de Deus ou não? Porque a vontade de Deus é que nenhum filho se perca. João 10.26-29 diz: "Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas. As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as

arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar". Quem é mais forte que Deus? Quem é mais poderoso que Deus? Quem pode nos tirar da mão de Deus? Aquele que é realmente ovelha crê, quem não crê é porque nunca foi ovelha. A promessa é que nós nunca vamos perecer; e nunca vamos perecer, porque o Pai nos segura. O texto não diz que nós nunca vamos perecer porque temos uma escolha moral melhor e depende de nós. Não! A ideia é que Deus está nos guardando em suas mãos. Deus é o poderoso, o mais forte, é o que nos protege; e a carne, o diabo, satanás e as hostes demoníacas, os problemas dessa vida, nada disso é poderoso o bastante para nos tirar da mão de Cristo. Em João 17.11-15, na oração sacerdotal, Jesus roga ao Pai: "[...] guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós. Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura. Mas, agora, vou para junto de ti e isto falo no mundo para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos. Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou. Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal". Veja que oração maravilhosa que Jesus faz pelos seus filhos. Ele ora para que nós sejamos protegidos pelo Deus Pai do mundo e que nada possa nos tirar. Ele ainda garante que ninguém se perdeu, exceto aquele que era o filho da perdição, Judas, um filho do diabo. Ninguém mais se perdeu nem se perderá, porque o próprio Jesus ora por nós para que nós permaneçamos firmes na fé. Eu tenho certeza que Deus Pai ouve e atende a oração do Deus Filho.

A perseverança dos santos nas epístolas

O apóstolo Paulo segue exatamente a mesma doutrina de Jesus. Ele diz em Romanos 5.6-10: "Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios. Dificilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para

conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida".

No ponto alto de sua argumentação, em Romanos 8, encontra-se o fato de que nós nunca seremos separados de Deus. Em Romanos 8.1, ele conclui: "Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito". Ele não coloca nenhum condicional, uma vez que estamos em Cristo não haverá mais condenação, acabou, e ele encerra o capítulo 8 falando justamente que nada poderá nos separar de Cristo Jesus: "E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou. Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas? Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem é que condena? Pois é Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós".

Atente-se para a maravilha que é esse texto: tudo de ruim que acontece em nossas vidas e que poderia nos tirar da fé não vai fazê-lo, porque tudo contribui para o nosso bem, ou seja, contribui para que sejamos mais parecidos com Jesus. Nós fomos predestinados para sermos mais parecidos com Jesus É uma coisa que Deus já ordenou antes da fundação do mundo. A salvação é um processo completo. Uma vez que fomos chamados, predestinados, conhecidos, justificados, seremos glorificados. Isso é um todo

indivisível! Não há como entrar nesse processo e sair no meio. Se Deus nos deu seu próprio Filho, como ele não nos daria junto com o Filho todas as outras coisas? O texto diz que essas outras coisas é a salvação e que não só entregou Jesus como uma possibilidade, mas entregou a salvação, a aplicação da salvação, ele entregou a permanência na salvação, e é por isso que ele continua perguntando: "Quem nos separará do amor de Cristo?". Quem ou o que pode separar o homem de Deus, do amor de Cristo? Aqui somos lembrados de que o amor de Cristo está atrelado à salvação, não é um amor geral por toda a humanidade, mas um amor salvador. Diz o texto: "Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia; Somos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor".

À vista desse texto, responda: quem poderá nos separar de Deus? A carne, o pecado, a vida, a morte, anjos, poderes, problemas? Nada será poderoso o bastante para nos tirar do amor de Cristo, para nos tirar da salvação que encontramos em Cristo Jesus. Paulo segue falando sobre isso nas suas outras cartas, como em 1 Coríntios 1.7-9: "de maneira que não vos falte nenhum dom, aguardando vós a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual também vos confirmará até ao fim, para serdes irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor". Que sentido faria Paulo dizer isso se os crentes de Corinto pudessem simplesmente se desviar? Se eles são crentes, serão preservados até o fim. Como Paulo pode dizer isso com essa confiança se uma pessoa pode se desviar da fé? Paulo diz com confiança, porque ele sabe que os crentes permanecem no caminho de Deus, ponto. Não faria nenhum sentido Paulo falar o que falou se nós pudéssemos

perder a nossa salvação. É por isso que ele diz em 1 Coríntios 11.32: "Mas, quando somos julgados, somos repreendidos pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo". Quando Deus nos julga, quando Deus vem com seu peso de juízo sobre nós, ele vem justamente para impedir que nós sejamos condenados. Deus está agindo e atuando firmemente todos os dias para impedir que nós não andemos no caminho do mundo, e isso é atrelado ao trabalho do Espírito Santo em nós.

Em 2 Coríntios, ainda encontramos esta declaração: "O qual também nos selou e deu o penhor do Espírito em nossos corações". Ora, se nós temos um selo real, se temos um penhor, uma garantia que é o Espírito Santo, uma vez que nós o recebemos, recebemos também a certeza, a garantia da nossa permanência e salvação em Deus.

Em Efésios 1.3-5, 13-14, Paulo afirma novamente que nós permanecemos na salvação. Ele diz: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, [...] em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória". Uma vez que estamos em Cristo Jesus, nós já recebemos todas as bênçãos espirituais que há em Cristo, e essas bênçãos espirituais incluem o fato de que, em Cristo, nós já recebemos uma predestinação, uma eleição para a santidade Fomos eleitos para que fôssemos santos e irrepreensíveis nele. Como nós podemos voltar ao pecado se a eleição inclui o nosso comportamento? Se a eleição se dá por algo que Deus viu que nós faríamos, como ela incluiria já o nosso comportamento santo? Não faria o menor sentido. Deus nos conduz a uma vida de santidade, por causa daquilo que ele já nos entregou em Cristo Jesus. É por isso que, em Efésios 4.30, Paulo diz: "E não entristeçais

o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção". Se nós temos o Espírito Santo, estamos selados nele, e esse selo é para o dia da redenção. Como podemos quebrar esse selo se nem o processo de entristecer o Espírito pode quebrá-lo, se nós já estamos selados para o dia da redenção em Cristo? Nós somos mais fortes que o Espírito recebido? Penso que não.

É por isso que Paulo fala com confiança em Filipenses 1.6: "Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus". Deus não embarga obras. Deus não começa algo que não vai terminar. Se Deus começou a boa obra, Ele há de completar. Não existe obra parada no meio do caminho. Deus não começa e encerra a salvação sem completá-la. Deus começa a salvação e conclui a sua obra. Deus não se arrepende, não para, nem falha. Se Deus começou uma boa obra em você, Ele vai continuar e completar. É por isso que Paulo é tão confiante falando a respeito da permanência na fé.

Em 1 Tessalonicenses 5.23-24, lemos: "O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará". Paulo tem confiança de que Deus fará com que os crentes permaneçam na fé, porque é o Deus de paz que nos santifica em tudo. Se ele nos chama, ele é fiel para garantir nossa preservação até o último dia.

Toda a dinâmica da salvação inclui aquilo que receberemos de Deus, como é dito em 2 Tessalonicenses 2.13-14: "Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade, para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo". Somos chamados ao evangelho não simplesmente para entrarmos na fé, mas para alcançarmos a glória, e Deus nos elegeu desde o princípio. Ele diz ainda no capítulo 3.3: "Mas fiel é o Senhor, que vos confirmará, e guardará do maligno". Você tem confiança de que Deus vai confirmar o crente e guardá-lo do maligno indubitavelmente? Essa é a certeza de uma perseverança dos santos. Paulo tem essa mesma confiança falando de si e não só

dos outros. Em 2 Timóteo 1.12, diz: "e, por isso, estou sofrendo estas coisas; todavia, não me envergonho, porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia". Paulo tinha certeza de que, por crer em Jesus, seu depósito estava garantido. Ele não está colocando contingências que podem levá-lo a perder o depósito; está dizendo que, uma vez que ele creu, o depósito está garantido, é uma coisa feita de uma vez por todas. Se eu cri, o depósito está lá, pronto, me esperando.

Em 2 Timóteo 4.18, está escrito: "O Senhor me livrará também de toda obra maligna e me levará salvo para o seu reino celestial. A ele, glória pelos séculos dos séculos. Amém!". Paulo tinha plena confiança de que, mesmo em prisão, nada poderia tirar dele o galardão que há em Cristo Jesus. Paulo estava certo de que aquilo que lhe pertencia permaneceria, porque, uma vez que ele foi salvo, ele estava salvo para sempre.

O autor de Hebreus fala também sobre essa intercessão que encontra em Cristo Jesus. Hebreus 7.25 diz: "Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles". Jesus está intercedendo e vive sempre por interceder por nós, e sua redenção é eterna. Diz o capítulo 9.12: "Nem por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção". Ainda, no capítulo 10.14 diz: "Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados". De uma vez por todas, recebemos algo que é eterno.

No capítulo 12 versos 5 a 13, o autor de Hebreus faz um longo comentário a respeito de Deus nos punir, dizendo que Deus nos pune como quem pune o filho a quem ama e faz isso para que permaneçamos firmes na fé. A conclusão de seu comentário é a seguinte: "Portanto, tornai a levantar as mãos cansadas, e os joelhos desconjuntados, e fazei veredas direitas para os vossos pés, para que o que manqueja não se desvie inteiramente, antes seja sarado". Quando estamos manquejando, quando estamos fracos, quando os joelhos estão trôpegos, Deus nos pune, nos repreende para que possamos voltar a um caminho de santidade.

Pedro argumenta no mesmo sentido. Encontramos isso em 1 Pedro 1.3-5: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo". A nossa herança incorruptível, incontaminável, não pode murchar, uma vez que estamos guardados na virtude de Deus para a salvação.

O apóstolo João, em 1 João 2.19, faz coro com tudo que temos defendido: "Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos". Aqueles que saíram da fé, que abandonaram o caminho de Cristo, fizeram-no porque nunca foram verdadeiramente dos nossos, pois se eles fossem dos nossos teriam permanecido conosco, mas porque não eram dos nossos saíram. Aquele que é crente permanece. Aqueles que você conhece que eram crentes, que amavam Jesus, mas que desapareceram, na verdade nunca amaram Jesus de fato. Alguém pode dizer: "Ah, mas eu já fui crente". Só externamente, internamente nunca houve nada real. Porque se saiu do meio de nós, não era dos nossos de verdade, pois, se fosse dos nossos, teria permanecido conosco. Aquele que abandona o caminho da fé nunca teve uma fé interior real, e isso se dá por causa da mudança de natureza que já falamos aqui, que acontece no coração do crente. Em 1 João 3.9 diz: "Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado; porque a sua semente permanece nele; e não pode pecar, porque é nascido de Deus".

Nós não podemos, não conseguimos por nós mesmos. A ideia aqui é de capacidade de pecar, o que significa, em João, uma vida de pecado. Nós não podemos mais viver na vida de pecado, sequer conseguimos viver essa vida de pecado, porque nós nascemos de Deus. Portanto, não voltamos mais para o caminho das trevas. É por isso que não podemos terminar essa série de versículos sem citar Judas 1.24-25, que diz: "Ora, àquele que é poderoso para vos

guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!".

Lidando com os versículos aparentemente contrários

Tudo bem, tudo muito bonito, mas e os versículos que são contrários a esse raciocínio? Não existem textos que falam do crente perdendo a salvação? Um dos maiores argumentos bíblicos para a ideia de que o crente pode perder a salvação é o uso das condicionais na Escritura. O fato de existirem condicionais (*se* e *então*) faz com que algumas pessoas acreditem que há possibilidade de o crente perder a vida eterna. Por exemplo, Raimundo de Oliveira, no livro *As grandes doutrinas da Bíblia*, publicado pelo CPAD em 2013, diz que "Um dos maiores argumentos bíblicos, segundo o qual o crente pode perder a salvação, é a frequente menção do condicional "'se', com respeito à salvação" (p. 239). Ele diz mais: "O escritor da epístola aos Hebreus advertiu que é possível deixar o coração encher-se de descrença, ao ponto de perder a salvação: 'Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer um de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo'" (p. 240). E ele nos diz ainda mais: "Há uma exortação severa de João, que não deixa dúvida alguma quanto à possibilidade de alguém perder a salvação: 'O vencedor, de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte.' 'Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa'" (p. 240). Muitas pessoas seguem este caminho: a existência de condicionamentos é a ideia de que você só vai permanecer salvo *se* você guardar a coroa, lutar, etc. Mas isso é projetar sobre o texto um sentido que ele não está dizendo. Nós entendemos, ao longo da Escritura, que o modo pelo qual Deus nos faz permanecer na salvação, o modo pelo qual Deus nos preserva no caminho da fé, é nos convidando e nos alertando a respeito da necessidade de lutar pela fé. A perseverança dos santos não significa que não há luta contra o pecado. Deus ordena diariamente

que lutemos contra o pecado. Deus nos ordena diariamente que permaneçamos firmes. E Deus coloca as condicionais: se não estivermos no caminho da fé, se nós abandonarmos o caminho da igreja, se sairmos daquela manifestação pública de crença, isso vai indicar que não havia crença real e nós não teremos a vida. Nós permanecemos na fé através dos alertas a continuar. Nós permanecemos na fé também através de Deus nos alertar sobre os perigos de abandoná-la, e é por isso que o crente ora, lê a bíblia, pede ajuda a Deus, congrega na igreja. Tudo isso são instrumentos de Deus para nos manter salvos. Alertas e condicionais não são o suficiente para dizer que a salvação se perde.

O segundo texto que é muito usado traz a ideia de que quem perseverar será salvo, o que significa que alguém pode deixar de perseverar e com isso perder a salvação. Mateus 24.11-13: "[...] e numerosos falsos profetas surgirão e enganarão a muitos. Devido ao aumento da maldade, o amor de muitos esfriará, mas aquele que perseverar até o fim será salvo". Esse texto está dizendo que os crentes podem deixar de ser salvos, podem deixar de perseverar até o fim? Não! Porque o texto diz que isso *não* vai acontecer com os eleitos. Veja como continua nos versos 21 e 22: "Porque haverá então grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá. Se aqueles dias não fossem abreviados, ninguém sobreviveria; mas, por causa dos eleitos, aqueles dias serão abreviados". Por causa dos eleitos, Deus diminui o sofrimento da tribulação, justamente para que eles sejam salvos e escapem da condenação. Mateus 24 não está falando dos eleitos, porque os eleitos serão preservados, como deixa claro o texto.

Outros falam a respeito do nome ser riscado do livro da vida, como encontramos muitas vezes no Antigo Testamento. Por exemplo, no Salmo 69: "[...] Sejam eles tirados do livro da vida e não sejam incluídos no rol dos justos". O problema é que não entendemos que o livro da vida que encontramos nos céus, no livro do Apocalipse, é uma manifestação divina de algo que existia na realidade. O livro da vida, ou livro dos vivos, dependendo de como você traduzir, era justamente a lista daqueles que estavam vivos e existiam em determinado país ou cidade. Quando alguém morria, o

seu nome era riscado do livro da vida. No apocalipse, Jesus usa esse modelo da lista daqueles que estão vivos para falar da listagem daqueles que são salvos. Ter o nome no livro da vida do cordeiro nos céus é ter o nome em uma listagem daqueles que encontraram vida em Cristo Jesus.

No Antigo Testamento, a ideia do livro dos vivos é muito usada. Em Êxodo 32.31-32, por exemplo, diz: "Tornou Moisés ao SENHOR e disse: Ora, o povo cometeu grande pecado, fazendo para si deuses de ouro. Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste".

Moisés se refere ao livro de Deus, mas que livro é esse? "Respondeu o Senhor a Moisés: 'Riscarei do meu livro todo aquele que pecar contra mim". Deus está falando de riscar do livro, mas diz mais à frente: "quando chegar a hora de puni-los, eu os punirei pelos pecados deles'". Então riscar no livro estava atrelado a punição. Punição eterna no inferno? Não. "E o Senhor feriu o povo com uma praga [...]". Esta foi a punição de Deus: riscar do livro foi matar o povo, adoecê-los à morte, por quê? Porque riscar do livro estava atrelado simplesmente ao ato de morrer, e é por isso que o Salmo 69.24-25,28 diz a mesma coisa: "Despeja sobre eles a tua ira; que o teu furor ardente os alcance. Fique deserto o lugar deles; não haja ninguém que habite nas suas tendas. [...] Sejam eles tirados do livro da vida [...]".

Ou seja, ser retirado do livro da vida está relacionado a morrer, a deixar de habitar na tenda, a desaparecer da terra, porque o nome dele seria riscado do livro do registro dos vivos. Consequentemente, não podemos olhar para o Antigo Testamento e entender a ideia de ser riscado do livro como uma referência ao que acontece no livro da vida dos céus, que é diferente dos livros da vida que existiam nas cidades. Por isso, em Apocalipse, não tem essa manifestação. Em Apocalipse 3.5, diz: "O vencedor será igualmente vestido de branco. Jamais apagarei o seu nome do livro da vida, mas o reconhecerei diante do meu Pai e dos seus anjos". Apocalipse 13.8 diz: "Todos os habitantes da terra adorarão a besta, a saber, todos aqueles que não tiveram seus nomes escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a criação do mundo". Aqueles que foram salvos, o

foram porque o nome não foi riscado; aqueles que foram condenados e adoraram a besta, fizeram-no porque o nome não estava escrito, não é porque o nome foi riscado. Vemos o mesmo em Apocalipse 17.8: "Os habitantes da terra, cujos nomes não foram escritos no livro da vida desde a criação do mundo, ficarão admirados quando virem a besta, porque ela era, agora não é, e entretanto virá". A ideia de ter o nome riscado livro da vida não faz parte da ideia bíblica a respeito de perda de salvação.

Há também quem argumente a respeito do crente cair da graça em Gálatas 5, mas Gálatas está sendo escrito para lidar com irmãos que estão abandonando o caminho da graça em Cristo para seguir o caminho da lei. Quando Paulo fala que eles caíram da graça, em Gálatas 5.2-5, ele se refere a irmãos que estão caindo e abandonando a ideia de salvação pela graça, e seguindo a ideia de salvação pela lei, sendo que isso os afastava do sacrifício de Jesus. Paulo não está falando de irmãos que estão desviados, "desconvertidos", que abandonaram o reino de Deus, mas de crentes que estão seguindo outro evangelho, um evangelho sem a graça, um evangelho por lei. Paulo os convida a retornar à sã doutrina a respeito da justificação, que não se dá pelas obras, mas pela graça. Cair da graça em Gálatas 5 não é uma linguagem para a perdição; é uma linguagem para uma falsa doutrina. Também não parece estar falando de perda de salvação.

Outro argumento muito utilizado é a ideia da retirada do Espírito Santo, de que o crente pode perder o Espírito. Encontramos isso com muita frequência no Antigo Testamento. O problema é que a economia da trindade se manifesta de forma distinta no Antigo e no Novo Testamentos. A partir de Atos 2, encontramos o cumprimento do derramamento do Espírito Santo no crente. Agora o Espírito Santo está tabernaculando em nós, e isso aparece profetizado em João, quando a profecia diz que o Espírito Santo agora habitaria e moraria dentro do crente, o que não acontecia no Antigo Testamento.

No Antigo Testamento, o Espírito Santo aparece quase sempre relacionado à capacitação para o ministério. Em 1 Samuel 16, por exemplo, o Espírito Santo habita em Saul, depois se retira e vem

para Davi. Depois que ele adultera com Bate-Seba, ele ficou com medo que Deus tirasse o Espírito dele. A ideia é que o Espírito está relacionado à capacitação para o reinado sobre Israel, por isso, o Espírito Santo sai daquele que era rei e unge aquele que seria em seguida. Então Davi ficou com medo de perder seu reinado ao perder o Espírito Santo.

Em Êxodo 31, o Espírito Santo vem até um homem para que ele seja capacitado a fazer obras de arte para o tabernáculo. Isso é bem diferente do que encontramos no Novo Testamento. O Espírito Santo vinha e voltava, entrava e saía das pessoas. Hoje, isso não acontece mais. Olhar para trechos do Antigo Testamento em que o Espírito saía não dá base para acreditar em uma perda de salvação, devido a essa diferença de atuação do Espírito Santo no Antigo e no Novo Testamentos.

O caso específico de Hebreus 6

Por fim, um texto conhecido e difícil está em Hebreus 6: "Ora, para aqueles que uma vez foram iluminados, provaram o dom celestial, tornaram-se participantes do Espírito Santo, experimentaram a bondade da palavra de Deus e os poderes da era que há de vir, e caíram, é impossível que sejam reconduzidos ao arrependimento". Esse texto é uma pedra no sapato de arminianos e calvinistas.

Para calvinistas, ele é um problema, porque indica que alguém que foi iluminado, tornou-se participante do Espírito Santo, experimentou a bondade da palavra de Deus e os poderes da era que há de vir pode cair. Uma pessoa que aparentemente foi salva e alcançada por Deus pode sair da fé e abandonar o arrependimento. Parece que esse texto fala de perda da salvação.

Porém, esse texto é problemático também para arminianos, pois, segundo está escrito, é impossível uma pessoa salva que tenha caído ser reconduzida ao arrependimento. Ou seja, a princípio, se alguém perde a fé, perde também o livre-arbítrio ou a capacidade de retornar à fé. É possível dizer que há dezenas de interpretações

possíveis para essa passagem. Para uma interpretação fidedigna, precisamos responder algumas perguntas.

A primeira é: quem são essas pessoas que caíram e estão impossibilitadas de retornar ao arrependimento? O principal livro sobre o assunto publicado em português é o *Caminhando na perfeição: a perseverança dos santos em Hebreus 6*, escrito por Rômulo Monteiro, pastor da Primeira Igreja Batista de Aquiraz, no Ceará. Nessa obra, ele argumenta que o grupo mencionado no texto é formado por crentes, ao contrário do que defende a maioria dos calvinistas. Devido ao que o texto fala sobre a queda, muitos argumentam que a ideia de as pessoas referidas serem iluminadas, provarem o dom celestial e se tornarem participantes do Espírito, experimentarem a bondade da palavra não significa necessariamente conversão e salvação.

Rômulo Monteiro argumenta que não. Primeiramente, porque os particípios do texto grego estão no aoristo, ou seja, eles possuem uma função de *background.* O objetivo não é fornecer detalhes acerca do público alvo do texto; não são informações para serem questionadas. Elas devem ser aceitas simplesmente como pressuposto argumentativo, pois dizer que *provar* está em contraste com *comer* e *participar efetivamente*, segundo Rômulo, é tolo e infantil, já que a palavra não carrega em si qualquer ideia de grau de envolvimento. Por exemplo, ela é usada para dizer que Jesus provou da morte. Dessa forma, o mérito da intensidade do *provar* é completamente sem sentido. Se o *provar* é um mero *tocar*, precisaríamos de outros elementos, fora da própria Bíblia, para avaliar a intensidade desse relacionamento. Não há nada no contexto que nos leve a uma diminuição do *provar*, aplicando-se esse raciocínio também ao *iluminar*.

Outro argumento do autor é que há apenas um referente entre os textos de Hebreus 5.11-6.2, 6.4-6 e 6.9-12, de forma que os iluminados, caídos e salvos dos versos 6.9-12 são características de um mesmo e único grupo. Rômulo dedica muitas páginas a esses argumentos, de forma bastante acadêmica, mas nesse apanhado já demonstramos o suficiente para entender que simplesmente considerar o grupo tratado no texto bíblico como pessoas que

chegaram perto da fé, mas não foram crentes de fato, não parece uma boa resposta. Geralmente, calvinistas apelam para isso para fugir da ideia de perda da salvação.

Ora, isso significa que os crentes se desviam? Até seria se o texto dissesse que sim, mas não é o que lemos. Na verdade, ele começa com uma exortação dizendo "deixemo-nos levar na perfeição" (ἐπὶ τὴν τελειότητα φερώμεθα). Essa exortação é a solução para um quadro de negligência tratado nos capítulos anteriores de Hebreus. Há também um aspecto negativo, que significa não lançar novamente os fundamentos (μὴ πάλιν θεμέλιον καταβαλλόμενοι). Existe o desenvolvimento de uma cadeia de sentenças aqui. A ideia é a seguinte: ao caminharem na perfeição, eles não deveriam voltar ou repetir a antiga aliança, pois isso seria impossível e exigiria a repetição da morte de Cristo, o que seria uma rejeição do sacrifício digna de condenação, fogo.

O que o autor de Hebreus está falando é que os cristãos estão tentando retornar à antiga aliança, aos antigos fundamentos do judaísmo. O autor de Hebreus diz que isso é impossível, pois implicaria sujeitar o Filho de Deus novamente à desonra pública. Ele, então, se coloca contra o grupo que tenta agir assim e nos convida a *meditar* a respeito. Esse ponto é muito importante. Talvez seja o ponto mais genial da tese de Rômulo Monteiro. Ele cita Stanley E. Porter: "No particípio, algum estado não-existente é hipotetizado ou projetado, qualquer que seja seu relacionamento com o mundo real. É um convite ao ouvinte/leitor a atuar em alguma parte do discurso, no caso, a pensar (conceber) esse tipo de pessoa (iluminada, que provou do dom celestial)".

Roque Albuquerque, em sua tese de doutorado apresentada ao *Central Baptist Theological Seminary of Minneapolis*, diz que "a escolha de um particípio é a de não se usar uma asserção, a escolha de um particípio é a escolha de pressupor algo ao invés de assegurar algo". Ou seja, o objetivo primário do autor não é informar, mas emocionar o público, levando-o a mentalizar algo. Segundo a tese do Dr. Roque, "o particípio não gramaticaliza atitude (modo). Na verdade, ele é parte da metafunção ideacional. Significado

ideacional, por sua vez, refere-se à linguagem como reflexão. Ao usar um particípio, o autor assume a habilidade do leitor de inferir".

Isso significa que devemos assumir a diferença entre possibilidade e condicionalidade, entre possível e concebível. Quem desenvolve esse raciocínio são Thomas R. Schreiner e Ardel B. Caneday, no livro *The race set before us*, quando argumentam o seguinte: "exortações condicionais em si não funcionam para indicar nada acerca da possibilidade de falha ou cumprimento. Ao invés disso, as exortações condicionais apelam para nossa mente para conceber ou imaginar as consequências invariáveis que vêm para todos que seguem a estrada da apostasia de Cristo. [...] Advertências e admoestações não dizem nada acerca do que é possível no sentido do que é provável ou capaz de acontecer. [...] Elas expressam o que é capaz de ser concebido com a mente. [...] As advertências projetam uma suposição que nos chama a imaginar que um curso específico de ação tem uma consequência inequívoca, inviolável".

Ou seja, quando convido alguém para conceber uma hipótese, não estou assumindo que a hipótese é certa. Supondo que alguém não goste de viajar de avião e diga "imagine que eu tente ir a pé de Rio Branco a Curitiba". Ainda que não seja factível, essa ideia é concebível e imaginável. Ela é posta para estabelecer o argumento, não de que a pessoa vá necessariamente a pé de um destino a outro, mas que se deve sim viajar de avião. As placas de trânsito também nos ajudam a entender as advertências bíblicas. Quando alguém coloca uma placa na pista que avisa "abismo a 500 metros", não se está afrontando a capacidade ou índole do motorista, como se afirmasse a queda no abismo como uma possibilidade real a quem dirige. Antes, pressupõe-se que a presença da placa fará o motorista seguir, invariavelmente, a orientação, de forma que a queda deixa de ser uma possibilidade real. O objetivo da placa é conceber a queda e evitá-la, não indicar uma possibilidade moral de queda. A advertência é a placa que evita a queda.

Portanto, no texto de Hebreus 6.4-6, o autor não está necessariamente dizendo que as pessoas estão caindo, nem está falando de algo factível, mas sobre uma ideia a ser concebida retoricamente a fim de estabelecer um discurso para dizer: "olha,

crentes que provaram do Espírito Santo, receberam a nova aliança e querem retornar ao judaísmo, estão se colocando em uma condição impossível, pois estariam esperando que Jesus voltasse para ser morto de novo. Isso não vai acontecer. Então, vocês não podem se colocar nessa posição". Isso não significa que um cristão salvo vai voltar para os rudimentos do Antigo Testamento e esperar que Jesus seja exposto novamente ao vitupério, mas é um argumento a ser concebido pela mente de quem ouve, para demonstrar o absurdo que é retornar aos rudimentos do Antigo Testamento.

Pense, por exemplo, no que Jesus diz em Marcos 13.22: "Pois surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos". Jesus está deixando claro que não é possível enganar os eleitos, mas ainda assim ele traz o alerta de que seus discípulos não deveriam seguir falsos mestres e falsos profetas. Temos uma advertência seguida da declaração de que aquilo não aconteceria. Isso significa que as advertências são mais conceituais; portanto, lidam com a imaginação, não com a possibilidade. Assim como as placas nas rodovias nos alertam para os perigos, as advertências não questionam nossas habilidades, mas as pressupõem.

O autor aos Hebreus sabe que, falando dessa forma concebível, seu público entenderia que estaria falando de algo possível. Veja Hebreus 6.9: "mesmo falando dessa forma, estou convicto de coisas melhores com relação a vocês, coisas próprias da salvação". Ele sabia que os irmãos não retornariam ao judaísmo para esperar Jesus, mas ele os está impedindo de fazer isso ao conceber o que é absurdo às mentes de seus ouvintes/leitores.

Alguns podem estranhar tudo isso. Afinal, se o crente não perde a salvação, por que o autor aos Hebreus está apresentando toda uma advertência relacionada ao assunto? A Escritura deixa claro diversas vezes que o modo pelo qual permanecemos na salvação é através das advertências que Deus nos dá. Por exemplo, veja 1 João 5.18: "Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado; antes, Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o Maligno não lhe toca". Essa é uma declaração estática. Deus o guarda, e o Maligno não lhe toca. Contudo, lemos no verso 21: "Filhinhos,

guardai-vos dos ídolos". Neste versículo o cristão deve guardar a si mesmo. Temos, portanto, uma declaração dinâmica, no mesmo documento, pelo mesmo autor. Isso se repete em Judas 21 quando ele diz: "guardai-vos no amor de Deus" para depois afirmar "Àquele que é poderoso para vos guardar de tropeço e para vos apresentar com exultação e imaculados diante da sua glória". O autor, no mesmo texto, ao pedir que nos guardemos, também diz que Deus nos guarda. Só podemos acreditar que o modo pelo qual perseveramos é através das exortações de Deus. É como diz G. C. Berkouwer, no livro *Faith and Perseverance*: "A preservação de Deus e nossa autopreservação não permanecem em mera coordenação, mas de uma maneira maravilhosa elas estão em correlação. Nossa autopreservação é inteiramente orientada à preservação de Deus de nós mesmos. Autopreservação não pode ser um fator independente de ser preservado".

Logo, Hebreus 6 não é um texto que fala de perda da salvação, mas é um texto que nos convida a meditar e conceber uma hipótese absurda para evitar que caminhemos no caminho da condenação.

Conclusão e aplicações

Concluindo, uma vez salvo, salvos para sempre. O peso bíblico sempre vai em direção à doutrina clássica da reforma de que, uma vez que encontramos a salvação, permanecemos nela. Nós já esclarecemos ao longo do capítulo que a perseverança dos santos não implica no fato de que o crente nunca vai pecar; implica, sim, em que o crente, transformado por Deus, não será dado ao pecado, não irá chafurdar na lama da iniquidade, mas, vivendo a condição de salvo ainda pecador, cometerá pecado. Espero que isso tenha ficado claro.

Contudo, mesmo havendo a certeza da salvação, a ação de perseverança do crente é monergista da parte de Deus. Não conseguimos perseverar por nós mesmos, fazemo-lo apenas pela preservação de Deus. Mesmo sabendo que o Espírito trabalha para guardar nosso tesouro até o dia final, essa bênção nunca pode se tornar soberba. O soberbo é quem confia em seus próprios méritos e

não entendeu nada da ação salvífica de Deus. Quem é alcançado pela graça e firmado na fé mantém um sentimento de humildade e temor. Veja que até mesmo servos de Deus com ministérios amplamente reconhecidos e consolidados podem manifestar sentimento de cautela com o próprio coração. Rev. Augustus Nicodemus, no livro *O que estão fazendo com a igreja,* publicado pela editora Mundo Cristão, confessa que no fundo do seu coração sente medo de um dia apostatar da fé e negar tudo que prega. Ele explica que sente esse medo, porque vê isso acontecendo com muitos líderes evangélicos.

Nessa situação, cabe ao pecador consciente de sua dependência de Deus afirmar como Lutero: *Pecca fortiter, sed fortius fide et gaude in Christo* (Peca ousadamente, mas crê com ousadia ainda maior e alegra-te em Cristo). Você é um pecador totalmente depravado, caído, mas não há pecador que não possa ser regenerador pela graça no poder do sangue de Cristo. O mesmo poder que te faz perseverar até o fim. Apenas creia ousadamente e alegre-se em Cristo por tamanha dádiva.

LEIA MAIS

- Firmes: *Um Chamado à Perseverança dos Santos*, de John Piper (Fiel)
- *A Doutrina da Perseverança dos Santos*, de Paulo Anglada (Os Puritanos)
- *Caminhando na Perfeição*, Rômulo Monteiro (Concílio)

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. Você anda com medo de ter cometido algum grande pecado e ter perdido a salvação? Essa dúvida e insegurança fazem parte da sua vida cristã? Reflita sobre o capítulo e converse sobre a garantia e segurança da salvação que temos em Cristo.

2. Você se orgulha por estar mantendo sua salvação até hoje? Reflita sobre o perigo da soberba em achar que nós devemos

manter a salvação por meio de nossas obras.

3. Qual é o papel do Espírito Santo em nossa preservação como salvos por Deus? Como ele age sobre nós e em operação conosco nas atitudes e tarefas do dia a dia?

4. Quais são os meios de graça que Deus escolheu para nos preservar em salvação? Como Deus os usa? Pense principalmente no papel da igreja para esse fim.

5. Você conhece alguém "desviado"? Será que ele perdeu a salvação ou não estava salvo (convertido)? Ou será que ele está passando apenas por um momento de frieza? Pense em grupo sobre essas possibilidades e reflita sobre a melhor maneira de tratar esses casos.

10. SOLI DEO GLORIA

A vida, o universo e tudo o mais

> *"É possível desperdiçar sua vida. Poucas coisas me fazem tremer mais que a possibilidade de tomar dom único que é a vida, e desperdiçá-lo. Toda manhã quando caminhava até a cozinha quando menino, eu via pendurada na parede a placa que agora está pendurada na minha sala: 'Apenas uma vida que logo passará; somente o que é feito par a o Cristo durará'. [...] Mais e mais eu sinto o cheiro da eternidade. E, ah!, como eu quero usar bem minha vida."*
>
> John Piper em *Don't waste your life*

Qual o sentido da vida, do universo e tudo mais? Se você já leu *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, sabe que a resposta nerd *é 42.* Mas a Escritura tem uma resposta diferente para essa pergunta: a glória do Deus vivo. O significado da vida, do universo e de todo o resto é sempre a glória de Deus. E essa paixão pela glória de Deus é o capítulo final deste livro. Qual é o sentido da vida e do universo? Qual é a razão de tudo que Deus fez? Por que Deus nos criou? O que faremos para sempre no céu? Como isso afeta nossas vidas? Neste capítulo, você verá que é a Bíblia e não a toalha o item mais importante do universo.

* * *

Se você já leu *As Crônicas de Nárnia* de C.S. Lewis, talvez tenha sido tocado por um trecho que também me tocou muito em *Príncipe Caspian*, quando Lucy reencontra Aslam e ele parece muito maior para ela. Abaixo o diálogo:

- Aslam, como você está grande!
- É porque você está mais crescida, meu bem.
- E você, não?
- Eu não. Mas à medida que você for crescendo, eu parecerei maior aos seus olhos.

O que C.S. Lewis quer dizer aqui, usando Aslam como uma figura para Jesus Cristo, é que, à medida que nós crescemos em Deus, Deus vai parecendo muito maior para nós. Às vezes parece que Deus cresceu quando na verdade o que aconteceu é que nós crescemos, e nossa percepção de Deus ficou mais aguçada. Existe um livro famoso do J. B. Phillips publicado pela Mundo Cristão, chamado *Seu Deus é pequeno demais,* que fala justamente do contrário, quando nós não crescemos em Deus e temos uma visão pequena dele. Acabamos vendo Deus como se ele fosse uma coisinha, uma besteira, uma bobagem, e acabamos tendo um Deus muito pequeno e fraco. Muitas vezes, quando Deus é pequeno para nós, então a humanidade acaba ganhando um espaço muito maior que o próprio Deus, e essa vida comum acaba tomando o todo da nossa existência.

Muitas vezes, acabamos tendo percepções de Deus maiores ou menores partindo daquilo que compreendemos a partir da Escritura sobre quem Deus é, o que acaba afetando o modo como interpretamos o mundo. Eu mesmo já tive uma visão muito pequena de Deus. E essa minha visão pequena foi corrigida por um livro que foi uma das obras mais importantes depois da Bíblia na minha vida: *Em busca de Deus,* do pastor e teólogo John Piper. Esse livro foi um dos instrumentos que Deus usou para me tirar da depressão. Piper encerra com um apêndice que fala sobre a história da glória de Deus. Nesse livro, ele estabelece uma teologia de como Deus é apaixonado pela própria glória. Ele evoca a Confissão de Fé de Westminster quando diz que o propósito principal do homem é glorificar a Deus e se alegrar nele para sempre, acrescentando que

esse também é um propósito do próprio Deus. Piper diz: "O principal propósito de Deus é glorificar a Deus e ter prazer em si mesmo para sempre".

Deus não pode colocar nada acima disso, porque senão o próprio Deus estaria sendo idólatra. A idolatria consiste em colocar coisas acima de Deus, e ele não coloca nada acima de si mesmo. Ele sabe que é o centro e o que há de mais importante no universo. Dessa forma, Deus está empenhado em glorificar o seu nome para sempre. Tudo no universo coopera unicamente para a glória de Deus: *soli Deo gloria.* Esse tem que ser nosso propósito, mas esse também é o propósito do próprio Deus ao criar e compor a história da forma como ele compôs. John Piper também explica o que significa a palavra glória. Ele diz que "na Bíblia, geralmente o termo 'glória de Deus' se refere ao esplendor visível ou à beleza moral da perfeição multiforme de Deus". A glória de Deus é esse brilho do seu caráter. Deus possui atributos, possui características extremamente louváveis, e a emanação dessas características louváveis é a sua glória. É o brilho e esplendor de sua grandeza. O objetivo de Deus é que sua grandeza, seus atributos louváveis, brilhem cada vez mais e sejam cada vez mais percebidos como belos e maravilhosos para sempre, e que as pessoas respondam em louvor a essa grandeza que manifesta o Deus vivo.

A história da glória de Deus

Essa é só a opinião de John Piper ou de algum reformador que queria ter cinco solas ao invés de quatro? De forma nenhuma! A paixão de Deus pela sua glória e o objetivo de Deus de fazer tudo para a glória de seu nome são o centro de toda a história da Escritura. Desde a criação, desde a eternidade passada até a eternidade futura, tudo é guiado pela motivação de Deus de glorificar o próprio nome.

Pense na *criação* de todas as coisas: "Assim Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus disse: — Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Tenha ele domínio sobre os peixes do

mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os animais que rastejam pela terra" (Gênesis 1.26-27). Quando Deus criou o homem, ele o fez como um reflexo da sua própria imagem. O homem deveria ser uma imagem, um reflexo do próprio Deus. Deus criou o homem justamente para que ele reflita os atributos do Senhor. O objetivo de Deus em criar o homem foi falar quem ele é. Sobre a criação, em Números 14.21, lemos: "Toda a terra se encherá da sua glória". Deus diz, em Isaías 43.7, que Deus criou o homem "para minha glória". A criação foi feita para a glória do nome de Deus.

Quando seguimos a leitura do livro de Gênesis, nos deparamos com a história da *Torre de Babel.* O propósito dessa história é justamente mostrar como o ser humano caído pensava e como ele ainda pensa. Mostra também, em contraste, qual o propósito de Deus para o ser humano. Gênesis 11.4 é a chave para mostrar a motivação do povo de Babel: "Disseram: — Venham, vamos construir uma cidade e uma torre cujo topo chegue até os céus e tornemos célebre o nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda a terra".

Havia um instinto de autopreservação e de glorificação do próprio nome em contraste com o nome de Deus. Deus frustra os planos deles. Em oposição a isso, encontramos no capítulo seguinte de Gênesis o chamado de Abraão: "O Senhor disse a Abrão: — Saia da sua terra, da sua parentela e da casa do seu pai e vá para a terra que lhe mostrarei. Farei de você uma grande nação, e o abençoarei, e engrandecerei o seu nome. Seja uma bênção!" (Gênesis 12.1-2).

Enquanto o povo de Babel quis engrandecer o próprio nome através da construção de algo que fosse oposto ao mandamento de Deus, aqui o Senhor está engrandecendo o nome de Abraão de acordo com seu próprio plano. John Piper diz: "Quando o ser humano propõe tornar seu próprio nome famoso, ele credita a si mesmo suas realizações e não dá glória a Deus. Mas quando Deus se propõe tornar uma pessoa famosa, a única resposta apropriada é confiança e gratidão, por parte da pessoa, que devolve toda a glória a Deus, a quem ela pertence".

Deus se opõe à busca pessoal por fama do povo de Babel, mas Deus mesmo promete fama ao nome de Abraão, afinal, ele seria uma bênção e devolveria a Deus a glória que lhe era devida. Isso está em Romanos 4.20-21, quando diz que Abraão "não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que Deus era poderoso para cumprir o que havia prometido".

Abraão deu glória a Deus por causa da sua promessa. Acerca do povo de Israel que veio por meio de Abraão, Deus fala a eles em Isaías 49.3: "Tu és o meu servo, és Israel, por quem hei de ser glorificado".

O povo de Abraão glorificaria o nome de Deus em contraste aos interesses humanos do povo de Babel de engrandecer o próprio nome. Deus rejeita o povo que queria engrandecer o próprio nome e engrandece o nome do povo que está disposto a glorificá-lo. Nisso, o próprio *êxodo* do povo de Israel está relacionado também ao interesse de Deus pela sua própria glória. Depois do período dos patriarcas (Abraão, Isaque e Jacó), o que é registrado no restante do livro de Gênesis é que o povo de Deus passou centenas de anos se multiplicando no Egito, onde acabou se tornando escravo. Então eles clamaram a Deus por misericórdia e, em resposta a isso, Deus se propôs a libertá-los pela mão de Moisés, conduzindo-os através do deserto para a libertação até a terra prometida de Canaã. Isso está registrado no livro do Êxodo, mas há várias outras passagens que falam sobre o propósito de Deus nesse processo, como em Ezequiel e em Salmos. Por exemplo, Ezequiel 20.5-9 diz o seguinte: "e dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: No dia em que escolhi a Israel, levantando a mão, jurei à descendência da casa de Jacó e me dei a conhecer a eles na terra do Egito; levantei-lhes a mão e jurei: Eu sou o SENHOR, vosso Deus. Naquele dia, levantei-lhes a mão e jurei tirá-los da terra do Egito para uma terra que lhes tinha previsto, a qual mana leite e mel, coroa de todas as terras. Então, lhes disse: Cada um lance de si as abominações de que se agradam os seus olhos, e não vos contamineis com os ídolos do Egito; eu sou o SENHOR, vosso Deus. Mas rebelaram-se contra mim e não me quiseram ouvir; ninguém lançava de si as abominações de que se

agradavam os seus olhos, nem abandonava os ídolos do Egito. Então, eu disse que derramaria sobre eles o meu furor, para cumprir a minha ira contra eles, no meio da terra do Egito. O que fiz, porém, foi por amor do meu nome, para que não fosse profanado diante das nações no meio das quais eles estavam, diante das quais eu me dei a conhecer a eles, para os tirar da terra do Egito".

Por que Deus fez o que fez? Por amor de seu nome. E, porque amava o próprio nome, Deus libertou o povo do Egito. As motivações de Deus não são meramente centradas na figura humana, mas são centradas na glorificação do seu próprio nome. Fica claro que a libertação do Egito não se dá simplesmente pelo amor de Deus ao povo de Israel. Faz parte também, mas foi principalmente pelo amor de Deus ao seu próprio nome e por sua própria glória. O Salmo 106.6-8 diz o seguinte: "Pecamos, como nossos pais; cometemos iniquidade, procedemos mal. Nossos pais, no Egito, não atentaram às tuas maravilhas; não se lembraram da multidão das tuas misericórdias e foram rebeldes junto ao mar, o mar Vermelho. Mas ele os salvou por amor do seu nome, para lhes fazer notório o seu poder".

Por que Deus libertou o povo do Egito? Para fazer notório o seu poder, por amor ao seu próprio nome, pela propagação de sua própria glória. E isso está registrado no próprio livro do Êxodo, como por exemplo: "Endurecerei o coração de Faraó, para que os persiga, e serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército; e saberão os egípcios que eu sou o SENHOR. Eles assim o fizeram. [...] e os egípcios saberão que eu sou o SENHOR, quando for glorificado em Faraó, nos seus carros e nos seus cavalarianos" (Êxodo 14.4,18). Deus puniu Faraó para a glória de seu próprio nome. O propósito de Deus, diz John Piper, é agir para levar as pessoas a reconhecerem a sua glória e confessarem que ele é o único salvador do universo. O evento do Êxodo como paradigma para a salvação do seu povo deixa claro que o propósito de Deus com Israel é a propagação da sua glória e do seu santo nome.

Ainda no livro de Êxodo, encontramos *a entrega da Lei.* Quando o povo de Israel chegou ao monte Sinai, Deus chamou Moisés para o topo do monte e entregou-lhe os Dez Mandamentos, entre outras

normas para a comunidade de Israel. Esse registro está em Êxodo. O primeiro mandamento é o seguinte: "Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem" (Êxodo 20.3-5).

Deus proíbe, nos Dez Mandamentos, que qualquer imagem de escultura receba adoração ou glória que é devida unicamente ao Senhor. Deus está preocupado com a glorificação do seu nome. Ele diz que é um Deus ciumento e não permite nenhum outro além dele. Seu objetivo principal ao dar a Lei é mostrar que só ele merece louvor e glória, e devemos dar-lhe a honra que só ele merece. Ele acabou de se mostrar poderosamente no Êxodo e exige uma resposta adequada em adoração por isso. John Piper, mais uma vez, elucida: "Amar a Deus não significa cumprir suas necessidades, antes, alegrar-se nele e ser cativado por seu glorioso poder e graça, e valorizá-lo acima de todas as coisas na terra".

Depois disso, então, começa a *peregrinação pelo deserto,* onde Deus vai tratando seu povo por quarenta anos. Deus teve muitos motivos para destruir seu povo, porque havia murmurações, incredulidade, idolatria, o tempo todo. Porém, mais uma vez, Deus detém sua mão de ira e os trata com bondade por amor de sua glória e seu nome. Em Ezequiel 20.21-22, Deus diz: "Mas também os filhos se rebelaram contra mim e não andaram nos meus estatutos, nem guardaram os meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles; antes, profanaram os meus sábados. Então, eu disse que derramaria sobre eles o meu furor, para cumprir contra eles a minha ira no deserto. Mas detive a mão e o fiz por amor do meu nome, para que não fosse profanado diante das nações perante as quais os fiz sair".

Deus poupa Israel não simplesmente por ter misericórdia deles, mas por amor do próprio nome e propagação da própria glória. É por isso que Moisés ora pelo povo, em Deuteronômio 9.27-29, com as seguintes palavras: "Lembra-te dos teus servos Abraão, Isaque e

Jacó; não atentes para a dureza deste povo, nem para a sua maldade, nem para o seu pecado, para que o povo da terra donde nos tiraste não diga: Não tendo podido o SENHOR introduzi-los na terra de que lhes tinha falado e porque os aborrecia, os tirou para matá-los no deserto. Todavia, são eles o teu povo e a tua herança, que tiraste com a tua grande força e com o braço estendido".

Moisés lembra das promessas que Deus fez aos patriarcas e argumenta apelando para a certeza que ele tinha de que Deus não queria que seu nome fosse ridicularizado. Isso certamente aconteceria se o povo fosse destruído no deserto. Ao permitir que Moisés orasse dessa maneira e ao responder esse tipo de oração, Deus estava deixando claro que não é de seu interesse que seu nome seja ridicularizado através do fracasso de seu povo e que Ele deseja o contrário, isto é, ser glorificado através de sua boa mão e do seu cuidado.

Depois da peregrinação no deserto, temos a história da *conquista de Canaã.* E é o livro de Josué que narra todo o processo da vitória de Israel na conquista da terra prometida. É ao final do livro de Josué que encontramos a motivação de Deus em permitir que Israel conseguisse conquistar aquela terra. Diz Josué 24.12-14: "Enviei vespões adiante de vós, que os expulsaram da vossa presença, bem como os dois reis dos amorreus, e isso não com a tua espada, nem com o teu arco. Dei-vos a terra em que não trabalhastes e cidades que não edificastes, e habitais nelas; comeis das vinhas e dos olivais que não plantastes. Agora, pois, temei ao SENHOR e servi-o com integridade e com fidelidade; deitai fora os deuses aos quais serviram vossos pais dalém do Eufrates e no Egito e servi ao SENHOR".

As palavras "agora, pois, temei ao Senhor" mostram que Deus queria que aquele povo lhe desse glória e o temesse por causa do seu processo de redenção. O propósito de Deus era que eles o glorificassem por causa da terra conquistada. Deus quis criar um povo que lhe desse glória, reconhecesse sua grandeza, que o glorificasse. Isso fica claro em 2 Samuel 7.23, quando diz: "Quem há como o teu povo, como Israel, gente única na terra, a quem tu, ó Deus, foste resgatar para ser teu povo? E para fazer a ti mesmo um

nome e fazer a teu povo estas grandes e tremendas coisas, para a tua terra, diante do teu povo, que tu resgataste do Egito, desterrando as nações e seus deuses?".

Samuel está glorificando o nome de Deus justamente por aquilo que Ele fez na vida de Israel. Deus deu Canaã ao povo de Israel para que o nome dele próprio fosse glorificado.

A partir daí, entramos nos *primórdios da monarquia.* Ela é descrita nos textos bíblicos que relatam o que Deus está fazendo na história. Depois do período dos Juízes, Israel pede um rei (1 Samuel 8.1-21). A motivação para isso era ridícula: Israel queria ser igual às outras nações. Israel não queria ser governada por Deus através dos juízes. E a resposta de Deus novamente não foi destruir o seu povo, mas atender com bondade e graça. O motivo desse ato de misericórdia, de Deus não ter destruído seu povo, está registrado em 1 Samuel 12.19-23: "Todo o povo disse a Samuel: Roga pelos teus servos ao SENHOR, teu Deus, para que não venhamos a morrer; porque a todos os nossos pecados acrescentamos o mal de pedir para nós um rei. Então, disse Samuel ao povo: Não temais; tendes cometido todo este mal; no entanto, não vos desvieis de seguir o SENHOR, mas servi ao SENHOR de todo o vosso coração. Não vos desvieis; pois seguiríeis coisas vãs, que nada aproveitam e tampouco vos podem livrar, porque vaidade são. Pois o SENHOR, por causa do seu grande nome, não desamparará o seu povo, porque aprouve ao SENHOR fazer-vos o seu povo. Quanto a mim, longe de mim que eu peque contra o SENHOR, deixando de orar por vós; antes, vos ensinarei o caminho bom e direito".

Aqui, a preservação do povo e o início da monarquia se dão unicamente, porque o Senhor quer glorificar o seu próprio nome. Outra maneira de Deus mostrar seu nome e sua misericórdia no período da monarquia foi dando a Israel um homem como Davi, com o coração segundo o coração de Deus, ou seja, tinha o seu propósito como o propósito de Deus, e o seu objetivo era o mesmo objetivo de Deus. Vemos Davi orar assim: "Por causa do teu nome, Senhor, perdoa a minha iniquidade, que é grande" (Salmos 25.11). Ou seja, ele pede perdão tendo em vista a glória do nome de Deus. Ele não está fazendo joguinho. Novamente, ele ora: "Guia-me pelas veredas

da justiça por amor do teu nome (Salmos 23.3). Ele queria ser guiado pelo caminho justo e correto diante de Deus, porque o Senhor ama o seu próprio nome.

No livro de 1 Reis, encontramos a descrição sobre *o templo de Deus.* Em 1 Reis 8.41-45, encontramos a oração de Salomão acerca do templo do Senhor: "Também ao estrangeiro, que não for do teu povo de Israel, porém vier de terras remotas, por amor do teu nome (porque ouvirão do teu grande nome, e da tua mão poderosa, e do teu braço estendido), e orar, voltado para esta casa, ouve tu nos céus, lugar da tua habitação, e faze tudo o que o estrangeiro te pedir, a fim de que todos os povos da terra conheçam o teu nome, para te temerem como o teu povo de Israel e para saberem que esta casa, que eu edifiquei, é chamada pelo teu nome. Quando o teu povo sair à guerra contra o seu inimigo, pelo caminho por que o enviares, e orar ao SENHOR, voltado para esta cidade, que tu escolheste, e para a casa, que edifiquei ao teu nome, ouve tu nos céus a sua oração e a sua súplica e faze-lhe justiça".

O propósito do templo era que todas as nações reconhecessem a grandeza da glória de Deus. O próprio Deus diz que o seu nome estará no templo (1 Reis 8.29). Deus está preocupado com seu nome, com sua reputação.

Após a morte de Salomão, o reino de Israel foi divido em dois: norte e sul. Uma das histórias que pode mostrar como Deus estava preocupado com sua glória também nesse período está lá pelo século 8 a.C., descrita através da oração de Ezequias, rei de Judá, que pede libertação em favor de seu povo. O profeta Isaías trouxe a resposta de Deus. Diz assim: "Porque eu defenderei esta cidade, para a livrar, por amor de mim e por amor de meu servo Davi. [...] Acrescentarei aos teus dias quinze anos e das mãos do rei da Assíria te livrarei, a ti e a esta cidade; e defenderei esta cidade por amor de mim e por amor de Davi, meu servo" (2 Reis 19.34; 20.6).

Deus salvou a cidade por amor do próprio nome, para a propagação da própria glória. Foi por volta de 587 a.C. que Jerusalém caiu diante dos babilônicos. O reino do norte já tinha ido para o exílio com os assírios em 722 a.C. Então, o povo de Judá foi deportado para Babilônia e parecia que Deus tinha oficialmente

desistido do seu povo. Se esse fosse o caso, como ficariam então o nome de Deus e a glória de Deus? Porém, mais uma vez, Isaías deixa claro que Deus não havia desistido de seu povo e ainda explica a motivação de Deus para isso. O profeta é bem claro: "Por amor do meu nome, retardarei a minha ira e por causa da minha honra me conterei para contigo, para que te não venha a exterminar. Eis que te acrisolei, mas disso não resultou prata; provei-te na fornalha da aflição. Por amor de mim, por amor de mim, é que faço isto; porque como seria profanado o meu nome? A minha glória, não a dou a outrem" (Isaías 48.9-11).

Foi por amor do próprio nome, foi para a sua glória, porque Deus não daria sua glória a mais ninguém, porque Deus não estava disposto a ter seu próprio nome profanado. De forma muito semelhante, Ezequiel, que foi um profeta do exílio babilônico, fala da misericórdia de Deus ao povo de Israel. Ele diz: "Dize, portanto, à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: Não é por amor de vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome, que profanastes entre as nações para onde fostes. Vindicarei a santidade do meu grande nome, que foi profanado entre as nações, o qual profanastes no meio delas; as nações saberão que eu sou o SENHOR, diz o SENHOR Deus, quando eu vindicar a minha santidade perante elas. [...] Não é por amor de vós, fique bem entendido, que eu faço isto, diz o SENHOR Deus. Envergonhai-vos e confundi-vos por causa dos vossos caminhos, ó casa de Israel" (Ezequiel 36.22-23,32).

Deus está deixando claro que a redenção, a salvação, o livramento não viriam simplesmente por causa do amor de Deus ao povo de Israel. Ele até tinha esse amor de fato, mas sua motivação era acima de tudo a paixão pela sua própria glória e a glorificação do seu próprio nome na construção desse processo histórico.

Ageu, Zacarias e Malaquias profetizaram após o retorno de Israel do exílio e constituíram os últimos profetas do Antigo Testamento. Cada um deles deixa claro que eles possuíam a convicção sobre a motivação de Deus em exaltar a própria glória em seu trato com a história do mundo. Zacarias profetizou sobre a reconstrução de Jerusalém, dizendo: "Pois eu lhe serei, diz o SENHOR, um muro de

fogo em redor e eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória" (Zacarias 2.5). Ageu apresenta a mesma afirmação: "Subi ao monte, trazei madeira e edificai a casa; dela me agradarei e serei glorificado, diz o SENHOR" (Ageu 1.8). Já Malaquias criticou a maldade dos sacerdotes no novo templo, dizendo: "Se o não ouvirdes e se não propuserdes no vosso coração dar honra ao meu nome, diz o SENHOR dos Exércitos, enviarei sobre vós a maldição e amaldiçoarei as vossas bênçãos; já as tenho amaldiçoado, porque vós não propondes isso no coração" (Malaquias 2.2).

Eles deveriam ter o coração centrado em honrar o nome do Deus vivo. A motivação é a sua própria glória, e a nossa motivação também deve ser.

Encerramos aquilo que Deus revelou no Antigo Testamento e entramos no Novo Testamento, e nele encontramos o mesmo enfoque. Na *vida e ministério de Jesus*, a glória de Deus é a razão de tudo. Há dois textos no Evangelho de João que mostram que a vida de Cristo foi centrada na glória de Deus, os quais são: "Quem fala por si mesmo está buscando a sua própria glória; mas o que busca a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há falsidade" (João 7.18) e "Eu te glorifiquei na terra, realizando a obra que me deste para fazer" (João 17.4).

O desejo que consumia Jesus era o desejo do *soli Deo gloria.* O desejo que consumia Jesus era o desejo da glorificação do Pai. Mas não só a vida de Jesus, a sua *morte* também foi para a glória do Senhor Deus. Em João 12.27-28, Jesus pensa em fugir do calvário e ora: "Agora, está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora. Pai, glorifica o teu nome. Então, veio uma voz do céu: Eu já o glorifiquei e ainda o glorificarei".

Jesus consegue passar por uma situação de aflição na cruz e ser separado de Deus, de levar a ira do Deus vivo sobre si, fora o período da dor física, porque ele estava interessado em dar glória ao nome de Deus. Jesus estava sofrendo, é óbvio. Ele não simplesmente nos viu como objeto de salvação, claro que isso está incluído também na cruz, mas o que temos textualmente é que

Cristo está preocupado acima de tudo com a glorificação do nome de Deus. Todo o resto está abaixo disso e vem como um meio.

Em Romanos 3.25, lemos o seguinte: "a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos". Em outras palavras, ao perdoar os pecados do Antigo Testamento e dos outros pecadores, sem ter ainda um sacrifício vicário, Deus dava a impressão de que as pessoas do Antigo Testamento estavam simplesmente impunes; ao trazer Jesus e puni-lo pelos pecados que viriam no futuro, os nossos, e os que foram cometidos no passado, daqueles que olhavam para o Messias vindouro, Jesus está mostrando a sua justiça e provando que ele é justo e justificador de todos os homens.

Nós, que vivemos diante da morte de Jesus, vivemos à sombra daquilo que ele fez no calvário. Não podemos esperar que a nossa própria vida cristã seja diferente. A *vida cristã* é descrita como sendo focada no nome desse mesmo Deus. Em 1 Coríntios 10.31, Paulo diz: "Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus". A motivação de Deus para todas as coisas, o *soli Deo gloria,* também é nossa motivação, nossa razão de ser. Assim, todas as coisas que fazemos diariamente são feitas para que Deus receba a glória que ele merece em todas as coisas. Seja comendo, seja bebendo, seja trabalhando. Qualquer coisa que façamos, tudo precisa refletir nosso interesse pela glória do Deus vivo.

1 Pedro 4.11 mostra que todo nosso serviço cristão tem por objetivo a glória de Deus. Ele afirma: "Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!".

O nosso serviço cristão precisa ser feito para que Deus seja glorificado. Não é um ato para nossa própria glória, para que nós encontremos razões para nossa própria vida, para que nós possamos suprir necessidades de carinho. Não! Nós agimos para que Deus receba a glória. É estranho que às vezes vivamos de modo a desejar

que as pessoas nos vejam e nos correspondam, nos glorifiquem, nos deem coisas, nos admirem. Quando, na verdade, nosso interesse deve ser unicamente de dar glória a Deus. Sirva o máximo, chame o mínimo de atenção necessária. Viva oculto diante da face de Deus. Como disse João Batista, que ele cresça e eu diminua (João 3.30). Deus deve ser glorificado no que fazemos, não nós. Ele deve receber o louvor, não nós. Veja Jesus instruindo os discípulos sobre a vida diária, em Mateus 5.16: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus".

Nós temos que analisar nosso brilho de boas obras para glória do Deus vivo, para que os outros homens glorifiquem o nome de Deus através das nossas vidas. Isso porque a *segunda vinda de Cristo Jesus e o fim de todas as coisas* têm como objetivo e alvo também a glorificação do nome do Deus vivo. Em 2 Tessalonicenses 1.9-10, a volta de Jesus é descrita como um ato simultâneo de esperança e terror. Paulo diz sobre aqueles que não creem no evangelho: "Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram, naquele dia (porquanto foi crido entre vós o nosso testemunho)".

Jesus não está voltando simplesmente para nos dar salvação, mas também para receber a glória que seu nome merece por ter morrido na cruz em nosso lugar. Nossa salvação final será um grande ato, uma grande apoteose de glória ao nome de Deus. João retrata então a Nova Jerusalém em Apocalipse nas seguintes palavras: "A cidade não precisa do sol nem da lua para lhe dar claridade, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua lâmpada" (Apocalipse 21.23).

Para onde olharmos, veremos o brilho da glória do Deus vivo iluminando toda a Nova Jerusalém. E é assim que se consuma o objetivo de Deus em toda história, ao revelar sua glória para que todos os homens possam vê-la e louvá-la. A oração que Jesus faz ao Pai confirma justamente isso, quando ele diz: "Pai, a minha vontade é que, onde eu estou, também estejam comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo" (João 17.24).

Nós estaremos com Jesus vendo a sua glória por toda a eternidade, e então acontecerá a profecia de Habacuque 2.14: "a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar". Toda a terra será inundada pela glória do Deus vivo pelos séculos dos séculos e eternamente. Amém!

Conclusão e aplicações

O que podemos concluir dessa visão panorâmica de toda a história da redenção? Só podemos concluir que o propósito principal de Deus é Deus. Seu propósito é glorificar o seu próprio nome, é alegrar-se em si mesmo para todo sempre. Ele é supremo em seus próprios sentimentos e emoções. Deus é o seu objetivo principal. Nosso objetivo principal é o Senhor, e o objetivo principal dele é ele próprio, não o homem ou qualquer criatura. E é incrível que ele manifeste amor e graça a nós, seres tão pecadores e falhos, motivado pela sua própria glória.

Piper encerra sua descrição da história da glória de Deus em toda a história da redenção dizendo: "E exatamente por essa razão ele é uma fonte de graça inexaurível e suficiente em si mesmo".

O amor dele por nós e o que ele faz na história não nos têm no centro, por isso é libertador. Mudamos, falhamos, erramos, caímos, mas Deus não. Ele é o Senhor de todas as coisas e trabalha para sua própria glória. Isso tem que afetar nossa vida. Isso tem que nos fazer colocar a glória de Deus como centro de nossa existência.

Há algo muito belo em Johann Sebastian Bach: no final de toda partitura, ele assinava *Soli Deo Gloria.* Bach, como protestante, assumiu para sua vida que suas músicas seriam sempre para a glória do Deus vivo; ele compôs belíssimas músicas para a glória do Deus vivo, que ficaram registradas na história, motivado unicamente pela propagação da glória do Deus vivo. Ele compunha o belo, fazia aquilo que era bonito, que era bom, para glorificar aquele que tem amor pelo próprio nome.

Seu trabalho, seu serviço na igreja, seu cuidado com sua casa, sua criação de filhos, seu amor pelo cônjuge, vídeos para internet, serviços secretos que ninguém está vendo. Como você pode fazer da

sua vida um altar de adoração àquele que merece toda honra e toda glória?

Para concluir, algumas aplicações:

1. Quando você dá glória às coisas da sua vida a santos, ou a outros intercessores espirituais, ou a um "pastor ungido" que é seu contato direto com Deus – seu intermediário do Senhor – algum profeta que é o único caminho para você encontrar realmente a vontade de Deus, você não está dando glória a Deus, mas abandonou o *soli Deo gloria.* Você está tirando do Senhor a honra por aquilo que ele tem feito na sua vida. Não é um santo que tem o poder de te ajudar, não é um profeta ungido que tem o poder de mudar sua vida; é unicamente o Deus vivo te alcançando com sua graça. Ele merece unicamente a glória e o louvor por tudo que faz.

2. Quando tem anseios por ser visto e reconhecido, você está abandonando o *soli Deo gloria.* Quando quer que as pessoas deem retorno ao que faz, ou quando quer que as pessoas batam palmas e aplaudam o seu serviço na igreja, o seu cuidado a outras pessoas, você está abandonando o *soli Deo gloria.* Quando você quer que as pessoas toquem trombeta para seus serviços de caridade, ou quando você fica desmotivado de servir em coisas que as outras pessoas não estão vendo, será que seu coração está motivado realmente com a glória do nome de Deus, ou será que você queria também alguma gloriazinha daquele que não divide sua glória com ninguém?

3. Enquanto os ímpios dizem *Carpe diem* (aproveite o dia), o cristão diz *Coram Deo* (diante de Deus). Quando você não faz tudo diante de Deus, tendo ele como referência em todas as coisas, recebendo tudo como presente dele e devolvendo tudo em louvor a tudo aquilo que ele te dá, você não está glorificando o nome de Deus, não está tendo a glória de Deus como centro de tudo. E, por fim,

4. Os homens vivem sem saber para onde a história vai. Eles acham que a história não tem objetivo. Os gregos acreditavam em uma história cíclica. Os homens de hoje acreditam em uma história linear, mas que não tem sentido algum. Porém, o objetivo de toda a história humana é a glória de Deus. Nós vivemos nesse grande palco onde Deus está sendo glorificado. Isso dá um senso de sentido para a vida. Ela existe para a glorificação do nome de Deus. Isso me ajuda nas minhas escolhas, pois sempre tomarei aquelas em que achar que Deus será mais glorificado. Isso me ajuda a encontrar senso de propósito. Você sente que não tem propósito nem razão no mundo? Você existe para glorificar o nome de Deus e para que ele seja louvado para sempre. É para isso que todos nós existimos, e quando fugimos desse objetivo, fugimos do sentido e da razão das coisas. Ele é o significado da vida, do universo e de tudo mais. *Soli Deo Gloria:* Glória a Deus eternamente. Amém!

LEIA MAIS

- *Glória Somente a Deus*, de David Vandrunen (Cultura Cristã)
- *Em Busca de Deus*, de John Piper (Shedd Publicações)
- *Soli Deo Gloria*, de Paulo Anglada (Knox Publicações)

QUESTÕES PARA ESTUDO

1. O universo inteiro existe e se move para a glória de Deus. Sua vida está glorificando a quem nesse momento? Converse sobre as tentações de glorificar outras pessoas e coisas acima de Deus. Seu pastor? Chefe? Cantor favorito? Seu dinheiro? Sua beleza? Seus likes?
2. Quais são os fatores na sua vida e na vida dos seus irmãos que mostram uma busca de glória para si mesmos? Esse é um bom momento para uma conversa sincera e santa em amor. Busque mais humildade cristã.
3. Seja sincero, você tem buscado ser visto, reconhecido e ganhar aplausos por meio do seu serviço na igreja? Existe essa tentação no

seu coração? Como ela mais se manifesta? Não deixe que o serviço a Deus seja para a glória de outro ou de si mesmo.

4. Você encontra prazer e alegria no fato de Deus ser glorificado e você não? Reflita sobre a famosa frase de John Piper: "Deus é mais glorificado em nós quando estamos mais satisfeitos nele".

5. Lembre-se e pense sobre os grandes feitos de Deus na história bíblica, na história da igreja e na história de sua própria vida. Adore a Deus por isso! Glorifique-o!

APÊNDICE

Soberania de Deus vs. Responsabilidade humana: quando Deus te manda calar a boca

E quando Deus te manda calar a boca? Às vezes olhamos para a Escritura e temos dúvidas teológicas que nos fazem vasculhar e responder questões sobre as quais a própria Escritura não se manifesta. Através do Dois Dedos de Teologia, recebo constantemente perguntas com dúvidas relacionadas a assuntos para os quais não há nenhuma menção na Bíblia. Por isso, precisamos fazer um trabalho árduo de encontrar os princípios que se aplicam. Mas há questões para as quais nem chegamos perto de encontrar resposta escriturística.

Diante disso, nos desesperamos ou desistimos? Será que a Escritura tem algo a dizer sobre o que ela não diz? Será que é possível fazer uma *teologia do oculto*? Será que Deus realmente nos manda, às vezes, calar a boca? Será que existe resposta bíblica para alguns assuntos estranhos como soberania de Deus, livre-arbítrio, pecado? Existe limite para a teologia? O que seria um tagarela teológico? Este Apêndice pretende lidar com algumas dessas questões e investigar se em algumas situações o melhor não é ficar em silêncio.

Uma teologia do oculto

Para fazer o que pretende ser uma teologia do oculto, precisamos começar com duas passagens bíblicas que são centrais para esse tipo de assunto, uma no Antigo e outra no Novo Testamento. Definitivamente, Deuteronômio 29.29 é um texto central para refletir

sobre momentos em que Deus se recusa a explicar alguma coisa. Ele diz que as coisas ocultas são para Deus e as reveladas são para nós e nossos filhos. Vemos, portanto, o próprio Deus criando uma divisão entre coisas reveladas e coisas ocultas. O que Deus fala é nosso e para nossos filhos, representa algo que Deus deseja que nós encontremos. Nós devemos olhar para a Escritura como revelação e assumir como algo que Deus nos deu.

Por outro lado, existem coisas que são ocultas. No contexto, oculto é o que não foi revelado por Deus; portanto, não é nosso, é unicamente do Senhor. Algumas coisas representam o que está escondido em Deus e não nos foi revelado, seja pela revelação natural da criação, seja por tudo o que é dito na Bíblia.

Em Romanos 9, Paulo faz algo muito parecido com o que está expresso em Deuteronômio 29.29, quando ele está discorrendo sobre a predestinação, sobre como o homem encontra salvação, sobre Deus escolher alguns para ira e outros para glória; esse assunto que gera tanto debate, tanta loucura na Internet. No verso 20, Paulo pergunta: "quem és tu, ó homem, para argumentares com Deus? Por acaso a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim?". O homem é colocado, então, antropologicamente no seu lugar, ou seja, o homem não possui capacidade, meios para discutir com o divino, de se colocar em contraposição com aquilo que o divino coloca. Algumas coisas simplesmente não foram ditas.

O modo como Paulo se refere ao homem que questiona Deus não faz parecer que ele esteja pensando no mérito da resposta. Ele está lidando com antropologia: o homem não está em posição de questionar Deus a respeito das coisas que não estão reveladas na Escritura.

Temos, dessa forma, dois problemas: um na ordem da revelação (Deus não quis revelar todas as coisas possíveis de ser encontradas na Escritura) e um problema antropológico (o homem não está em condição de olhar para Deus e tentar argumentar sobre tudo que é possível na realidade presente).

Em Romanos 11, Paulo conclui seu arrazoado a respeito de várias coisas ocultas e difíceis sobre Deus com o que Rômulo Monteiro chama de *silêncio doxológico*, dizendo "Ó profundidade da riqueza,

da sabedoria e do conhecimento de Deus! [...] Pois, quem conheceu a mente do Senhor? Quem se tornou seu conselheiro? [...] Porque todas as coisas são dele, por ele e para ele". O homem não consegue entender tudo, e a resposta de Paulo para o que é inescrutável é louvor. Há um silêncio doxológico na revelação que nos leva ao louvor.

Paulo não vislumbra o que não é revelado com uma mera especulação filosófica. Ele o faz encarando como uma manifestação da profundidade do caráter de Deus, expondo a diferença de quem é o homem e quem é o Senhor. As coisas profundas e ocultas que Deus não revela não devem nos deixar inconformados, devem nos deixar de joelhos. Principalmente, pelo que encontramos em 1 Coríntios 13.12: "Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido".

Nós ainda não temos uma revelação completa de Deus, de forma a podermos vê-lo face a face, interpretá-lo em sua completude. A Escritura é toda a revelação que temos, mas não é toda a revelação possível. Ainda há muito a ser revelado do ser de Deus quando o encontrarmos na eternidade. A Bíblia ainda é Deus falando com o homem caído, com os efeitos noéticos do pecado afetando sua vida. Podemos até dizer que a Escritura representa uma diminuição da grandeza de Deus, porque ele é inexplicável, inalcançável.

Olhando para a Escritura, ainda vemos Deus como que por um espelho. Haverá uma transformação da nossa natureza, como é prometido em 2 Pedro 1.4: "pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo". Quando formos revestidos da natureza divina, poderemos compreender mais profundamente. Por enquanto, temos uma revelação limitada da grandeza e do poder do Senhor.

Justamente por isso, não é possível ao cristão ir ao infinito na tentativa de construção teológica. Existe especulação, mas o cristão deve ser humilde, deve olhar para a Escritura com a humildade de se calar quando Deus se cala. Diante disso, o cristão deve desistir de encontrar respostas para certos assuntos? Sim, mas não por fadiga

da mente, puramente por um exercício de fé. Afinal, não é que a Escritura não diga qual a resposta correta para certas coisas, mas que ela diz expressamente algumas coisas não possuem resposta ainda. A resposta é: "você ainda não vai saber a resposta, ainda não vai entender a solução para esse problema, você precisa descansar diante do que não é revelado".

É possível que não iremos compreender algumas coisas em sua totalidade nem na eternidade. Imagine a profundidade do ser de Deus. Talvez mesmo transformados nos passemos de eternidade a eternidade aprendendo e recebendo mais revelação de quem é Deus. Outras coisas, possivelmente, serão melhor respondidas quando formos transformados e estivermos diante do Senhor. Por isso, os amigos de Jó no livro que leva seu nome foram tão tolos diante de Deus. Eles foram muito tolos por falarem sem conhecimento, tentando explicar aspectos da vida e de Deus, como Jó deveria agir sem nada da Palavra que lhes desse sustento. O próprio Jó foi repreendido por Deus por falar sem conhecimento. Jó falava sem ser como uma resposta à revelação recebida. Ele se expressava sem utilizar o que o próprio Deus transmitia para Jó em revelação.

É, por esse motivo, que Jesus, quando questionado acerca da queda da torre de Siloé, em que algumas pessoas morreram, não responde. Ele não dá resposta à dúvida teológica. Ele simplesmente diz que não importa (Lucas 13.4). Não tem importância o esforço humano de tentar descobrir os motivos para tudo que acontece no Universo, porque não foi revelado. Porém, Jesus transforma aquela mera dúvida especulativa em um convite ao arrependimento.

Sendo assim, na Escritura, há muitos exemplos de silêncio no processo revelatório de Deus. Imagine doutrinas como o surgimento do pecado, imagine como o pecado brotou no coração de Satanás ou nos corações de Adão e Eva. Deus criou o pecado? Se Satanás era um anjo bom que caiu com um terço da força angelical, como um ser bom, perfeito, criado por Deus, pode ter deixado que o mal crescesse em seu coração?

Imagine o tema da soberania de Deus e a responsabilidade humana. Como essas duas coisas que parecem contraditórias andam

juntas? O homem é plenamente responsável no que faz, ao mesmo tempo Deus é soberano e nada escapa da sua boa vontade. As duas coisas andam juntas sem se excluírem. Como isso funciona? A Escritura não diz, não tem como saber, mas cremos nas duas verdades por fé.

Pense na união hipostática das duas naturezas do redentor. Imagine que Jesus é cem por cento homem e cem por cento Deus. As duas naturezas não se confundem nem se separam. Como podemos entender isso? Como entender que Deus seja homem e um homem seja Deus? E a clássica doutrina da Trindade? Temos Jesus cem por cento Deus, o pai cem por cento Deus, o Espírito Santo cem por cento Deus; cada um isoladamente é Deus, mas os três são Deus em sua completude, muito embora o Filho não seja o Pai, o Pai não seja o Filho, o Filho não seja o Espírito, o Espírito não seja o Pai. Um não é o outro, mas simultaneamente um está no outro. "O Pai está em mim e eu nele". Há essa interpenetração entre as pessoas da Trindade em que no Filho estão o Pai e o Espírito, no Pai estão o Filho e o Espírito e no Espírito estão o Pai e o Filho. Não existe absolutamente nada na criação que seja comparável à Trindade. Como entendemos a grandeza disso? Não entendemos.

Já diziam Harold Lindsell e Charles J. Woodbridge no livro *A handbook of Christian truth, "He who has tried to understand the mystery fully will lose his mind; but the who would deny the Trinity will lose his soul"* [Quem tenta entender o mistério plenamente perderá a cabeça, mas quem nega a Trindade perderá sua alma]. Esse é o tipo de doutrina que aceitamos pelo que a Escritura declara e recebemos unicamente por fé, ainda que Deus não expresse em último nível como funciona cada uma dessas questões. Deus não está limitado à nossa capacidade de compreensão.

Convenhamos, se pudéssemos compreender a totalidade e a grandeza de tudo que Deus é e revela ou poderia revelar, poderíamos até dizer que o Cristianismo é uma invenção humana, que a Sagrada Escritura é de origem unicamente material. Mas quando encontramos doutrinas tão inalcançáveis para a mente humana, não podemos crer que tudo isso pode ter saído da cabeça de uma única pessoa.

O tagarela teológico

É aqui que encontramos a figura maldita do *tagarela teológico.* Ele é aquele que fala o que a Bíblia não diz, revela o que a Bíblia não revelou; ele não reconhece os limites epistemológico, antropológico, revelacional daquilo com o que ele se relaciona; ele não entende que a Escritura é ainda como que por um espelho, que ela revela algumas coisas, mas existem outras ocultas; e ele não entende que o homem não está em posição de questionar Deus. Falta a esse homem a Inteligência Humilhada sobre a qual fala Jonas Madureira, uma compreensão da humilhação da inteligência, de que sua inteligência não é poderosa o bastante para especular, como que tateando no escuro, coisas que Deus não fala.

A teologia especulativa é a tentação de buscar responder questões sobre as quais Deus nunca se manifestou. Isso é perigoso, pois há o risco de se tentar fazer adição à revelação divina. Muitas vezes o homem bate o martelo e fala firmemente sobre coisas que Deus nunca expressou nada em sua Palavra. O problema da especulação filosófica, então, é tentar responder o que a Bíblia não responde e dizer o que Deus não diz.

Claro que há diferença entre o tagarela teológico e o homem que acha simplesmente que nada pode ser compreendido. Deuteronômio 29.29 fala sobre coisas ocultas, mas deixa claro que existem coisas reveladas também. Logo, é legítimo haver uma busca pela compreensão do que Deus revela. É muito confortável assumir a posição de quem diz "viu? Fica discutindo essas coisas que Deus não fala", quando, às vezes, está revelado e você é apenas preguiçoso. Não é porque existem tagarelas teológicos que você pode ser um preguiçoso na palavra. Como diz Agostinho, "Feriste-me o coração com a tua palavra e te amei".

Se nós fomos feridos pela palavra, nós a amamos, jorramos dela e queremos cada vez mais do texto. Este é o ponto: ficar no texto, não estar aquém nem além da teologia. Já que abordei isso, cabe mencionar que esses comportamentos são muito comuns no calvinismo e no arminianismo. Calvinistas tentando dizer coisas que vão além da revelação, e arminianos estando aquém sem querer dar

respostas ao que Deus já revelou. Muitas vezes arminianos têm o problema sério de querer que calvinistas respondam coisas sobre as quais a Escritura não se manifesta.

Temos o exemplo de Roger Olson no livro *Contra o calvinismo*, quando diz: "apelar para o mistério não é apropriado". Mas a própria Bíblia não nos dá uma teologia do mistério como estamos demonstrando? Será que Roger Olson não está se comportando como um tagarela teológico, cobrando de calvinistas que eles também sejam tagarelas e tentem responder o que a Escritura não responde? Talvez falte a algumas pessoas a humildade epistemológica de se sujeitar ao que Deus não diz.

Para não ser acusado de ser partidário – apesar de eu ser mesmo, não sou neutro -, esse não é um problema exclusivo de arminianos. Dentro do calvinismo, temos homens como Vincent Cheung. É um tipo de autor que, mesmo não sendo reconhecido em nenhum lugar do mundo, fez sucesso exclusivamente no Brasil. Ele escreve algumas atrocidades como o livro *O autor do pecado*. Nesse livro, ele argumenta que Deus é o autor do pecado, e não há problema nenhum nisso. É uma tentativa de responder o problema do mistério por outras vias, indo para o lado de um hipercalvinismo, que certamente apresenta uma oposição ao que é dito pela Escritura e só convence quem não consegue entender os limites da revelação.

Três bons exemplos da Reforma

Permita-me dar três exemplos históricos interessantes. Em primeiro lugar, os Cânones de Dort. O artigo 14 do primeiro capítulo diz o seguinte: "Essa doutrina deve ser ensinada na igreja de Deus – para qual ela foi particularmente destinada – em tempo e lugar apropriados, com espírito criterioso, de modo reverente e santo, sem curiosa investigação nos caminhos do Altíssimo, para a glória do santíssimo nome de Deus, e para a viva consolação do Seu povo". No artigo 18, é dito algo muito parecido: "nós, porém, adorando com reverência estes mistérios, exclamamos com o apóstolo: Ó profundidade da riqueza [...]". No artigo 13, o documento ainda reconhece que não podemos compreender a completude do agir de

Deus: "Na vida presente, não é possível aos que creem compreenderem totalmente o modo como Deus realiza esta obra. Contudo, lhes é suficiente conhecer e sentir que por essa graça de Deus eles creem de coração e amam o Seu salvador".

Em segundo lugar, temos as 97 teses de Lutero contra os escolásticos. Ele fala muito sobre Aristóteles entre as teses 43 e 49. Basicamente, contra Aristóteles. Sua tese 46 diz: "É em vão que se forja uma lógica da fé, uma suposição sem pé nem cabeça". A tese 47 diz que "nenhuma forma silogística subsiste em questões divinas". A tese 49 é muito bonita: "Se uma fórmula silogística subsistisse em questões divinas, o artigo sobre a Trindade seria conhecido, em vez de ser crido". Aqui, Lutero cria um certo tipo de oposição entre aceitar pela fé, crendo em certas doutrinas bíblicas, e tentar prová-las argumentando filosófica e silogisticamente, por vias aristotélicas.

Em terceiro lugar, João Calvino, nas suas Institutas, segue o mesmo caminho. Respondendo à pergunta "por que Adão não perseverou na fé?", ele responde: "No entanto, por que não quis sustentá-lo com o poder da perseverança, isso está oculto em seu conselho secreto". Apreendemos, portanto, que Calvino cria em um conselho secreto de Deus. Calvino diz mais: "Que aqui ninguém vocifere dizendo que Deus poderia ter acudido melhor à nossa salvação se houvesse impedido a queda de Adão, visto que essa objeção, em vista da curiosidade em extremo ousada que envolve, não só deve ser abominada pelas mentes piedosas, como também pertence ao mistério da predestinação".

Esses são três documentos históricos que apresentam um mesmo sentimento: às vezes Deus nos manda calar a boca. Por vezes, não conseguiremos entender tudo. Deus não intentou satisfazer nossa ociosa curiosidade em todos os detalhes da natureza. Às vezes Deus quer te dizer que você não consegue, que sua mente não alcança, apenas tenha fé, ouça e pregue. Não se submeta aos caprichos da sua própria consciência.

A questão da soberania e da responsabilidade

Este é um dos temas mais complexos da Escritura e um dos mais debatidos da história da igreja. Basicamente, a questão que se coloca é: como Deus pode ser completamente soberano, o homem pode ser completamente livre e essas duas verdades não serem totalmente contraditórias? Muitas pessoas sentem dificuldade em entender como as duas coisas se relacionam ou quais são seus limites. Nossa abordagem será dividida em três partes. Primeiramente, como a Bíblia apresenta a responsabilidade do homem; em segundo lugar, como a Bíblia apresenta a soberania de Deus; e, por último, como esses temas se relacionam na Escritura.

Textos sobre liberdade

A Palavra de Deus é repleta de textos sobre liberdade. Muitas passagens bíblicas apresentam o homem como alguém livre. João, por exemplo, diz: "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome" (João 1.12). Esse texto sugere a existência de um ato humano em resposta ao que Deus é. Da mesma forma, em João 3.16, vemos que é dito "todo aquele que nele crer". Existe um ato de crença humano. Ainda, João 6.40 também utiliza a expressão "nele crer". Vemos, portanto, que o homem deve crer, de acordo com uma vontade que se estabelece em Deus, para que ele possa, então, ter vida eterna.

Deuteronômio 30.19-20 está entre os textos mais conhecidos para falar sobre a liberdade humana: "Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra ti, que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência, amando o SENHOR, teu Deus, dando ouvidos à sua voz e apegando-te a ele; pois disto depende a tua vida e a tua longevidade; para que habites na terra que o SENHOR, sob juramento, prometeu dar a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó". De acordo com esse texto, Deus deseja o que homem escolha a vida que está Nele.

Em Mateus 11.28, Jesus diz "vinde a mim vós que estais cansados e sobrecarregados que eu vos aliviarei". Temos também Hebreus

10.36 dizendo: "Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa". Observe Filipenses 2.12: "Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor". Por fim, Atos 16.31: "Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa".

Todos esses textos parecem colocar sobre o homem um aspecto de liberdade, responsabilidade, volição, de modo que o homem toma atitudes que são livres, baseadas em seu exercício de vontade. Devido a textos como esses, D. A. Carson, em sua excelente dissertação de doutorado, *Soberania divina e responsabilidade humana:* perspectivas bíblicas em tensão*,* apresenta alguns *motifs*, que são pontos centrais, princípios bíblicos que devem afetar o modo como interpretamos os textos na tentativa de buscar o correto sentido da ideia que atribui responsabilidade ao homem.

Primeiramente, Carson diz que "o homem encara, diante de Deus, uma abundância de exortações e mandamentos". Desde Gênesis (2.16-17), o homem recebe ordens sobre o que fazer ou não. As prescrições dadas por Deus em suas alianças presumiam uma resposta de responsabilidade, tais como Noé construir a arca, Abraão sair da casa dos pais e a construção do tabernáculo por meio de artesãos escolhidos entre o povo de Deus. Não eram poucas vezes que os profetas exortavam o povo a buscar o Senhor e a exercer sua vontade em busca de Deus (Isaías 1.16-19, 55.6; Amós 5.6; Sofonias 2.3).

Em segundo lugar, o homem deve obedecer, acreditar e escolher. Abraão deveria acreditar na promessa que Deus entregou a ele (Gênesis 15.4-6; Gênesis 22.16-18); em Êxodo, os israelitas deveriam concordar em ser obedientes a Jeová (Êxodo 19.8, 24.3-7; Deuteronômio 30.15-19; Josué 24.14-25). Quando eles escolheram obedecer a ídolos o texto de Juízes 10.14 diz que eles *escolheram* (Ide e clamai aos deuses que escolhestes; eles que vos livrem no tempo do vosso aperto). Assim, Carson estabelece que os relacionamentos humanos representam um compromisso de vontade no sentido de um exercício de responsabilidade.

Logo, em terceiro lugar, temos que o homem peca e se rebela. Desde o relato da queda de Adão no Antigo Testamento, encontramos vários relatos de homens caindo e se rebelando contra o Senhor. Existem muitos textos no Antigo Testamento que tratam da desobediência e suas consequências, sempre utilizando uma linguagem a exprimir a repugnância que homens vis sentem contra Deus. Se o homem não fosse responsável pelos seus atos, isso seria totalmente inconcebível.

Por isso, em quarto lugar, os pecados dos homens são julgados por Deus. O homem não responde a alguém ou algo impessoal, responde ao próprio Senhor, o supremo juiz do mundo, pelos seus pecados. É possível observar, na Escritura, Deus sendo frequentemente longânimo e tardio para se irar (Êxodo 34.6; Números 14.18; Joel 2.13; Jonas 4.2). Diante disso, Carson afirma que o julgamento divino pressupõe a responsabilidade humana.

Considerando isso, em quinto lugar, os homens são testados por Deus. Enquanto Abraão passou pelo teste, Ezequias não. Alguns testes de Deus para com seu povo representavam consequências do pecado que o próprio povo cometia e, muitas vezes, representava a própria punição divina.

A partir disso, em sexto lugar, os homens recebem recompensas divinas. Enquanto o julgamento é uma recompensa negativa, existe uma recompensa positiva quando os homens se comportam de forma correta diante de Deus. Sabemos que a bênção de Abraão foi por causa de sua obediência (Genesis 22.18); as parteiras no livro de Êxodo foram recompensadas por terem obedecido ao Senhor (Êxodo 1.20); Calebe foi abençoado por temer ao Senhor (Números 11.32; Josué 14.9, 14). Constantemente, se o povo se arrependesse de seus pecados, Deus os abençoaria.

Em sétimo lugar, conforme posiciona Carson, a responsabilidade humana pode surgir a partir da iniciativa divina. Por exemplo, a eleição do povo de Israel trouxe-lhe responsabilidade para que eles fossem luz sobre as nações. Ele diz que esse é um privilégio decorrente da graça divina e reforça a responsabilidade humana, nunca a reduz.

Em oitavo lugar, Carson diz que nossas orações não representam apenas modelos a serem admirados, não são algo pré-programado. Elas representam um relacionamento real entre uma criatura dotada de vontade e um Deus que também é livre. Deus falou com o homem por meio de proposições através de sua Palavra, e o homem também responde a Deus proposicionalmente em oração, de forma que isso representa um diálogo, não um monólogo divino se expressando de duas formas. Não somos como robôs. Carson define que "a oração é a interação de personalidades e não um mero determinismo de máquinas". Portanto, isso representa uma medida significativa de responsabilidade humana.

Por último, em nono lugar, Carson diz que Deus categoricamente suplica por arrependimento. Lembre-se de Ezequiel 18.23, quando Deus diz: "Acaso, tenho eu prazer na morte do perverso? – diz o SENHOR Deus; não desejo eu, antes, que ele se converta dos seus caminhos e viva?". É possível lembrar também de Isaías 65.2: "Estendi as mãos todo dia a um povo rebelde, que anda por caminho que não é bom, seguindo os seus próprios pensamentos".

Está demonstrado que existem muitos textos sobre liberdade humana e alguns princípios gerais de liberdade no texto bíblico. Eles não permitem que concebamos o ser humano como mero robô ou máquina, um ser meramente controlado. Ele é, sim, um ser com exercício volitivo, possui uma personalidade própria que age e interage diante de Deus.

Textos sobre soberania

Nós também temos vários textos de soberania na Sagrada Escritura. São passagens bíblicas que apresentam Deus como senhor e soberano, de forma que nada acontece fora da sua mão, nem da sua vontade.

Salmo 33.9 diz: "Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir". Veja Mateus 10.29: "Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai". Tudo que acontece é debaixo do consentimento de Deus. Em Daniel 4.17, está dito que "Esta sentença é por decreto

dos vigilantes, e esta ordem, por mandado dos santos; a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens; e o dá a quem quer e até ao mais humilde dos homens constitui sobre eles". Ou seja, os reinos dos homens estão debaixo da mão de Deus, e Ele exerce controle soberano sobre esses reinos.

Tiago 4.15 diz: "Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo". Qualquer coisa só acontece ou existe se o Senhor quiser. Em Atos 17.28, temos a famosa afirmação de Paulo: "pois nele vivemos, nos movemos e existimos". Nada acontece fora dele e da sua boa vontade. Outra declaração paulina famosa é "porque dele, por ele e para ele são todas as coisas" (Romanos 11.26). Ele não é apenas o início e o fim; ele é o meio pelo qual tudo acontece.

Provérbios 16.33 diz: "sorte se lança no regaço, mas do SENHOR procede toda decisão". Ainda em Provérbios, "O SENHOR fez todas as coisas para determinados fins e até o perverso, para o dia da calamidade" (16.4).

Isaías 14.24: "Jurou o SENHOR dos Exércitos, dizendo: Como pensei, assim sucederá, e, como determinei, assim se efetuará". Em Jó 42.2, temos um belo reconhecimento do senhorio divino: "Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado". Ainda podemos fazer constar a forte declaração de Daniel 4.35: "Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?". Ainda em Daniel, outro reconhecimento do controle que Deus exerce sobre todas as coisas: "Seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade, porque dele é a sabedoria e o poder; é ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis; ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes".

D. A. Carson, novamente, fornece alguns *motifs*, alguns princípios gerais sobre a soberania de Deus. Primeiramente, ele é o criador, governador e detentor de tudo. Não somente fez e é dono de tudo, como reina sobre tudo (Salmos 47.8 e 60.6-8). É ele quem levanta reis e governantes (Isaías 44.28). Ele pode e vai julgar todas as

nações (Isaías 29.15, 19-20). Ninguém nunca poderá se livrar da sua mão (Isaías 14.26). A soberania é apresentada de diversas formas na Escritura (Gênesis 15.13-16, 25.23, 41.16). Chega a ser difícil saber como ele manifestará sua autoridade sobre todas as coisas; ele manda pragas no Egito, fogo no céu, força a retirada de Senaqueribe, usa Saul contra os amalequitas, etc (1 Reis 18.38; Isaías 37.33-34, 37; 1 Samuel 15.2-5).

No verso já citado de Provérbios 16.4, sobre Deus ter criado todas as coisas, inclusive o ímpio para o dia do castigo, o termo hebraico para "o dia do castigo" לְיוֹם רָעָה() sempre se refere ao tempo em que os ímpios receberiam a sua retribuição. Não há pontas soltas no mundo de Deus, até mesmo o ímpio foi criado visando ao momento do castigo. Pode ser difícil conceber como Deus consegue controlar até mesmo os detalhes da História, mas os autores do Antigo Testamento não tinham qualquer problema em citar Deus dessa forma.

Inclusive, lembro-me de uma citação do Spurgeon quando ele fala que até mesmo as poeiras que voam no ar fazem seu caminho de acordo com a vontade de Deus.

Em segundo lugar, Carson coloca que Deus sempre é a causa última das coisas. E as pessoas no Antigo Testamento sempre perceberam a mão de Deus por detrás das percepções fenomenológicas de todo e qualquer evento. A procriação humana seria uma forma de Deus agir (Gênesis 4.1, 25; 18.13-14), quando os irmãos de José perceberam seu dinheiro devolvido entenderam isso como um ato divino (Gênesis 42.28). A própria fraseologia bíblica representa essa "ultimidade". Em Josué 24.13, Deus diz: "Dei-vos a terra em que não trabalhastes e cidades que não edificastes, e habitais nelas; comeis das vinhas e dos olivais que não plantastes". Mesmo diante dessa declaração do Senhor, eles teriam que lutar na guerra. Em 2 Samuel 7.8b, o Senhor novamente expressa sua soberania perante seu povo quando diz o seguinte em referência a Davi: "Tomei-te da malhada, de detrás das ovelhas, para que fosses príncipe sobre o meu povo, sobre Israel". Mesmo diante dessa realidade, de controle absoluto do Senhor, Davi precisou tomar algumas atitudes. Vemos em 2 Samuel 7.1 que "habitando o rei Davi

em sua própria casa, tendo-lhe o SENHOR dado descanso de todos os seus inimigos em redor". Ainda assim, o rei Davi precisou lutar em guerras. Ainda podemos ver o caso de Esdras, em que se entende claramente a mão de Deus sendo a causa última de tudo: "pois, no primeiro dia do primeiro mês, partiu da Babilônia e, no primeiro dia do quinto mês, chegou a Jerusalém, segundo a boa mão do seu Deus sobre ele".

Por tudo isso, Carson afirma: "Milagres não atestam a intervenção divina na esfera das leis que operam normativamente. Um milagre significa somente que Deus em determinado momento deseja que algo ocorra de uma maneira diferente daquela que ele normalmente deseja que ocorra". Ou seja, os milagres representam uma ação sobrenatural de Deus, de forma extraordinária, não apenas ordinária. Deus está constantemente guiando a História. O milagre, portanto, é o momento em que Deus lida com a História fora das próprias leis que ele criou para o Universo".

Nem mesmo em relação ao problema do mal, os autores do Antigo Testamento não ficaram tímidos em apresentar Jeová como o Senhor soberano, rei, criador e formador de tudo. Isso dava paz a eles no período da dificuldade.

O terceiro ponto de Carson está relacionado a Deus e à eleição. Ele escolhe livremente homens, tanto para salvar quanto para serem líderes de Israel, ou até mesmo o próprio povo de Israel. Da mesma forma, a terra onde esse povo viveria. Temos um Deus, portanto, que soberanamente escolhe aspectos da vida humana.

Em quarto lugar, Carson adiciona a ideia de que Deus está agindo mesmo quando não é reconhecido, mesmo quando as pessoas não conseguem perceber. Alguns são levados a fazerem o que Deus quer mesmo quando não reconhecem a boa mão operante do Senhor sobre o mundo, como são os casos de Faraó e Nabucodonosor. Assim, citando Carson, "falhar em reconhecer a ultimidade de Deus – falhar em adorá-lo – não é uma independência real do domínio divino, mas uma rebelião clara, uma declaração desorientada de auto-independência, pela qual homens são responsáveis".

Textos de tensão

Até aqui, vimos que o homem tem aspectos de responsabilidade e liberdade e que Deus tem aspectos de soberania, escolha, eleição e juízo. Mas ainda remanesce a pergunta: como eles se relacionam? Já vimos textos de liberdade e soberania. E agora? Agora devemos saber e verificar textos que são de *tensão*. Existem passagens bíblicas que apresentam tanto a liberdade quanto a soberania de forma unida. Elas, então, terão algo a nos dizer sobre a relação entre soberania de Deus e responsabilidade humana.

Pense em Gênesis 45.4-8, no caso de José: "Disse José a seus irmãos: Agora, chegai-vos a mim. E chegaram-se. Então, disse: Eu sou José, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito. Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui; porque, para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós. Porque já houve dois anos de fome na terra, e ainda restam cinco anos em que não haverá lavoura nem colheita. Deus me enviou adiante de vós, para conservar vossa sucessão na terra e para vos preservar a vida por um grande livramento. Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, e sim Deus, que me pôs por pai de Faraó, e senhor de toda a sua casa, e como governador em toda a terra do Egito". Quem levou José para o Egito, Deus ou seus irmãos? Os dois.

No início do texto, José diz que seus irmãos o venderam e no final diz que Deus o levou. Como funciona isso? As duas coisas estão postas ao mesmo tempo. Os irmãos venderam, e Deus enviou. Justamente por isso, no capítulo 50.20, José afirma: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida". Acontece que a tradução "o tornou em bem" não é a melhor. Não sei como está na versão que você utiliza, mas a melhor tradução é "intentou o bem", pois a palavra no hebraico é a mesma em "intentaste o mal" e "intentou o bem", no sentido de que Deus teve a mesma atitude dos irmãos, mas com propósito distinto, utilizando a atitude de vocês.

Pensemos em Êxodo 9.34-10.2, que relata o endurecimento do coração de Faraó. Ele segue o mesmo sentido. Diz assim o texto: "Tendo visto Faraó que cessaram as chuvas, as pedras e os trovões,

tornou a pecar e endureceu o coração, ele e os seus oficiais. E assim Faraó, de coração endurecido, não deixou ir os filhos de Israel, como o SENHOR tinha dito a Moisés. Disse o SENHOR a Moisés: Vai ter com Faraó, porque lhe endureci o coração e o coração de seus oficiais, para que eu faça estes meus sinais no meio deles, e para que contes a teus filhos e aos filhos de teus filhos como zombei dos egípcios e quantos prodígios fiz no meio deles, e para que saibais que eu sou o SENHOR". Primeiramente o texto afirma que Faraó endureceu o próprio coração para depois afirmar que foi Deus. Conclui-se que o endurecimento do coração de Faraó aconteceu por ações simultâneas de seu próprio coração e de Deus. As duas atitudes estão unidas.

John Piper até tenta argumentar dizendo que Deus endurece o coração de forma passiva, deixando que Faraó endureça o próprio coração, mas isso não faz sentido; o texto não fala disso, fala de duas atitudes juntas. Se Deus endurecesse permitindo que o próprio Faraó endureça seu coração, Deus não estaria endurecendo efetivamente, estaria apenas permitindo um auto endurecimento do coração em Faraó.

Em Levítico 20.7-8, temos a mesma ideia (repetindo-se em Levítico 22.31-32): "Portanto, santificai-vos e sede santos, pois eu sou o SENHOR, vosso Deus. Guardai os meus estatutos e cumpri-os. Eu sou o SENHOR, que vos santifico". É de se perguntar: como assim Deus manda que sejam santos para depois dizer que santifica? Quem é o responsável pela santificação? O ato deles ou de Deus? Aparentemente, as duas coisas são na verdade apenas uma. Conforme Carson estabelece, "o próprio Yahweh deve ser creditado pela santificação do povo", mas é o povo quem pratica a santificação que provém de Yahweh.

Não podemos nos esquecer de algumas ocasiões na vida de Davi. Conforme 2 Samuel 24.1: "Tornou a ira do SENHOR a acender-se contra os israelitas, e ele incitou a Davi contra eles, dizendo: Vai, levanta o censo de Israel e de Judá". Referindo-se ao mesmo evento, 1 Crônicas 21.1 diz: "Então, Satanás se levantou contra Israel e incitou a Davi a levantar o censo de Israel". Temos Davi, Deus e Satanás agindo concomitantemente. Pelo que vemos no

texto, parece que houve uma atitude de Davi através da incitação de Satanás, debaixo da atuação do próprio Deus como punição a Davi.

Outra ocasião que merece destaque é a consagração do templo, conforme relatado em 1 Reis 8.22, 27, 31, 57-61, durante a oração de Salomão: "Pôs-se Salomão diante do altar do SENHOR, na presença de toda a congregação de Israel; e estendeu as mãos para os céus [...] Mas, de fato, habitaria Deus na terra? Eis que os céus e até o céu dos céus não te podem conter, quanto menos esta casa que eu edifiquei. [...] Se alguém pecar contra o seu próximo, e lhe for exigido que jure, e ele vier a jurar diante do teu altar, nesta casa. [...] O SENHOR, nosso Deus, seja conosco, assim como foi com nossos pais; não nos desampare e não nos deixe; a fim de que a si incline o nosso coração, para andarmos em todos os seus caminhos e guardarmos os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, que ordenou a nossos pais. Que estas minhas palavras, com que supliquei perante o SENHOR, estejam presentes, diante do SENHOR, nosso Deus, de dia e de noite, para que faça ele justiça ao seu servo e ao seu povo de Israel, segundo cada dia o exigir, para que todos os povos da terra saibam que o SENHOR é Deus e que não há outro. Seja perfeito o vosso coração para com o SENHOR, nosso Deus, para andardes nos seus estatutos e guardardes os seus mandamentos, como hoje o fazeis". Deus levaria o povo à obediência, mas eles deveriam viver em obediência. Temos a obediência como um ato divino e humano.

Em Jeremias 29.10-14, temos algo muito interessante também: "Assim diz o SENHOR: Logo que se cumprirem para a Babilônia setenta anos, atentarei para vós outros e cumprirei para convosco a minha boa palavra, tornando a trazer-vos para este lugar. Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais. Então, me invocareis, passareis a orar a mim, e eu vos ouvirei. Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração. Serei achado de vós, diz o SENHOR, e farei mudar a vossa sorte; congregar-vos-ei de todas as nações e de todos os lugares para onde vos lancei, diz o SENHOR, e tornarei a trazer-vos ao lugar

donde vos mandei para o exílio". Observe, Deus diz que reunirá seu povo, mas diz também que seu povo o encontrará ao voltar à terra.

O texto de Joel 2.32 é fenomenal: "E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo; porque, no monte Sião e em Jerusalém, estarão os que forem salvos, como o SENHOR prometeu; e, entre os sobreviventes, aqueles que o SENHOR chamar". Aqui, invocar é um exercício de liberdade, mas acontece porque quem invoca foi chamado pelo próprio Senhor em um ato soberano.

Indo para o Novo Testamento, pense na Grande Comissão em Mateus e Lucas. Enquanto em Mateus temos um imperativo, em Lucas temos um indicativo. Observe os dois textos: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século" (Mateus 28.19-20); "Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém. Vós sois testemunhas destas coisas" (Lucas 24.46-48).

Em Mateus há uma ordem ("vão e preguem"), em Lucas há uma profecia ("será pregado"). Não parece estranho? A profecia é Deus estabelecendo seu plano, enquanto em Mateus é uma ordem de Deus para uma ação que deveria ser da igreja. Deus dá uma ordem de algo que ele já determinou. Pensando de outra forma, Deus determinou algo que aconteceria concretizando-se na atuação da igreja. A igreja não é livre para não cumprir, porque está predestinado, vai acontecer. Mas ao mesmo tempo há uma ordem da parte de Deus para que a igreja aja cumprindo o estabelecimento missionário. Temos a Grande Comissão e uma grande predição. As duas coisas estão absolutamente juntas.

A própria morte de Jesus merece realce. Em Atos 2.23, lemos o seguinte: "sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos". A pergunta é: quem matou Jesus, Deus ou os homens? Deus predestinou, mas foram os homens que o mataram. Temos,

assim, até mesmo um pecado sendo predestinado pelo próprio Deus. Os homens são totalmente culpados e responsáveis, mas Deus é soberano, controlador e predestinador. Da mesma forma, em Atos 4.27-28 diz: "porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram". Veja bem, o que os homens fizeram foi o que Deus tinha dito que aconteceria. Eles agiram livremente, de acordo com suas vontades de desejos, exerceram sua responsabilidade, foram culpados e punidos, mas Deus havia determinado desde o início que tudo aconteceria.

Em 2 Tessalonicenses 2.11, vemos Deus até mesmo enviando espírito sedutores, punitivamente, para que os homens caiam na mentira: "É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira". Os homens cedem à força do mal por sua culpa, pecado e responsabilidade, mas Deus está por trás de tudo como aquele que retribui punitivamente.

A essa altura, se você for como eu, sua cabeça deve estar doendo com essas informações. Vimos textos de responsabilidade e liberdade humana, de soberania de Deus e de tensão. Como tudo se relaciona? Creio que a grande solução está exposta nos últimos textos bíblicos vistos. Devemos simplesmente crer na soberania e na responsabilidade como paralelos, juntos na Escritura, mas que estão além da nossa compreensão. Neste ponto, retornamos ao nosso argumento anterior sobre quando Deus nos manda calar a boca, pois precisamos encontrar paz também no silêncio. Deus não quis revelar, explicar o relacionamento entre soberania e liberdade.

O que sabemos, em primeiro lugar, é que a Bíblia mostra as duas realidades unidas. Elas não se anulam nem se diminuem.

Em segundo lugar, ainda que Deus seja soberano, o homem é o responsável final pelo seu pecado. Deus é soberano sobre o mal moral, mas não é seu autor.

Dessa forma, em terceiro lugar, o evangelismo acontece como uma atividade da igreja por causa de toda essa relação entre soberania e responsabilidade. Deus é quem converte, faz com que tudo aconteça, mas nós ainda temos a responsabilidade

evangelística. Acerca disso, um ótimo material é o *Evangelização e soberania de Deus: se Deus é soberano na salvação, por que evangelizar?*, do J. I. Packer, pela Cultura Cristã.

Em quarto lugar, o processo de salvação do indivíduo é uma atividade totalmente divina, ou seja, um pouco diferente de toda a dinâmica apresentada aqui. No processo de salvação, não existe sinergia, mas é um ato meramente monergístico.

Por fim, devemos viver em paz diante dessa tensão, encarando a soberania e a responsabilidade como dois elementos bíblicos corretos. Não sabemos conciliar, mas, vale lembrar, não é necessário conciliar quem não está brigado, como diria Spurgeon. Eu creio mesmo não conseguindo entender inteiramente.

Conclusão e aplicações

Concluindo, apresento quatro aplicações rápidas:

1. Seja humilde com os limites da própria mente. Reconheça que você não consegue saber de tudo, não consegue entender tudo, nem responder todas as perguntas. Sua mente é limitada pelo que Deus falou.

2. Encontre paz em certas ignorâncias. Você não consegue responder todos os mistérios da natureza? Nem eu. Isso não pode te deixar nervoso ou triste, nem achar que não dá para acreditar na Escritura. Certas ignorâncias nos são dadas por Deus para humilhar nossos pensamentos.

3. Devemos dizer o que Deus diz. Precisamos aprender a nos centrar na Palavra e nos concentrar no que foi revelado. Crianças gostam muito de perguntar coisas absurdas sobre os mistérios ocultos da natureza e às vezes o jeito é dizer "não sei, Deus não disse, só saberemos no céu". Por isso a pregação expositiva é tão importante. Ela é um jeito de focar no que a Palavra de Deus tem para dizer, não no que eu especulo a respeito da Escritura.

4. Pare de tentar defender a Bíblia dela mesma. Nós pregamos muito dizendo "não é isso que o texto significa", o que faz com o que o sermão seja sem poder, sem estrutura de convencimento,

torna-se apenas uma tentativa de fazer apologética contra o que a Bíblia diz. Tentando conciliar as coisas, acabamos pregando de forma boba. Nós passamos muito tempo tentando amarrar todos os detalhes da revelação, quando Deus não quis isso. Às vezes vai soar arminiano mesmo, calvinista ou legalista. Soe o que o texto quer soar. Nós não pecamos por focar no que a própria Escritura foca em determinado texto, entendendo que nem tudo é totalmente conciliável em nível teórico. Não estou dizendo que a Escritura contém contradições, mas ela contém lacunas, tensões e mistérios que ainda não nos foram revelados.

SOBRE O AUTOR

Yago Martins é mestre (Th.M) em Teologia Sistemática pelo Instituto Aubrey Clark (Fortaleza/CE) e bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul-Americana (Londrina/PR), além de formado na primeira turma de pós-graduação em Escola Austríaca de Economia do Centro Universitário Ítalo Brasileiro (São Paulo/SP) e na pós-graduação em Neurociência e Psicologia aplicada da Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo/SP).

É autor e coautor de onze livros: A superioridade de Cristo (2021, Dois Dedos de Teologia), Você é o ponto fraco de Deus e outras mentiras da teologia do coaching (2021, Dois Dedos de Teologia), A religião do bolsonarismo (2021, Episteme), No alvorecer dos deuses (2020, Thomas Nelson Brasil), Sermões da Pandemia (2020, Dois Dedos de Teologia), Pecados Aceitáveis (2020, Dois Dedos de Teologia), A Máfia dos Mendigos (2019, Record), Os sermões dos maricas (2019, Concílio), Faça discípulos ou morra tentando (2017, Concílio), Dois Dedos de Teologia (2017, Concílio) e Você não precisa de um chamado missionário (2016, Concílio).

Em 2017, seu artigo Escatologia e Utopia: as origens religiosas da esperança socialista foi premiado como melhor artigo na categoria Ciência Política na 5° edição da Conferência de Escola Austríaca no Brasil, recebendo o prêmio das mãos de Bruno Garschagen. Em 2018, foi homenageado pela Câmara Municipal de Fortaleza pelo seu protagonismo na luta pela liberdade religiosa. Em 2019, interpretou o pastor Ali no curta-metragem Sepâh: O Exército de Guardiões da Revolução Islâmica no Irã, produzido por Luz em Ação em parceria com Iran Alive Ministries.

Pastor na Igreja Batista Maanaim, trabalha desde 2009 com evangelismo de estudantes secundaristas e universitários na Missão GAP, sendo presidente do conselho diretor desde 2016. Atuante na popularização de teologia na internet, fundou o ministério Cante as Escrituras, fez parte do Voltemos ao Evangelho (atualmente parte do Ministério Fiel) e hoje apresenta o canal Dois Dedos de Teologia no YouTube. Preside o Instituto Schaeffer de Teologia e Cultura, por quem organiza anualmente o Fórum Nordestino de Cosmovisão Cristã. É casado com Isa Martins e pai de Catarina.